

Métodos e Técnicas de Pesquisa em Administração





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Métodos e Técnicas de Pesquisa em Administração

Volume único

Rovigati Danilo Alyrio



SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Ministério
da Educação



Apoio:



Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua Visconde de Niterói, 1364 – Mangueira – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20943-001

Tel.: (21) 2334-1569 Fax: (21) 2568-0725

Presidente

Masako Oya Masuda

Vice-presidente

Mirian Crapez

Coordenação do Curso de Administração

UFRRJ - Ana Alice Vilas Boas

UERJ - Aluizio Belisário

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Rovigati Danilo Alyrio

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Ana Paula Abreu-Fialho

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Anna Maria Osborne

Solange Nascimento

AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Thaís de Siervi

REDATOR FINAL

Solange Nascimento

Departamento de Produção

EDITORA

Tereza Queiroz

COPIDESQUE

Cristina Freixinho

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Cristina Freixinho

Daniela de Souza

Diana Castellani

Elaine Bayma

Patrícia Paula

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Jorge Moura

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Ronaldo d'Aguiar Silva

Sanny Reis

ILUSTRAÇÃO

Clara Gomes

CAPA

Clara Gomes

PRODUÇÃO GRÁFICA

Andréa Dias Fiães

Fábio Rapello Alencar

Copyright © 2009, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

A477m

Alyrio, Rovigati Danilo.

Métodos e técnicas de pesquisa em administração. volume único /
Rovigati Danilo Alyrio. - Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009.
281p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-7648-465-3

1. Metodologia científica. 2. Pesquisas - Métodos de pesquisa. 3.
Pesquisa - Administração. I. Título.

CDD: 001.42

2009/1

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Alexandre Cardoso

Universidades Consorciadas

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**
Reitor: Almy Junior Cordeiro de Carvalho

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Aloísio Teixeira

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Vieiralves

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Motta Miranda

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO**
Reitora: Malvina Tania Tuttman

Métodos e Técnicas de Pesquisa em Administração

Volume único

SUMÁRIO

Aula 1 – O projeto de sua vida acadêmica.....	7
Aula 2 – Descobrimdo o conhecimento.....	23
Aula 3 – Ética e verdade: importância da atitude científica	43
Aula 4 – Tipos de pesquisa: características e alguns exemplos relacionados à administração	57
Aula 5 – Pesquisa bibliográfica: importância, fases e utilização na produção acadêmica	79
Aula 6 – Método científico: concepção, abordagens e fatores determinantes.....	97
Aula 7 – Método específico das Ciências Sociais aplicadas: tipos, causas e abordagem.....	119
Aula 8 – Projeto de pesquisa: escolha do assunto, fatores internos e externos, delimitação do tema	139
Aula 9 – Projeto de pesquisa científica: concepção, abordagem, fatores determinantes.....	153
Aula 10 – Projeto de pesquisa científica: concepção, abordagem, fatores determinantes – parte 2.....	175
Aula 11 – Justificativa, objetivos e outras questões a serem investigadas na pesquisa	189
Aula 12 – Coleta e processamento de dados.....	203
Aula 13 – Construção de trabalhos acadêmicos – monografias e trabalho de conclusão de curso (TCC).....	227
Referências	265

Todos os dados apresentados nas atividades desta disciplina são fictícios, assim como os nomes de empresas que não sejam explicitamente mencionados como factuais.

Sendo assim, qualquer tipo de análise feita a partir desses dados não tem vínculo com a realidade, objetivando apenas explicar os conteúdos das aulas e permitir que os alunos exercitem aquilo que aprenderam.

O projeto de sua vida acadêmica

Metas da aula

Apresentar os primeiros passos para a construção do conhecimento sobre projeto de pesquisa científica e os conceitos de projeto, pesquisa, realidade empírica e método científico.

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 definir o que é pesquisa científica;
- 2 justificar a relevância do método para a ciência;
- 3 diferenciar conhecimento construído com base somente na realidade empírica de conhecimento resultante de pesquisa científica.

INTRODUÇÃO

Olá! Seja bem-vindo à nossa primeira aula. Nela, você começará a ver como desenvolver um projeto de pesquisa científica. Você irá descobrir a importância da pesquisa na ciência, em nossa vida, em nosso trabalho. A partir daqui, você irá construir um projeto de pesquisa científica.

Mas antes é preciso que você tenha consciência de que a sua primeira atitude é saber que só ter vontade de estudar é muito pouco; é necessário pagar uma “contribuição”, manter uma atuação disciplinada, ter em mente que sem o esforço da procura não é possível a satisfação da conquista. Para chegar à vitória, é preciso coragem e disposição.

Nesta aula, discutiremos a questão da busca do conhecimento por meio da pesquisa.

Para você entender o verdadeiro significado do que é pesquisa, não se pode prescindir desta pergunta: O que move o homem a fazer pesquisa?

CONSTRUINDO O CONHECIMENTO

A construção do conhecimento é feita diariamente, como se você construísse uma parede, colocando tijolo por tijolo, até que ela fique pronta e você comece a construir outras. Nesse processo, a leitura tem papel fundamental. Todos nós precisamos ler. Um provérbio popular diz: “Quem não lê mal vê, mal fala, mal ouve, mal pensa e mal faz”.

É pela leitura que mais se aprende e se aumenta a experiência, além do conhecimento que é obtido pela ação. Quando você lê um jornal, por exemplo, será que tem consciência de que está armazenando e hierarquizando informações?

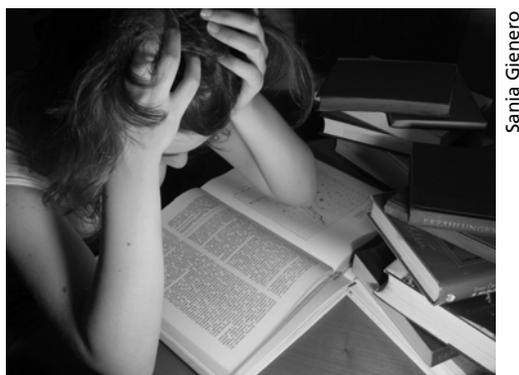
Ler significa, em um dos sentidos possíveis, tomar conhecimento de uma pequena quantidade de informações importantes ou representativas. Imagine que você abra o jornal e encontre as seguintes manchetes (os exemplos são extraídos do jornal *O Globo online*, de 29 de junho de 2006.) “Oceano Índico ganha alertas contra *tsunamis*”; “Mau tempo ameaça nova missão do Discovery”; “Varig tem 10 dias para devolver avião pedido, decisão do titular da Corte de Falências de Nova York, no entanto, permite que a empresa aérea continue voando”; “Brasil é o segundo mais caro na América do Sul”.

Para que você possa optar pelas manchetes mais adequadas ou mais importantes, pode levar em conta sua intenção ou seus interesses; por exemplo, se você se comoveu com a devastação provocada pelas ondas gigantes na costa de diversos países em 26 de dezembro de 2004,

se você se interessa por lançamentos de vôos tripulados da NASA, se você, que está cursando Administração, se interessa por gestão no caso Varig ou por economia, ou, ainda, por todos esses assuntos.

Toda e qualquer leitura só tem validade se você conseguir perceber o que foi lido e se for capaz de comentar o seu conteúdo. Isso quer dizer que a leitura só tem valor se você for capaz de entender, explicar, discutir, avaliar e aplicar o que leu.

Na sua vida acadêmica, você vai precisar ler muito: jornais, revistas, livros etc. Ao ler um livro, por exemplo, você pode elaborar estratégias para melhor aproveitamento do conteúdo.



Sanja Gjenero

Figura 1.1: Para um melhor aproveitamento do conteúdo, é importante pensar em estratégias de leitura.

Fonte: www.sxc.hu – cód. 584465

A seguir, há uma proposta de roteiro de leitura.

⇒ Leitura de reconhecimento:

Comece a leitura pelas “bordas” do livro: título, sumário, introdução, orelhas. Assim, você tem uma visão geral do que é tratado pelo autor.

⇒ Leitura seletiva:

Leia o livro todo de forma rápida, escolha os melhores trechos, de acordo com seus objetivos. Procure a compreensão da idéia geral do autor.

⇒ Leitura crítica ou reflexiva:

Após a leitura seletiva, você está capacitado a ler de forma reflexiva, concentrando-se nos aspectos que considerar essenciais. Durante essa

leitura, resolva as dúvidas e transcreva, em fichas, os trechos que julgar mais importantes, registrando os termos mais significativos. Assinale palavras ou frases que considerar mais importantes. Não se esqueça de anotar também os dados referentes à obra: nome do autor, ano de publicação e número da página da qual você retirou o trecho.

Até aqui, nada deve ser novidade para você. Mas como podemos relacionar tudo isso com nosso curso?

Os estudos na graduação exigem muita leitura – ela é a base do seu desenvolvimento acadêmico. Além disso, o Ensino Superior é o espaço da pesquisa e da produção científica.

Para você começar a conhecer melhor esse espaço, trataremos a seguir do projeto de pesquisa.

CRITÉRIOS

Antes de começarmos a tratar do conceito e das partes de um projeto, é necessário pensar em dois aspectos: 1) Estudar o quê? 2) Estudar isso para quê? Virá, assim, a etapa do estabelecimento de critérios para desenvolver o seu projeto de pesquisa científica: estabelecimento do objeto de estudo (assunto sobre o qual versa uma pesquisa) e de sua finalidade (aquilo que se busca alcançar quando se faz a pesquisa).

Você deve levar em conta que a escolha do objeto vem acompanhada da necessidade de se responder a: O que fazer? O que estudar? Você então se proporá a avaliar a questão, a importância do estudo, as necessidades de concretização do trabalho e os benefícios que virão após o estudo.

Saber o que você deseja ou precisa realizar já representa a conquista de um primeiro degrau. A finalidade do estudo irá satisfazer a duas perguntas: Para quê? Para quem?

A partir desse ponto, você irá reunir todos os instrumentos indispensáveis para executar a primeira fase do projeto de pesquisa científica, com calma e sem o risco de deteriorar a proposta.

MAS, AFINAL, O QUE É PROJETO?

Pense nas seguintes situações: a mãe que gosta de fazer planos para seus filhos; a descrição escrita e detalhada de um empreendimento a ser realizado; o planejamento de mercado no que diz respeito ao

comportamento do consumidor em relação a um novo produto; um projeto de governo (por exemplo, erradicação do analfabetismo), ou um esboço provisório de um texto (um projeto de artigo).

A palavra projeto tem várias acepções. Dentre elas, podemos exemplificar: projeto de gente (linguagem regional no Brasil, de uso jocoso, que significa criança pequena); projeto de lei (proposta escrita de uma norma que deve ser apresentada a uma câmara ou assembléia legislativa para ser discutida, votada e, posteriormente, transformada em lei); projeto de resolução (material emitido por organismos internacionais, assembléias etc., que visa à execução de determinações ou de leis); projeto gráfico, com uso em desenho industrial, artes gráficas (o planejamento das características gráfico-visuais de uma publicação, que inclui, dentre outras coisas, diagramação, a escolha do tipo, do sistema de composição em que serão gravados os caracteres, do papel a ser utilizado na impressão, do formato, do sistema de impressão e da forma de acabamento); porém, o que será importante para você agora é justamente o que desejamos trabalhar nesta disciplina: o projeto de pesquisa científica.

Como você já deve ter percebido, elaborar um projeto é conceber um plano, um planejamento. Mas você saberia responder o que significa plano de pesquisa? É simples. Enquanto o projeto de pesquisa se refere a um todo, o plano se refere a cada parte da pesquisa que forma o todo.

Para realizar uma pesquisa, é necessário satisfazer três fases que interagem e se integram: o planejamento (que mencionamos anteriormente), a execução (como você vai operacionalizar a pesquisa) e a apresentação (a redação do trabalho). O planejamento e a execução se materializam por meio do projeto de pesquisa científica.

O PROJETO DE PESQUISA E SEU OBJETIVO

O projeto de pesquisa científica, em primeiro lugar, depende, como já dissemos, da definição de seu objetivo. É preciso definir, antes de tudo, aonde se quer chegar, o que se pretende mostrar, explicar, comprovar.

Situar o ponto de chegada facilita a organização das etapas do trajeto, em qualquer área. Veja, por exemplo, o caso desta disciplina. Também traçamos um objetivo antes do desenvolvimento do seu conteúdo: oferecer a você uma orientação prática no desenvolvimento de trabalhos voltados para o cumprimento das obrigações acadêmicas do curso de Administração, qualquer que seja a natureza de seu estudo.

O QUE É PESQUISA?



Figura 1.2: Pesquisar é ver um pouco mais além.
Fonte: www.sxc.hu – cód. 391837

Conceitos

São inúmeros os conceitos sobre pesquisa. Os estudiosos ainda não chegaram a um consenso sobre o assunto, pois cada cientista lhe dá o aspecto que é mais realizável – o que dificulta essa empreitada.

Além disso, a facilidade com que se usa o termo pesquisa em todas as situações habituais no mundo tem trazido imensas dificuldades em defini-la e tem banalizado o termo, induzindo muitas pessoas a tê-la como resposta final para certas questões.

Esse uso sem distinção e exagerado do vocábulo tem desobrigado, em alguns casos, pesquisadores e usuários do uso de regras técnicas, tirando a qualidade e o objetivo estritamente científico da pesquisa.

É possível verificar exemplos publicados em jornais e revistas do emprego da palavra pesquisa com outras acepções. Entre eles, a revista *Exame* edição 871, de 5 de julho de 2006, publicou, na página 25: “Efeitos especiais. A Natura contratou o instituto de pesquisas francês Evic para desenvolver um método que permite avaliar o efeito do uso de seus produtos no humor e no nível de *stress* de seus consumidores.”

Analisando a literatura sobre o assunto, selecionamos algumas definições de pesquisa elaboradas por estudiosos:

A ciência busca, essencialmente, desvendar e compreender a Natureza e seus fenômenos, através de métodos sistemáticos e seguros. No entanto, face à dinamicidade intrínseca à própria Natureza, seus resultados são sempre provisórios. Isto é, esses sistemas explicativos não têm caráter permanente. Inserem-se num processo ininterrupto de investigação, o que faz da ciência uma instituição social, dinâmica, contínua, cumulativa. Em tal perspectiva, sem pretensões históricas, infere-se que a ciência influencia há séculos a humanidade, criando e alterando convicções, modificando hábitos, gerando leis, provocando acontecimentos, ampliando de forma permanente e contínua as fronteiras do conhecimento (TARGINO, 2006).

“O valor da investigação científica está na satisfação da curiosidade, ao efetivar o desejo de conhecer” (COPI, 1974 apud SANTOS, 2005, p. 171).

“A pesquisa surge no momento em que se toma consciência de um problema e nos sentimos impelidos a buscar sua solução” (MONDOLFO apud SANTOS, idem).

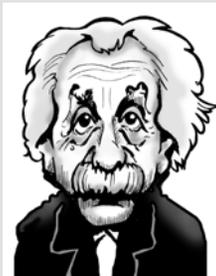
A palavra pesquisa provém do espanhol e tem o sentido de indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade. Daí poder se definir pesquisa científica como o processo de descobrir respostas para os problemas mediante a utilização de procedimentos científicos. Assim pode-se falar em pesquisa biológica, pesquisa psicológica, pesquisa econômica etc. (GIL, 1990, p. 26).

“A pesquisa é uma atividade voltada para a solução de problemas, através do emprego de processos científicos” (CERVO; BERVIAN, 2003, p. 63).

A atividade básica da ciência é a pesquisa. Todavia, convém não esquecer que as lentes do pesquisador, como as de qualquer mortal, estão impregnadas de crenças, paradigmas, valores. Negar isso é negar a própria condição humana de existir. Refuta-se, portanto, a tão decantada neutralidade científica (VERGARA, 2003, p. 11).

A partir das idéias desses pesquisadores, podemos entender pesquisa como o processo, a forma, a maneira, o caminho seguido para alcançar resposta para uma dúvida sobre um problema, um fato, obedecendo a princípios, normas e técnicas.

No âmbito da atividade científica, pesquisa se refere ao processo inquiridor de fenômenos com o propósito de compreendê-los e explicá-los.



Albert Einstein, físico e pesquisador alemão de origem judaica (Ulm, 1879–Princeton, 1955) naturalizado norte-americano em 1940, é um dos maiores cientistas de nossa história. Autor de numerosos trabalhos de Física teórica, é principalmente conhecido por sua Teoria da Relatividade, que marcou profundamente a ciência moderna. Recebeu o Prêmio Nobel em 1921 (KOOGAN; HOUAISS, 1999).



Se você quiser mais informações sobre a famosa Teoria da Relatividade e o impacto que ela gerou no início do século XX em todas as áreas do conhecimento, acesse os sites http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_Geral_da_Relatividade e <http://www.ufsm.br/mastr/energia1.htm>.

A pesquisa científica supõe, no sentido mais amplo, uma convergência de teoria com fenômenos particulares; um conjunto de atividades orientadas para a busca de um determinado conhecimento ou resposta.

A fim de merecer o adjetivo científica, a pesquisa, partindo de um sistema de proposições com certo grau de generalização (comum a muitas pessoas), requer confirmação ou refutação e deve ser feita de modo sistematizado. Para isso, utiliza **MÉTODO** próprio e técnicas específicas, procurando um conhecimento que parte da realidade empírica (o que esse termo significa você verá mais adiante). Os resultados assim obtidos devem ser apresentados de forma particular ao método empregado.

MÉTODO

“Processo organizado, lógico e sistemático de pesquisa, instrução, investigação, apresentação etc.” (HOUAISS, 2004).

Dessa maneira, você percebe que a pesquisa científica se distingue de outra modalidade qualquer de pesquisa pelo método, pelas técnicas, por estar voltada para a realidade empírica e pela forma de comunicar o conhecimento obtido.

Atividade 1

Defina o que é pesquisa científica.

Comentário

Atividade que permite elaborar um conjunto de conhecimentos que auxilia na compreensão da realidade e orienta nossas ações, ou seja, é um processo de busca, tratamento e transformação de informações, levado a efeito segundo determinadas regras fornecidas pela metodologia científica. É a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagradas pela ciência.

REALIDADE EMPÍRICA X MÉTODO DE PESQUISA CIENTÍFICA

Realidade empírica

Chama-se realidade empírica tudo que existe e que pode ser conhecido por meio da experiência. Por sua vez, experiência é qualquer conhecimento obtido por meio dos sentidos e pela consciência. É uma forma de conhecimento abrangente, não organizado, adquirido de maneira espontânea durante a vida.

Fala-se de experiência externa para indicar o que conhecemos por meio dos sentidos corpóreos, externos. Veja este exemplo: a criança, ao colocar o dedo na tomada elétrica, leva um choque, e com isso ela evitará a tomada em função das conseqüências desagradáveis; a mesma criança, ao colocar a mão em uma panela quente, sofre uma queimadura, mas aprende com a experiência a respeitar o fogo.

A experiência interna indica o conhecimento de estados e processos interiores que obtemos por intermédio da nossa consciência. Denomina-se introspecção a ação de conhecer pela experiência interna o que se passa dentro de nós, como, por exemplo, nossos sentimentos (saudades, ódio, amor, desejo etc.) e aspirações (passar em um concurso público, ganhar na loteria etc.).

Você vai perceber que a realidade empírica se revela a nós por meio de fatos. É preciso ter em mente que o termo fato possui diversos significados. Nós o usaremos para indicar qualquer coisa que existe na realidade. Assim, por exemplo, este texto é um fato. Mas também é um fato que você está lendo este texto. As palavras que se encontram escritas neste texto são fatos. Mas não são fatos as idéias que elas contêm, pois não existem na realidade. Quando você, lendo as palavras, age mentalmente para transformá-las em idéias, a ação que você está realizando, de elaboração mental, torna-se um fato. O texto, as palavras que ele contém e você que está lendo são fatos percebidos pela experiência externa. A elaboração mental pela qual as palavras se transformam em idéias é um fato que pode ser percebido pela experiência interna.

Utiliza-se freqüentemente a expressão “isto é um fato” para afirmar que algo é verdadeiro. Ora, na ciência um fato não é falso nem verdadeiro: ele é simplesmente o que é. Não tem sentido, por exemplo, alguém dizer que é falso ou verdadeiro o fato de que a água do mar é salgada. O que, no entanto, pode estar certo ou errado é o conhecimento ou a interpretação que alguém tem de um fato, por exemplo, supondo que a água do mar é doce quando realmente é salgada.

O homem pode produzir fatos, e isso acontece inúmeras vezes na rotina de cada dia, como cumprimentar alguém, vestir-se, alimentar-se etc. O homem, muitas vezes, cria fatos com a única finalidade de estudá-los – como acontece, por exemplo, nas situações experimentais de laboratório. Entretanto, grande parte dos esforços realizados pela ciência destina-se ao conhecimento de fatos que já existem, produzidos pela natureza, e que o homem ainda desconhece ou, pelo menos, cujo alcance das implicações não sabe. Neste caso, a pesquisa é utilizada para fazer “descobertas”. Revelações foram manifestadas, por exemplo, quando se deu a conhecer que a Terra é redonda, que gira em torno do Sol, que há organismos microscópicos causadores de fermentação e de doenças infecciosas etc.

O objetivo principal de uma ciência, mais do que a trivial descrição de fenômenos empíricos, é situar, mediante leis e teorias, os princípios gerais pelos quais se podem explicar e prever os fenômenos empíricos.

A preocupação da ciência gira em torno de fenômenos empíricos. Para alguns o termo fenômeno indica apenas um sinônimo para fato. Entretanto, pode-se estabelecer uma distinção, dizendo que “fenômeno” é o fato tal como é percebido por alguém. Os fatos acontecem na realidade independentemente de haver ou não quem os conheça. Mas, quando existe um observador, a percepção que este tem do fato é que se chama fenômeno. Pessoas diversas podem observar, no mesmo fato, fenômenos diferentes. Assim, por exemplo, um indivíduo viciado em drogas pode ser visto por um médico como um fenômeno fisiológico, por um psicólogo como um fenômeno psicológico, por um jurista como fenômeno jurídico etc.

Método científico

A ciência não é essencialmente diferente de nenhuma outra forma de conhecimento, porque busca sempre, como seu principal objetivo, chegar à interpretação dos fenômenos. O que torna particular o conhecimento científico em relação aos outros tipos de conhecimento é que ele utiliza basicamente a observação, a experimentação, a confirmação etc.

Todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos, mas nem todos os ramos de estudo que empregam esses métodos são ciências: por exemplo, astrologia, quiromancia etc. Dessa afirmação podemos concluir que a utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos.

Para se chegar à forma mais apropriada de ter conhecimento, de fiscalizar a natureza e de tentar ordenar o pensamento, surgiu o método científico. Você vai saber um pouco mais sobre isso logo a seguir.

O que é método científico?

Quando você vai desenvolver um trabalho ou uma atividade, dependendo das condições, leva em conta aspectos como prazo, recursos, esforço empreendido etc. Considerando isso, você pensa em maneiras mais eficientes e práticas de desenvolver o trabalho, ou seja, pensa em métodos.

Método é uma maneira de dizer, de fazer, de ensinar algo, segundo certos princípios e em determinada ordem; é uma maneira de agir, ou uma obra que reúne de maneira lógica os elementos de uma ciência, de uma arte etc. (HOUAISS; KOOGAN, 1999).

A René Descartes, filósofo, matemático e físico francês (La Haye, Touraine (hoje Descartes), 1596-Estocolmo, 1650), deve-se a criação da Geometria Analítica e a descoberta dos princípios da Óptica Geométrica. Sua contribuição científica baseia-se no emprego de um método e de uma metafísica que marcam uma mudança decisiva.

Descartes foi o responsável pela sistematização do método; escreveu, em seu *Discurso sobre o método*:

- A primeira regra é a evidência: não admitir “nenhuma coisa como verdadeira se não a reconheço evidentemente como tal”. Em outras palavras, evitar toda “precipitação” e toda “prevenção” (preconceitos) e, só ter por verdadeiro o que for claro e distinto.
- A segunda é a regra da análise: “dividir cada uma das dificuldades em tantas parcelas quantas forem possíveis”.
- A terceira é a regra da síntese: “concluir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para, aos poucos, ascender, como que por meio de degraus, aos mais complexos”.
- A última é a dos “desmembramentos tão complexos a ponto de estar certo de nada ter omitido”.



Se esse método tornou-se muito célebre, foi porque os séculos posteriores viram nele uma manifestação do livre exame e do racionalismo. Para saber mais sobre isso, acesse o site <http://www.mundodosfilosofos.com.br/descartes.htm>.

O método científico é uma maneira de resolver problemas ou dar respostas de forma sistemática e lógica, baseando-se nos conceitos da ciência; por meio do auxílio da técnica serve de meio para se chegar a um resultado esperado. Por isso, pode-se dizer que o método se origina do estudo de técnicas científicas e trata do conjunto de processos pelos quais se torna possível conhecer uma determinada realidade.

Como já foi dito, a aplicação de métodos científicos é propriedade de todas as ciências, mas o simples fato de consagrar os métodos não diferencia um ramo de estudo como ciência. Isso quer dizer que não é só a ciência que emprega os métodos científicos de forma reservada; entretanto, a ciência não existe sem a aplicação desses métodos.

Você pode inferir que o método científico pode ser considerado como atalho para chegar a um fim definido. Pode ser definido como o conjunto de comportamentos intelectuais e técnicos escolhidos para chegar ao ato ou à atividade de conhecer, realizado por meio da razão e/ou da experiência, ou seja, o conhecimento. Assim, segundo Lakatos (1991):

O método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que permitem alcançar o objetivo, conhecimentos válidos verdadeiros e explicação dos fenômenos, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista (p. 39-40).

Existe outro caminho além do método científico? Não, os cientistas que dedicam suas vidas à busca de “verdades” cursam o caminho do método científico, que tem alcance básico dentro da ciência. Deve-se ter muito cuidado porque, por melhor que seja o método, para chegar a um resultado científico e destruir resultados anteriores são necessários diferentes experimentos com resultados consistentes.

De acordo com Karl Popper, o método científico origina-se de um problema, ao qual se oferece uma espécie de solução provisória, uma “teoria tentativa”, passando-se depois a criticar a solução, com vistas à eliminação do erro; esse processo é então renovado, dando surgimento a novos problemas.

Segundo Houaiss (1999), as contribuições de Popper não se resumiram à filosofia da ciência. Na década de 1930, Popper se viu na contingência de deixar a Europa, indo com a esposa para a Nova Zelândia, onde reiniciou sua vida acadêmica. Nesse período, marcado pela Segunda Guerra Mundial, Popper publicou duas obras fundamentais, demonstrando enorme familiaridade com as Ciências Humanas: *A miséria do historicismo* e *A sociedade aberta e seus inimigos* (1945). Elas representam o que Popper denominou sua “contribuição para o esforço de guerra”. O primeiro livro refuta especialmente a concepção marxista de previsibilidade da História e da exequibilidade da “engenharia social”. Já o segundo é uma análise de todos os pensadores que, desde Platão, defenderam idéias contrárias à sociedade aberta (aquela que tolera o poder crítico das pessoas).

Atividade 2

Como você viu nesta aula, o método científico “é uma maneira de resolver problemas ou dar respostas de forma sistemática e lógica, baseando-se nos conceitos da ciência”. Com base nisso, explique por que o método é importante para a ciência.

Resposta Comentada

Todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos. Estes configuram um conjunto de atividades e procedimentos organizados que permitem alcançar objetivos, facilitando a busca pela explicação dos fenômenos e pela construção de conhecimento.

CONCLUSÃO

O fio condutor de nosso trabalho é fazer você reconhecer e empregar os vários conceitos de projeto e desenvolver um projeto de pesquisa científica, de forma sistemática e organizada, além da postura crítica, distinguindo a pesquisa científica de qualquer outra pesquisa, pelo método, pelas técnicas, empregando para tanto a metodologia científica como ferramenta facilitadora para se chegar a uma resposta ou solução de um problema. Para isso, é muito importante fixar esses conceitos de conhecimento, pesquisa e método.

Atividade Final



Realidade empírica e ciência

Leia com bastante atenção os dois exemplos a seguir:

a. Márcia está sentindo fortes dores na barriga. Ela está com enjôo e dor de cabeça também. Sua avó diz que provavelmente é problema no fígado e faz para ela chá de boldo. Também diz que esse ensinamento lhe foi passado há muito tempo por sua mãe, quando ainda era criança.

b. Plantas medicinais:

Pelos dados fornecidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS), constata-se que o uso de plantas medicinais pela população mundial tem sido muito significativo nos últimos anos.

As plantas produzem substâncias responsáveis por uma ação farmacológica ou terapêutica que são denominadas princípios ativos.

Veja a tabela a seguir com alguns exemplos:

Tabela 1.1: Uso das plantas medicinais

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	PROPRIEDADES TERAPÊUTICAS	MODO DE USO
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Age contra infecções hepáticas e biliares, gota, reumatismo e afecções bucais.	Infusão das folhas e unguento (dores reumáticas).
Boldo	<i>Vernonia condensata</i>	Desintoxicante do fígado, diurético, antidiarréico e estimulante do apetite.	Infusão de folhas e maceração (abrir o apetite).
Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i>	Sedativa, digestiva, analgésica, contra cólicas estomacais, intestinais e menstruais.	Infusão de flores.

Fonte: <http://educar.sc.usp.br/biologia/proficiencias/medicinais.html>

Agora, escreva, de acordo com o que você viu nesta aula, qual exemplo (a ou b) demonstra conhecimento construído apenas pela realidade empírica e qual é resultado de conhecimento científico. Explique a diferença.

Resposta Comentada

O exemplo a demonstra conhecimento derivado de realidade empírica, já que este não é resultado de um método sistemático de análise ou de uma tradição teórico-científica. Esse conhecimento é passado de geração em geração, com base em uma tradição popular. É uma forma de conhecimento não-organizado, adquirido de maneira espontânea durante a vida cotidiana.

O exemplo b é resultante de conhecimento científico, quando se considera que as plantas medicinais se tornaram objeto de estudo da ciência na tentativa de descobrir novas fontes de obtenção de princípios ativos. Neste caso, há a utilização de métodos e procedimentos sistemáticos de análise. O conhecimento é construído de maneira organizada e lógica a fim de explicar as causas dos fenômenos.

RESUMO

Para construir um projeto de pesquisa científica, é fundamental situar o objeto de estudo e os objetivos do pesquisador. É preciso também delimitar critérios para isso.

A pesquisa científica é uma atividade ou um processo em que se buscam respostas ou soluções para problemas, seguindo princípios, normas e técnicas adequadas. Ela se distingue de qualquer outra modalidade de pesquisa.

A realidade empírica se diferencia do método de pesquisa científica, porque a primeira é uma forma de conhecimento mais abrangente e não-organizado, adquirido na vida cotidiana, enquanto o segundo é uma maneira sistemática e lógica de resolver problemas, baseando-se nos conceitos da ciência.

A ciência é a sistematização de conhecimentos, um conjunto de conjecturas logicamente arroladas sobre o desempenho de certos acontecimentos que se deseja estudar; é um conjunto metódico de conhecimentos obtidos mediante a observação e a experiência. Envolve a análise, a interpretação, a verificação e a percepção da relação com outros acontecimentos. Sua finalidade é a produção de novos conhecimentos. Pode ser caracterizada como uma forma de conhecimento objetivo, racional, sistemático, geral, verificável e falível.

Descobrimdo o conhecimento

Meta da aula

Apresentar o conceito de conhecimento e os diferentes tipos de conhecimento.

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

-  relacionar a questão do ponto de vista da realidade com a construção de conhecimento;
-  conceituar e distinguir os diferentes tipos de conhecimento.

INTRODUÇÃO

CONHECIMENTO

Segundo Houaiss (1998), conhecimento é o ato ou a atividade de conhecer, realizado por meio da razão e/ou da experiência, ou a representação elaborada pela inteligência exclusivamente a partir de impressões sensíveis. É o domínio, teórico ou prático, de um assunto, uma arte, uma ciência, uma técnica, competência, experiência, prática ou ainda o procedimento compreensivo por meio do qual o pensamento captura representativamente um objeto qualquer, utilizando recursos investigativos dessemelhantes – intuição, contemplação, classificação, mensuração, analogia, experimentação, observação empírica etc.

Agora que você sabe o que é ciência e o que é método, podemos caminhar em direção à elaboração de projeto de monografia.

Nesta aula, vamos refletir sobre a construção do **CONHECIMENTO**.

O homem não age diretamente sobre as coisas. Sempre há um mediador, uma ferramenta entre ele e seus atos (por exemplo: microscópio para o biólogo; matemática financeira, informática e estatística, dentre outras, como ferramenta de análise para o administrador). Isso também acontece quando se faz ciência.

Ora, não é possível fazer um trabalho científico sem conhecer as ferramentas que serão utilizadas, além dos processos metodológicos que devem ser seguidos, a fim de chegar-se a resultados de cunho científico. Para isso, é preciso imbuir-se de espírito científico.

O que é espírito científico?

Ter espírito científico significa, basicamente, analisar os fatos e fenômenos com um olhar objetivo, imparcial e crítico, com disciplina e ética, procurando evitar o envolvimento emocional ou religioso.

Você já deve ter percebido que todos buscam o conhecimento como instrumento de exercício do poder, porque o conhecimento é uma ferramenta para resolver problemas. Porém, é necessário entender isso de forma mais didática para as possíveis necessidades.

O QUE É CONHECIMENTO?

Para você compreender o mundo à sua volta, deve utilizar todas as suas capacidades (sensibilidade, percepção, observação, senso crítico, criatividade).



Figura 2.1: A partir de fontes diversas, o homem constrói conhecimento.
Fonte: www.sxc.hu – cód. 702583

O conhecimento só é construído por meio da existência de três elementos: o sujeito cognoscente (que conhece), o objeto (que é conhecido) e a imagem. Segundo Aranha e Martins (1992), dá-se o nome de conhecimento à relação que se estabelece entre um sujeito cognoscente e um objeto. Assim, todo conhecimento pressupõe dois elementos: o sujeito que quer conhecer e o objeto a ser conhecido. O sujeito é quem irá deter o conhecimento, o objeto é aquilo que será conhecido e a imagem é a interpretação do objeto pelo sujeito. Nesse momento, o sujeito apropria-se, de certo modo, do objeto.

A realidade é tão complexa, que não é possível dominá-la (compreendê-la) completamente. O homem, para apropriar-se de partes da realidade, teve de desenvolver diferentes tipos de conhecimento.

Assim como você, com o passar dos tempos, seu semelhante vem aprimorando processos inteligentes que lhe permitem conhecer a natureza das coisas e a reação de um grupo específico e/ou ainda de uma espécie de indivíduos no complexo de fatores que compõe o seu meio ambiente. Pela observação, o ser humano recebe informações e constrói conhecimentos. A observação constitui importante fonte de conhecimento.

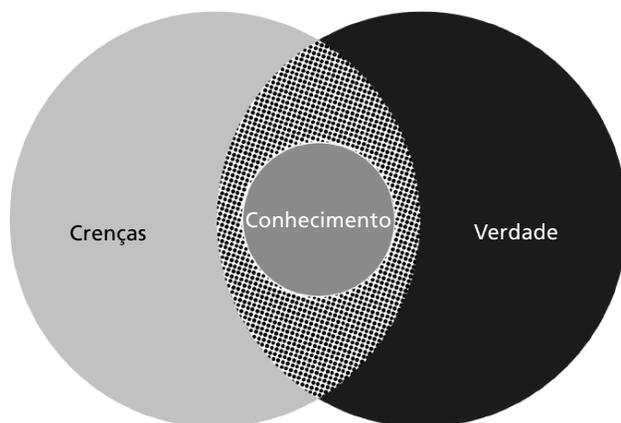
Conhecendo a natureza das coisas

Veja este exemplo: ao vermos uma mesa, nós temos, à primeira vista, a imagem da mesa e a informação sobre sua utilidade. Para que possamos conhecer essa mesma mesa, é necessário que examinemos a sua constituição, a sua estrutura, qual a madeira utilizada, que outros materiais foram usados na sua fabricação, qual o seu valor etc. Outro exemplo: ao se observar uma empresa, sua fachada e estrutura, na realidade observa-se a imagem da empresa. Para que se possa conhecer essa empresa, é necessário conhecer sua linha de produção, seu quadro de funcionários, seu balanço patrimonial etc.

Mas não se engane, a realidade não se deixa revelar facilmente. Ela é constituída de numerosos níveis e estruturas. De um mesmo objeto, podemos obter conhecimento de partes diferentes da realidade, em diversos níveis distintos.

O homem cria idéias ou imagens que concebe do mundo ou de alguma coisa significativa da realidade; interpreta sua própria pessoa e o mundo, atribuindo-lhes significado; é um ser que faz questionamentos existenciais. A tudo isso chama conhecimento.

Proposições:



-  Crenças Verdadeiras
-  Crenças Verdadeiras e justificadas (Conhecimento)

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Conhecimento-Diagrama.png>

Conhecer é absorver uma noção nova, ou original, sobre um fato ou fenômeno qualquer. O conhecimento não nasce do vazio e sim das experiências que se acumulam em nossa vida cotidiana, por meio das experiências, dos relacionamentos interpessoais, das leituras de livros e da consulta a fontes diversas.

Figura 2.2: Em toda proposição, há crença, verdade e conhecimento. A parte comum entre crença e verdade é o conhecimento.

O conhecimento pode ser concreto quando o sujeito estabelece uma relação com o objeto individual, por exemplo: a sua mesa de trabalho. E pode ser abstrato, quando estabelece uma relação com um objeto geral, universal, por exemplo: o conhecimento que temos de homem, como gênero.

Devemos ressaltar que a relação de conhecimento entre o sujeito e o objeto implica uma transformação tanto do sujeito quanto do objeto. O sujeito se transforma mediante o novo saber, e o objeto também se transforma, pois o conhecimento lhe dá sentido (<http://www.filosofiavirtual.pro.br/senso.htm>. Acesso em: 19 de julho de 2006.)

Atividade 1

A questão do ponto de vista e a construção do conhecimento



Imagine que, para a análise de um mesmo objeto (uma determinada planta), há sujeitos diferenciados: um botânico, um biólogo, um agricultor e um jardineiro.

Lembrando que a imagem é a interpretação do objeto pelo sujeito, pode-se dizer que estão corretas as seguintes afirmações? Escreva um breve comentário justificando sua resposta.

- a. () Como o objeto é o mesmo, a apropriação deste será a mesma por cada um dos sujeitos mencionados.
- b. () Nenhum desses sujeitos pode apropriar-se de maneira completa do objeto de estudo.

Resposta Comentada

A afirmação (a) está incorreta, pois a imagem ou o conhecimento construído por cada sujeito, mesmo que seja em relação a um mesmo objeto, depende de sua interpretação. Mesmo que se busque a imparcialidade nessa interpretação, há fatores que influenciam o olhar do sujeito, como: formação, experiências, interesses etc.

A afirmação (b) está correta. A realidade é muito complexa e se apresenta sob aspectos diferenciados. Como a apreensão desta depende da interpretação do sujeito, é preciso considerar que os fatores citados anteriormente acabam influenciando a interpretação e fazendo com que se construam pontos de vista diferenciados.

TIPOS DE CONHECIMENTO

Você já sabe o que é conhecimento e que o homem desenvolveu tipos diferentes de conhecimento.

Agora vamos apresentar os quatro tipos principais, de acordo com a teoria tradicional: conhecimento vulgar ou senso comum, conhecimento filosófico, conhecimento religioso ou teológico e conhecimento científico.

Conhecimento vulgar ou senso comum

Considere o seguinte exemplo. Você já deve ter observado que o leite, ao ferver, transborda do recipiente. Por esse motivo, ficamos em alerta quando colocamos o leite para ferver, para não derramar. É verdade que muitas pessoas ignoram qual a causa desse fenômeno; então se afirma que as pessoas têm apenas o conhecimento **VULGAR**.

Vamos dar outro exemplo, no campo da Economia. Ao fazer compras no supermercado, as pessoas podem notar quando os preços das mercadorias sobem, mas ignoram a real causa desse fenômeno. Às vezes, julgam que os culpados (as causas) sejam os comerciantes varejistas. Nessa situação, podemos afirmar que as pessoas têm também apenas o conhecimento vulgar.

O conhecimento vulgar ou senso comum é aquele que o sujeito desconhece a causa (motivo ou razão) do fenômeno. As pessoas adquirem esse conhecimento na vida cotidiana, ao acaso, com base apenas na experiência vivida ou transmitida por alguém. Em geral, resulta de repetidas experiências casuais de erro e acerto, sem observação metódica nem verificação sistemática, por isso carece de caráter científico. Pode também resultar de simples transmissão de informações de geração para geração e, assim, fazer parte das tradições de uma coletividade.

VULGAR

Segundo Houaiss (2002), vulgar é relativo ou pertencente à plebe, ao vulgo. É o conhecimento popular.

O conhecimento vulgar também é denominado "empírico", mas o que significa isso? Por exemplo: não é necessário estudar Psicologia para saber se uma pessoa está alegre ou triste. Você conhece o estado de humor dessa pessoa porque empiricamente já passou por muitas experiências suas ou de contato com pessoas alegres ou tristes.

O termo empírico tem um sentido mais específico que vulgar: significa o tipo de conhecimento baseado na experiência física e na observação, metódica ou não.

É igualmente vulgar o conhecimento que, em geral, o lavrador, que não tem instrução escrita ou é analfabeto, tem das coisas do campo. Ele decifra a produtividade do solo, os ventos anunciadores de chuva e a conduta dos animais. Sabe onde furar um poço para obter água, quando cortar uma árvore para melhor aproveitar a sua madeira e se a colheita deve ser feita nesta ou naquela lua. Ele pode, inclusive, apresentar argumentos lógicos para explicar os fatos que conhece, mas o seu conhecimento não adentra os fenômenos, permanece na ordem aparente da realidade. Como é fruto da experiência, que é pertinente, mas não essencial, não vai além do fato em si, do fenômeno isolado.



Foto: Vasant Dave

Figura 2.3: O lavrador, por exemplo, constrói conhecimento acerca do cultivo da terra com base em suas próprias observações e experiências, mas ele não é capaz de explicar mais objetivamente as causas dos fenômenos que observa.
Fonte: www.sxc.hu – cód. 683129

Embora de nível considerado inferior em relação ao conhecimento científico, o conhecimento vulgar não deve ser menosprezado. Ele constitui a base do saber e já existia muito antes de o homem imaginar a possibilidade da ciência.

Veja um último exemplo de conhecimento vulgar: A chave está emperrando na fechadura e, de tanto experimentarmos abrir a porta, acabamos por descobrir (conhecer) uma forma de girar a chave sem emperrar. Descobrimos a resposta sem uma metodologia definida anteriormente ou uma base teórica, e sim por tentativa de erro ou acerto.

Atividade 2



Conhecimento construído no dia-a-dia

Leia com atenção as duas situações apresentadas a seguir:

- Uma dona de casa vai à feira perto de sua casa comprar alguns legumes e frutas e percebe que determinadas frutas estão muito acima do preço normal. Além disso, vendo, cheirando, apertando, percebe que elas estão com qualidade inferior. Ela aprendeu a avaliar os preços das mercadorias e sua qualidade por ter acompanhado, desde jovem, sua mãe aos mercados.
- Um administrador de uma grande distribuidora de produtos agrícolas avalia os preços e a qualidade das mercadorias sem precisar visitar os diversos mercados. Ele obtém informações sobre os produtos de interesse por meio de gráficos e planilhas fornecidos por uma instituição de pesquisa, de informações sobre qualidade emitidas pelo Inmetro e de consulta de boletins de saúde pública.

Agora escreva: qual dos dois casos é um exemplo de conhecimento vulgar (ou empírico)? Por quê?

Resposta Comentada

O caso que representa um exemplo de conhecimento empírico é o caso (a). A dona de casa constrói conhecimento em seu cotidiano, com base em suas experiências particulares e em conhecimentos transmitidos por sua mãe, sem uma metodologia determinada. O caso (b) mostra um tipo de conhecimento que faz uso de ferramentas técnicas e metodologias específicas para a análise do objeto.

Conhecimento filosófico

Você deve ter lido ou ouvido falar, nos últimos tempos, sobre notícias de corrupção envolvendo políticos no Brasil. Você pode considerar uma discussão a respeito disso a partir de dois pontos. Pode discutir isso no nível do senso comum, absorvendo e reproduzindo idéias como: a corrupção não vai acabar nunca, todos os políticos são corruptos etc. Porém, pode considerar pontos da discussão sob um olhar mais crítico, lendo, debatendo e se questionando sobre, por exemplo: O que é corrupção? O que é ética? O que faz as pessoas tomarem tal postura? Assim, você aprofunda o tema e amplia pontos de vista. Isso tem relação com a construção de conhecimento filosófico.

O conhecimento filosófico é a representação elaborada pela inteligência exclusivamente a partir de impressões sensíveis. Busca a compreensão da realidade no ambiente universal. Não propõe soluções determinantes para grande número de problemas ou questões que são apresentadas. Porém, capacita o ser humano a fazer uso de suas faculdades mentais para observar melhor o sentido da vida concreta.

A realidade pesquisada por um estudo sistemático e objetivo dos fenômenos empíricos e os conhecimentos daí resultantes tratam dos dados próximos, imediatos, perceptíveis pelos sentidos ou por instrumentos; pois, sendo de ordem material e física, são suscetíveis de teste.

A realidade pesquisada do ponto de vista da filosofia é constituída de fatos mediatos, imperceptíveis aos sentidos. Por serem da ordem do supra-sensível, transpõem a qualquer conhecimento obtido por meio dos sentidos.

Dados imediatos e mediatos

Dados imediatos caracterizam-se pela ausência de intermediário entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido. Por exemplo: há acesso a dados imediatos quando o pesquisador observa diretamente um fenômeno, sem uso de equipamentos.

Dados mediatos caracterizam-se pela presença de intermediário entre sujeito e objeto. Por exemplo: quando o pesquisador, para colher os dados, utiliza um livro ou um equipamento.

O conhecimento filosófico:

- É valorativo (no sentido de o sujeito agregar um valor ao que se acredita ou não) – inicialmente consiste na elaboração de hipóteses, que não poderão ser submetidas à comprovação. As hipóteses filosóficas baseiam-se na experiência, não na experimentação.

POSTULADO

É o que se considera como fato reconhecido e ponto de partida, implícito ou explícito, de uma argumentação; premissa. Afirmção ou fato admitido como verdadeiro sem necessidade de demonstração.

- Não é verificável – a hipótese filosófica não pode ser confirmada nem refutada.
- É racional – consiste em um conjunto de enunciados logicamente correlacionados.
- É sistemático – sua hipótese e enunciados visam a uma representação coerente da realidade estudada, em uma tentativa de apreendê-la em sua totalidade, ou seja, sob aspectos e perspectivas diferenciados.
- É considerado infalível e exato – suas hipóteses e **POSTULADOS** não são submetidos ao decisivo teste da observação e da experimentação.

Filosofar é interrogar. A interrogação parte da curiosidade. Essa é inata. Ela é constantemente renovada, pois surge quando um fenômeno nos revela alguma coisa de um objeto e ao mesmo tempo nos sugere o oculto, o mistério. Esse impulsiona o ser humano a buscar o desvelamento do mistério. Vê-se, assim, que a interrogação somente nasce do mistério, que é o oculto enquanto sugerido (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 10).

Conhecimento religioso ou teológico

Leia o texto a seguir.

Advertência contra a preguiça

6 Vai ter com a formiga, ó preguiçoso, considera os teus caminhos, e sê sábio. 7 Não tendo ela chefe, nem oficial, nem comandante. 8 No estio prepara o seu pão, na sega ajunta o seu mantimento. 9 Ó preguiçoso, até quando ficarás deitado? Quando te levantarás do teu sono? 10 Um pouco para dormir, um pouco para toscanear, um pouco para encruzar os braços em repouso. 11 Assim sobrevirá a tua pobreza como um ladrão, e a tua necessidade como homem armado (BÍBLIA, 1962, p. 556).

Esse texto, por exemplo, é produto de conhecimento religioso ou teológico.

Conhecimento teológico é aquele adquirido com base na fé religiosa. É fruto da revelação da divindade e se fundamenta em doutrinas que contêm proposições sagradas, valorativas, por terem sido reveladas pelo sobrenatural, inspiracional. Por esse motivo, tais verdades são consideradas infalíveis, indiscutíveis e exatas – dogmas.

Um dogma, no campo filosófico, é uma crença/doutrina imposta, que não admite contestação. No campo religioso, é uma verdade divina, revelada e acatada pelos fiéis. No catolicismo, os dogmas surgem das escrituras e da autoridade da Igreja Católica.



Fran Villares

Figura 2.4: Cruz – um dos principais símbolos do cristianismo.
Fonte: www.sxc.hu – cód. 321337

Veja alguns exemplos de dogmas da Igreja Católica:

- Em Deus há três pessoas – a Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo; e cada uma delas possui a essência divina.
- Ao terceiro dia depois de sua morte, Cristo ressuscitou glorioso dentre os mortos.
- A Eucaristia é o verdadeiro sacramento instituído por Cristo.

Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Dogma

É um conhecimento metódico do mundo como fruto de um instituidor divino. Suas evidências não são verificáveis. Está sempre implícita uma atitude de fé perante um conhecimento revelado.

A finalidade do **TEÓLOGO** é provar a existência de Deus e que os textos bíblicos foram escritos mediante inspiração divina, devendo, por isso, ser realmente aceitos como verdades absolutas e incontestáveis.

Cervo e Bervian (2002, p. 12) escrevem:

A fé teológica sempre está ligada a uma pessoa que testemunha Deus diante de outras pessoas. Para que isso aconteça, é necessário que tal pessoa que conhece a Deus e que vive o mistério divino o revele a outra. Afirmar, por exemplo, que tal pessoa é o Cristo equivale a explicitar um conhecimento teológico.

O conhecimento revelado – relativo a Deus – e aceito pela fé teológica constitui o conhecimento teológico. Esse, por sua vez, é o conjunto de verdades ao qual as pessoas chegaram, não com o auxílio de sua inteligência, mas mediante a aceitação dos dados

TEÓLOGO

Estudante (ou especialista) de Teologia, ciência que se ocupa de Deus, de sua natureza e de seus atributos.

da revelação divina. Vale-se de modo especial do argumento de autoridade. São os conhecimentos adquiridos nos livros sagrados e aceitos racionalmente pelas pessoas, depois de terem passado pela crítica histórica mais exigente. O conteúdo da revelação, feita a crítica dos fatos ali narrados e comprovados pelos sinais que a acompanham, reveste-se de autenticidade e de verdade. Essas verdades passam a ser consideradas como fidedignas, e por isso são aceitas. Isso é feito com base na lei suprema da inteligência: aceitar a verdade, venha de onde vier, contanto que seja legitimamente adquirida.

Atividade 3

Distinção entre conhecimentos



Que tal fazer uma revisão desses conceitos?

A seguir, você lerá uma definição resumida de cada tipo de conhecimento visto até aqui. Relacione cada definição ao tipo de conhecimento correspondente.

- () Perguntar é mais importante que encontrar a resposta. As bases para construção desse conhecimento são a reflexão e o questionamento. Suas hipóteses não podem ser submetidas à comprovação.
 - () A fundamentação desse conhecimento parte de uma fé religiosa. Suas verdades dependem de crença e não são submetidas a questionamento ou a verificação.
 - () Esse conhecimento se constrói com as experiências casuais do cotidiano, sem método ou sistematização e sem preocupação com as causas dos fenômenos.
- (1) conhecimento empírico
 - (2) conhecimento filosófico
 - (3) conhecimento teológico

Resposta

A seqüência é 2 – 3 – 1.

Conhecimento científico

Veja a seguir um exemplo de conhecimento produzido na área da Administração:

Segundo Vergara (2006, p. 9), o modelo de Pesquisa-ação visa à solução de problemas por meio de ações definidas por pesquisadores envolvidos com a situação sob investigação.

Esse modelo (método) busca a construção e o desenvolvimento do conhecimento teórico, ao mesmo tempo que busca solucionar problemas práticos. Foi usado o problema de desenvolvimento de fundos para uma organização não-governamental de assistência ao menor, Lar Anália Franco.

Ao final da pesquisa, o pesquisador separou também os resultados referentes à produção de conhecimento, tais como: tempo para a implantação das ações superior ao requerido no meio empresarial, a importância do planejamento de recursos humanos para os projetos, a necessidade de transmitir as informações referentes às etapas da pesquisa aos participantes, sem concentrá-las em uma única ou em poucas pessoas, o espaço a ser explorado nas instruções sem fins lucrativos (Leitura para aprofundamento: VERGARA, 2006).

Esse é um exemplo de conhecimento de caráter científico.

O conhecimento científico parte dos fatos. A ciência procura desvendar os fatos tais como são, independentemente do seu valor emocional ou comercial: a ciência não romantiza os fatos. Em todos os campos, a ciência começa por estabelecer os fatos: isto requer curiosidade **IMPESSOAL**, desconfiança pela opinião prevalecente e sensibilidade à novidade (<http://ocanto.webcindario.com/lexf.htm#facto>).

Segundo Bunge (2003, p. 215),

Nem sempre é possível, nem sequer desejável, respeitar inteiramente os fatos quando se analisam, e não há ciência sem análise, mesmo quando a análise é apenas um meio para a reconstrução final do todo. O físico perturba o átomo que deseja espiar; o biólogo modifica e pode inclusive matar o ser vivo que analisa; o antropólogo, empenhado no seu estudo de campo de uma comunidade, provoca nele certas modificações. Nenhum deles apreende o seu objeto tal como é, mas tal como fica modificado pelas suas próprias operações. [...] O conhecimento científico transcende os fatos: põe de lado os fatos, produz fatos novos e explica-os. O senso comum parte dos fatos e atém-se a eles: amiúde, limita-se ao

IMPESSOAL

Ser impessoal é procurar não refletir particularidade individual ou emocional.

fato isolado, sem ir muito longe no trabalho de o correlacionar com outros, ou de o explicar. Pelo contrário, a investigação científica não se limita aos fatos observados: os cientistas exprimem a realidade a fim de ir mais além das aparências; recusam o grosso dos fatos percebidos, por serem um montão de acidentes, selecionam os que julgam relevantes, controlam fatos e, se possível, reproduzem-nos. Inclusive, produzem coisas novas, desde instrumentos até partículas elementares; obtêm novos compostos químicos, novas variedades vegetais e animais e, pelo menos em princípio, criam novas regras de conduta individual e social [...].

Mais adiante, o mesmo autor escreve:

Há mais: o conhecimento científico racionaliza a experiência, em vez de se limitar a descrevê-la; a ciência dá conta dos fatos, não os inventariando, mas explicando-os por meio de hipóteses (em particular, enunciados e leis) e sistemas de hipóteses (teorias). Os cientistas conjecturam o que há por detrás dos fatos observados e, em seguida, inventam conceitos (como os de átomo, campo, classe social, ou tendência histórica), que carecem de correlato empírico, isto é, que não correspondem a perceptos, ainda que presumivelmente se referem a coisas, qualidades ou relações existentes objetivamente [...].

A pesquisa científica é o modo de se chegar à solução racional dos questionamentos e problemas. A sua aplicação está sujeita, em grande parte, ao tema; isto explica a variedade do conjunto de procedimentos ligados a uma arte ou ciência e a relativa independência dos diversos domínios da ciência.

A atividade de estudo ou pesquisa específica ligada a uma área ou a um tema, porém, não é obstáculo para a formação de campos interdisciplinares, como a Biofísica, a Bioquímica, a Psicofisiologia, a Psicologia Social, a Teoria da Informação, a Cibernética ou a Investigação Operacional. Contudo, a atividade específica tende a estreitar a visão do cientista individual.

O conhecimento científico deve passar pelo crivo da experiência. Para explicar um conjunto de fenômenos, o cientista formula hipóteses fundamentadas de algum modo no saber adquirido. As suas presunções podem ser cautelosas ou ousadas, simples ou complexas; em todo caso, devem ser testadas. O teste das hipóteses possíveis é empírico, isto é, observacional ou experimental. Nem todas as ciências são testáveis; e,

em certas áreas da Astronomia e da Economia, alcança-se uma grande exatidão sem ajuda da experimentação.

A investigação científica é metódica: não acontece ao acaso, é planejada; sabe-se o que se busca e como o encontrar. O planejamento da pesquisa não exclui o inesperado; só que, ao deixar lugar para os acontecimentos inesperados, é possível aproveitar o imprevisível.

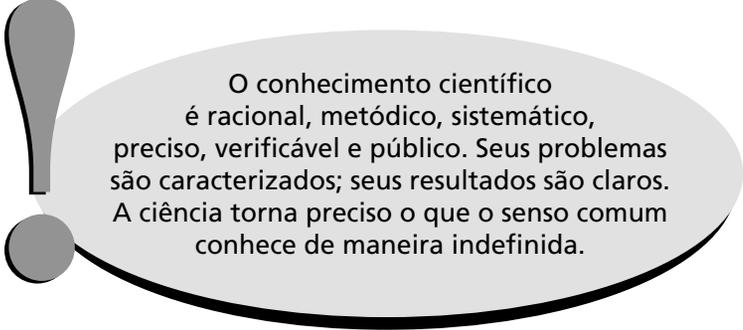
Toda pesquisa se baseia no conhecimento anterior e, em particular, nas hipóteses confirmadas. A pesquisa decorre de acordo com regras e técnicas que se revelaram eficazes anteriormente, mas que, quando aprimoradas, podem gerar novas experiências.

O conhecimento científico é sistemático: uma ciência não é um agregado de informações incoerentes, mas um conjunto de regras ou leis que fundamentam determinada ciência, fornecendo explicação para uma grande quantidade de fatos e teorias.

Toda forma de expressar idéias, qualificada por um certo conjunto básico (mas refutável) de hipóteses relacionadas a seus respectivos problemas, que busca adaptar-se a uma classe de fatos, é uma teoria.

O caráter matemático do conhecimento científico, isto é, o fato de ser organizado, sistemático e lógico é que o torna racional. A racionalidade admite que o progresso científico se concretize não só pela agregação de resultados, mas também por revoluções.

Segundo Lakatus e Marconi (1995, p. 17) “o conhecimento científico é geral porque inexiste a ciência do particular, o objeto individual ou evento particular é estudado à medida que pertence a tipos, espécies diferentes ou classes”.



O conhecimento científico é racional, metódico, sistemático, preciso, verificável e público. Seus problemas são caracterizados; seus resultados são claros. A ciência torna preciso o que o senso comum conhece de maneira indefinida.

De acordo com Bunge (2003, p. 217),

O conhecimento científico é legislador: busca leis (da natureza e da cultura) e aplica-as. O conhecimento científico insere os fatos singulares em regras gerais chamadas leis naturais ou leis sociais. Por detrás da fluência ou da desordem das aparências, a ciência factual descobre os elementos regulares da estrutura e do processo do ser e do devir.

A ciência é explicativa: procura explicar os fatos em termos de leis e as leis em termos de princípios. Os cientistas não se acomodam com definições detalhadas; além de buscar como são as coisas, buscam responder o porquê das coisas e fenômenos; a ciência investiga por que dessa forma e não de outra maneira. A ciência deduz as hipóteses relativas aos fatos particulares a partir de leis gerais e deduz as leis a partir de expressões derivadas de princípios de conjunto de normas gerais (Idem).

O conhecimento científico é preditivo: ultrapassa em abrangência outras categorizações possíveis dos fatos do experimento, idealizando como pode ter sido o passado e como poderá ser o futuro. A previsão científica se contrapõe à profecia, se fundamenta em leis e em informações particulares e confiáveis, relativas ao estado de coisas atual ou passado.

O conhecimento científico é aberto, porque não limita o ponto de vista. Ele é controvertido, admite a sua negação.



Para ilustrar e facilitar a compreensão sobre conhecimento científico, leia o texto de Rubem Alves, em que descreve um jovem que amava, vivia e respirava xadrez e, por causa disso, pagou um preço alto. O texto está disponível em: www.polbr.med.br/arquivo/cient6.htm

Atividade 4

Produção de conhecimento



Leia o texto a seguir com atenção e escreva de que tipo de conhecimento ele é resultado. Justifique sua resposta.

Empreendedorismo e práticas didáticas nos cursos de graduação em Administração: os estudantes levantam o problema.

Este é um estudo das práticas didático-pedagógicas dos cursos de graduação em Administração enquanto estratégias de ensino que, na percepção dos alunos empreendedores, podem incentivar ou inibir o empreendedorismo. A pesquisa foi feita em três etapas. A primeira, um levantamento exploratório de práticas em uso. Na segunda, foram aplicados questionários a concluintes de cursos de graduação em Administração da Região Metropolitana do Recife, investigando o incentivo ou inibição em relação ao empreendedorismo, de quinze práticas didático-pedagógicas. A terceira etapa, fruto da anterior, constituiu-se de entrevistas semi-estruturadas com alunos que já eram empreendedores, para aprofundar a investigação. Até onde vale a percepção dos alunos empreendedores, o estudo indica claramente que práticas simuladoras de atividades empreendedoras tendem a incentivar o empreendedorismo nos alunos, enquanto as que se restringem à transmissão do conhecimento tendem a não incentivar. Mas indica também limites: embora o curso possa estimular atitudes e desejo de estudantes de se desenvolverem como empreendedores, a experiência pessoal empreendedora é única e insubstituível (REVISTA ANGRAD, 2006, v. 7, n. 2. p. 27).

Resposta Comentada

O texto é resultante de construção de conhecimento científico. O texto do resumo mostra que a pesquisa foi feita de modo organizado, com uma metodologia específica e uma sistemática adequada, de maneira objetiva.

CONCLUSÃO

Como você observou, a finalidade de nosso trabalho foi mostrar as várias classes de conhecimentos, sua aplicabilidade, suas características e seus procedimentos: popular ou vulgar, filosófico, religioso e científico.

Essa é a divisão tradicional de acordo com a teoria do conhecimento. Porém, é preciso considerar também que esses níveis não funcionam, ou não acontecem, de modo isolado, já que as diferentes perspectivas sobre a realidade se combinam e se contrapõem constantemente na construção de conhecimento.

Atividade Final

As diferentes perspectivas na construção de conhecimento



A narrativa a seguir apresenta diferentes perspectivas sobre a realidade, o que gera diferentes tipos de conhecimento.

Leia o texto com atenção e relacione cada tipo de conhecimento a um trecho correspondente.

O administrador de uma empresa, após o café da manhã, olha através da janela de sua casa o tempo e observa os pássaros em revoada em direção às árvores e se recorda do que um velho pescador comentou sobre o movimento dos pássaros e o tempo, prevendo chuva. Lê as manchetes do jornal de forma superficial. Em seguida, em uma revista especializada em tecnologia da informação lê um artigo sobre o desenvolvimento de um programa que irá ajudar na análise do desempenho da produção da fábrica em que trabalha. Mais adiante, lê em outra revista comum uma notícia sobre o desenvolvimento de remédios para combater a AIDS.

Antes de sair, lê algumas páginas de sua *Bíblia Sagrada*, sai de sua casa, caminha até a igreja de seu bairro, entra e faz suas orações.

Ao passar defronte a uma livraria, um livro exposto desperta sua atenção. Entra na livraria, folheia o tal livro e em seu sumário está indicado um subtítulo de seu interesse: Apologia de Sócrates.

Resposta Comentada

No trecho em que olha através da janela e olha os pássaros e se lembra do conhecimento passado pelo pescador, há o conhecimento vulgar. No trecho seguinte, sobre a revista especializada, com o artigo em relação ao desenvolvimento de um programa que irá ajudar na análise do desempenho da produção da fábrica em que trabalha, nota-se construção de conhecimento científico. Ao ler a Bíblia Sagrada, tem-se o conhecimento religioso ou teológico. Finalmente, quando folheia o livro, constata que o assunto se refere a conhecimento filosófico.

RESUMO

O conhecimento é o conjunto de operações mentais pelo qual a nossa inteligência captura representativamente um objeto qualquer, se apropria dele, utilizando recursos investigativos.

De acordo com a tradição, existem quatro grandes tipos de conhecimento: vulgar ou popular, filosófico, teológico ou religioso e científico.

O conhecimento vulgar é o conhecimento do povo, construído ao acaso, por ensaios e tentativas que resultam em erros e acertos, é ametódico e assistemático.

O conhecimento filosófico busca a compreensão da realidade no ambiente universal, considerando essa realidade em sua totalidade. Não há soluções determinantes para grande número de problemas ou questões apresentados. Porém, capacita o ser humano a fazer uso de suas faculdades mentais para observar melhor o sentido da vida.

O conhecimento teológico se fundamenta na fé, com base em dados de revelação divina. Suas verdades não são submetidas a experimentação ou comprovação.

O conhecimento científico vai além do vulgar, procurando conhecer além do fenômeno, suas causas e leis. Busca o estudo sistemático e objetivo dos fenômenos empíricos e o acervo de conhecimentos daí resultantes.

Ética e verdade: importância da atitude científica

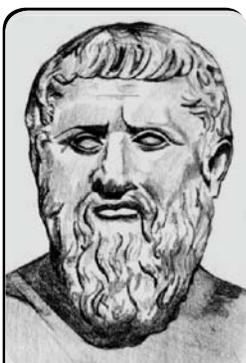
Meta da aula

Explicar os conceitos de ética e de responsabilidade do ser humano ao buscar o conhecimento e principalmente ao usar esse conhecimento para o seu bem-estar.

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- 1 conceituar ética;
- 2 identificar atitudes éticas ou não-éticas em situações do cotidiano e da vida acadêmica e profissional.

INTRODUÇÃO



PLATÃO

Nasceu em Atenas, em 428 ou 427 a.C. Ele é o primeiro filósofo antigo de quem possuímos as obras completas. Dos 35 diálogos, porém, que correm sob o seu nome, muitos são apócrifos, outros de autenticidade duvidosa.

A atividade literária de Platão abrange mais de cinquenta anos da sua vida. A parte mais importante da atividade literária de Platão é representada pelos Diálogos – em três grupos principais, segundo certa ordem cronológica, lógica e formal, que representa a evolução do pensamento platônico.

(Fonte: www.mundo-dosfilosofos.com.br/platao.htm)

Iniciamos esta aula com um comentário sobre como a ética se ocupa de uma série de problemas que são objetos de debates em todas as ciências sociais. Ela se ocupa dos padrões de comportamento das pessoas em grupos sociais e, portanto, está intimamente ligada à pesquisa social, e se preocupa, principalmente, com a ética individual.

Vários estudiosos e acadêmicos consideram como problemas éticos, no campo da ciência, entre outros: a falta de fidelidade às fontes, isto é, quando alguém copia um trecho de uma obra no trabalho acadêmico e não menciona a fonte consultada; omissão quanto aos nomes dos colaboradores, isto é, quando se apresenta uma tarefa que foi desenvolvida com uma equipe e não são citados os participantes dessa equipe; o uso da fraude e o preconceito em relação aos seres humanos e não-humanos utilizados em trabalhos de experiência social. Entretanto, isso não acontece somente na área acadêmica. No seu dia-a-dia, você já deve ter presenciado situações em que houve falta de ética: no comércio, no trabalho, na política etc.

Mas o que realmente significa ética?

O QUE É ÉTICA?

Ética, segundo Houaiss (2002), em uma das acepções possíveis, é o conjunto de regras e preceitos de ordem valorativa e moral de um indivíduo, de um grupo social ou de uma sociedade.

Ética é, portanto, a ciência dos costumes ou dos atos humanos, e seu objeto é a moralidade (no que diz respeito a direitos e deveres), entendendo-se por moralidade a caracterização desses mesmos atos como bons ou maus.

PLATÃO diz sobre ética (apud COMPARATO, 2006, p. 17):

Esta investigação diz respeito ao que há de mais importante: viver para o bem, ou viver para o mal. Sócrates, ao dialogar assim com Glauco sobre as razões do infortúnio dos tiranos, não poderia dizer melhor. Com efeito, o que pode existir de mais valioso na vida, quer dos indivíduos, quer dos povos, senão alcançar a plena felicidade? Pois é disto exatamente que se trata quando falamos em ética. Podemos errar no caminho na nossa vida, e nos embrenharmos perdidamente, como Dante, na selva da escuridão. Jamais nos enganaremos, porém, quanto à escolha do nosso destino: nunca se ouviu falar de alguém que tivesse a infelicidade por propósito ou programa de vida.

A história nos mostra a excelência do homem no mundo, justificado a partir de três perspectivas, complementares e não-excludentes: a religiosa, a filosófica e a científica (COMPARATO, 2006, p. 481).

O termo ética é usado normalmente em seu sentido próprio, isto é, como ciência dos costumes, que abrange os diferentes campos da atividade humana. Normalmente, é sinônimo de moral.

Porém, para melhor compreendermos o que é ética, devemos primeiro diferenciar moral e ética. A moral tem origem cultural, com base em tradições, costumes e valores consolidados pela sociedade e oficialmente aceitos ou não. Este termo tem origem em *mores*, do latim, que significa costume, conduta, comportamento, modo de agir (ÁVILA, 1982). A moral só pode surgir quando o homem supera a sua natureza intuitiva e possui uma natureza social.

Por outro lado, a ética tem sua raiz no termo grego *ethos*, que significa costume, comportamento, caráter. Atualmente, a noção de ética se refere a um olhar crítico sobre o *ethos*, uma reflexão que pergunta pelo fundamento e pela coerência dos valores. É no espaço da ética que se encontram os valores que devem sustentar as normas e as leis. Ética é uma série de idéias aplicáveis às ações humanas, que fazem dela atitudes compatíveis com a concepção geral do bem e da moral.

Podemos apresentar uma subdivisão do conceito de ética em três vertentes: a ética natural, a ética geral e a ética especial.

A ética natural prescinde de toda revelação divina (mas não do conhecimento natural da existência de Deus) e é o ponto de partida da atuação humana. Pode ramificar-se em três linhas exclusivas:

a) Abertura ao “eu”: Podemos observar que os seres humanos possuem duas tendências. A primeira é inata. Dessa forma, a criança naturalmente tem um comportamento egoísta, como uma postura natural da autopreservação concorrendo para o sucesso biológico. A segunda não é inata. É o sentimento de justiça, a lei interna da moral, como uso de utensílios, as relações de posse, a inteligência, as relações entre homem e mulher e pais e filhos.

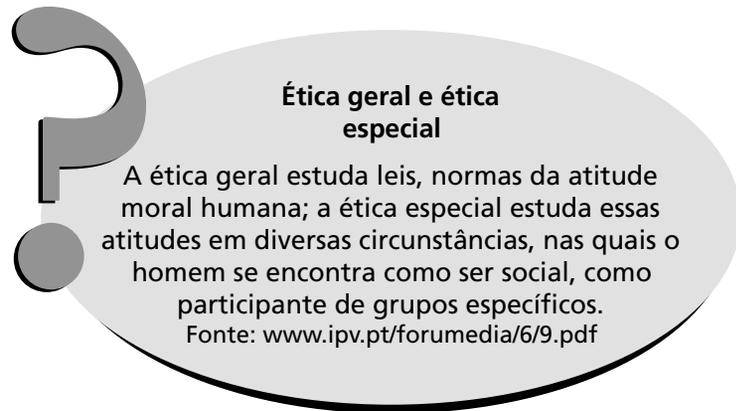
b) Abertura ao “tu”: Embora a ética seja uma só, dependendo da origem e do ambiente em que as normas se evidenciam, estas podem ser agrupadas para facilitar o estudo. A abertura ao tu significa que são feitos juízos de valor e escolhas entre as alternativas de ação em suas tendências sociais e culturais, entre os diferentes grupos sociais, como por

exemplo, a família. É a vida social, na forma de relações de intercâmbio, com valor econômico e jurídico (propriedade, troca e contrato).

c) Abertura ao “Ser Superior”: Nessa vertente de natureza religiosa, o homem se aproxima do original a partir do qual foi criado. Dessa forma, homem só tem sentido quando objetivado por uma consciência extracósmica, que só pode ser Deus, a própria inteligência criadora.

Esse é o verdadeiro critério que define a qualidade moral do homem e os valores básicos de uma ética natural.

Ainda podemos distinguir a ética geral da especial. A primeira se refere ao universal; a segunda, à aplicação das noções de ética a situações particulares, específicas.



A ética especial é aquela aplicada às diferentes fases e situações da vida.

Ferreira (2005) escreve que a ética especial (*jus singulare*), em determinados casos, diverge da ética geral. Por exemplo, existem pessoas que, em função de terem um “*status speciale*”, desfrutam de um sistema de normas distinto da coletividade. Nesse sentido, podemos pensar em situações específicas em que se aplica uma ética específica, relativa, distante, em relação a alguns aspectos, da ética geral. Seguindo esse raciocínio, podemos dizer ainda que há uma ética própria para grupos diferenciados. Então podemos ter uma ética para a política, para a medicina, para o comércio, para a religião etc.

A ética especial pode ter suas próprias justificativas quando se trata de acatar um comportamento que pode certamente parecer imoral

ou vulgar, mas que se apresenta como a necessária concordância do indivíduo-membro com a ética do grupo. A conduta ou comportamento pautada por esse conjunto de princípios é única, mas perde a sua justificativa em situações excepcionais ou em esferas especializadas de atividade (FERREIRA, 2005).

Todo pensamento ético gira em torno de dois fundamentos: o que é o bem e o que é o mal; que coisas são boas, que coisas são más. A meditação ética há de partir sempre de um conhecimento espontâneo, isto é, todo homem deve ter consciência de que há ações que devem ser praticadas e outras que não devem ser praticadas, isto é, aquelas que estão em harmonia com a felicidade do indivíduo e do grupo devem ser praticadas, e aquelas que se contrapõem a essa felicidade não devem ser praticadas. Assim, descobre-se um conceito fundamental, que só existe em ética e em direito: o dever-ser. Nas outras áreas, fala-se de coisas que são ou não são, mas não das coisas que devem ser. A filosofia moderna fez-se ressoar dessa noção.

Conceito de honestidade

O conceito de honestidade é, sem dúvida, um dos fundamentos constituintes da troca de organização em uma sociedade. Uma conduta honesta gera certeza, o que implica uma estabilidade que se exige para se viverem os mesmos valores em todos os ambientes e em todas as circunstâncias. No caso de relacionamentos e pesquisas com outras nações, os princípios de retidão vão levar a um estilo baseado em valores éticos e morais mais apurados.

A importância da honestidade para a edificação de uma coletividade mais madura nos leva a fazer algumas considerações sobre os inúmeros escândalos de opinião pública relacionados com a corrupção, os quais põem no centro das atenções a integridade das pessoas. Nesse caso, devemos falar de honestidade moral, que pode ser analisada do ponto de vista de quem quer aplicar este conceito no campo pessoal. Uma pessoa honesta é aquela cujo comportamento não causa nenhum tipo de dano ou prejuízo à sociedade.

MAIS CONSIDERAÇÕES SOBRE ÉTICA

O grande desafio do homem parece ser o conhecimento e a consciência, se é que podemos dizer assim, de uma macroética comum a todos os povos.

João Pissara Esteves e José Bragança de Miranda escreveram: Este mundo humano é demasiado individualista, e o valor da vida geral e o bem-estar de todos são secundários diante do prazer do consumo, da absorção direta de todas as conquistas científicas, seja o novo tênis, sejam os transgênicos. Tudo é válido se for economicamente viável. Dupas deseja o retorno de uma macroética, de uma ética da responsabilidade, nos moldes do pensador alemão Hans Jonas, em que é preciso pensar o presente ao mesmo tempo que se olha para o futuro para construir um universo saudável para todos. "Aja de modo que os efeitos de sua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida autenticamente humana sobre a Terra; de modo que sua ação não comprometa a possibilidade futura de tal vida", observa Jonas, fazendo eco no belo estudo de Dupas, um libelo denso e bem escrito sobre o que nos espera se não formos capazes de exercer a nossa crítica.



Você pode ter acesso ao texto completo de João Pissara Esteves e José Bragança de Miranda. *Ética e comunicação*. Disponível em: <http://cecl.com.pt/rcl/15/rcl15-01.html> . Acesso em: 17 mar. 2007.

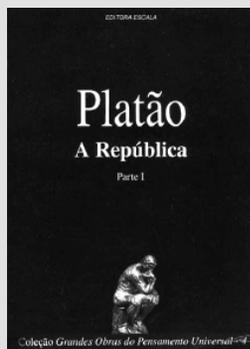
Muito se tem falado sobre ética, mas pouco se tem feito para se tornar mais éticas as pesquisas conduzidas em nome de empresas que afirmam que a detêm como um de seus principais valores (comerciais). Isso indica que é preciso revisitar o conceito de ética. O desenvolvimento sustentável se faz via progresso socioeconômico, político e social. Buscamos o sucesso, mas nos “esquecemos” das pessoas, de todas as idades, que são prejudicadas todos os dias. Muito embora haja uma diversidade de aspectos ligados a estes e outros problemas políticos, econômicos e sociais – locais, nacionais e internacionais –, as pesquisas devem levar em consideração estes aspectos.

As organizações, por meio das pesquisas de seus cientistas mais competentes, nos seus diversos níveis e áreas, devem buscar soluções para preservar as empresas nos mercados (pelas descobertas de novos produtos) e, por que não, também para a preservação do planeta e, conseqüentemente, das espécies animal, vegetal e mineral.

Assim, vamos iniciar nossas considerações sobre como a questão da ética é tratada em algumas fases da História.

Os primeiros homens que refletiam sobre a vida, como Sócrates e Platão, filósofos gregos do século V a.C., já se interessavam pela natureza humana. Desta maneira, surgiram os temas psicológicos e com eles pode-se refletir o que seria o princípio das questões éticas. Sócrates (470-395 a.C.) usava o método do interrogatório lógico, e seu discípulo Platão (427-347 a.C.) usava a elucidação racional do mundo (idéias) para argüir aspectos da natureza e posteriormente da natureza humana.

Na tradição clássica, a definição de Platão de justiça continua válida até hoje. No livro *A República*, (1998, p. 688) afirma que “é justo dar a cada um o que lhe é devido”. Em um dos diálogos do livro, Górgias, o fundador da Academia, insiste que “cometer uma injustiça é tanto pior que sofrer uma injustiça” (p. 399). Assim, podemos ver que a justiça é uma qualidade para a felicidade: “ou refutamos a consideração de que os homens são felizes pela posse da justiça e da moderação, e desventurados pela maldade, ou, se é verdadeira, devemos pensar quais são as conseqüências” (idem). No caso do relacionamento entre pessoas e organizações, a justiça deve ser preponderante.



Fonte: www.submarino.com.br.

Aristóteles (384-322 a.C.), filósofo grego, usava o exame atento de um fato como forma de esclarecer os fatos naturais e foi o primeiro a falar da teoria dos fenômenos da vida psíquica. Para ele, as idéias e a alma são independentes do tempo, do espaço e da matéria, pois são imortais. Aristóteles já se preocupava em argüir sobre como viver de forma coerente com seus valores básicos e os valores da instituição (idem).

No século XVI, Maquiavel se preocupava em saber quais eram as ações possíveis no mundo de hoje, como indispensáveis ao governo. “No desempenho de sua atividade não se prenda a nenhum preceito ético que possa contrariar o seu interesse, não se submeta a lei alguma, nem mesmo às que tiver editado” (MAQUIAVEL, 1983, p. 101-105).

Em 44 a.C., Cícero ofereceu estudos formais sobre ética e sociedade. Na Idade Média, a igreja escreveu tratados sobre questões morais e buscou, de forma questionável, uma adequação moral e religiosa, por meio da Inquisição. Com o passar dos anos, durante os processos de conquista dos reis na Europa e em várias outras regiões do planeta, muitas questões relativas a esse tema mereceram destaque e análises profundas.

O tribunal eclesiástico foi instituído pela Igreja Católica no começo do século XIII com o objetivo de investigar e julgar sumariamente pretensos hereges e feiticeiros, acusados de crimes contra a fé católica.

Ao passarmos para as questões de ética nos dias atuais, podemos falar de opinião pública e dos direitos do cidadão, das privatizações e aquisições, do papel do Estado na sociedade, dos escândalos financeiros, da mídia e suas contradições que, em nome de uma melhor divulgação de produtos e marcas, têm levado as pessoas à total degradação de seus valores, da globalização dos negócios e suas conseqüências, além das questões ambientais, altamente enfatizadas hoje em dia. No entanto, a ética em si ainda não está globalizada. As normas de comportamento ético variam entre as nações. Na América, por exemplo, temos uma ética individualista, legal e universalista (ANDRADE et al., 2006, p. 23).

Atividade 1

O caso da esplendor

Leia com atenção o texto a seguir.

Devido ao crescente interesse dos consumidores por alimentos dietéticos, a Esplendor vem considerando a possibilidade de ingressar nesse mercado. Embora os produtos da empresa sejam amplamente desejados, devido ao sabor e à consistência singulares, a quantidade de calorias é bem elevada.

Até hoje, os esforços de pesquisa da empresa para reduzir significativamente as calorias, preservando o sabor e a consistência, foram um total fracasso. Contudo, a empresa resolveu reduzir ligeiramente a quantidade de calorias, mantendo a maior parte do sabor, com a modificação da cor e a troca de alguns ingredientes.

A empresa decidiu, então, lançar com o aval de um pesquisador, uma linha de produtos light com apenas 10% a menos de calorias, mas com uma

coloração mais clara do que a de seus outros produtos. A empresa pretende vender essa linha como produto dietético - mais saudável -, apesar de não haver diferença em relação às demais linhas de produtos (alta caloria). A idéia é que esse ingresso no mercado de alimentos dietéticos poderá aumentar substancialmente seus lucros. Mas, antes de isso acontecer, é necessário haver a autorização do pesquisador chefe. A proposta é levada até ele.

Como resposta, o pesquisador da Esplendor autoriza o lançamento desse novo produto light no mercado de alimentos dietéticos.

Com base nos conceitos de ética apresentados na aula, responda se a postura da Esplendor e de seu pesquisador foi ética. Justifique retomando, pelo menos, um desses conceitos.

Resposta Comentada

A atitude da empresa e do pesquisador é desonesta. Demonstra desrespeito com os consumidores, já que o novo produto é uma fraude, o que configura uma falta de responsabilidade. Essa postura não é ética.

O campo do estudo da ética se ocupa dos costumes ou atos humanos. Seu objeto é a moralidade. Preocupa-se com direitos e deveres dos indivíduos, classificando os atos como bons ou maus.

Podemos perceber, então, que a moral tem um caráter particular, na medida em que o ethos - os costumes, as leis, as normas - variam de uma sociedade para outra, de uma época para outra. Já a ética guarda um caráter universal; seus valores têm como referência a dignidade humana, o bem comum.

Para que esses conceitos fossem entendidos de forma mais completa e absorvidos pelas pessoas, foram criados os **CÓDIGOS DE ÉTICA** e os princípios de conduta que são ordenamentos sobre o que significa estar em estabelecida instituição e contêm expectativas de comportamento ético. A cultura americana é influenciada pelas leis, possui o culto aos códigos de ética. Em 1996, aproximadamente 75% das 500 maiores empresas americanas tinham seus códigos de ética (RAMOS, 2002, p. 110).

CÓDIGOS DE ÉTICA

Instrumento que apresenta um conjunto de normas e diretrizes de conduta. Tem o objetivo de orientar o desempenho de empresas ou organizações em suas ações, na interação com seu público.

Nesse contexto, torna-se relevante enfatizar as abordagens éticas e sua relação com a pesquisa. Diante de cada fato, o ser humano deve escolher a conduta que gere o maior bem para todos os envolvidos, em vez de pensar apenas na relação “custo-benefício” que, às vezes, pode não ser tão boa assim, ou pode até ser ruim. Os pesquisadores devem pensar em como agir para fazer o maior bem e o menor mal simultaneamente.

O pesquisador deve considerar sua consciência (justa ou injusta) para prever as conseqüências dos seus atos. Ao mesmo tempo, ele deve considerar os meios (legais ou ilegais) de que vai dispor para tomar uma decisão e deve considerar os interesses da outra parte, que pode ser prejudicada ou favorecida, e a credibilidade que norteia todo o processo de pesquisa. Dessa forma, o indivíduo pode chegar à conclusão de que a postura ética pode ser medida, ou pelo menos analisada, em termos de bem e mal. Esses protocolos vão depender de princípios e valores que a pessoa, a organização ou a sociedade tenham.

Outra questão relevante para entendimento diz respeito à integridade e ao bem comum. Tanto as organizações como as demais instituições da sociedade têm um grande objetivo para contribuir com o bem comum. O bem comum é um conceito ético que se refere ao bem das pessoas e às suas relações com elas mesmas, ao conjunto de condições de vida social que facilitam o desenvolvimento como seres humanos e integram a sociedade. Bem comum é tudo aquilo que contribui para o desenvolvimento comum do ser humano (NYE, 2004, p. 111).

Em relação às instituições, a ausência de honestidade repercute na esfera das atividades específicas de cada uma, entrando em choque, inclusive, com as regras do jogo na sociedade. Quando uma instituição é liderada por pessoas íntegras, a vida em seu interior se desenrola com qualidade e honestidade, proporcionando um efeito exemplar sobre todos que estão envolvidos com a atividade. Nesse caso, pode-se dizer que a instituição que promove uma cultura de honestidade reforçará atitudes e condutas que irão se alastrar para as demais áreas da organização e da sociedade como um todo. Isso permite ainda que as pessoas desenvolvam habilidades para enfrentar as dificuldades com mais facilidade.

PESQUISA E ÉTICA

A ética é uma questão importante nas tomadas de decisão no desenvolvimento de uma pesquisa. Ela se faz indispensável como parte de um processo competitivo, no qual os indivíduos ou instituições ou órgãos estão competindo por recursos escassos. Algumas vezes, para conseguir os recursos, eles estão dispostos a passar de um comportamento honesto para um tipo de comportamento que se pode considerar desonesto, dependendo do ponto de vista de quem observa.

Há muita discussão quanto até que ponto se está agindo de maneira ética ou não em uma tomada de decisão para começar uma pesquisa.

Evidentemente, isso depende muito dos valores das pessoas envolvidas na tomada de decisão da pesquisa e do ambiente no qual elas estão inseridas.

Hoje em dia pipocam pesquisas que comprovam tudo e qualquer coisa. Quantas vezes você já leu que café faz mal à saúde? E que café faz bem? Pois é, estamos sujeitos a, mais tarde, descobrir que nada do que lemos era verdade, seja por conta de diferenças nas conclusões de cada pesquisador, seja por descarada fraude, como aconteceu mais recentemente com o estudo coreano que clamou ter cumprido uma das promessas da clonagem terapêutica: a de fabricar células capazes de se transformar em tecidos e órgãos compatíveis para pessoas que sofrem de doenças hoje incuráveis, como o mal de Alzheimer e o diabetes.

Detalhe importante: nenhuma dessas pesquisas foi necessariamente produzida em universidades de segundo escalão, nem divulgadas por publicações pouco conceituadas no meio acadêmico; pelo contrário. A pesquisa da clonagem, por exemplo, foi financiada pela Universidade Nacional de Seul e publicada em maio do ano passado pela *Science*, uma das mais renomadas publicações científicas do mundo. Em outubro, foi a vez de a respeitada publicação britânica *The Lancet* divulgar a pesquisa do médico norueguês Jon Sudbo sobre efeitos positivos de remédios como aspirina no tratamento de câncer bucal, financiada por várias instituições com o aval do Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos. Depois descobriram que também era fraude.

A comunidade científica em geral condena os pesquisadores responsáveis (quer dizer, irresponsáveis) pelas pesquisas. No caso da clonagem, por exemplo, o cientista coreano Woo-Suk Hwang (que, é claro, foi completamente antiético ao forjar dados) provavelmente será indiciado criminalmente por uso indevido de verbas públicas, já que se calcula que embolsou cerca de US\$ 6 milhões de financiamento público e privado. Curioso, porém, é que pouca gente questionou a responsabilidade da universidade que financiou o projeto, nem desabonou a credibilidade da revista *Science*. O fato de ter se retratado publicamente foi suficiente, já que ela tem características essenciais que a tornam conceituada entre os cientistas: tradição no mercado, um corpo editorial de renome e ampla capacidade de circulação.

"Qualquer boa publicação é passível de erro, o importante é ela ter capacidade de assumir o erro e a partir daí adotar princípios mais exigentes", alegou o diretor da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), Carlos Vogt. "E a universidade não pode ser punida pela falta de ética de um pesquisador", acrescentou.

Fonte: UniversiaBrasil, Bárbara Semerene, 14 fev. 2006.

Disponível em: http://www.adur-rj.org.br/5com/pop-up/olho_nas_pesquisas.htm. Acesso em: 10 fev. 2007.

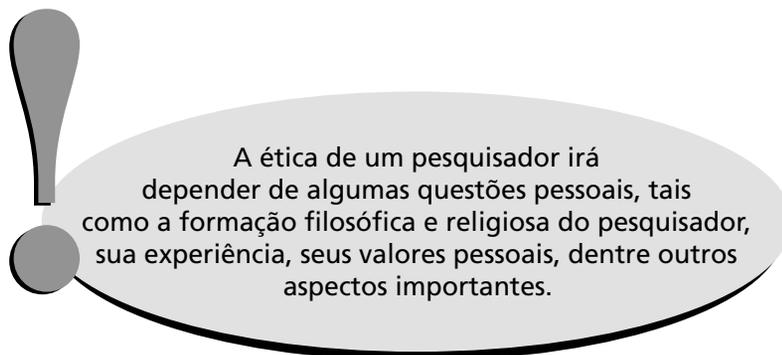


Ética em pesquisa científica.

No que diz respeito a um comportamento que seja ético e que esteja de acordo com as leis, há certas justaposições e, às vezes, também certos conflitos que se podem considerar, em relação aos quais há quatro possibilidades básicas:

- a. comportamentos que não sejam nem éticos nem legais;
- b. comportamentos que sejam éticos, porém não legais;
- c. comportamentos considerados legais que, porém, não sejam éticos;
- d. comportamentos que sejam legais e éticos segundo os padrões daquele grupo.

Em termos éticos, não há, normalmente, nenhum padrão formal nem qualquer declaração escrita que sirva como modelo para os pesquisadores, ao contrário daquilo que acontece em relação ao aspecto legal.



A professora Eliane Azevedo, em palestra, respondeu à seguinte pergunta:

Quais as implicações na Ciência dessa corrida ao lucro?

A sua resposta foi:

Isso faz com que surjam pesquisas malfeitas, que realmente não seguem os ditames da condução honesta da Ciência. Hoje, no Brasil, a questão mais importante é a do plágio eletrônico. Não somente no Brasil, mas também em outros países, os alunos não se dedicam a estudar, para pensar, para refletir ou para redigir. Copiam textos da internet, o que é de um malefício imensurável para o aluno. Ele não se prepara para o sucesso profissional, porque a hora de aprender a pensar, a redigir, a falar é agora, na universidade. Cria-se um cenário de faz-de-conta: o aluno faz-de-conta que fez o trabalho e o professor faz de conta que acredita que foi o aluno mesmo quem o elaborou. Todas as universidades no mundo estão preocupadas com isso e estão apelando por formas de educar para a integridade científica, para a honestidade. Propostas de educação na hora de formar um pesquisador, tanto formar ensinando métodos e técnicas da investigação científica, como também regras de integridade moral, de respeitabilidade, de honestidade na observação dos dados, na anotação, na análise, nas conclusões etc.



Você pode ter acesso completo da entrevista da professora Eliane no *site*: http://www.uesb.br/ascom/ver_noticia_.asp?id=1656. Acesso em: 10 fev. 2007.

Embora os conceitos sobre ética do pesquisador e responsabilidade social sejam com frequência usados um pelo outro, cada expressão tem um significado próprio. A dimensão ética da responsabilidade social inclui os comportamentos e as atividades que os membros das organizações, a comunidade e a sociedade delas esperam, embora talvez não estejam positivadas em leis. As instituições precisam reagir de maneira ética às necessidades dos membros da sociedade. É importante que elas funcionem de modo compatível com os padrões sociais e as normas éticas. Para que a ética seja parte da responsabilidade social, a estratégia das instituições deve refletir a compreensão dos valores de seus membros.

Atividade Final

Ética na universidade

A seguir, são apresentadas a você quatro situações que têm ligação com a realidade do estudante universitário. Marque com um X as atitudes que podemos considerar não-éticas, levando em conta a preocupação com a qualidade da formação acadêmica.

- a. () Sônia está no último ano da faculdade. Como tem sempre muitas tarefas a cumprir e sofre muitas pressões no trabalho, está com dificuldades de desenvolver sua monografia. Por isso, ela procura uma pessoa que vende monografias prontas.
- b. () Carlos entregou uma pesquisa feita para determinada disciplina. Ele copiou boa parte do conteúdo de textos da internet. Além de não mencionar as fontes, apropriou-se dos textos como se fossem seus. Ao final do trabalho, ele listou nas Referências obras clássicas sobre o tema.
- c. () Joana fez uma pesquisa na internet sobre um tema proposto por seu professor. Mas, antes de fazer uso das informações, levou o material colhido a ele para que analisasse se os *sites* eram confiáveis e se o material poderia ser usado como base teórica para o trabalho.

Resposta Comentada

No meio acadêmico, como em outras áreas, há regras ou normas de conduta ética. A preocupação maior do estudante deve ser com a qualidade de sua formação acadêmica e profissional. Por isso, atitudes que visem a tirar vantagens por meio de fraude são, na verdade, prejuízos à sua própria formação.

Assim, em relação às situações (a) e (b), podemos verificar atitudes que fogem à ética, porque revelam desonestidade intelectual. A atitude descrita na situação (c) demonstra preocupação da estudante com o processo de pesquisa, como também com a credibilidade das informações usadas em seu trabalho, por isso ela agiu com ética.

RESUMO

A ética é a ciência dos costumes, e seu objeto é a moralidade. Ela pode ser dividida em três vertentes: ética natural, ética geral e ética especial.

Alguns problemas éticos no campo da ciência são a falta de fidelidade às fontes consultadas, a omissão quanto aos nomes de colaboradores da equipe, o uso da fraude em pesquisas e trabalhos acadêmicos etc.

Tipos de pesquisa: características e alguns exemplos relacionados à administração

AULA

4

Meta da aula

Apresentar tipos de pesquisas que podem ser utilizados na Administração.

objetivo

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:



identificar vários tipos e metodologias de pesquisas que podem ser usadas em Administração.

INTRODUÇÃO

Você, certamente, já fez e faz várias pesquisas na sua vida: pesquisas para a escola, pesquisas de preços de mercado, pesquisas na busca por uma casa ou um apartamento etc.

Pesquisa, em termos básicos, é uma busca por informações com a finalidade de se chegar a um resultado.



Fonte: www.sxc.hu/photo/685141

Figura 4.1: Quando pesquisamos, buscamos informações para obtermos uma resposta.

Há tipos diferenciados de acordo com a área e a aplicação. Nesta aula, você perceberá que o foco está voltado para sua área: Administração.

No campo da ação científica, a pesquisa se refere ao procedimento investigativo de fatos com o objetivo de compreendê-los e explicá-los.

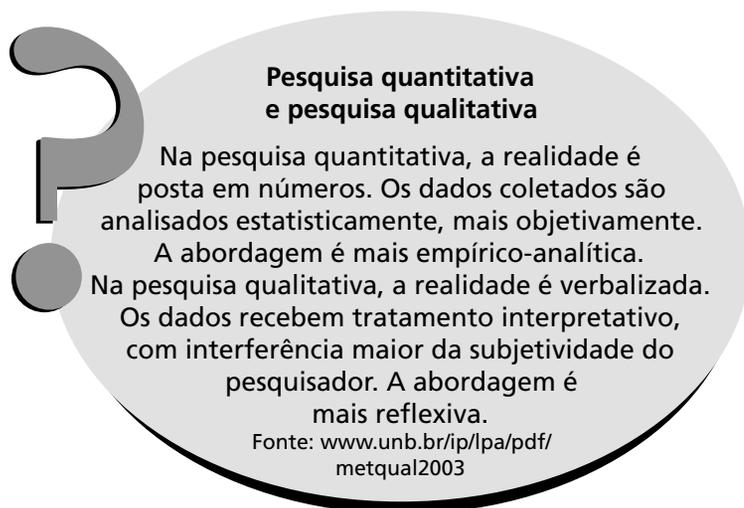
PESQUISA

A pesquisa científica supõe uma conjunção de teoria e averiguação de fatos particulares.

Existem os tipos de pesquisa referentes aos processos exploratórios, explicativos e descritivos. A pesquisa exploratória é caracterizada pela existência de poucos dados disponíveis, em que se procura aprofundar e apurar idéias e a construção de hipóteses. A pesquisa explicativa estuda fatores que determinam a ocorrência de determinados fenômenos. Já na pesquisa descritiva se busca essencialmente a enumeração e a ordenação de dados, sem o objetivo de comprovar ou refutar hipóteses exploratórias, abrindo espaço para uma nova pesquisa explicativa, fundamentada na experimentação.

Veja um exemplo de pesquisa explicativa. Uma pesquisa de uma determinada empresa, com a finalidade de buscar a explicação do grau de satisfação dos clientes, revelou (explicou) que os clientes estão mais insatisfeitos com os produtos e serviços que recebem do que seus fornecedores imaginam.

Em relação ao processo de pesquisa, de modo geral, ainda pode se fazer a distinção entre pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa, segundo se realize ou não em função da quantificação.



Exemplo de pesquisa quantitativa: Uma pesquisa concluída mostrou quantos e quais classes de clientes estão satisfeitos com o produto oferecido em sua qualidade, no seu pós-venda e na responsabilidade social da empresa junto ao meio ambiente.

Exemplo de pesquisa qualitativa: Imagine que uma empresa está fazendo um lançamento no mercado. Para isso, pensa-se num novo conceito para o novo produto. Numa primeira hipótese, considera-se o conceito de facilidade: é um produto fácil de usar. Em seguida, são trabalhadas as estratégias de comunicação desse produto, levando-se em conta os interesses e o perfil do público-alvo.

Também podemos fazer referência a uma classificação da pesquisa em função do grau da aplicação mais ou menos imediata de seus resultados. Nesses termos, classificamos a pesquisa em pura ou aplicada.

Assim, a pesquisa pura pode ser definida como pesquisa cujos resultados se situam em um futuro remoto, que não tem aplicação no momento, e a pesquisa aplicada é aquela de que se esperam rápidos resultados (SIMON, 1969, p. 6).

Exemplo de pesquisa pura:

Em pesquisa recente foi descoberto um novo material resistente ao fogo, à água, ao tempo, ainda não aplicável. Há outro exemplo de pesquisa não tão recente, como o uso do hidrogênio como combustível comercial para automóveis, que ainda está em regime de testes.

Exemplo de pesquisa aplicada:

Estão sendo desenvolvidas pesquisas com o óleo de cozinha buscando sua transformação em biodiesel ou sabão doméstico.

Apresentamos alguns tipos de pesquisas convencionais e não-convencionais para os fenômenos da Administração. Não se busca privilegiar uma delas, mas oferecer considerações que possam contribuir para discussões sobre alternativas de investigação científica àqueles interessados.

EMPIRISMO

Doutrina segundo a qual todo conhecimento provém unicamente da experiência, limitando-se ao que pode ser captado do mundo externo, pelos sentidos, ou do mundo subjetivo, pela introspecção, sendo geralmente descartadas as verdades reveladas e transcendentais do misticismo, ou apriorísticas e inatas do racionalismo (HOUAISS, 2002).

PESQUISA CONVENCIONAL

Pode-se dizer que a pesquisa convencional tem origem no

EMPIRISMO.

Veja um exemplo relativo ao plano empírico no senso comum.

Ao caminhar sem rumo em um dia de fortes chuvas pelas ruas de uma cidade, um indivíduo observa que, por conta do alagamento, a calçada à sua frente afunda. Embora ele fique bastante assustado, não sofre nenhum dano. Nos momentos seguintes, o mesmo indivíduo escuta de outras pessoas passantes que isso que aconteceu foi um aviso da natureza pela agressão ao meio ambiente, ou um castigo de Deus por causa do comportamento dos seres humanos.

No contexto científico, de acordo com a pesquisa empírica, o pesquisador necessita, em primeiro lugar, anotar os fatos observados. E, em seguida, usando com critério os informes colhidos por meio dos sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar) e a partir de particularidades ou detalhes, terá como comparar os resultados da observação de alguns casos com o conjunto dos casos possíveis, para assim formular conclusões.

As etapas principais desse método científico são:

- a) observação;
- b) generalização (por **INDUÇÃO**) – formulação de leis;
- c) confirmação das leis.

INDUÇÃO

É o raciocínio que parte de dados particulares (fatos e experiências) e, por meio de uma seqüência de operações cognitivas, chega a leis ou conceitos mais gerais, indo dos efeitos à causa, das conseqüências ao princípio, da experiência à teoria (HOUAISS, 2002).

Dessa forma, o pesquisador inicia suas investigações observando o que acontece, registrando as observações feitas e repetindo as observações, a fim de evitar possíveis erros e distorções. A seguir, de posse das informações registradas, detalhadamente ordenadas, sistematizadas e classificadas, passa, com cuidado, a correlacionar os resultados da observação de alguns casos ao conjunto dos casos possíveis, gradualmente mais amplos, adotando, para isso, um procedimento indutivo, que o conduz do particular para o geral.

Atinge, assim, os resultados da observação de determinados casos relacionando ao conjunto de casos possíveis que se oferece para elucidar situações. A aprovação das leis alcançadas depende apenas de permanente verificação, em fatos concretos e em harmonia entre o que a proposição de caráter geral afirma e o que efetivamente acontece (HEGENBERG, 1976, apud MARTINS, 2007).

A pesquisa empírica tradicional se realiza desprezando antecipações mentais e todos os elementos preconceituosos; hipóteses não são aceitas porque são precipitadas. Também não são acolhidas idéias puramente subjetivas ou relativas ao campo religioso ou espiritual para esclarecimento da realidade. A objetividade do conhecimento é o ponto central do enfoque empiricista.

Atividade 1

Pesquisa no cotidiano

Um consumidor vai ao supermercado e observa os preços enquanto escolhe os produtos que serão utilizados. Em suas observações, vê produtos de qualidade e outros de pouca qualidade, experimenta produtos oferecidos para degustação, gosta de alguns e não gosta de outros, observa que o ambiente do supermercado está limpo e com a temperatura agradável.



Foto: Fernando Tangi

Fonte: www.sxc.hu/photo/236094

Em sua opinião, o consumidor está fazendo algum tipo de pesquisa? Se estiver, qual é o tipo? Por quê?

Resposta Comentada

O consumidor está realizando um tipo de pesquisa, mesmo que não tenha consciência dessa atividade. Como está utilizando a sua experiência e não está tendo comprometimento com os resultados, ele está realizando uma pesquisa de tipo empírica. Você deve ter notado que analisa os dados sem um método específico, a partir de sensações físicas ou psicológicas.

PESQUISAS NÃO-CONVENCIONAIS

Nos últimos trinta anos, surgiram novas modalidades de pesquisa em Administração, como forma de procurar outras opções diante de uma realidade cada vez mais complexa, mutável e dinâmica. Apareceram devido ao desgaste em relação às metodologias tradicionais.

Em oposição às orientações usuais da metodologia científica, que estabelecem a prioridade do método sobre a realidade, as metodologias não-convencionais têm como ponto de partida a realidade social, de apreensão (muitas vezes difícil) pelo intelecto, que geralmente apresentam diversos aspectos, na sua totalidade quantitativa e qualitativa, considerando o caminho histórico da humanidade (DEMO, 1989, apud MARTINS, 1994).

As metodologias não-convencionais conservam caráter **DIALÉTICO**, no sentido, por exemplo, de que uma idéia pode partir de uma determinada realidade organizacional de uma empresa, solicitando um método característico de análise para aquela situação, e se estender a outras realidades. Assim, um caso pode ser comparado a outros casos e uma análise pode ser confrontada com outras estratégias de análise.

A faculdade de entender na pesquisa o papel fundamental dos objetos investigados é a particularidade fundamental das metodologias não-convencionais. Destacam o objeto em um conjunto de pontos de vista diferenciados, que se baseiam em experiências sensoriais, representações, pensamentos e lembranças, problematizando seu papel e as conseqüências deste no ato de conhecer.

DIALÉTICO

Em sentido bastante genérico, dialético significa oposição, conflito originado pela contradição entre princípios teóricos ou fenômenos empíricos (HOUAISS, 2002).

A maneira de interpretar as metodologias não-convencionais se utiliza, com maior assiduidade, de análises qualitativas.

Com o objetivo de motivar pesquisadores da área de Administração, oferecemos um resumo de métodos e técnicas de abordagens não-convencionais. Isso tem como finalidade provocar o debate sobre oportunidade de suas práticas.

MÉTODO CRÍTICO-DIALÉTICO

O método crítico-dialético tem como fundamentação teórica a visão ativa do fato ou fenômeno. O mesmo objeto pode ser compreendido a partir de pontos de vista diferentes, de forma contraditória.

Esse método pode ser utilizado em experiências práticas, processos históricos, debates filosóficos ou análises que acompanham um fato ou uma situação. As sugestões são críticas e esperam revelar mais que o “conflito de determinar o significado preciso”, o conflito dos interesses. Revelam interesses modificadores. Procuram inter-relação do todo com os elementos e vice-versa, da tese com a antítese, dos elementos da estrutura econômica com os da superestrutura social, política, jurídica e intelectual.

A legitimidade da comprovação científica se baseia na lógica interna da ação e nos métodos que tornam claras a dinâmica e as contradições internas dos fenômenos. Especificam os pensamentos compreendidos num só ato intelectual entre homem-natureza, entre reflexão-ação e entre teoria-prática (MARTINS, 1994).

Exemplo de caso em que pode ser aplicado o método de análise crítico-dialético: Uma empresa aumenta as suas vendas e, por incrível que pareça, entra em processo de falência. Pense que, nesse caso, o estudante deve considerar os aspectos contraditórios da questão. Depois de analisar essa situação, o estudante conclui que não foi observada a lei dos rendimentos decrescentes.

Segundo Frigotto (1989, apud MARTINS, 1994), não há um conjunto de processos para o progresso do método dialético. O procedimento dialético implica rejeição a respostas fechadas e soluções prontas, mas requer discussão em busca do “aprimoramento” da idéia por um processo de trabalho de aproximações sucessivas em busca da verdade relativa.

O mesmo autor, num dos textos do livro *Metodologia da pesquisa educacional* (1989) (apud MARTINS, 1994), aponta, no que diz respeito à prática, a habilidade de sucesso em relação ao desenvolvimento do trabalhador no procedimento produtivo, em busca do produto ideal. Essa habilidade envolve cinco momentos básicos:

a) Segundo Martins (1994), ao começar uma investigação, raramente existe um problema, mas uma problemática. O retalho que se vai fazer para pesquisar está contido em uma totalidade maior. Essa problemática sempre começa de condições preexistentes, de uma prática anterior. Nesse momento, traçam-se as questões básicas: a problematização, os objetivos, em suma, a direção da pesquisa. Nesse campo, já se situa a contraposição, a ruptura da compreensão do pesquisador em referência ao que está colocado.

b) Na tarefa de pesquisa, deve-se resgatar inicialmente a produção teórica ou o conhecimento já existente sobre a problemática em tela. A partir desse momento, podemos identificar as diferenças de análise, as conclusões derivadas do conhecimento anterior e a indicação de cada uma das proposições que compõem um **SILOGISMO** e em que se baseia a conclusão do avanço do novo conhecimento. Isto é, esse conhecimento necessita ser reexaminado tanto no sentido de rompimento, quando se trata de falsas preocupações, conhecimentos pseudoconcretos ou aceitação da evidência ideológica de um grupo ou classe dominante; quanto no sentido de suplantar, por inclusão, quando se trata de compreensão, categorias, teorias que, embora estejam dentro de aspecto crítico, histórico e transformador, mostram-se insuficientes pela própria dinâmica da realidade histórica.

c) Com o material reunido, o pesquisador necessitará de debater as definições, as classes que admitem aperfeiçoar a organização dos tópicos e das questões preferenciais, assim como encaminhar a explicação e o exame do material, definindo que categorias possam interessar.

d) O exame dos dados manifesta o empenho do pesquisador de instituir as ligações, mediações e contradições dos acontecimentos que constituem a problemática pesquisada. É no exame que se estabelecem as relações entre a parte e a totalidade. É nesse momento que se procura ir além da percepção incontinenti, das primeiras impressões, do exame mecânico e empiricista, passando dessa forma do plano pseudoconcreto ao concreto, que manifesta o conhecimento capturado da realidade.

SILOGISMO

É um raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas proposições, ditas premissas, das quais, por inferência, se obtém necessariamente uma terceira, chamada conclusão (por exemplo: “todos os homens são mortais; os gregos são homens; logo, os gregos são mortais” (HOUAISS, 2002).

e) Enfim, busca-se o resumo da pesquisa. O resumo resulta de uma construção. É a apresentação que remete ao desenvolvimento natural, lógico, sucinto das várias decisões que esclarecem a problemática pesquisada. Aqui, não só aflora o progresso sobre o conhecimento passado, mas também questões em curso e a própria redefinição das classes, concepções etc. No resumo, debatem-se as conseqüências para a ação final (MARTINS, 1994).

Por meio do método crítico-dialético, a busca dos dados poderá acontecer de maneiras diferenciadas. Vejamos alguns tipos de pesquisa relacionados a isso.

Pesquisa estudo de caso

Em um estudo de caso, o pesquisador dedica-se ao estudo intenso de situações do passado, que possam ser associadas a situações presentes, em relação a uma ou algumas unidades sociais: indivíduo(s), grupo(s), instituição(ões), comunidade(s) (MARTINS, 1994).

O estudo de caso “não é um processo específico. É um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado” (GOODE; HATT, 1969, p. 422). De outra maneira, Tull (1976, p. 323) assegura que um estudo de caso refere-se a uma análise intensiva de uma situação particular. Bonoma (1985, p. 203) afirma que o estudo de caso é uma descrição de uma situação gerencial.

Yin (1989, p. 23) (apud MARTINS, 1994) assevera que o estudo de caso é uma averiguação baseada na experiência, que pesquisa um fenômeno recente dentro de um argumento da vida real, quando o limite entre o fenômeno e o contexto não é nitidamente presente.

O método, algumas vezes, é dado como sendo mais apropriado para investigações exploratórias e é notadamente útil para a criação de hipóteses (TULL, 1976) (YIN, 1989) e isto pode dificultar a compreensão do que é o método de estudo de casos, como ele é projetado e conduzido.

Nesse tipo de estudo, estão contidos os instrumentos e as regras gerais que devem ser adotados na pesquisa, para aumentar a confiabilidade da investigação. Segundo Yin (1989), esse tipo de análise deve considerar:

a) um espectro geral do plano do estudo de caso – objetivos, as questões do estudo de caso e as leituras importantes sobre os pontos a serem pesquisados;

b) os comportamentos de campo;

c) as perguntas a serem esclarecidas, os locais, as fontes de informação, os formulários para o registro dos dados e as potenciais fontes de informação para cada questão;

d) um condutor para o relatório do estudo do caso. Isso deverá facilitar a coleta de dados, de acordo com configurações apropriadas, e reduzirá a necessidade de se retornar ao local onde o estudo foi realizado.

Ao confrontar o método do estudo de caso com outros métodos, Yin (1989) (apud MARTINS, 1994) assevera que, para se determinar o método a ser utilizado, é necessário examinar as questões que são colocadas pela pesquisa. De forma característica, esse método é próprio para responder às questões “como?” e “por quê?” que são questões explicativas e relativas a operações que ocorrem ao longo do tempo mais do que freqüências ou incidências.

De acordo com Yin (1989 apud MARTINS, 1994), a preferência pelo uso do estudo de caso deve ser dada em acontecimentos atuais, em situações em que os comportamentos importantes não podem ser manejados, mas é possível serem feitas observações diretas e entrevistas sistemáticas. O estudo de caso se distingue de outras formas de análise pela aptidão de lidar com uma completa variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações (YIN, 1989, p. 19 apud MARTINS, 1994).

Esse procedimento é útil, segundo Bonoma (1985, p. 207), quando um fenômeno é extenso e complicado, quando o corpo de conhecimentos que existe é escasso para permitir a proposição de questões causais e quando um fato não pode ser estudado independente do encadeamento no qual ele naturalmente ocorre.

Os objetivos do procedimento de estudo de caso são:

- 1) recuperar o projeto identificado e a demarcação da situação de um dado participante;
- 2) permitir um estudo pormenorizado do procedimento organizacional;
- 3) explicar aqueles elementos detalhados que concorrem para um resultado característico ao fato, que podem conduzir a uma

maior compreensão do que produz efeito. Bonoma (1985, p. 206), ao discutir sobre a finalidade de coletar informações, aloca como finalidade do procedimento do estudo de caso não a quantificação ou a enumeração, mas, em vez disto:

- a) exposição fiel;
- b) distribuição por classes (progresso de tipologia);
- c) desenvolvimento teórico;
- d) teste limitado da teoria.

De forma resumida, Yin (1989) apresenta quatro funções para o estudo de caso:

1. para explicitar as conexões ocasionais nas ingerências na vida real que são muito complexas para serem mencionadas pelas pesquisas ou pelos **ESTRATAGEMAS** experimentais;
2. para fazer um relato circunstanciado do encadeamento da vida real no qual ocorreu a ingerência;
3. para avaliar, ainda que de forma descritiva, a ingerência realizada;
4. para explorar aquelas situações em que as ingerências analisadas não contenham soluções claras e exclusivas.

ESTRATAGEMAS

Plano, esquema etc. previamente estudado e posto em prática para atingir determinado objetivo (HOUAISS, 2002).

A preparação para a condução do estudo de caso

Ao se decidir pela execução de um estudo de caso, deve-se considerar que a preparação demanda atenção para as habilidades do pesquisador, o seu preparo técnico, a elaboração de um protocolo e a direção de um estudo piloto (YIN, 1989, p. 24).

Capacidade do investigador

Segundo Colwell (1990), o pesquisador, para dirigir com triunfo um estudo de caso, deve ter capacidades que o habilitem para tal. Yin (1989, p. 25) apresenta um resumo sobre as capacidades que um pesquisador deve ter para obter sucesso na direção de um estudo qualitativo. Destas capacidades, as mais comumente encontradas são:

- aptidão para perguntar e entender os resultados;
- aptidão para escutar e não se deixar levar pela própria presunção ideológica e compreensão;
- aptidão para se adequar e ser complacente para que veja outras situações descobertas como circunstância favorável e não ameaça;

- domínio das questões em exame;
- capacidade de se manter resguardado das vias decorridas de elementos sem base real, incluindo as decorridas das próprias teorias.

Esse método, assim como os métodos qualitativos, são úteis quando o fenômeno a ser estudado é extenso e complicado; quando o corpo de conhecimentos existente é escasso para tolerar a suposição de questões causais; e nos casos em que o acontecimento não pode ser estudado fora do contexto em que naturalmente ocorre (BONOMA, 1985).

Atividade 2

Quando se aplica um estudo de caso?

Considere a seguinte situação. Você precisa escolher um tema para uma pesquisa acadêmica. Depois de ler muita coisa, conversar com amigos e professores, digamos que você se interesse por planejamento financeiro.

Você descobre que a literatura sobre esse tema é bastante ampla. Depois de ler um pouco a respeito, você fica sabendo que existem alguns problemas financeiros que merecem uma atenção especial, tais como: capital de giro, financiamento de longo prazo, entre outros, que geram obstáculos para o desenvolvimento de uma empresa no mercado. A formulação de planejamento estratégico para longo prazo em um contexto de instabilidade econômica e a grande competitividade internacional é de uma complexidade tão grande que pode gerar, inclusive, a paralisação da empresa.

Você usaria a pesquisa tipo estudo de caso para resolver este problema? Explique sua resposta com base nas características desse tipo de pesquisa.

Resposta Comentada

Este é um caso típico em que se pode usar o tipo de estudo de caso para encontrar uma solução para o problema. O método do estudo de caso não é um processo específico. É um meio de organizar dados sociais, econômicos e administrativos, preservando o caráter unitário do objeto social estudado. De outra maneira, um estudo de caso refere-se a uma análise intensiva de uma situação particular, é uma descrição de uma situação gerencial, fundamentada na experiência, quando se pesquisa um fenômeno recente dentro de uma solução na vida real. Nesse caso, o limite entre o fenômeno e o contexto não é nitidamente presente e várias fontes de evidência podem ser usadas. Considerando isso, poderíamos levar em conta a possibilidade de estudar o tema a partir da análise de uma situação específica relacionada a uma determinada empresa.

Pesquisa-ação

Outro tipo de pesquisa não-convencional é a pesquisa-ação (PA). Trata-se de um tipo de pesquisa social baseado na experiência, que é planejada e desenvolvida, sendo associada a uma ação ou à solução de um problema coletivo, no qual os investigadores e os participantes circunstanciais estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (VERGARA, 2006, p. 203).



Foto: Bartłomiej Stroinski

Fonte: www.sxc.hu/photo/259330

Figura 4.2: Na pesquisa-ação, os pesquisadores analisam e interferem ativamente na realidade coletiva.

Veja um exemplo.

Considere a seguinte situação-problema. Em um determinado país, há a necessidade de maior desenvolvimento no campo da educação. Nesse país, as instituições de ensino não têm estrutura e capacidade de atender ao grande número de alunos pelos meios normais, ou seja, pelo sistema tradicional de ensino presencial.

Um grupo decide desenvolver uma pesquisa-ação. A pesquisa se dará por meio do desenvolvimento de projeto de ensino a distância. Algumas metas são:

- a) utilizar as instituições já existentes que podem se reinventar e adaptar-se a mudanças;
- b) explorar as instituições públicas que podem colaborar e se apoiarem mutuamente para o atendimento de um universo maior de pessoas necessitadas e dispostas a se desenvolverem;
- c) buscar colaborações e parcerias para o projeto.

A pesquisa-ação pressupõe a inserção num determinado ambiente que se quer investigar. Ela seria de alguma forma uma investigação participante. Isso significa que toda pesquisa-ação tem um cunho participativo, mas a pesquisa participante não é necessariamente uma pesquisa-ação. Daí nos deparamos com uma convergência entre a pesquisa-ação e a pesquisa participante, pois as duas apresentam particularidades em comum.

Pesquisa-ação x pesquisa participante



A pesquisa participante se estabelece nas conexões comunicativas com as pessoas ou grupos do caso pesquisado. Os investigadores procuram participar da situação pesquisada, identificando-se com valores e comportamentos, na procura de aprovação. Na pesquisa-ação, por outro lado, há como o próprio nome indica, uma ação por parte dos investigadores, ação esta, problemática, que faz jus à pesquisa a ser construída e dirigida. Assim, os investigadores são ativos na condução da solução dos problemas encontrados, no acompanhamento e estimativa das ações, organizando assim sua ação. É, por isso que, na pesquisa-ação, devem-se determinar com precisão a ação, seus agentes, seus objetivos e obstáculos.

A pesquisa-ação é uma forma de experimentação em situação real, na qual os investigadores interferem com consciência. Os partícipes desempenham um papel ativo. As variáveis, de seu lado, não são isoláveis, posto que todas elas interferem no que está sendo observado.

A seguir, você poderá ver outro exemplo de pesquisa-ação.

Aumento da competitividade de uma indústria de cerâmica vermelha

Macke (2002) utilizou o método de pesquisa-ação em um trabalho realizado em uma indústria de cerâmica vermelha da região metropolitana de Porto Alegre. A pesquisa teve como objetivo construir um modelo de intervenção visando ao aumento da competitividade da empresa por meio da melhoria do desempenho econômico-financeiro. A pesquisadora utilizou, como base teórica para orientar as ações de mudança, a Teoria das Restrições e o Sistema Toyota de Produção.

A empresa, alvo da intervenção, era familiar e de pequeno porte, com trinta funcionários. Todos os funcionários participaram da pesquisa.

A pesquisa-ação foi conduzida em quatro etapas. Os dados foram coletados por meio de pesquisa documental, entrevistas, observação direta e observação participante.

Na etapa inicial, foram realizadas dezessete visitas à empresa, compreendendo as seguintes atividades: reunião geral com os participantes, capacitação teórica da direção, elaboração de fichas de acompanhamento produtivo, diagnóstico interno e externo. O diagnóstico interno revelou a existência de perdas no processo produtivo. No âmbito externo, foi realizada uma pesquisa de satisfação dos clientes, a fim de identificar outras possibilidades de melhoria.

Na segunda etapa da pesquisa-ação, foram realizadas as seguintes atividades: avaliação dos resultados da pesquisa de satisfação dos clientes, reuniões com pequenos grupos para a intensificação da coleta de dados e, posteriormente, para a apresentação da situação atual, definição dos indicadores locais de desempenho, análise de investimentos para a mudança estrutural do *layout* produtivo, uma alternativa de ação identificada pela direção da empresa. Essa etapa foi marcada, ainda, pela capacitação dos participantes do “chão de fábrica”, em mecanismo da função produção e gerenciamento de gargalos e perdas.

Na terceira etapa, destacaram-se a execução do projeto de mudança do *layout* produtivo, a discussão dos resultados da pesquisa de satisfação dos clientes, nas reuniões de grupos, a avaliação do clima organizacional. Nessa etapa, foi criado o cargo de gerente da qualidade. Foi buscada a compreensão dos participantes no que se refere aos dois grandes tipos de ações de mudança: as ações estruturais, dependentes, essencialmente, de decisões da diretoria da empresa, e as ações de melhoria contínua, que envolvem as opiniões de todos os participantes.

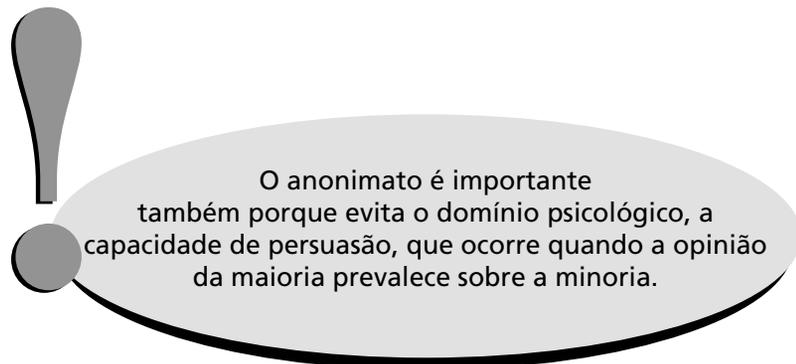
A última etapa da pesquisa-ação foi marcada pelas seguintes atividades: capacitação dos participantes para trabalhos futuros, avaliação dos resultados da pesquisa-ação, funcionamento da nova planta, avaliação da intervenção segundo aspectos técnicos (sistema de indicadores de desempenho) e humanos (pesquisa de clima organizacional).

Foram apresentados os resultados do sistema de indicadores, antes e depois das ações de mudança. O indicador de produtividade econômica (ganho/despesas operacionais) foi destacado devido ao nível de melhoria de 15% após a intervenção, o que permitiu o atendimento da principal exigência dos clientes: a redução do preço de venda dos produtos cerâmicos. A análise dos resultados revelou que a melhoria do desempenho econômico-financeiro da empresa ocorreu, em grande parte, pela redução das despesas operacionais.

O modelo de intervenção construído foi baseado em cada uma das quatro etapas da pesquisa. No que se refere à generalização, a pesquisadora indica a utilização do modelo sob determinadas condições, lembrando que a base para a generalização na pesquisa-ação é estreita, situacional e limitada pelo contexto. A pesquisa-ação realizada contribuiu para a melhoria do desempenho da empresa na cadeia produtiva, atendendo, assim, às exigências impostas pelos clientes (VERGARA, 2006. p. 182).

Método Delphi

O método Delphi tem como procedimento a busca de uma harmonia de opiniões de um grupo de especialistas. É baseado na aplicação de um questionário, durante sucessivas rodadas, a um grupo de indivíduos, preservando-lhes o anonimato.

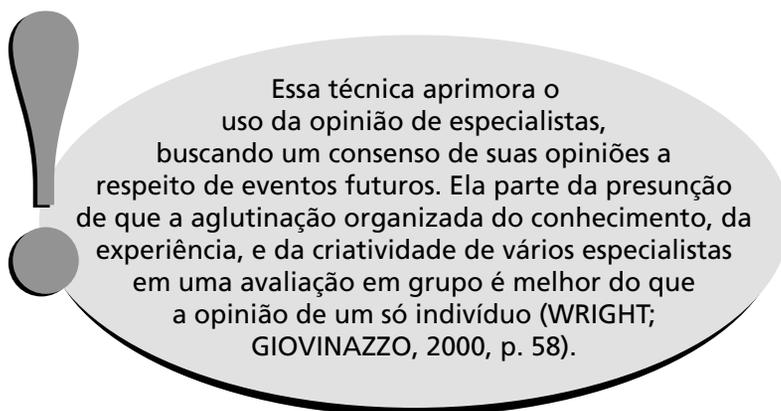


As características principais do procedimento são, além do anonimato dos respondentes, o *feedback* das respostas e a representação estatística dos resultados. Uma equipe de participantes especialistas em uma área do conhecimento elabora um questionário objetivo e claro, com perguntas que solicitam a afirmação de tendências sobre comportamento, variáveis indicadoras de desempenho e outros temas relacionados ao assunto sob pesquisa. O questionário é passado para um grupo selecionado de pessoas. Depois, as respostas são avaliadas e recebem um tratamento estatístico. Em seguida, produz-se a segunda rodada do questionário, apresentando novamente as questões com as respostas obtidas na rodada anterior, para que o respondente reavalie

sua posição com base na visão geral do grupo. A técnica continua até as respostas atingirem um grau considerável de convergência, que sinalizará o consenso do grupo.

Esse método é recomendável quando a crítica subjetiva de um grupo é necessária para solucionar um problema. Porém, seu uso tem sido desenvolvido para aliar a procura de idéias e estratégias para a hipótese de políticas organizacionais mais gerais, caracterizando-se como um instrumento de apoio à decisão e à fixação de políticas (WRIGHT, 2000, p. 54).

Ultimamente, o trabalho em grupo é requerido em toda instituição, considerando que um grupo de participantes tem mais habilidades que um indivíduo isolado. O que enriquece o ambiente são as diferentes experiências e talentos dos diversos atores, bem como as trocas de informações e opiniões.



Veja o exemplo a seguir.

Criação de um modelo de competências

O método Delphi foi utilizado por Santos (2001) (apud VERGARA, 2006, p. 180) em um estudo sobre gestão de competências. A pesquisa teve como objetivo criar um modelo de competências para cargos diretivos.

O pesquisador tornou como base uma série de pressupostos teórico-metodológicos, por meio dos quais a gestão de competências adquire caráter funcional. São eles:

- As competências estão relacionadas ao ponto de vista cognitivo, bem como ao emocional.
- O desempenho das pessoas está relacionado não só aos conhecimentos e habilidades para a realização do trabalho (saber fazer), mas também às atitudes, aos valores e às características pessoais (querer fazer).
- Competências são características subjacentes às pessoas e estão relacionadas ao bom desempenho no trabalho.
- Há dois tipos de competências: (a) primárias, relacionadas às aptidões, aos traços de personalidade e às atitudes; (b) secundárias, baseadas em dimensões complexas que compreendem várias competências primárias.
- Os perfis de competências definidos pelas organizações referem-se a conjuntos de competências secundárias (orientação para o negócio e para os resultados, por exemplo) detalhadas por meio de suas dimensões (avaliação dos custos e dos benefícios das oportunidades de negócios, por exemplo).
- Os perfis de competências são mais amplos que os perfis de cargo, pautados em um plano puramente cognitivo.
- O perfil de competências é determinado com base nas competências do cargo, as quais estão relacionadas aos requisitos e às responsabilidades a serem assumidas pelo profissional, bem como às condições de trabalho e à cultura organizacional.
- O perfil de competências apresenta uma conexão técnico-organizacional básica.
- A formação, considerando as características do cargo, deve promover o desenvolvimento do pessoal.
- A seleção de pessoal deve voltar-se para a procura de candidatos para os cargos X, Y e Z, em vez de fixar-se apenas em um cargo X, o que exige dos candidatos flexibilidade ou múltiplas habilidades.
- As competências fundamentais da organização devem estar relacionadas com a sua missão.

Participaram da pesquisa nove especialistas no assunto. Para a apresentação dos passos da pesquisa, o pesquisador utilizou como exemplo a construção do perfil de competências de um diretor de vendas.

Foram necessárias quatro rodadas para a obtenção do consenso entre os especialistas. Na primeira rodada, cada especialista deveria responder à seguinte questão: “Quais são as competências que devem configurar o conteúdo do cargo executivo X?”

As respostas obtidas na primeira rodada foram tabuladas e os resultados demonstrados por uma matriz de competências, em um total de 17 competências. Os participantes receberam os resultados da primeira rodada, sendo-lhes perguntado se concordavam que as competências definidas na matriz correspondiam às necessárias para se ocupar o cargo. Deveriam assinalar “N” nas que não concordassem.

Foi, então, calculado o coeficiente de concordância para cada uma das competências. O pesquisador estipulou que o nível de concordância aceitável deveria ser maior ou igual a 60%. Os resultados da segunda rodada deram origem a uma nova matriz de competências, totalizando oito competências.

Na terceira rodada, os participantes receberam os resultados da rodada anterior, sendo-lhes solicitado que atribuíssem pesos a cada uma das competências, com o objetivo de ordená-las de acordo com o seu grau de importância. Os participantes deveriam atribuir o número 1 para a competência mais importante e o número 8 para a menos importante. Foram orientados a não atribuir o mesmo número para duas ou mais competências.

As respostas foram tabuladas, obtendo-se a ordem de importância das competências. Como em quatro competências não foi atingido o nível mínimo de 60% de concordância, uma nova rodada foi realizada.

Na quarta rodada, os participantes receberam os resultados da rodada anterior e foram questionados se concordavam com as ponderações e a ordem obtida. Foi-lhes dito que poderiam mudar ou manter suas ponderações. Como resultado, foi obtido o nível mínimo de concordância de 60% para todas as oito competências, levando à definição das competências para o cargo em questão.

Definidas as competências, os participantes listaram algumas dimensões a elas relacionadas, que, após a obtenção de consenso, se resumiram a cerca de três por competência. Para o pesquisador, conceituar competências implica pressupostos teórico-metodológicos que tomem sua significação funcional.

CONCLUSÃO

Como você percebeu, a finalidade de nosso trabalho é proporcionar os vários tipos de pesquisas, sua aplicação, suas características e seus procedimentos convencionais ou não-convencionais, em busca de soluções de nossas necessidades dentro de uma realidade complexa, competitiva e mutante a cada momento, principalmente na área de Administração.

Atividade Final

Identifique a resposta correta de acordo com o tipo de pesquisa, enumerando a quarta coluna de acordo com a primeira:

1	É o estudo que analisa com profundidade uma situação particular, com vistas à obtenção de um grande conhecimento com riqueza de detalhes do objeto estudado.	Pesquisa empírica ortodoxa	
2	Obriga o investigador a ter estreito relacionamento com a realidade, isto é, com pessoas e objetos da pesquisa, agindo sobre essa realidade.	Pesquisa participante	
3	Requer alto grau de interação entre o pesquisador e a população, bem como com os elementos que participam do estudo.	Método Delphi	
4	É o método que objetiva obter o consenso de opiniões de especialistas na área sobre o que está para ser investigado.	Pesquisa-ação	
5	É realizada desprezando antecipações mentais e todos os elementos preconceituosos. Apresenta as seguintes etapas: observação; formulação de leis; e confirmação dessas leis.	Estudo de caso	

Resposta

<i>Pesquisa empírica ortodoxa</i>	5
<i>Pesquisa participante</i>	3
<i>Método Delphi</i>	4
<i>Pesquisa-ação</i>	2
<i>Pesquisa estudo de caso</i>	1

RESUMO

Pesquisa é a coleta de informações com o objetivo de se chegar a um resultado.

Existem processos diferenciados de pesquisa que atendem às necessidades do pesquisador, à natureza da investigação e ao próprio objeto de estudo. Nesse sentido, diferenciamos pesquisa qualitativa de quantitativa e pesquisa pura de aplicada.

Quanto aos métodos utilizados, dividimos pesquisa em dois grupos: a pesquisa convencional, apresentada como pesquisa de natureza empírica; e as pesquisas não-convencionais – baseadas no método crítico-dialético –, subdivididas em estudo de caso; pesquisa-ação, em contraposição à pesquisa participante; e método Delphi.

Pesquisa bibliográfica: importância, fases e utilização na produção acadêmica

AULA

5

Meta da aula

Apresentar os conceitos e os recursos da pesquisa bibliográfica.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

- 1 diferenciar ficha bibliográfica de ficha de conteúdo e descrever a função de cada uma para a pesquisa bibliográfica;
- 2 elaborar um fichamento utilizando as técnicas apresentadas nesta aula.

INTRODUÇÃO

Nesta aula, apresentamos a você o estudo da pesquisa bibliográfica.

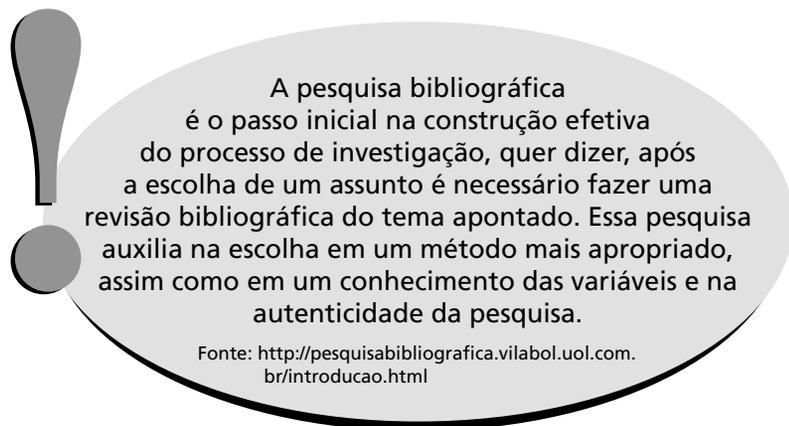
Toda espécie de pesquisa, nas diversas áreas, exige a investigação bibliográfica antecipadamente, na forma de atividade exploratória, para o estabelecimento da real situação em que se situa o objeto de estudo, ou para justificar os objetivos e contribuições da própria pesquisa.

As tarefas didático-pedagógicas requeridas durante os vários cursos para progresso de estabelecidas partes dos programas, com maior participação dos alunos, constituem-se já em pequenas pesquisas bibliográficas (RUIZ, 1977, p. 57).

Nem todos farão tipos diferenciados de pesquisa durante o curso, mas todos farão investigações bibliográficas. Por isso, nos deteremos mais especificamente nesse tipo de estudo.

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A atividade básica na pesquisa bibliográfica é a investigação em material teórico sobre o assunto de interesse. Ela precede o reconhecimento do problema ou do questionamento que funcionará como delimitador do tema de estudo. Isso quer dizer que, antes mesmo de delimitar o objeto de estudo, você já pode e deve ler sobre o assunto, o que pode, inclusive, ajudá-lo nessa delimitação.



Essa pesquisa é representada por informações inseridas, em sentido geral, em livros. Porém, a pesquisa bibliográfica deve compreender o máximo da bibliografia de domínio público em relação ao assunto estudado, considerando livros, publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, monografias, dissertações, teses etc.



Foto: Junior Gomes

Figura 5.1: Basicamente, pesquisa bibliográfica é pesquisa em livros, mas normalmente estendemos o sentido para pesquisa em textos de naturezas diversas.

Fonte: www.sxc.hu/photo/702583

Todos os materiais escritos podem servir como fonte de **INFORMES** para a pesquisa científica. Os arquivos públicos – nacionais, estaduais ou municipais – são possibilidades concretas para o investigador, onde poderá ter acesso a informes de origens e naturezas diversas. Os informes são, de modo geral, muito amplos, mas são considerados de grande valor para a pesquisa científica.

O processo de transformar informes em informações é o início da tarefa de investigação. É importante que você conheça diferentes fontes sobre o assunto em tela, colocando-se em contato direto com o máximo de informes e/ou informações de que é possível dispor, mesmo os que não foram publicados.

A pesquisa bibliográfica é o fundamento que ampara todo o plano de investigação, pois é através desse referencial teórico que o investigador se atualiza sobre o assunto indicado e aumenta seus conhecimentos teórico e intelectual. É importante observar que a pesquisa deve induzir

INFORME

É uma informação não de todo ainda elaborada; por isso, algumas vezes pode ser vaga e incerta. Em outro sentido, é um documento isolado que, examinado em conjunto com outros, pode constituir uma informação.

a uma abordagem reflexiva e crítica sobre o assunto. Uma investigação não deve ser mera reunião do que já foi escrito sobre certo tema, mas sim proporcionar a avaliação do assunto sob um enfoque novo ou com uma abordagem diferenciada, levando a novas conclusões.

Lakatos e Marconi (1992, p. 43) afirmam que a pesquisa bibliográfica compreende quatro fases distintas:

a. Identificação: fase de reconhecimento do assunto pertinente à problemática.

b. Localização: aquisição das informações necessárias.

c. Compilação: reunião de todas as informações publicadas por meio de xerox, fichas, filmagem, entre outras técnicas.

d. Fichamento: anotação dos dados, respeitando as normas científicas, bem como inserindo as referências bibliográficas com todos os dados das obras pesquisadas.

O QUE É E COMO FAZER UM FICHAMENTO

FICHAMENTO

Se caracteriza pelo ato de fichar (anotar) as idéias mais importantes de um texto ou tema.

A palavra **FICHAMENTO** é usada no meio acadêmico com o sentido de ficha de leitura.

A finalidade é registrar as principais idéias assinaladas ao longo das leituras feitas. As anotações podem ser feitas em fichas, em folhas soltas ou salvas em arquivos no computador. Essa técnica facilita a compreensão do assunto e a organização das informações na execução do trabalho.

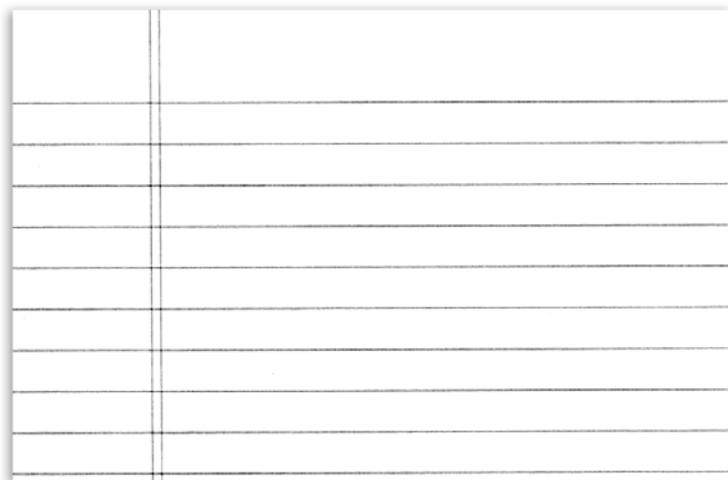
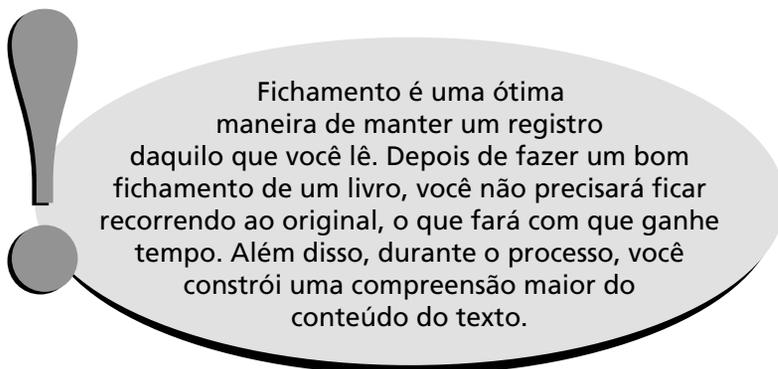


Figura 5.2: Ficha pautada.



Você pode elaborar dois tipos de fichas diferentes: ficha bibliográfica e ficha de conteúdo ou argumento. Observe nas ilustrações a seguir a organização dessas fichas.

FICHA BIBLIOGRÁFICA	Data: 5/4/2007
AUTOR: Ravi Batra	
TÍTULO: <i>El mito del libre comercio</i>	
NOTAS TIPOGRÁFICAS	
Buenos Aires /Argentina	Vergara 1994 274
Cidade	Editora Ano P.
Observação: É um livro esclarecedor sobre políticas de abertura da Economia.	
Livro bem estruturado, com linguagem apropriada.	

Figura 5.3: Ficha bibliográfica.

	FICHA DE CONTEÚDO DATA: 5/4/2007 FONTE: BATRA, Ravi. <i>El mito del libre comercio</i> Buenos Aires/ Argentina: Vergara, 1994.
P. 245	O ingresso nacional líquido "A teoria econômica atual reconhece três fatores ou principais recursos da produção: a força de trabalho, a terra e o capital. As empresas combinam estes fatores com as matérias-primas e a tecnologia para gerar sua produção. Porém as matérias-primas mesmas se produzem mediante a combinação de tecnologia com força de trabalho, terra e capital. Para tanto, o crescimento da produção é o resultado de acréscimo num ou em todos os recursos, ou de um melhoramento da tecnologia. Nos últimos anos, o crescimento do Japão e da Europa derivou principalmente dos incrementos nas existências de capital e a nova tecnologia, enquanto que no Canadá, Estados Unidos e Austrália também contribuíram significativamente a força de trabalho e a terra."

Figura 5.4: Ficha de conteúdo.

Atividade 1

Para que fichar?



Analise com atenção as ilustrações das fichas a seguir. Identifique o tipo e a função de cada uma delas.

a.

	FICHA..... DATA...../...../2007. FONTE: <i>Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica</i> – SANTOS, Izequias Estevam.
P. 188	"Nas fichas de resumo ou de conteúdo, deve ser observado: é desnecessário seguir a estrutura da obra; as palavras usadas são do estudante e não do autor da obra estudada; não são longas demais estas fichas e não é uma relação do sumário ou índice da obra consultada."

b.

FICHA	Data:..../..../2007
AUTOR: Sylvia Constant Vergara	
TÍTULO: <i>Métodos de pesquisa em Administração</i>	
NOTAS TIPOGRÁFICAS	
São Paulo	Atlas 2006 287
Cidade	Editora Ano P.
Observação: É um livro prático sobre o método de pesquisa aplicado na Administração.	
Livro bem estruturado, com linguagem apropriada.	

Resposta Comentada

A ficha (a) é uma ficha de conteúdo. Nela, além da referência, você pode anotar trechos com idéias importantes do texto lido, sempre indicando o número da página de onde o trecho foi retirado. A função dessa ficha é ter um registro dos pontos principais do conteúdo de uma obra. Essa técnica facilita o estudo e a organização das informações.

A ficha (b) é chamada ficha bibliográfica. Nela, você pode registrar informações sobre a publicação e anotar comentários com um parecer sobre a obra: de que trata, como trata o assunto, qual a área de aplicação, como é a linguagem etc. Esse tipo de ficha facilita a organização da bibliografia a ser estudada.

CONHECENDO A BIBLIOTECA

Catálogos ou anuários

Uma importante fonte para a identificação de obras publicadas são os **CATÁLOGOS** ou anuários bibliográficos das editoras. Eles estão disponíveis no formato impresso ou eletrônico (em CD ou *online*) e oferecem um importante auxílio em nosso trabalho, embora por várias vezes as bibliotecas usadas para a investigação não possuam diversos livros apontados nesses catálogos.

Uma das formas de conhecer o acervo das bibliotecas é dar uma olhada nos catálogos, que podem ser organizados por temas, títulos ou autores. Eles podem estar disponíveis em fichas ou em cartões impressos, e também em CD-ROM, em computadores instalados na própria biblioteca exclusivamente para essa finalidade, ou mesmo *online*.

CATÁLOGO

É uma espécie de lista em que são relacionados, com uma breve apresentação, livros e documentos disponíveis na biblioteca.



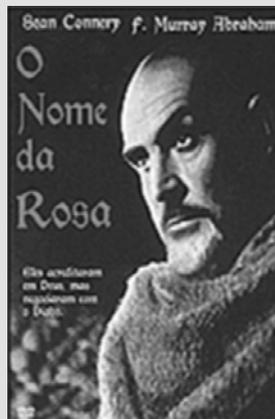
Foto: Rodel N. Casio

Figura 5.5: Os catálogos e as fichas ajudam bastante na hora de procurar as obras na biblioteca.
Fonte: www.sxc.hu/photo/79721

Existe atualmente uma tendência para o desenvolvimento de catálogos com informações variadas, que identificam dados de vários tipos em diversos acervos. A informatização das referências possibilita agilidade considerável para a pesquisa, pois a informação eletrônica permite a busca das obras por palavras, por assuntos, como transcrição para a fonte da citação bibliográfica etc.

A história das bibliotecas é marcada por fatos de pura resistência do conhecimento. Elas vêm sofrendo ao longo dos anos a ação do tempo, das guerras, da censura, e mesmo assim conseguiram sobreviver a todos os ataques.

Na Idade Média, por exemplo, as bibliotecas quase foram extintas, principalmente pela ação de censura da Igreja Católica. Mas, contraditoriamente, foi nos mosteiros, preservadas em esconderijos, que elas conseguiram mais uma vez se salvar. Um bom exemplo desse tipo de operação medieval foi apresentado no romance *O nome da rosa*, de autoria de Umberto Eco.



Fonte: [http://www.interfilmes.com/filme_14034_O.Nome.da.Rosa\(Der.Na.me.Der.Rose\).html](http://www.interfilmes.com/filme_14034_O.Nome.da.Rosa(Der.Na.me.Der.Rose).html)

Em 1327, William de Baskerville (Sean Connery), um monge franciscano, e Adso von Melk (Christian Slater), um noviço que o acompanha, chegam a um remoto mosteiro no norte da Itália. William de Baskerville pretende participar de um conclave para decidir se a Igreja deve doar parte de suas riquezas, mas a atenção é desviada por vários assassinatos que acontecem no mosteiro. Ele começa a investigar o caso, que se mostra bastante complicado.

Um dos cenários mais marcantes do filme *O nome da rosa* é a grande biblioteca do mosteiro. Assista ao filme. É muito interessante.

Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/nome-da-rosa/nome-da-rosa.asp#Sinopse>

As bibliotecas possuem em seus catálogos as indicações de obras de referência, gerais ou especializadas. Normalmente, esses catálogos têm caráter remissivo e servem para identificar ou ajudar na identificação de informações de outras obras.

Podemos apontar, entre outros, como fontes gerais os guias de orientação para a investigação (com sugestões metodológicas sobre fontes diversas), dicionários impressos, dicionários eletrônicos, glossários, dicionários especializados, dicionários multimídias, enciclopédias, biografias, coleções de *abstracts*, índices ou bancos de dados de periódicos etc. As fontes especializadas tratam, de maneira mais aprofundada, de temas específicos relativos a uma determinada área.

Tradicionalmente, a biblioteca é uma importante fonte para a pesquisa. Mesmo os estudantes que desenvolvem pesquisas de campo e de laboratório também utilizam as bibliotecas, na busca de textos teóricos, de artigos científicos, de monografias, dissertações e teses que autentiquem a hipótese indicada, além de outras informações que possam ser úteis à pesquisa.

Uma seção indispensável, praticamente desconhecida nas bibliotecas, é o setor de publicações periódicas, em que se encontram os artigos, as revistas e os jornais acadêmicos, os jornais e as revistas populares, os boletins etc. Entretanto, nem sempre os artigos dos periódicos estão listados na biblioteca, o que demanda do investigador uma leitura dinâmica dessas publicações, procurando identificar os artigos que são de seu interesse.

As bibliotecas podem ser públicas ou particulares. Nas bibliotecas públicas, o acesso aos livros costuma ser gratuito e muitas vezes é possível pegar livros emprestados por um determinado tempo. As bibliotecas particulares podem ser mantidas por instituições de ensino privadas, fundações, instituições de pesquisa ou grandes colecionadores. Algumas delas permitem acesso a sua coleção.



Foto: Gary Tamin

Fonte: www.sxc.hu/photo/658976

Vários jornais e revistas disponibilizam catálogos, normalmente *online*, com a disposição dos artigos por autores e por assuntos, oferecendo sistemas de buscas que possibilitam identificar o artigo de interesse do investigador.

CÓDICE

É uma pequena placa encerada (frequentemente de marfim ou madeira), usada pelos antigos romanos para escrever; tábula, pugilar; pode ser definido por um conjunto dessas placas, articulado por dobradiças, constituindo uma espécie de livro. Pode ser também um escrito em folhas de pergaminho, unidas por um cadarço (HOUAISS, 2002).

Exemplos de títulos de periódicos (revistas e jornais) de seu interesse: *Revista Exame*; *Revista HSM Management*; *A Gazeta Mercantil*; *Folha de S. Paulo*; *Harvard University*; *Annual Reviews*; *Rausp* (Revista de Administração da USP); *Rae* (Revista de Administração de Empresas, cadernos da EBAP); *Rap* (Revista de Administração Pública).

Além do material teórico e acadêmico, algumas bibliotecas mantêm um acervo importante de textos legais, incluindo pareceres, processos etc. Várias instituições mantêm um arquivo de documentos governamentais, que podem ser importantes para o pesquisador.

Alguns textos mais informais também podem ser encontrados em bibliotecas, como folhetos, diários e cartas (publicadas ou não), manuscritos não publicados (**CÓDICES**, **APÓGRAFO** e **AUTÓGRAFO**), informações e comunicações pessoais, anotações de palestras e aulas etc. Esse material se constitui de valor importante para o trabalho de pesquisa em andamento (MATTAR, 2005, p. 157).

As bibliotecas organizadas mantêm um sistema de empréstimo denominado interbibliotecas. Algumas vezes, a biblioteca não tem disponível uma determinada obra que é necessária à sua pesquisa; porém, ela pode orientar a busca no acervo de outra instituição. Em muitos casos, essa obra ou documento pode ser requisitado pela própria biblioteca, por meio de empréstimo, evitando assim que você tenha de se deslocar (MATTAR, 2005, p. 157).

APÓGRAFO

Diz-se de original ou cópia de um escrito; traslado (HOUAISS, 2002).

AUTÓGRAFO

É um original, manuscrito, de um autor, que ainda será entregue ao tipógrafo para composição (HOUAISS, 2002).

A DOCUMENTAÇÃO DIGITALIZADA

Estamos vivendo um tempo de transformação na maneira de comunicação científica: de um processo tradicional, fundamentado na impressão, para um processo de publicação eletrônico, embora ainda haja alguma resistência de parte do meio científico e acadêmico, opondo-se a essas transformações.

Assim, atualmente é muito comum que boa parte da informação bibliográfica que o investigador irá utilizar durante sua investigação seja encontrada em formato digital.



A literatura científica para consulta é cada vez mais disponibilizada em forma eletrônica, como os dicionários temáticos que substituíram os vários volumes das enciclopédias impressas. Entre algumas das mais importantes enciclopédias de caráter geral, podemos destacar: a Encarta (*Encarta encyclopedia*, Microsoft, pode ser baixada no site:

<http://superdownloads.uol.com.br/download/161/microsoft-encarta-2000-installation-issues-fix>), Britannica online (Britannica Encyclopedia disponível em: www.eb.com, apud MATTAR, 2005, p. 158) e, em português, o Almanaque Abril (disponível em: www.almanaqueabril.com.br, apud MATTAR, 2005, p. 158). A *Van Nostrand's scientific encyclopedia* e a *McGraw Hill encyclopedia of science and technology*, das mais destacadas enciclopédias de referência científica no mundo, são também comercializadas em CD-ROM, sendo que a segunda oferece também acesso *online* com atualização diária (disponível em: www.accessscience.com, apud MATTAR, 2005, p. 158). Vários catálogos e bancos de dados bibliográficos, disponibilizados em CD ou *online*, contêm desde obras de referência até livros, artigos, material audiovisual etc.

INDEXAÇÃO

Ordenação de dados em forma de índice; classificação (HOUAISS, 2002).

Os serviços de **INDEXAÇÃO** e resumo obtêm vantagens através do crescimento da tecnologia da informação. Existem hoje **DIRETÓRIOS** com a capacidade de receber documentos em formato digital, fundamentado em dados eletrônicos e *online*, CD-ROMs etc., assim como referências coletando esse tipo de material (MATTAR, 2005, p. 159).

DIRETÓRIOS

Listas dos arquivos contidos em subdivisão de um disco ou de outro meio de armazenamento (HOUAISS, 2002).



A Biblioteca Nacional, por exemplo, oferece acesso *online* (e por meio de CD-ROM) tanto para o BNlibris (catálogo de referências bibliográficas da Biblioteca Nacional, abrangendo as monografias incorporadas ao acervo, a partir de 1982) quanto para a Base de Dados do ISBN – International Standard Book Number – (base de dados das obras cadastradas na Agência Brasileira do ISBN a partir de 1978) (disponível em: www.bn.br, apud MATTAR, 2005, p. 159).

A Chadwyck-Healey, editora eletrônica nas áreas de humanidades e ciências sociais, disponibiliza uma série de CD-ROMs com os catálogos de diversas bibliotecas: *Bibliographie Nationale Française*, *Bibliografia Nacional Española*, *Bibliografia Nazionale Italiana*, *Deutsche Nationalbibliographie Aktuell* e *Bibliografia Nacional Portuguesa* (disponível em: www.chadwick.com, apud MATTAR, 2005, p. 159).

A Intelx Corporation oferece bancos de dados para pesquisa. É possível ter acesso a eles *online*, em formato de CD-ROMs e em redes de universidades. Os textos eletrônicos compreendem os campos de Literatura, História, Filosofia, Economia, Teoria Política e Estudos Religiosos. São disponíveis: bancos de dados com as obras de autores como Platão, Aristóteles, Descartes, Hegel, entre outros, ou temáticos, como Filosofia inglesa, Economia (de Smith a Mill) ou Filosofia política (disponível em: www.nlx.com, apud MATTAR, 2005, p.159).

Em uma investigação na Internet, você encontrará vários diretórios disponibilizando periódicos acadêmicos. A Scielo – Scientific Electronic Library Online – é uma respeitável biblioteca virtual que compreende uma coleção de periódicos científicos brasileiros.



O site da Scielo proporciona um amplo acesso a periódicos e artigos científicos. É uma fonte valiosa de pesquisa. Visite a página e confira: www.scielo.br.

Alguns *links online* são pagos e exigem senha para que o pesquisador obtenha acesso ao material. Quando a biblioteca da instituição não disponibiliza os serviços que lhe são necessários, é preciso avaliar a relação custo/benefício de uma assinatura individual, mesmo por tempo limitado.

Alguns jornais, como *The New York Times* (disponível em: www.nytimes.com, apud MATTAR, 2005, p. 160), disponibilizam um serviço que possibilita a seleção dos artigos que você recebe diariamente. Dessa forma, você tem a possibilidade de escolher os assuntos que achar mais importantes (economia, literatura, ciência etc.) e receber *online* as notícias selecionadas de acordo com a sua preferência.



No Brasil, a revista *Exame*, disponível em: www2.uol.com.br, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), disponível em: www.ibge.gov.br, a *Gazeta Mercantil*, o *Estado de S. Paulo*, disponível em: www.estadão.com.br, e a *Folha de S. Paulo* (CD-ROM), entre outras instituições, oferecem preciosas informações em formato digital.

A editora Saraiva, além de disponibilizar produtos em CD-ROM para a área de Direito, mantém também um portal jurídico, o Saraivajur, que oferece informações, além de uma grande gama de serviços de acesso gratuito, como pesquisa bibliográfica, notícias, artigos de doutrina e informações sobre eventos e concursos (disponível em: www.saraivajur.com.br).

Além dos sites mencionados, existem ainda, entre outros, os conselhos federais das classes como o Conselho Federal de Economia (www.cofecon.org.br) que disponibiliza seus textos, e o Conselho Federal de Administração (www.cfa.org.br), que também disponibiliza interessantes textos para os investigadores e outros interessados.

PESQUISA NA INTERNET

É normal ouvirmos afirmações de que tudo o que se busca e se quer saber pode ser encontrado na Internet. É possível achar o que quisermos na Internet, que é, na verdade, um grande banco de dados. Atualmente, existem livros publicados por completo na grande rede, como também filmes, gravações, jornais acadêmicos, reproduções de jornais e revistas antigas etc. Por outro lado, estar publicado na Internet não garante qualidade da fonte.

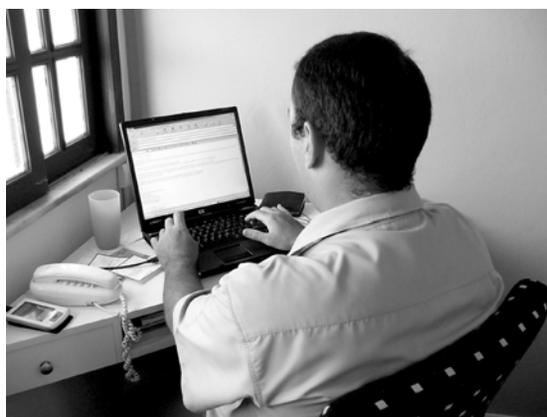


Foto: Bruno Neves

Figura 5.6: Atualmente, a Internet é uma poderosa fonte de pesquisa, mas é preciso cautela na seleção das informações.

Fonte: www.sxc.hu/photo/493668

A Web disponibiliza vários recursos de busca de tópicos atuais, o que seria difícil ou impossível, muitas vezes, achar em bibliotecas. Porém, na busca, o assunto precisa ser bem delimitado, e é preciso tempo para “navegar”. Na Web, podemos alcançar em catálogos, índices, páginas úteis, assuntos diversos, *sites* de busca, páginas de informação, endereços de instituições ou editoras, lista de cursos, *homepages* pessoais, grupos de discussão e **LISTSERV**.

As fontes encontradas durante essas buscas são diversificadas: dicionários, enciclopédias, atlas, livros, poemas, artigos de jornais acadêmicos e populares, documentos governamentais, relatórios, imagens etc. Como todas essas fontes estão disponíveis na mesma mídia e são o resultado da mesma busca, nossa tendência é pôr a documentação encontrada em determinada ordem no mesmo conjunto e usar os mesmos critérios de estimativa da informação que eles podem nos prestar.

LISTSERV

Lista de discussão por *e-mail*. São centros de distribuição virtuais em que um grupo de pessoas recebe *e-mails* sobre assuntos específicos (MATTAR, 2005, p. 166).

É indispensável, entretanto, muita atenção ao acessar e avaliar as informações conseguidas na Internet. No que se refere às fontes, podemos usar como critério de estimativa elementos importantes, como: o responsável pela publicação da informação, o nome da instituição, as credenciais do autor, a data de publicação, as referências etc. (MATTAR, 2005, p. 155). Devemos observar com o devido cuidado informações colhidas em *sites* de propaganda e em *sites* que não sejam independentes.

Informações obtidas por meio de *sites* que são patrocinados são mais valiosas do que as *homepages* individuais; se não constar o nome do autor nem de nenhum responsável pela página, a fonte não tem valor.

Na internet, não existem os filtros da cultura impressa: editor, editora, revisor etc. A responsabilidade desse julgamento é transferida ao usuário da informação. A Web desafia nossas análises sobre a responsabilidade das fontes e, por isso, necessitamos conferir cuidadosamente todas elas.

Veja algumas abreviações importantes de endereços na Internet e seus significados:

Abreviação	Descrição: O site é de...
.edu	Uma universidade ou outra instituição educacional
.com	Um usuário comercial
.gov	Um usuário governamental
.mil	Um usuário militar
.org	Uma organização, em geral, não-governamental
.net	Uma rede (<i>network</i>)

Fonte: MATTAR (2005, p. 162).

Enquanto a Internet se sobressai pela quantidade e variedade de informações, a organização, a indexação e a catalogação das informações disponibilizadas na rede estão ainda em processo de crescimento, e a recuperação da informação deixa a desejar. As mídias impressas são mais organizadas, mais seqüenciais, porque foram aperfeiçoadas durante todo esse tempo e desenvolveram alguns sistemas de administração da informação mais adequados.

O acesso *online* ao acervo de museus, apesar de controverso, é uma das importantes novidades trazidas pela Internet. Pode-se, por exemplo, acessar diversos museus, como por exemplo: Guggenheim. Disponível em: www.guggenheim.com (apud MATTAR, 2005, p. 164).

Além de obter informações diversas, você pode visualizar obras de suas coleções e exposições, assim como observações sobre essas obras e os artistas.

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) mantém *online* uma lista de museus voltados para a Ciência, nacionais e internacionais. Disponível em: www.sbpnet.org.br/caderno/museo.htm (apud MATTAR, 2005, p. 164).

Outros *sites* importantes da Internet para pesquisas são as páginas de bibliotecas. Quase todas as universidades brasileiras disponibilizam on-line as suas bibliotecas. Podemos usar a Internet para procurar diversas obras, isto é, localizar quais livros existem e em que bibliotecas estão.

É importante acessar as livrarias *online* para identificar os livros livres comercialmente, que nem sempre fazem parte do catálogo das bibliotecas. Várias livrarias disponibilizam comentários sobre os livros, reprodução da introdução, prefácio e/ou sumário e indicações que podem ser úteis para o investigador analisar se aquele livro em particular interessa ou não à investigação.

Vários *sites* na Internet oferecem gratuitamente arquivos com obras completas, aqueles textos de domínio público ou devidamente autorizados pelos seus autores. Normalmente os arquivos disponibilizados estão em formato PDF (Portable Document Format), e, para lê-los, é requerido o *software* Adobe Acrobat Reader, disponível gratuitamente na Internet e mesmo em muitos desses *sites* (disponível em: www.hotbook.com, apud MATTAR, 2005, p. 165).



O portal Domínio Público, lançado em novembro de 2004 (com um acervo inicial de 500 obras), propõe o compartilhamento de conhecimentos de forma equânime, colocando à disposição de todos os usuários da rede mundial de computadores uma biblioteca virtual que deverá se constituir em referência para professores, alunos, pesquisadores e para a população em geral. Vale a pena conferir.

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>.

Os periódicos eletrônicos estão ficando cada vez mais populares e disponíveis. Artigos de vários pesquisadores podem ser encontrados por meio de *bulletin boards* ou consultados pela Web.

ABSORÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Concluída a procura e o reconhecimento das fontes mais importantes para a investigação, é preciso organizar e analisar essas fontes (sejam elas impressas ou eletrônicas).

Esse caminho tem várias finalidades: identificar as informações que são importantes à investigação; extraí-las da fonte original; organizar e analisar esses dados; incorporá-los ao trabalho.

Dessa organização inicial do conteúdo depende todo o desenvolvimento do trabalho acadêmico.

CONCLUSÃO

A pesquisa bibliográfica é muito importante na área de Administração, assim como em todas as áreas do conhecimento. É utilizada como ponto de partida para todos os tipos de pesquisa, facilitando a investigação através do estudo do conhecimento armazenado tradicionalmente em livros e documentos. Devemos considerar também o avanço da tecnologia da informação por meio dos arquivos eletrônicos, e mesmo do desenvolvimento da Internet, como facilitadores para a agilidade da investigação e novas descobertas em todas as áreas do saber.

Atividade Final

Fichamento



Ler e estudar sobre técnicas de leitura, de estudo e de fichamento é, sem dúvida, muito importante para desenvolver essas habilidades. Porém, de nada adianta ficar só por aí. Algumas habilidades só podem ser desenvolvidas de verdade na prática. Que tal tentar?

Escolha um texto teórico da sua área, ou mesmo uma aula da disciplina ou do curso, para fazer um fichamento. Você vai fazer uma ficha de conteúdo.

Leia o texto, marque as idéias principais e anote-as, não se esquecendo de registrar a página de cada trecho. Não deixe de copiar a referência, de acordo com o modelo apresentado nesta aula.

Por fim, mostre seu fichamento ao seu tutor para que ele avalie o trabalho e o oriente se houver dúvidas.

Comentário

Como foi dito no enunciado desta questão, é de fundamental importância que você pratique o fichamento como uma técnica de estudo que facilita a compreensão das idéias de um texto. Isso pode ajudá-lo muito, inclusive, na elaboração do projeto e da monografia. Por isso, não deixe de fazer o trabalho e apresentá-lo ao seu tutor.

RESUMO

A pesquisa bibliográfica é importante por várias razões, entre elas a aplicação de pesquisa de campo e de laboratório, considerando que toda e qualquer pesquisa exige a pesquisa bibliográfica antecipadamente, na forma exploratória, com o exame do material de domínio público já produzido. A pesquisa bibliográfica compreende a identificação, localização, compilação e fichamento das informações e idéias mais importantes de um texto. Atualmente é de grande importância termos conhecimento do desenvolvimento da tecnologia da informação, por meio da Internet, mesmo considerando seus pontos fortes e pontos fracos. A Internet, realmente, é de grande utilidade e agilidade na pesquisa. É fundamental, porém, que se tenha atenção quanto ao critério de seleção das fontes, pesquisando em *sítes* confiáveis.

Método científico: concepção, abordagens e fatores determinantes

AULA

6

Metas da aula

Apresentar o conceito de método; definir diferentes tipos de métodos aplicados à pesquisa científica.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

- 1 explicar o conceito de método e sua importância para a pesquisa científica;
- 2 diferenciar métodos de pesquisa científica.

INTRODUÇÃO

Nos últimos 30 ou 40 anos, os cursos sobre métodos de pesquisa social aplicada passaram a ocupar um lugar cada vez mais importante no currículo de Administração. Em parte, isso é um reflexo das crescentes oportunidades de trabalho neste campo e do número conseqüentemente maior de alunos que planejam fazer carreira em Administração.

Acrescenta-se, entretanto, que a afeição por métodos de pesquisa está aumentando entre aqueles cujos interesses de trabalho não são especificamente de Administração. Assim, descobrimos um número de necessidades em que o estudo das técnicas de pesquisa pode ajudar a atender o aluno interessado por essa carreira. Por isso, é fundamental que você tenha acesso às ferramentas de pesquisa necessárias ao seu trabalho.

O estudante que deseja alcançar uma posição de administrador necessita ter esse conhecimento. À medida que avançar em sua carreira, o indivíduo enfrentará, por exemplo, a situação de analisar relatórios. Estes serão, possivelmente, resumos técnicos de estudos e pesquisas realizados por outros, e ele deverá ser capaz de decidir quais e quando determinados dados são suficientemente válidos para serem usados como base para suas decisões. Um conhecimento da pesquisa social aplicada é útil para interpretar e apreciar esses relatórios.

Outros profissionais, como o analista de mercado, o especialista em Marketing, o investigador de comunicação e propaganda, também colhem dados para elaborar trabalhos que visem atender necessidades comerciais ou governamentais.

Atualmente, as decisões no mercado de trabalho se fundamentam cada vez mais em informações do campo científico, e aqueles que não podem compreender como são coletados e organizados os fatos não serão capazes de separar fatos de pura especulação.

É claro que o maior número de cursos oferecidos sobre métodos de pesquisa decorre do crescimento da graduação, incluindo o campo da Administração. O crescimento de cada Ciência é acompanhado pelo progresso de técnicas de pesquisa. Tal fato não surpreende, visto que o crescimento significativo de metodologias diferenciadas para a obtenção e a organização de dados se fundamenta no surgimento de novas técnicas. Embora as técnicas por si só não garantam essa ampliação, elas são indispensáveis para o processo de pesquisa.

O QUE É MÉTODO?

Nas aulas anteriores, você conheceu o caráter *sistemático* do conhecimento científico. Um acontecimento não é considerado simplesmente um objeto de observação, mas sim uma oportunidade de análise empírica de um fenômeno da realidade. Essa análise abrange reflexões críticas e um conjunto de referencial teórico conhecido, com o qual se combinam essas reflexões.

O universo oferece uma variedade sem fim de fenômenos a serem examinados, mas a Ciência abstrai o objeto de estudo do fato, selecionando certos aspectos do fenômeno (como massa, velocidade, valência), não analisando assim o fenômeno como uma totalidade, em todos os seus aspectos, ao mesmo tempo.

Na verdade, separar qualquer fenômeno de tudo aquilo com que está relacionado é um ato de operação intelectual na qual o que é escolhido como objeto de reflexão é isolado de uma série de fatores que comumente lhe estão relacionados na realidade concreta (como ocorre, por exemplo, na consideração matemática que despoja os objetos de suas qualidades sensíveis – peso, cor etc. –, no intuito de considerá-los apenas em seu aspecto mensurável e quantitativo).

Como a Ciência busca pesquisar particularidades na realidade, com um sistema que opera unicamente com idéias para interpretar esses segmentos, cada área toma como base suas próprias definições ou conceitos para comunicar seus resultados. Dessa forma, podemos nos referir ao sistema teórico de uma Ciência como um *sistema conceitual*.

Mas o que método tem a ver com isso tudo? Esse processo de estudo de um objeto, de segmentação deste em partes para análise, de seleção e ordenação de dados e conceitos não se realiza de maneira satisfatória se não houver organização. É fundamental analisar, planejar e executar ações passo a passo; do contrário só existirá o caos.



Foto: Bert Nehm

Figura 6.1: A organização do ambiente de estudo é um bom começo para desenvolver suas atividades com maior rapidez e qualidade. Você pode elaborar um método para selecionar, organizar e arquivar seus textos e livros.

Fonte: www.sxc.hu/photo/360419

Você se considera uma pessoa metódica? Ser metódico significa seguir métodos. Isso não está distante da sua realidade. Você está constantemente desenvolvendo métodos a fim de obter resultados mais rápidos e satisfatórios. Nesse sentido, você pode desenvolver um método para estudar, para trabalhar, para cozinhar, para arrumar seu quarto etc.

A palavra método vem do grego. Ela é a junção das palavras *meta* e *hodós*. *Meta* quer dizer "além de", que pode ser entendido como "resultado a ser atingido", e *hodós* tem o sentido de "via", "caminho". Assim, método significa "caminho a ser seguido para ir além de, para um resultado".



Método, em termos mais simples, é o caminho traçado para chegar a um resultado.

Podemos perceber que o método não surge de forma ocasional. Ele é o resultado de uma perplexidade: quando nos deparamos com um problema para o qual buscamos uma solução. Ele surge a partir do processo de reflexão dos atos em torno da situação a ser resolvida.

Método pode ser definido como: conjunto de regras, de normas, para busca de uma verdade, para detecção de erros na tentativa de alcançar uma finalidade desejada. Alguns autores, ao definirem método, realçam a inteligência e o talento na forma de realizar tarefas. Outros focalizam as imagens de ordem, de caminho, de segurança e de economia na realização de uma atividade (SANTOS, 2005, p. 93).

Seguir um método é seguir uma série de etapas, ordenadamente dispostas, a serem superadas na busca de uma verdade, para a comprovação (ou não) das hipóteses criadas no estudo de uma Ciência.

Os séculos V e IV a.C. na Grécia Antiga foram de grande desenvolvimento cultural e científico. O esplendor de cidades como Atenas, com seu sistema político democrático, proporcionou o terreno propício para o desenvolvimento do pensamento.

Um grande sábio dessa época foi Aristóteles que desenvolveu os estudos de Platão e Sócrates. Foi Aristóteles quem desenvolveu a lógica dedutiva clássica, como forma de chegar ao conhecimento científico. Segundo ele, a sistematização e os métodos devem ser desenvolvidos para se chegar ao conhecimento pretendido, partindo sempre dos conceitos gerais para os específicos.

Fonte: Filosofia (2007).

Abbagnano (1962, p. 640) apresenta a seguinte definição para método, relacionada ao contexto de pesquisa:

O termo tem dois significados fundamentais: 1º toda pesquisa ou orientação de pesquisa; 2º uma técnica particular de pesquisa. O primeiro significado não se distingue daquele de “investigação” ou “doutrina”. O segundo significado é mais restrito e indica um procedimento de investigação ordenado, repetível e autocorrigível, que garanta a obtenção de resultados válidos. Ao primeiro significado referem-se expressões como “o método hegeliano”, “o método dialético” etc. ou também “o método geométrico”, “o método experimental” etc. Ao segundo significado referem-se expressões como “o método silogístico”, “o método dos resíduos” e em geral aquelas que designam particulares procedimentos de investigação e de controle. [...] No uso moderno e contemporâneo, prevalece o segundo significado. Mas é preciso observar que não há doutrina ou teoria, seja científica, seja filosófica, que não possa ser considerada sob o aspecto de sua ordem de procedimento e, portanto, chamada método. O próprio Descartes, por exemplo, expôs o mesmo conteúdo do *Discurso do método* na forma das *Meditações metafísicas* e dos *Princípios de filosofia*: o que por um lado era método por outro era doutrina. E de modo geral não há doutrina que não possa ser considerada e chamada método se encarada como ordem ou procedimento de pesquisa. Portanto a classificação dos métodos filosóficos e científicos seria sem dúvida uma classificação das doutrinas respectivas.

O *Discurso do método* é um tratado de René Descartes (1586-1650), publicado em francês em 1637.

O *Discurso* propõe um modelo quase matemático para conduzir o pensamento humano, uma vez que a matemática tem por característica básica a certeza, a ausência de dúvidas.

Uma das mais conhecidas frases do *Discurso* é *Je pense, donc je suis* (citada freqüentemente em latim, *cogito ergo sum* – penso, logo existo).



René Descartes, filósofo francês e autor do *Discurso do método*.
Fonte: DESCARTES (2007).

LÓGICA

A lógica é um ramo tanto da Filosofia quanto da Matemática. O sistema lógico (ou simplesmente a lógica) é um conjunto de regras para raciocínio sobre um determinado assunto. Muitos sistemas diferentes de lógica foram construídos ao longo do tempo.

Fonte: Filosofia (2007).

Em Ciência, vários métodos são utilizados de acordo com a natureza do objeto a ser pesquisado e a infra-estrutura disponível ao pesquisador.

As duas principais dimensões da Ciência: a **LÓGICA** e a técnica (como fazer) irão proporcionar ao pesquisador o rigor do raciocínio na pesquisa e os meios técnicos necessários para atingir o conhecimento. A lógica procura garantir ao pesquisador a objetividade necessária para o tratamento dos fatos, isto é, estabelece a ruptura dos objetos científicos com os do senso comum, através de normas gerais, permitindo ao investigador a decisão do alcance de sua pesquisa, dando regras de explicação dos fatos e da validade das generalizações. Um mesmo método permite a utilização de técnicas distintas; entre elas, porém, uma será mais adequada do que as demais.

Atividade 1

Retomando...



Você acha que sua vida acadêmica ficaria mais fácil e produtiva se você adotasse métodos em suas atividades de estudo?

Vamos retomar esse conceito. Explique o que é método e qual sua importância para a pesquisa científica.

Comentário

Se você respondeu que método é o caminho a ser seguido para atingir um objetivo, entendeu o ponto central do conceito. Para traçar esse caminho, elaboramos um conjunto de regras, de normas, a fim de buscar uma verdade.

Seguir um método é seguir etapas, os procedimentos mais adequados para a investigação. Isso é importante no campo científico no sentido de organizar dados e informações, tornar a pesquisa mais produtiva e chegar aos resultados com maior rapidez e eficiência.

TIPOS DE MÉTODOS

Você viu o conceito de método a partir de várias perspectivas. Agora apresentaremos alguns tipos mais comuns no que diz respeito ao tratamento dado ao objeto de estudo na Ciência.



Já apresentamos, de certa forma, o conceito e alguns tipos de método na Aula 4 "Tipos de pesquisa: características e alguns exemplos relacionados à Administração". Mas achamos fundamental você retomar alguns pontos aqui para você avançar em seus estudos.

SILOGISMO

É um termo filosófico com o qual Aristóteles designou a argumentação lógica perfeita, constituída de três proposições declarativas que se conectam de tal modo que a partir das duas primeiras, chamadas premissas, é possível deduzir uma conclusão.

PREMISSA

É uma idéia que precede a conclusão, de onde esta decorre como conseqüente necessário. É uma idéia de onde se parte para elaborar um raciocínio. Na Lógica, a premissa maior (geral) é o predicado da conclusão, e a premissa menor (particular) é o sujeito da conclusão.

Método dedutivo

O método dedutivo é aquele que procede do geral para o particular, através de uma lógica, sendo o **SILOGISMO** uma de suas formas clássicas. Como se faz isso? Parte-se de duas **PREMISSAS**, de onde se retira uma terceira, chamada conclusão.

Está complicado? Veja então alguns exemplos a seguir.

1)

Premissa 1: Todo humano é mortal (geral).

Premissa 2: Carlos é humano (particular).

Conclusão: Carlos é mortal.

2)

Premissa 1: Todo número par é divisível por dois (geral).

Premissa 2: 380 é um número par (particular).

Conclusão: 380 é divisível por dois.

3)

Premissa 1: O conjunto dos números naturais está contido no conjunto dos números reais (geral).

Premissa 2: 35 é um número natural (particular).

Conclusão: 35 é um número real.

Método dedutivo

Com Descartes, o método dedutivo é considerado adequado para se chegar à verdade. Seu modelo abstrato e esquemático obedece fundamentalmente às seguintes ações:

1. Evidência: Receber criteriosamente as informações, verificando sua racionalidade e sua justificação. Verificar a veracidade, a qualidade da fonte daquilo que se pesquisa – aprovar o que seja incontestável.
2. Análise: Examinar ou dividir o tema em tantas partes quanto possível e necessário.
3. Síntese: Construir progressivamente resultados abrangentes e ordenados, a partir de aspectos mais simples e fáceis até os mais complexos e difíceis.
4. Enumeração: Enumerar e revisar detalhadamente os resultados, garantindo que nada seja omitido e que a coerência geral exista.

Fonte: DESCARTES (2007).

Método indutivo

O método indutivo é de procedimento inverso ao do método dedutivo, isto é, parte do particular para o geral. De acordo com o raciocínio indutivo, a generalização não deve ser buscada como ponto de partida, mas constatada a partir da observação de um número de casos concretos e confirmados dessa realidade.

Exemplo:

1) Este pedaço de fio de cobre conduz energia.

Este segundo e este terceiro pedaços de fio de cobre conduzem energia.

Todo fio de cobre conduz energia.

Cobre conduz energia.

Cobre é metal.

Ouro conduz energia.

Ferro conduz energia.

Cobre, ouro e ferro são metais.

(Todo) metal conduz energia.

Exemplo:

2) A pesquisa eleitoral é outro exemplo do raciocínio indutivo. Pela amostragem de eleitores realiza-se a pesquisa que irá ser utilizada para encontrar o percentual de votos de cada um dos candidatos.

Método dialético

Na Grécia Antiga, dialética era a arte do diálogo. Com o tempo, passou a ser a arte de demonstrar, no diálogo, uma idéia por meio de uma argumentação capaz de demonstrar e distinguir com clareza os conceitos envolvidos na discussão.

Durante mais de um século, as várias escolas de pensamento discutiram o problema de metodologia, principalmente os partidários do método dedutivo, em oposição aos adeptos do método indutivo. Em determinado momento, chegaram à conclusão de que a indução e a dedução são métodos necessários ao raciocínio, já que as idéias evoluem dialeticamente pela superação progressiva de sucessivas contradições. É o movimento dialético, no plano das idéias, que comanda a evolução da matéria e da história (LAKATOS; MARCONI, 1995, p.73).

KARL MARX

O economista Karl Heinrich Marx (1818 – 1883) foi um intelectual alemão. Ele é considerado um dos fundadores da Sociologia. Também há sua influência em outras áreas, como: Filosofia e História.
Fonte: MARX (2007).

KARL MARX ultrapassa o nível de conciliação entre os dois métodos, através do método dialético. Esse método mostrou-se bastante polêmico, já que conduz a questões de natureza ideológica.

Dialética

É considerada a arte de provar ou de refutar uma idéia, o que implica a incompatibilidade de contrários. Hegel (1770-1831) define a dialética como a conciliação dos contrários, já que, para ele, existem dois tipos de razão em oposição (ABBAGNANO, 1962, p. 472). A conciliação dos contrários comporta três momentos: tese, antítese e síntese, que supera a contradição, conservando as proposições opostas. (Daí, criando a sua própria negação, que uma nova síntese deverá suplantar.) (Idem, p. 255-256).

A partir desse ponto, Marx apresenta sua dialética materialista, definindo suas leis fundamentais (ABBAGNANO, 1962, p. 623):

a) Lei da transformação da quantidade em qualidade

No processo de desenvolvimento (que se dá aos saltos), as mudanças quantitativas graduais geram mudanças qualitativas. A dialética explica que o desenvolvimento se dá, pelas mudanças aparentes e radicais, as mudanças qualitativas (idem).

b) Lei da interpenetração dos contrários

Os objetos e fenômenos da natureza supõem contradições internas porque tudo tem um lado negativo e um lado positivo, em constante luta entre si. A luta dos opostos constitui a fonte do desenvolvimento da realidade (LAKATOS; MARCONI, 1998, p. 78-79).

c) Lei da negação da negação

O desenvolvimento ocorre mediante a negação do velho pelo novo, do inferior pelo superior, do pobre pelo rico, visto que o novo, negando o velho, retém um caráter progressivo. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento prossegue em espiral, repetindo os ciclos (LAKATOS; MARCONI, 1998, p. 79).

Exemplo:

Toma-se um grão de milho. Para que ele seja o ponto de partida de um processo de desenvolvimento, é posto na terra. Com isso o grão de milho desaparece, sendo substituído pela espiga (primeira negação – o grão de milho desapareceu, transformando-se em planta). A seguir, a planta cresce; produz, por sua vez, grãos de milho e morre (segunda negação – a planta desaparece depois de produzir não somente o grão, que a originou, mas também outros grãos que podem, inclusive, ter qualidades novas, em pequeno grau; mas as pequenas modificações, pela sua acumulação, segundo a teoria de Darwin, podem originar novas espécies). Portanto, a dupla negação, quando restabelece o ponto de partida primitivo, ela o faz a um nível mais elevado, que pode ser quantitativa ou qualitativamente diferente (ou ambas). (Idem, p. 77.)

Atividade 2

Dedução, indução e dialética



Leia os trechos a seguir:

1 – O conhecimento parte do particular, da experiência, da realidade concreta até chegar ao geral, ao conceito.
Por exemplo: Terra, Marte, Vênus e Júpiter são desprovidos de luz própria. Ora, Terra, Marte, Vênus e Júpiter são todos planetas. Logo, todos os planetas são desprovidos de luz própria.

2 – A análise é feita com a construção de um novo sistema de hipóteses, partindo da anulação do sistema anterior. A interpretação da realidade é dinâmica e totalizante. Os fatos são analisados em seus contextos, considerando as relações de oposição entre idéias e conceitos.

3 – Só a razão pode levar ao conhecimento. Nesta forma de análise, parte-se do geral para o particular.
Por exemplo: Todo mamífero tem um coração. Ora, todos os cães são mamíferos. Logo, todos os cães têm um coração.

Esses trechos se referem aos três métodos apresentados anteriormente.

Trecho 1 - _____

Trecho 2 - _____

Trecho 3 - _____

Respostas

1 – Método indutivo.

2 – Método dialético.

3 – Método dedutivo.

Método quantitativo

Vamos agora ao método quantitativo. Se você pensou em quantidade, acertou.

Este método é utilizado nos casos em que se procura identificar quantitativamente o nível de conhecimento, as opiniões, impressões, hábitos, comportamentos: quando se procura observar o alcance do tema, do ponto de vista do universo pesquisado, em relação a um produto, serviço, comunicação ou instituição. Pode-se, por exemplo, analisar o que ocorre no mercado na sua totalidade ou em partes, conforme a amostra com a qual se trabalha (COGO, 2006).

Exemplos: Uma pesquisa de opinião sobre a quantidade de serviços administrativos prestados pelo hospital Souza Aguiar: número de prontuários de pacientes, número de fichas de cadastro de pacientes, quantidade de marcação de consultas por dia etc.

Uma pesquisa sobre o nível de conhecimento de graduação em administração de uma determinada turma da universidade.

Entre vários instrumentos de coleta de dados, o questionário é bastante relevante em pesquisas na área de Ciências Sociais aplicadas, compreendendo a pesquisa em Administração. Ele deve ser redigido de forma simples, com a finalidade de facilitar ao informante o caminho das várias questões secundárias, considerando que o entrevistador não estará presente para dar um suporte emocional ou outro estímulo que aumente a habilidade e a disposição do informante. O questionário pode conter questões fechadas (alternativas predefinidas) e/ou abertas (sem alternativas e com resposta livre).

Exemplos: entrevistas pessoais no domicílio, em pontos de fluxo, por telefone, envio de questionário por mala-direta, encarte de questionários em revistas ou mesmo embalagens de produtos e questionários via internet.

Método qualitativo

O que é pesquisa qualitativa? É o estudo de um objeto, buscando interpretá-lo em termos do seu significado. Neste sentido, a análise considera mais a subjetividade do pesquisador. O objetivo é considerar a totalidade, e não dados ou aspectos isolados.

Não carecendo de preocupação estatística, o método qualitativo pode ser exposto ou examinado minuciosamente, em discussões em grupo e entrevistas.

Exemplo:

Pesquisa de opinião sobre determinado conteúdo de um curso para o qual são convidados professores das áreas afins. (necessidade de Matemática em cursos de Administração).

Entre os padrões de pesquisa processados com método qualitativo, estão as pesquisas de produto (teste, desenvolvimento, grau de satisfação, níveis de conhecimento e efetivo uso), investigação em torno da comunicação (testes de nomes, embalagens, pré e pós-anúncios, estudos de mídia), investigações de conveniência de mercado (definição de nichos, imagem e estrutura da concorrência, hábitos e comportamentos do consumidor, tamanho de mercado), investigações sobre atendimento (avaliação de qualidade de trabalho e nível de satisfação de usuário) e investigações internas para funcionários (COGO, 2006).

Método observacional

Este método é baseado em comportamentos de natureza sensorial, principalmente pelos atos de ver e escutar. Esse processo é importante para a pesquisa empírica.

Esse procedimento, se for feito de forma despreocupada, é um procedimento primitivo e impreciso, conduz ao conhecimento vulgar; porém, se for submetido a rigorosa análise, isto é, se for criteriosamente planejado e realizado sob normas rígidas, conduz a resultados tão precisos quanto aqueles obtidos mediante experimentação (GIL, 1991, p. 27-28).

Na Administração, o método observacional é empregado em vários aspectos:

- 1) na observação direta das pessoas – exemplo: análise de perfil profissional de um funcionário;
- 2) por meio de perguntas – aplicação de entrevistas e questionários, por exemplo, na busca por eficiência na produção de um produto;
- 3) exame de documentos – como, por exemplo, análise de balanço da empresa (idem).

Método comparativo

O método comparativo se realiza pela análise de sujeitos, fenômenos ou fatos, com o propósito de destacar as diferenças e semelhanças entre eles. Sua ampla utilização na Administração permite o estudo comparativo de grandes aglomerados sociais afastados pelo espaço e pelo tempo, como, por exemplo, o estudo da consequência de medidas de políticas econômicas e administrativas adotadas pelos governos com estudo comparativo de empresas, instituições e países que passaram por situações similares. Possibilita o exame do desenvolvimento econômico e/ou empresarial de uma área levando em consideração as circunstâncias em épocas distintas (idem).

Nas pesquisas na área de Administração, o método comparativo é importante, pois permite examinar os acontecimentos econômicos e de gestão tomando em consideração países, regiões geopolíticas, classes sociais, categorias profissionais etc.

Método estatístico

Alicerçado na aplicação da teoria estatística da probabilidade, este método é importante para a investigação em Ciências Sociais. O método é usado para análise de dados obtidos a partir de levantamentos por amostragem (idem).



Figura 6.2: A estatística lida com a coleta, o processamento e a disposição de dados, atuando como ferramenta fundamental nos processos de solução de problemas.
Fonte: www.sxc.hu/photo/787736

Há que se admitir, porém, que as explicações obtidas mediante a utilização do método estatístico não podem ser consideradas absolutamente verdadeiras, embora dotadas de boa probabilidade de serem.

Através de testes estatísticos, é possível determinar, em procedimentos numéricos, a possibilidade de exatidão de determinada conclusão, assim como o grau de diferença admissível em relação a uma medida de erro de um valor obtido. Dessa forma, o método estatístico é caracterizado por razoável grau de acerto, o que o torna aceitável por parte dos investigadores.

Os processos estatísticos oferecem apreciável contribuição às conclusões alcançadas, principalmente somado a técnicas de experimentação e da observação.

Exemplo:

Pesquisa estatística – O percentual da classe média que consome leite *in natura*.

Depois que você viu a diferença entre alguns dos principais métodos em pesquisa, é fundamental ter consciência de que os métodos não são adotados em sua forma pura ou isolada. Normalmente em uma pesquisa, dependendo do tema, utiliza-se uma combinação de dois ou mais métodos.

OBSTÁCULOS DA PESQUISA

Para você pesquisa científica é algo difícil ou complicado? Na verdade, podemos dizer que ela é complexa – isso é diferente.

Seguindo o mesmo raciocínio, é possível haver o mesmo tipo de erro no caso de alguns que apontam a complexidade como empecilho para a existência da Administração como Ciência. Mesmo que se possa concordar que os fatos administrativos são complexos, isso não significa que representam um obstáculo à pesquisa. Passo a passo, rumo a um desenvolvimento, a Administração vem delimitando um vocabulário cada vez mais claro e preciso. À proporção que isso ocorre, os investigadores tornam-se habilitados a enunciar leis e teorias, da mesma forma, claras e precisas.

Podemos avaliar que um dos maiores obstáculos de quem se inicia na pesquisa científica seja conceber que é necessário um plano minuciosamente delineado.

A relação de tópicos mais importantes a serem abordados é essencial e determinante: são as diversas etapas do processo. Contudo, uma investigação devidamente planejada, realizada e concluída não é uma simples consequência automática de regras determinadas ou de percurso seguido.

A pesquisa deve ser tomada também como obra de criatividade, que nasce da intuição do pesquisador e recebe a marca de sua originalidade, tanto no modo de realizá-la como no de apresentar seus resultados. As etapas do procedimento podem ser observadas como indicadoras de um caminho, dando, porém, a cada um a oportunidade de exprimir sua iniciativa e seu modo próprio de expressar-se.

Fazer uma pesquisa científica não é uma tarefa simples. Além da iniciativa e originalidade, exige do investigador persistência, dedicação ao trabalho, esforço contínuo e paciência.

Mesmo destacando o valor da criatividade, é conveniente recomendar que a pesquisa científica não deve ser fruto apenas da espontaneidade e intuição do indivíduo, mas exige submissão tanto aos procedimentos do método como aos recursos da técnica.

Qual é a diferença entre método e técnica?

Método e técnica não são a mesma coisa. Método é uma orientação geral constituída por um conjunto de fases, ordenadamente colocadas de certo modo, a serem superadas na investigação da verdade, no estudo de uma Ciência ou para alcançar determinado fim.

Técnica é uma forma de realizar uma atividade, arte ou ofício, de maneira mais hábil e mais segura. Em linhas gerais, a técnica é a maneira mais adequada de se vencerem as etapas indicadas pelo método.

Por isso, diz-se que o método equivale à estratégia, enquanto a técnica equivale à tática.

PENSAMENTO REFLEXIVO

Normalmente refletimos quando nos encontramos diante de um problema e sentimos a urgência de resolvê-lo.



Foto: Dennis Stamatou

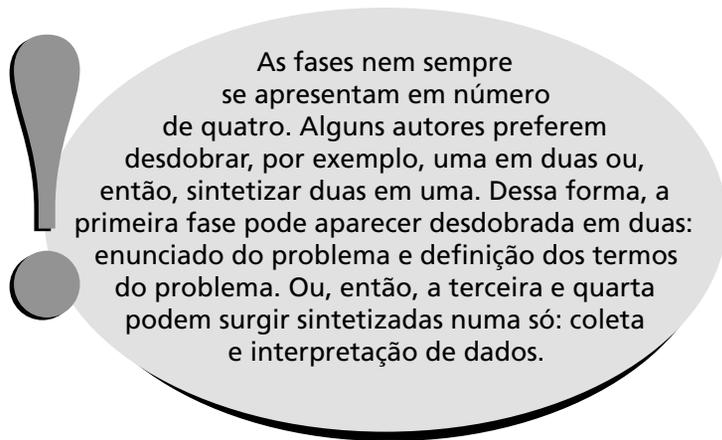
Figura 6.3: O pensamento reflexivo surge, na maioria das vezes, a partir de uma situação problemática.
Fonte: www.sxc.hu/photo/812719

No momento em que o pesquisador se defronta com um problema, é possível inferir uma ação completa do pensamento reflexivo (processo de aprendizagem), que se apresenta nas seguintes fases:

- a) identificar a dificuldade percebida pelos sentidos;
- b) buscar então compreender e definir essa dificuldade;
- c) procurar uma resposta provisória para a mesma;
- d) elaborar mentalmente uma resposta (elaborando-se, também, se for necessário, respostas provisórias complementares);
- e) confirmar a resposta de modo experimental;
- f) buscar avaliar adequadamente os dados experimentais, que conduzem à aceitação da resposta mental e a uma decisão sobre a conduta imediata ou ao abandono e à retificação da necessidade sentida, donde nasceu a dificuldade. O processo se repete até que se obtenha uma resposta comprovada, imediatamente empregável;
- g) buscar ter uma visão de futuro, ou seja, a formação de um quadro mental de situações futuras para as quais a situação atual é oportuna.

As etapas do método de pesquisa são similares às que acabamos de indicar, compreendendo:

- a. formulação do problema da pesquisa (correspondente aos itens *a e b*);
- b. enunciado de hipóteses (correspondente aos itens *c, d e e*);
- c. coleta dos dados (correspondente ao item *f*);
- d. análise e interpretação dos dados (correspondente ao item *g*).



A primeira fase do método é a formulação de um problema. Evite pensar imediatamente na elaboração de questionário. Parece ser muito comum encontrar pessoas que confundem pesquisa com mera aplicação de questionário (embora a aplicação de questionário faça parte da pesquisa; algumas pessoas acreditam que perguntar é o mesmo que pesquisar).

Aplicação de questionário pertence à etapa de coleta de dados, que, na ordem por nós colocada, encontra-se em terceiro lugar. Não se pode fazer pesquisa sem ter um problema devidamente enunciado anteriormente para resolver.

Devemos observar que o não formular o problema na pesquisa é como andar sem rumo definido. A maneira como delimitamos o problema é que nos dá a capacidade de decisão para considerar quais dados devem ser aproveitados e quais devem ser descartados, levando em consideração o critério para a conveniência e a importância desses elementos, como também de sua ordem e disposição.

Estabelecido o problema, o método pede que o pesquisador enuncie as hipóteses, que são respostas provisórias, para posterior aceitação ou rejeição.

A FUNÇÃO DA HIPÓTESE

Uma hipótese é uma resposta provisória para um problema. Quando testada pode ser aprovada ou refutada e constitui outros testes da teoria original. Em qualquer caso, as hipóteses podem ser úteis à teoria presente possibilitando a formulação de outras novas hipóteses. Esse esquema simples, infelizmente, não indica que a formulação de hipóteses úteis é uma das etapas mais difíceis do método científico.

Problemas na formulação da hipótese

Embora seja de procedimento difícil, é necessário perceber a necessidade de uma hipótese para nortear uma pesquisa. Sem ela, a pesquisa não tem foco, é uma digressão empírica ao acaso. A hipótese é uma conexão importante entre teoria e pesquisa, que encaminha à descoberta de novos conhecimentos.

São três as principais dificuldades na formulação de hipóteses:

- 1) a falta de uma representação de referência teórica inteligível;
- 2) a inabilidade para usar de maneira rigorosa um método teórico;
- 3) o não conhecimento das técnicas de pesquisa atuais para ser apto de expressar a idéia em perfeita conformidade com a hipótese.

As características da hipótese aplicável

Critérios para julgar hipóteses.

- A hipótese deve ser conceitualmente clara.
- A hipótese aplicável não pode conter julgamentos morais preconceituosos, como por exemplo: “criminosos não são piores que políticos”, “mulher não deve seguir uma carreira”, ou “capitalista explora seus operários”. Em outras palavras, embora seja possível a hipótese fazer juízo de valor, esse objetivo deve ser distinto da censura moral, ou de pretexto para a aceitação de valores próprios.
- A hipótese deve ser específica. Isto é, todas as operações e previsões indicadas necessariamente devem ser apresentadas.

- A hipótese deve ser relacionada com as técnicas disponíveis.
- A hipótese deve estar relacionada com uma teoria. Existe a tendência de selecionar assunto que se julga “interessante” sem examinar se a investigação vai realmente ajudar a refutar, a qualificar ou a confirmar uma das teorias existentes (GOODE; HAITT, 1973, p. 74-95).

Costuma-se terminar o relatório da pesquisa com uma conclusão. Embora o assunto fuja ao âmbito deste trabalho, que visa apenas dar as noções básicas para a elaboração de um projeto, convém, no entanto, de passagem, lembrar algumas indicações.

Segundo Cervo e Bervian,

a conclusão é, portanto um resumo marcante dos argumentos principais, é síntese interpretativa dos elementos dispersos pelo trabalho, ponto de chegada das deduções lógicas baseadas no desenvolvimento. Deve levar à convicção os hesitantes, se porventura ainda houver, isto você só conseguirá se reservar para a conclusão àquilo que seja realmente essencial para a compreensão do tema (2002, p. 74).

Antes de concluir esta aula, é necessário recordar que o método, anteriormente descrito, não é apenas um conjunto de processos protocolares ou um complexo de normas cuja finalidade é ser usado unicamente na pesquisa. Já foi dito que ele constitui a orientação básica do pensamento reflexivo. É considerado também eficaz para o aumento de saber, é um meio adequado para ampliar o conhecimento na área da Ciência, incluindo a administrativa.

CONCLUSÃO

O método é peça importante para a pesquisa científica, considerando que o desenvolvimento da Ciência se faz por meio de procedimentos técnicos e intelectuais. Dessa forma, poderemos chegar ao conhecimento ou demonstrar a verdade. É importante ter a consciência de que a pesquisa não é de natureza mecânica. Para tanto exige imaginação criadora e iniciativa individual. Podemos afiançar que o método é o caminho a ser seguido no processo de pesquisa, demarcado do começo ao fim, através de etapas.

Atividade Final

Métodos na pesquisa científica



Identifique a resposta correta de acordo com o método, enumerando a quarta coluna de acordo com a primeira.

1	Método dedutivo	Pedro é mortal. Pedro é estudante. Todo estudante é mortal.	
2	Método indutivo	Todo estudante é mortal. Pedro é estudante. Pedro é mortal.	
3	Método dialético	Perfil profissional de um executivo.	
4	Método quantitativo	O percentual de estudantes de mestrado que concluem o curso com a defesa da dissertação.	
5	Método qualitativo	Estudantes são convidados a expressar sua opinião sobre conteúdo de uma determinada matéria.	
6	Método observacional	Tese, antítese, síntese, nova tese, antítese, síntese.	
7	Método comparativo	Destacar diferenças e semelhanças de um ou mais produtos.	
8	Método estatístico	Entrevistas pessoais em pontos de fluxo de pessoas, através do telefone, por mala direta, observando o alcance numérico.	

Respostas

1	Método dedutivo	Pedro é mortal. Pedro é estudante. Todo estudante é mortal.	2
2	Método indutivo	Todo estudante é mortal. Pedro é estudante. Pedro é mortal.	1
3	Método dialético	Perfil profissional de um executivo.	6
4	Método quantitativo	O percentual de estudantes de mestrado que concluem o curso com a defesa da dissertação.	8
5	Método qualitativo	Estudantes são convidados a expressar sua opinião sobre conteúdo de uma determinada matéria.	5
6	Método observacional	Tese, antítese, síntese, nova tese, antítese, síntese.	3
7	Método comparativo	Destacar diferenças e semelhanças de um ou mais produtos.	7
8	Método estatístico	Entrevistas pessoais em pontos de fluxo de pessoas, através do telefone, por mala direta, observando o alcance numérico.	4

RESUMO

Método científico refere-se ao passo a passo construído a fim de atingir um objetivo ou encontrar uma verdade na pesquisa.

Método dedutivo é o que deriva do geral para o particular; método indutivo é o que deriva do particular para o geral; método dialético é conciliação entre os métodos indutivo e dedutivo, pois tanto a dedução como a indução são imprescindíveis ao raciocínio; método quantitativo dá tratamento aos dados considerando suas quantidades; método qualitativo considera a análise do conteúdo; método observacional tem como base processos de natureza sensorial; método comparativo resulta do estudo de indivíduos, classes fenômenos ou fatos, com o objetivo de ressaltar as diferenças e semelhanças entre eles; método estatístico tem como base a aplicação da teoria estatística da probabilidade e constitui valioso auxílio para a pesquisa em Ciências Sociais.

O desenvolvimento da Ciência se faz através de procedimentos intelectuais e técnicos. Durante mais de um século, as várias escolas de pensamento discutiram sobre a metodologia com os seus métodos dedutivo, indutivo, dialético, quantitativo, qualitativo, observacional e estatístico. Foram observadas as dificuldades da pesquisa e a diferença entre método e técnica.

Método específico das Ciências Sociais aplicadas: tipos, causas e abordagem

AULA

7

Metas da aula

Expor que o método específico das Ciências Sociais aplicadas, em especial o conhecimento administrativo, não deve ser julgado tão-somente pelos critérios científicos usuais, devendo ser submetido também aos critérios de utilidade e relevância; demonstrar a importância da epistemologia para o aprendizado de Administração de Empresas.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- 1 diferenciar os tipos de pesquisa na área das Ciências Sociais e da Administração;
- 2 distinguir pesquisa acadêmica de pesquisa resultante de experiência e prática organizacional.

INTRODUÇÃO

O método, como você já viu em outras aulas, tem como objetivo disciplinar o sujeito pesquisador, eliminar de suas pesquisas o impulso ocasional, definir os meios de pesquisa e a ordem e os limites da investigação. Ele é, pois, *fator de garantia e economia*.

Embora haja estudiosos que se preocupem com a natureza e as características do método científico de maneira geral, é importante destacar que a metodologia científica não é única e absoluta. Cada área de estudo, por conta de suas necessidades, seus objetivos e recursos, desenvolve uma metodologia própria.

Em Ciências Sociais não é diferente. No que diz respeito à Administração, também existem métodos específicos, elaborados com a intenção de criar e facilitar estratégias de pesquisa.

Nesta aula, você verá quais são as bases da construção de conhecimento e os tipos de pesquisa mais comuns em Administração.

A ADMINISTRAÇÃO É UMA PRÁTICA E NÃO UMA CIÊNCIA

O *Dicionário de Ciências Sociais* da Fundação Getúlio Vargas (1986) define assim a Administração:

(...) o termo é mais comumente usado para se referir de maneira geral a atividades de gestão ou direção (no sentido amplo, em oposição ao sentido mais restrito de gerência, i. e., mais amplo do que a gerência concebida como gestão industrial, comercial ou de negócios pessoais); é usado também em sentido mais restrito para indicar funções especiais de planejamento e supervisão em níveis mais elevados (...).

Chiavenato (2007, p. 4) conceitua a Administração como:

Ciência, técnica e arte. Escreve ainda que a Administração cresceu e tornou-se uma ciência, uma técnica e uma arte: ela é uma ciência com princípios bem definidos e um corpo de conhecimentos científicos devidamente codificados: uma tecnologia que produz ferramentas de utilização para obter resultados e uma arte em lidar com situações concretas e abstratas.

Pode-se dizer que as Ciências buscam o conhecimento como objetivo, enquanto qualquer prática indica uma situação de habilidade. Nessa condição, a grande meta da procura do conhecimento é a resolução de problemas práticos existentes. Para a Medicina (que é uma prática e não uma ciência), a pesquisa serve para aumentar o conhecimento sobre as doenças e as formas de combatê-las ou evitá-las. Na Administração pública ou de empresas (também uma prática), a pesquisa deve ser norteadora para situações de trabalho, buscando melhorar a organização da empresa, superar conflitos entre os trabalhadores, priorizar a satisfação da sociedade etc.

Uma prática é sempre orientada para uma situação de análise, que toma forma a partir do momento em que um problema é identificado e precisa ser solucionado. Apontado e analisado o problema, levantam-se as opções de solução e, entre elas, escolhe-se a mais apropriada e inicia-se a sua implementação. Então, de forma básica, as áreas mais voltadas para a prática, como a Administração, tomam como base outras áreas mais voltadas para o fazer científico, como a Sociologia, a Psicologia, a Matemática e a Economia.

Dessa forma, qualquer conteúdo de investigação pode estar, em certa medida, sendo dirigido para a geração de conhecimento prático. Essa posição pode, a cada pesquisa em particular, movimentar-se numa ou noutra direção: mais para a prática ou mais para a teoria.

ORIGEM DO CONHECIMENTO EM ADMINISTRAÇÃO

O conhecimento em Administração parte, basicamente, de três fontes: a) de pesquisas operacionais, b) do conhecimento e das experiências de pesquisadores e executivos e c) de práticas nas empresas. Veja a seguir de que trata cada uma delas.

a. Pesquisas operacionais

A pesquisa operacional utilizada em Administração é uma ciência que tem como finalidade oferecer ferramentas quantitativas ao procedimento de tomada de decisões. É formada por um elenco de disciplinas isoladas, tais como: Programação Linear, Teoria das Filas, Simulação, Programação Dinâmica, Teoria dos Jogos etc. (Fonte: <http://www.indg.com.br/po/definicao.asp>.)

A pesquisa operacional surgiu durante a Segunda Guerra Mundial, quando os Aliados se viram confrontados com problemas (de natureza logística, tática e de estratégia militar) de grande dimensão e complexidade. Para apoiar os comandos operacionais na resolução desses problemas, foram então criados grupos multidisciplinares de matemáticos, físicos e engenheiros e cientistas sociais. Esses cientistas não fizeram mais do que aplicar o método científico, que tão bem conheciam, aos problemas que lhes foram sendo colocados. A pesquisa operacional foi usada pela primeira vez em 1939 como uma forma de juntar, sob um único nome, técnicas existentes ou que viriam a ser desenvolvidas com a mesma finalidade.

Fonte: <http://www.sobrapo.org.br/sitesobrapo.htm>

De modo geral, todos os conteúdos que formam a pesquisa operacional se sustentam em quatro Ciências basilares: Economia, Matemática, Estatística e Informática.

As áreas de aplicação abrangem fábricas, escritórios, hospitais, fazendas, estradas etc.



Visite o *site* da Sobrapo – Sociedade Brasileira de Pesquisa Operacional – (www.sobrapo.org.br) para conhecer um pouco mais sobre esse tipo de pesquisa.

A Sociedade foi fundada em 1969 e reúne a maioria dos profissionais em pesquisa operacional no Brasil.

A Sobrapo mantém sua própria revista, que entra em seu 22º ano de publicação sob o título *Pesquisa operacional*.

As pesquisas operacionais são exercício da decisão nas organizações humanas complexas onde são levadas em conta numerosas variáveis.

Em sua acepção comum, a pesquisa operacional é a aplicação que surge da vontade do homem de estar sempre querendo ir além da realidade imediatamente percebida e lançar princípios explicativos que fundamentam a organização. Ela pode ser dirigida sob a responsabilidade das empresas (através de seus executivos ou de consultores) ou da universidade. São fontes importantes do conhecimento administrativo.

Exemplo: O pensamento nacional acadêmico: a evolução que revolucionará.

Cerca de 19,5% das transações de comércio eletrônico entre empresas e 7,5% das vendas ao consumidor final serão feitas por meio do comércio eletrônico no Brasil. E o investimento em comércio eletrônico

chega a quase 1,5% da receita líquida no caso das empresas de serviços. Este artigo mostra uma realidade promissora, uma evolução que deve culminar em uma revolução. (O artigo completo poderá ser consultado na revista *HSM* número 58, ano 10, volume 5, setembro-outubro de 2006.)

Em um modelo matemático aplicado na pesquisa operacional, são incluídos três conjuntos principais de elementos:

- Variáveis de decisão e parâmetros: variáveis de decisão são as incógnitas a serem determinadas pela solução do modelo; parâmetros são valores fixos no problema;
- Restrições: consideração das limitações físicas do sistema; o modelo deve incluir restrições que limitam as variáveis de decisão a seus valores possíveis (ou viáveis);
- Função objetivo: função matemática que define a qualidade da solução em função das variáveis de decisão.

Achou difícil? Veja o exemplo a seguir para entender melhor.

Uma empresa de comida para cães produz dois tipos de rações: Tobi e Rex.



Figura 7.1: A produção de rações para cães, no caso, é diferenciada em relação a produtos, quantidades, valores e restrições.
Fonte: www.sxc.hu/photo/693509

Para fabricar rações são utilizados cereais e carne. Sabe-se que:

- a ração Tobi utiliza 5 kg de cereais e 1 kg de carne, e a ração Rex utiliza 4 kg de carne e 2 kg de cereais;

- o pacote de ração Tobi custa R\$ 20,00, e o pacote de ração Rex custa R\$ 30,00;
- o quilo de carne custa R\$ 4,00, e o quilo de cereais custa R\$ 1,00;
- estão disponíveis por mês 10.000 kg de carne e 30.000 kg de cereais.

Deseja-se saber qual é a quantidade de cada ração a produzir de modo a maximizar o lucro.

Neste problema, as variáveis de decisão são as quantidades de ração de cada tipo a serem produzidas. Os parâmetros fornecidos são os preços unitários de compra e venda, além das quantidades de carne e cereais utilizadas em cada tipo de ração. As restrições são os limites de carne e cereais. E a função objetivo é uma função matemática que determina o lucro em função das variáveis de decisão.

b. Conhecimento da experiência de pesquisadores, executivos e professores de Administração

Empresários, professores e executivos, entre outros, têm a possibilidade de contar com as experiências vividas, usadas como ferramentas de compreensão histórica e de compreensão inter-humana, buscando desse modo uma unidade estrutural entre atitudes práticas e conteúdos (ABBAGNANO, 1962, p. 322).

Por exemplo: Um executivo de uma empresa pode tomar decisão sobre um determinado conflito entre seus subordinados baseando-se em sua própria experiência ou em outros casos semelhantes em situações anteriores resolvidas com êxito.

c. Práticas empresariais

As empresas não ficam na dependência do conhecimento proveniente da investigação acadêmica. Elas estão sempre buscando novos procedimentos de trabalho, investigando melhorias, organizando a procura e o aperfeiçoamento de informações, procurando novas concepções, novas formas de exame de seu desempenho e de seus procedimentos etc. Um conhecido exemplo é a prática do **BENCHMARKING** – técnica usada para determinar as “melhores” práticas para um processo ou produto em particular –, originada na Xerox Corporation (Campos, 1993, apud Moreira, 2000. Fonte: http://www.fecap.br/adm_online/art11/daniel.htm); outro exemplo é o famoso sistema Toyota (SHINGO, 1989, apud idem).

BENCHMARKING

Processo de comparar os produtos e processos da empresa aos dos concorrentes ou empresas líderes de outros setores a fim de encontrar meios de melhorar a qualidade e o desempenho do produto (ALVES; BANDEIRA, 1998, p. 52-53).

Dessa prática surgem concepções e técnicas que são apropriadas pelos meios acadêmicos e de consultorias, permitindo um fluxo ininterrupto de informações. Em vários casos, a procedência da idéia ou da teoria teórica pode desaparecer, assim que a construção de conhecimento vai se formando, com muitas colaborações ainda de grupos diferenciados (o movimento da qualidade total é um exemplo) (MOREIRA, 2000. Fonte: http://www.fecap.br/adm_online/art11/daniel.htm).

Na verdade, em algumas áreas é possível que a prática lidere a teoria ou pelo menos a preceda; entretanto, os avanços na prática e na teoria não indicam necessariamente que a prática lidere a teoria ou vice-versa. Tanto uma coisa como outra podem acontecer, e isso é comum em Administração. Há poucos campos de trabalho onde o conhecimento tem um público consumidor de “praticantes” – empresas, consultores, gerentes, etc. – como é a Administração. Esses praticantes, é claro, não permanecem parados à espera de teoria. Portanto, quem trabalha com estudos em Administração tanto tem que focalizar o desenvolvimento de nova teoria (que deverá guiar a prática das empresas), como deve ir às empresas para estudar suas práticas e sistematizar teoria, à maneira de etnógrafos e antropólogos (idem).

Exemplo de práticas empresariais:

Os fabricantes de telefones celulares em geral se orgulham de oferecer uma funcionalidade muito complexa para os clientes. A Motorola está tentando romper esse padrão, ao orientar-se para um *design* diferenciado. A empresa, que há apenas três anos fechou várias fábricas e demitiu 50 mil funcionários, parece estar virando o jogo. (Artigo completo na revista *HSM Management*, n. 58, ano 10, v.5, set./out. 2006, p. 92.)

Atividade 1

Pesquisa em Administração

Exemplo - Problema do marceneiro

Um marceneiro possui em estoque 16 peças de madeira para a fabricação de móveis e dispõe de 40 horas de trabalho para a confecção desses produtos.





Foto: Janderson Araujo

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/284773>

Dois modelos venderam muito bem no passado recente, de forma que ele limitou sua produção a esses dois tipos. Tais modelos requerem, respectivamente:

- Modelo 1 - 2 peças de madeira e 10 horas de trabalho;
- Modelo 2 - 1 peça de madeira e 8 horas de trabalho.

Os preços de venda dos modelos 1 e 2 são, respectivamente, R\$ 120,00 e R\$ 100,00 por unidade comercializada.

A questão que se coloca é: Quantos móveis de cada tipo, ou de um único tipo, o marceneiro deveria executar para maximizar o resultado de suas vendas?

(Fonte: www.em.pucrs.br/~4442h/apostilas/PUC%20PESQUISA%20OPERACIONAL%201.pdf)

Escreva a que tipo de pesquisa se refere o caso apresentado no exemplo anterior. Justifique sua resposta com base na explicação apresentada na aula.

Resposta Comentada

O caso do marceneiro apresentado no exemplo se refere à pesquisa operacional.

Esse tipo de pesquisa objetiva oferecer ferramentas quantitativas para facilitar a tomada de decisão. É a aplicação de uma solução ou de uma decisão a partir de um modelo matemático. Ela pode funcionar sob a responsabilidade da empresa ou da universidade.

PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO

Pesquisa experimental de campo

O experimento de campo é uma pesquisa em situação real, em que uma ou mais variáveis independentes são manipuladas pelo pesquisador, sob condições controladas, com o cuidado exigido pela situação (MOREIRA, 2006).

As experiências de campo possuem diversas qualidades, entre elas aquelas que se adaptam bem ao estudo de problemas sociais, organizacionais, psicológicos e educacionais de grande interesse.

Na experiência de campo, o pesquisador, ainda que tenha o controle de manipulação, sempre se depara com a possibilidade de que suas variáveis independentes estejam alteradas por variáveis ambientais que escapam a seu controle.

Exemplo: O comerciante aumenta o preço do produto para observar a reação do consumidor. Uma empresa de Marketing pode pôr um determinado produto em teste em um ponto-de-venda, para observar o comportamento do consumidor em relação ao produto.

Pesquisa não-experimental ou estudos de campo

Vamos adotar um conceito mais amplo de estudo de campo, assumindo como normal que ele se refira à observação de pessoas, porém indicando com a palavra “observação” toda e qualquer técnica por meio da qual os dados sejam coletados.

O estudo de campo diz respeito às espécies de atividades levadas a cabo pelo pesquisador de campo quando ele trata com as pessoas que são o objeto de seu estudo.

O foco do interesse não está no entrevistador contratado, que é treinado não como profissional (como nos grandes levantamentos de campo com questionários – IBGE, por exemplo), mas sim no próprio pesquisador que vai ao campo e nas atividades em que ele está envolvido. Essa linha de pensamento entende o trabalho de campo como sendo de especial interesse dos antropólogos e de um segmento dos sociólogos, que convivem com as pessoas que querem estudar – para usar uma expressão bem conhecida, “tornando-se parte da comunidade pesquisada”.

Exemplo: Antropólogo que vai viver em uma tribo de silvícolas para estudar sua forma de vida, seus costumes, sua cultura, sua sociedade etc.

Etnografia, a nova pesquisa de mercado

Tradicionalmente dedicada ao estudo das sociedades humanas, a Antropologia Social costumava se concentrar na observação de grupos exóticos (desde habitantes de alguma ilha perdida na Polinésia até tribos amazônicas ameaçadas de extinção), mas nos últimos tempos essa Ciência voltou-se para o mundo dos negócios [...]. Com esse novo sentido, a Etnografia, método de pesquisa da Antropologia Cultural, originalmente centrada na descrição e no estudo das sociedades humanas a partir do ponto de vista do “nativo” de cada cultura, passa a ser usada para observar os consumidores-alvo no contexto de consumo ou de uso, ou seja, em casa, no local de trabalho, no momento do lazer, na hora das compras ou no passeio. Nesse contexto, o objetivo é identificar os comportamentos e as necessidades que as pessoas nem sempre revelam nas entrevistas, mas que empregam na prática. (Artigo completo na revista *HSM Management* n. 60, ano 10, v.1, jan/fev 2007, p.120.)

Essa postura praticamente iguala o estudo de campo com a técnica da observação participante, na qual o investigador dispõe-se a adotar a perspectiva daqueles que são estudados, compartilhando as suas experiências do dia-a-dia (DENZIN, 1977, apud MOREIRA, 2006).

O projeto de pesquisa não-experimental é deliberadamente não estruturado de forma a maximizar as possibilidades de descoberta e verificação de proposições teóricas (MOREIRA, 2006).

Exige também a determinação das técnicas de coleta de dados mais apropriadas à natureza do tema e, ainda, a definição das técnicas que serão empregadas para registro e análise. Dependendo das técnicas de coleta, análise e interpretação dos dados, a pesquisa de campo poderá ser classificada como de abordagem predominantemente quantitativa ou qualitativa.

Agora você verá um pouco mais sobre pesquisa de campo em uma abordagem quantitativa e em uma abordagem qualitativa.

Pesquisas de campo quantitativas

Assim como na pesquisa experimental, as pesquisas de campo quantitativas se orientam pelo padrão de pesquisa conhecido como *hipotético dedutivo* (POPPER, 1972, apud MOREIRA, 2006).

O investigador parte de conceitos de referência organizados, e então constrói hipóteses sobre os fenômenos e situações que quer pesquisar. Várias resultantes são deduzidas das hipóteses (MOREIRA, 2006).

A coleta de dados mostrará números (ou informações conversíveis em números) que possibilitam explicar/justificar ou não as conseqüências, e daí então a aprovação (ainda que provisória) ou não das hipóteses. Os dados são analisados com apoio da Estatística ou outras técnicas matemáticas. Os tradicionais levantamentos de dados (*surveys*) são o exemplo clássico da pesquisa de campo quantitativo (Idem).

Surveys - Os métodos de pesquisa podem ser quantitativos (*survey*, experimento etc.), apropriados para a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população-alvo. O estudo é realizado por meio de um instrumento de pesquisa, normalmente um questionário.

A *survey* é apropriada como método de pesquisa quando:

- deseja-se responder questões do tipo "o quê?", "por quê?", "como?" e "quanto?", ou seja, quando o foco de interesse é sobre "o que está acontecendo" ou "como e por que isso está acontecendo";
- não se tem interesse ou não é possível controlar as variáveis dependentes e independentes;
- o ambiente natural é a melhor situação para estudar o fenômeno de interesse;
- o objeto de interesse ocorre no presente ou no passado recente.

Exemplo: Pesquisa de campo por meio de dois questionários para verificar a diferença entre os perfis psicológicos e o comportamento decisório de 78 gerentes masculinos e femininos de uma empresa pública.

Atividade 2

Pesquisa no mercado consumidor



Uma empresa de grande porte contrata um instituto de pesquisa para saber o nível de aceitação do mercado consumidor de um outro país para um novo produto destinado a limpeza pesada. Para tanto, o instituto resolve infiltrar um entrevistador contratado no país-alvo para saber a cultura, o nível social e outros costumes, com o propósito de medir o nível de aceitação desse novo produto no país.

Que tipo de pesquisa deverá ser utilizado? Justifique.

Resposta Comentada

Pesquisa não-experimental (estudo de campo), com a finalidade de o infiltrado (pesquisador de campo) obter informações sobre a cultura, o nível social, os costumes do público-alvo, para que a empresa contratante avalie como será aceito o novo produto. Dessa maneira, as informações obtidas possibilitarão planejar a estratégia que será empregada pela empresa na introdução do novo produto naquele país.

Estudos de campo qualitativos

Os estudos de campo qualitativos não têm uma significação precisa em quaisquer das áreas onde sejam empregados. Há uma corrente de pesquisadores que admite que todos os estudos de campo são qualitativos e são identificados com a observação participante. Normalmente, esse tipo de pesquisa não é utilizado em Administração.

A pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise. Dentro desse conceito amplo, inclui também informações não expressas em palavras, tais como: pinturas, fotografias, desenhos, filmes, *videotapes* e até mesmo trilhas sonoras (TESCH, 1990, apud MOREIRA, 2006).

Para pesquisa em Administração, esse conceito pode ser adaptado. Mantendo a idéia de que a pesquisa qualitativa não é quantificada, em Administração ela pode ser associada com a coleta e análise de texto (falado e escrito) e a observação direta do comportamento.

Exemplo: Em fevereiro de 2007, na revista *Time*, sob o título “Um guia para o usuário”, diferentes especialistas falaram sobre o mais misterioso de nossos órgãos: o cérebro. E sobre a consciência, esse mundo interior que nos torna humanos. “A consciência é a atividade do cérebro”, disse Steven Pinker, professor de Psicologia da Harvard University e autor de *The Language Instinct*, *How the Mind Works* e *The Blank Slate*. “É uma propriedade emergente e não um processo em si mesmo”, afirmou Michael Gazzaniga, autor de *The Ethical Brain* e diretor do SAGE Center for the Study of the Mind, da University of California, em Santa Barbara. E acrescentou: “Nossas capacidades cognitivas, nossas recordações, nossos sonhos refletem processos distribuídos no cérebro. Os milhares de momentos conscientes que temos por dia indicam que uma de nossas ‘redes’ está trabalhando. Quando termina sua tarefa, aparece outra.”

Bernard Baars, membro do Neurosciences Institute da Califórnia e autor do livro *In the Theater of Consciousness*, sugeriu, com humor, que “o tema da consciência é como o sexo na era vitoriana. Cientificamente falando, o sexo não é mais que outra área da Biologia, mas, para muitos, é um tabu. Uma vez que começamos a estudar a sexualidade – ou a consciência –, as nuvens de mistério começam a se dissipar”. No caso da consciência, sua relação com a moralidade é surpreendente. Em sua coluna “Como tomamos decisões de vida ou morte”, Robert Wright, autor de *The Moral Animal: Evolutionary Psychology and Everyday Life* e *Nonzero: The Logic of Human Destiny*, propôs um dilema moral: um trem fora de controle matará cinco pessoas, a menos que você acione a alavanca de mudança dos trilhos e o desvie para outro, em que existe uma só pessoa. Sacrificar menos vidas parece a opção correta. Entretanto, e se a alavanca não existe e a única forma de evitar o desastre for empurrar alguém para a frente do trem? De acordo com estudos realizados, a “intervenção pessoal” do segundo caso agiliza mais fortemente as zonas do cérebro que controlam as emoções que a opção, igualmente mortal,

de acionar a alavanca. Se o impulso moral compete com o racional pelo controle de nosso cérebro, outra nuvem de mistério desenha uma pergunta: onde está a alma? (Disponível em: http://www.hsm.com.br/hsmmanagement/edicoes/numero_62/assuntopessoal_ed62.php? Acesso em: 26 jun. 2006).

Evidentemente, existem alguns métodos mais apropriados para coleta e análise de dados: entrevistas abertas, observação participante, análise documental (cartas, diários, impressos, relatórios etc.), estudos de caso, relato pessoal etc.

Esses métodos são interessantes pelas características básicas da pesquisa qualitativa:

- a) uma análise na interpretação em vez de na quantificação: geralmente, o investigador qualitativo está interessado na interpretação que os próprios participantes têm da situação sob estudo;
- b) destaque na realidade psíquica, emocional e cognitiva do ser humano em vez da realidade exterior: admite-se que a busca de objetividade é inapropriada, já que o foco de interesse é justamente a interpretação dos participantes;
- c) facilidade de manejo no processo de conduzir a pesquisa: o pesquisador trabalha com situações complexas que não permitem a definição exata e a *priori* dos caminhos que a pesquisa irá seguir;
- d) prioridade para o processo e não para o resultado: a ênfase está na compreensão e não em um objetivo predeterminado, como na pesquisa quantitativa;
- e) pensamento dominante que se sobrepõe a qualquer outro com o contexto, no sentido de que o comportamento pessoal e a situação se ligam mutuamente na construção da experiência;
- f) importância do impacto do procedimento de pesquisa sobre a situação de pesquisa: admite-se que o investigador manipule a situação da pesquisa e seja por ela também manipulado (CASSEL; SYMON, 1994, apud MOREIRA, 2000).

Atividade 3



Qual é o tipo de pesquisa?

O trecho a seguir foi retirado de uma pesquisa na área de Estratégia. Leia com atenção.

Raiz do crescimento

Entenda o conceito “momentum”, seu papel no crescimento da empresa e sua relação com a comunicação.

Em Física, define-se *momentum* como a quantidade de movimento; no mundo dos negócios, *momentum* é um “indicador de crescimento, difícil de compreender, porque está impregnado de crenças, emoções e percepções”, como explica Gary Grates, presidente e diretor-geral da Edelman Change, firma de consultoria criada em março de 2006. A premissa básica para entendê-lo ou, melhor dizendo, aproveitá-lo para promover o crescimento, multiplicar os relacionamentos, enriquecer e distribuir o conhecimento, influir sobre os comportamentos é fazer da gestão da comunicação uma parte inseparável do processo de tomada de decisões e não um subproduto decorativo. Segundo Grates, Pepsi, Nokia e Apple com o iPod são “modelos” a seguir nesse sentido. E estas são algumas recomendações para lembrar na hora de “criar momentum”:

Veja como seus gestores relacionam a estratégia de negócios da empresa com a tomada de decisões, a definição de prioridades e a avaliação dos resultados.

Projete e administre com atenção uma política de comunicação estratégica que sirva de suporte aos objetivos de crescimento da empresa.

Gere um ambiente de trabalho aberto. Direcione os incentivos para o crescimento. Prepare seus gerentes para que saibam como dirigi-lo, como lidar com os clientes, empregados, fornecedores, mídia e até com os produtos e serviços que oferecem.

Assegure-se de que em seu sistema de *follow-up* e avaliação haja planejamento, determinação de objetivos e revisão de resultados semanal, mensal, trimestral e anual.

Escreva uma “história” que mostre onde está a empresa em relação a:

- (1) sua visão e estratégia de negócios,
- (2) experiência que oferece a seus clientes,
- (3) percepção do público em geral.

Obtenha o comprometimento de sua base de clientes fiéis, promova a comunicação “viral” e fortaleça as relações com seu ambiente.

Cerque os novos produtos e iniciativas da empresa de uma aura de interesse e energia.

Lidere a estratégia corporativa: chame a atenção, gere lealdade, atue e meça. Não tenha medo de afastar-se do convencional. Steve Jobs o fez. E se saiu muito bem.

(Artigo completo na revista *HSM Management*, n. 58, ano 10, v.5, set-out/2006. p. 138.)

Analise o texto anterior e escreva que tipo de pesquisa foi desenvolvido no contexto apresentado.

Resposta Comentada

Pesquisa qualitativa. Esse tipo de pesquisa não tem a preocupação com o quantitativo, com dados estatísticos. Geralmente a investigação qualitativa não é valorizada na Administração. A pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não vem expressa em números, ou então os números e as conclusões neles baseadas representam um papel secundário na análise.

Conhecimento através da experiência e da prática empresarial

Embora tão bem aceitos por todos, inclusive pela comunidade acadêmica, o conhecimento pela experiência e pela prática das empresas – as duas outras importantes fontes do conhecimento em Administração – de modo geral não guardam nenhum compromisso com os padrões usuais de fazer ciência. O fato de o conhecimento em Administração ser orientado para situações de diagnóstico não limita as suas fontes; ao contrário, amplia-as.

A idéia de conhecimento pela experiência desenvolvida por Anselm Strauss (STRAUSS, 1987, p. 11) é muito útil dentro das Ciências Sociais. Para ele, a questão fundamental com que o estudioso se defronta é como entender a complexidade da realidade que ele estuda e como fazer com que essa complexidade tenha sentido.

De onde vem, então, o conhecimento experiencial? Basicamente, vem da observação dos fenômenos administrativos, do acompanhamento constante das práticas administrativas, de leituras, de reflexões, da experiência adquirida em pesquisa acadêmica ou em consultoria, do desenvolvimento e da implantação de projetos de mudanças administrativas etc. É um tipo de conhecimento que se abre aos poucos para os militantes de algum campo de trabalho (1987, p. 11).

Resumindo, múltiplas são as atividades que permitem ampliar o conhecimento pela experiência.

De forma diferente do que acontece com muitas disciplinas, em Administração o conhecimento pela experiência é aceito e até mesmo muito valorizado. É por isso que trabalhos publicados não precisam estar ligados a uma pesquisa acadêmica em particular ou mesmo a uma análise documental com dados publicados por outra pessoa/instituição.



Um exemplo muito claro e valioso de como se pode construir o conhecimento pela experiência e de como ele pode ser revelado é dado por Hamel e Prahalad nas notas introdutórias de seu livro *Competindo pelo futuro*, publicado pela Editora Campus. Leia o livro. Vale a pena.



O conhecimento adquirido através da experiência não pode ser julgado nos mesmos moldes em que se julga a pesquisa científica, pois não tem algumas das qualidades fundamentais desta, principalmente a sistematização dos procedimentos e o controle de variáveis contaminadas pelo contexto envolvido.

Atividade 4

Conhecimento na prática



Leia o texto a seguir e responda se este pode ser caracterizado como conhecimento adquirido pela experiência. Justifique.

Na vida, somos colocados continuamente diante de opções que reclamam de nós uma decisão. Algumas são simples e corriqueiras, outras são graves e decisivas. O importante é formarmos o hábito de ponderar as vantagens e inconvenientes para decidir com lucidez e firmeza. O homem indeciso e perplexo acaba sempre sucumbindo ao desânimo, joguete das vicissitudes, incapaz de construir o próprio destino. A capacidade de decisão é a grande qualidade que se espera de um chefe.

Quando se analisam os inúmeros e recentes relatos dos profissionais da gerência, nota-se que a intuição, apesar da aparência ilógica, ou inexplicável, nada tem de mistério e, com certeza, deverá merecer explicações científicas mais apuradas no futuro. Porém, por enquanto, quando se lêem as propostas da literatura gerencial contemporânea, vê-se

que a intuição é tida como altamente impregnada dos conhecimentos e experiências acumulados pelo indivíduo, mas que, talvez, ainda não sejam parte do próprio consciente. Permanece no inconsciente, onde o processamento de informações para a decisão não reflete, necessariamente, a lógica conhecida dos fatos. Na verdade, a visão contemporânea da decisão lembra a perspectiva não-científica da Administração.

Resposta Comentada

A situação apresentada demonstra conhecimentos e experiências acumulados pelo gestor. Quando o pesquisador, gestor e qualquer outro personagem tenham adquirido a experiência por ter passado ou presenciado momentos semelhantes, mesmo que permaneçam no inconsciente, é possível a solução do problema de forma rápida e eficiente, através da intuição.

CONCLUSÃO

A área de Administração não se trata de uma Ciência na forma mais conhecida do termo, mas sim de um campo de pesquisa ou de aplicação, isto é, de uma prática. O conhecimento em Administração busca o desenvolvimento da organização, para que possamos entender, explicar e tornar mais eficaz a prática gerencial. Desse modo, esse conhecimento tem um público ao qual se destina, que está além da própria academia. Quanto mais complexo for o meio empresarial, o ambiente no qual as empresas devem trabalhar, mais dinâmica será a produção do conhecimento.

Estando o conhecimento em Administração posto em contato com a geração de bens e serviços, é inevitável a existência de uma interconexão muito ativa entre a academia – que conduz pesquisas – e as empresas, que fazem tentativas com a implantação de práticas gerenciais.

Nessa perspectiva, o conhecimento através da experiência dos estudiosos da Administração irá contribuir, ao lado das pesquisas formais e da prática empresarial, como mais um construtor de conhecimento.

Atividade Final

Vamos recapitular alguns pontos importantes



Enumere a segunda coluna de acordo com a primeira:

- | | |
|---|--|
| (1) Abordagem na pesquisa acadêmica. | <input type="checkbox"/> O problema é definido principalmente pelo cliente, às vezes numa base conjunta com o consultor. |
| (2) Abordagem em consultoria empresarial. | <input type="checkbox"/> O problema é escolhido pelo pesquisador. |
| | <input type="checkbox"/> O produto final são novos conhecimentos, novas teorias e (talvez) melhores práticas. |
| | <input type="checkbox"/> O produto final são melhores práticas de gerência. |
| | <input type="checkbox"/> A informação normalmente é confidencial. |
| | <input type="checkbox"/> A informação usualmente fica disponível ao público. |

Resposta Comentada

A pesquisa acadêmica exige uma metodologia e uma sistematização dos procedimentos específicas. Como a Administração é uma área muito voltada para a prática, suas metodologias de estudo e suas propostas nem sempre seguem os moldes científicos, até porque muitas vezes a finalidade é muito mais gerar boas práticas de gerência que novos conhecimentos ou teorias.

A ordem das respostas fica assim: 2 – 1 – 1 – 2 – 2 – 1.

RESUMO

A Administração é uma prática e não uma Ciência, embora alguns autores afirmem que a Administração de empresas não seja uma Ciência exata, logo é indicada para uma situação de análise, que se manifesta a partir do momento em que um problema é detectado e precisa ser superado. Porém, a Administração se fundamenta em algumas áreas científicas, como a Sociologia, a Psicologia e a Economia. O padrão se torna mais realista quando alguns campos do conhecimento se movem sucessivamente nos limites da Ciência e da prática. As pesquisas operacionais são em sua grande parte dirigidas e orientadas pelas empresas ou pela academia, constituindo em fonte para o conhecimento administrativo. Entre os tipos de pesquisa podemos citar a pesquisa experimental e pesquisa não-experimental, devendo ser enfatizado que o conhecimento adquirido pela experiência contribui de forma eficaz para as situações de diagnóstico.

Projeto de pesquisa: escolha do assunto, fatores internos e externos, delimitação do tema

AULA

8

Meta da aula

Apresentar os passos iniciais para a construção de um projeto de pesquisa científica.

objetivos

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

- 1 determinar os primeiros passos para o processo de pesquisa e os fatores que podem influenciar o andamento do trabalho acadêmico;
- 2 enumerar aspectos importantes a serem considerados para delimitação de um tema de pesquisa;
- 3 enunciar e delimitar um tema de pesquisa na área de Administração.

INTRODUÇÃO

Nesta aula, você verá como iniciar a construção de um projeto de pesquisa científica.

Para realizar uma pesquisa acadêmica, é preciso anteriormente a elaboração de um projeto de pesquisa, para que você pense as etapas que podem garantir a viabilidade dos recursos necessários, a seleção e organização das fontes de consulta e a ordem e a natureza das diversas ações a serem feitas com o cronograma a ser considerado.

Você terá a oportunidade de observar que o projeto de pesquisa não é difícil de ser elaborado; em contrapartida, exige muita disciplina e perseverança de sua parte.

A ESCOLHA DO ASSUNTO

Segundo Lakatos e Marconi (1995, p. 126), assunto ou tema é a matéria ou o objeto que se deseja pesquisar e analisar. O trabalho de enunciar adequadamente um tema pode, inclusive, manter-se por todo o trabalho. Desse modo, o tema escolhido será freqüentemente reavaliado no decorrer da pesquisa. Esse é um dos desafios iniciais com que você irá se deparar na ampliação de seu trabalho.

As perguntas iniciais são: Sobre o que você deve falar? Será que você tem condições de abordar o assunto? Onde irá achar informações sobre esse assunto? O material de pesquisa é acessível?



Há fatores – internos e externos – importantes que influenciam na escolha de um assunto para o trabalho de pesquisa. Vamos relacionar a seguir algumas questões que devem ser consideradas nessa escolha.

O objeto de estudo pode surgir de circunstâncias pessoais ou profissionais, da experiência científica própria ou alheia, do estudo específico da área ou de leituras paralelas.

Nem todo assunto, porém, é justificável para a realização de um estudo. Se, por um lado, inúmeros assuntos exigem somente pequena reflexão ou uma rápida troca de idéias, por outro, há temas complexos em demasia para serem abordados em uma única pesquisa. Para opção correta de um assunto de estudo, é preciso coerência. Isso está sujeito à seleção de critérios. Veja a seguir algumas dicas:

a. Fatores internos:

- O estudo deve proporcionar experiências duráveis e de grande valor para você. Uma pesquisa bem selecionada e bem dirigida pode criar vocações para o estudo sério. Você deve vencer a intenção de selecionar assuntos fáceis e muito acessíveis, cujos resultados não compensam os esforços.
- O assunto deve possibilitar seriedade teórica ou prática. A seriedade teórica emana da aspiração de saber para entender a realidade. A seriedade prática está fundamentada no querer saber para realizar algo com maior eficiência.
- O tema deve ser apropriado à sua qualificação como pesquisador. Vários temas necessitam de preparo científico, tal como o domínio de conhecimentos mínimos ou de processos especiais. Outros temas pressupõem habilidades específicas e recursos adequados.
- Na definição do tema, precisamos ser cuidadosos para não realizarmos um trabalho que não tenha importância para ninguém. O trabalho se justifica se ele tem relevância para alguém, para um grupo de pessoas ou para a sociedade em geral.
- O assunto deve atender às suas exigências de tempo, de trabalho ou de recursos econômicos.

b. Fatores externos

- Você deve reconhecer no tema selecionado sua originalidade, sua conveniência e seus valores acadêmicos e sociais.
- Você deve considerar sua disponibilidade de tempo em relação ao prazo estipulado para a conclusão do trabalho. É fundamental se ater ao prazo limite determinado pela instituição para a entrega do relatório final. Portanto, não se deve iniciar uma pesquisa em assuntos para os quais não haverá o tempo necessário para conclusão.
- Antes de escolher um tema específico, é conveniente ter a certeza de que não há estudos extenuantes anteriores. Existem tantos temas à espera de você que, às vezes, não vale a pena duplicar pesquisas.
- Deve-se escolher um assunto para o qual haja suporte bibliográfico suficiente e disponível. Um obstáculo na definição do tema é o material disponível para consulta. Algumas vezes o assunto indicado é pouco trabalhado por outros autores e não há fontes secundárias para consulta. A inexistência dessas fontes obriga você a buscar fontes primárias, o que exige mais tempo para a elaboração do trabalho. Esse problema não impede a realização da pesquisa, porém deve ser considerado para que o tempo institucional não seja ultrapassado.

Veja uma explicação mais detalhada sobre fontes primárias e secundárias no box sobre o assunto.



Foto: Guillermo Alvarez

Figura 8.1: É preciso muito cuidado na análise das fontes para a pesquisa.
Fonte: www.sxc.hu/photo/685141

Fontes primárias e fontes secundárias

Em historiografia – área que estuda o conjunto de obras sobre um tema histórico –, uma fonte primária é um documento, ou qualquer fonte, cuja origem remonta, *grosso modo*, à época que se está pesquisando, freqüentemente produzido pelas próprias pessoas estudadas.

São exemplos comuns de fontes primárias: correspondências e diários, assentos de registros públicos ou privados (civis, imobiliários, censitários, financeiros etc.), periódicos, textos literários e narrativos, dados históricos, pesquisas e material cartográfico, arquivos oficiais e particulares, registros em geral, correspondência pública ou privada etc. Fonte secundária consiste em todo trabalho que se baseia em outro, este sendo a fonte original ou primária. Tem como característica o fato de não produzir uma informação original, mas sobre ela trabalhar, resultando em uma análise, ampliação, comparação etc.

A fonte secundária compõe-se de elementos derivados das obras originais, refere-se a trabalhos escritos com o objetivo de analisar e interpretar fontes primárias e, normalmente, com o auxílio e consulta de outras obras consideradas também fontes secundárias.

A historiografia considera fontes secundárias todos os escritos não contemporâneos aos fatos que narra.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org>

Fonte terciária

Uma fonte terciária é uma seleção e compilação de fontes primárias (material original sobre alguma informação) e secundárias (comentários, análises e crítica baseados nas fontes primárias). Enquanto a diferenciação entre as fontes primárias e secundárias é essencial na historiografia, a distinção entre estas e as fontes terciárias é mais superficial.

Exemplos típicos de fontes terciárias são as bibliografias, listas de leituras e artigos sobre pesquisas. As enciclopédias e os manuais de instrução são exemplos de peças que reúnem tanto fontes secundárias quanto terciárias, apresentando, por um lado, comentários e análises e, por outro, tratando de proporcionar uma visão resumida do material disponível sobre a matéria.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org>

Atividade 1

Como começar a pesquisa?



Imagine que você tem de fazer uma pesquisa para terminar o seu curso. De acordo com o que você viu até aqui na aula, quais seriam os primeiros passos para o processo de pesquisa? Quais seriam os fatores que poderiam influenciar o andamento de seu trabalho?

Resposta Comentada

Antes de tudo, é fundamental atenção especial quanto à escolha do tema a ser estudado. O tema deve ser adequado no que diz respeito às suas possibilidades como estudante. É preciso ter um conhecimento mínimo prévio sobre o assunto a ser pesquisado e acesso a informações a respeito do tema a ser investigado. Há fatores internos e externos que influenciam o processo. Os primeiros dizem respeito às suas experiências com o assunto, à sua qualificação, à relevância do tema e a seus próprios recursos. Em relação aos fatores externos, devem ser considerados cronograma, prazo da instituição, publicações anteriores sobre o tema e suporte bibliográfico.

DELIMITAÇÃO DO TEMA

Depois de escolher o tema de estudo, é preciso delimitá-lo. Mas o que é isso?

Delimitar é demarcar, estabelecer limites. Já que você não pode falar tudo sobre seu objeto de pesquisa, você apresenta os limites – até onde você vai. Isso quer dizer que você deixa claro que vai tratá-lo considerando uma área específica, uma linha teórica, um grupo de pesquisadores, um tempo, um lugar, um ponto de vista etc.

Ao delimitarmos o tema de pesquisa, procuramos responder às seguintes questões: Quem? Onde? Quando? Quanto? etc. O tema deve especificar o tópico ou o enfoque a ser estudado.

Delimitar o objeto de estudo é apresentar aspectos específicos a serem pesquisados, analisados e discutidos. Essa delimitação não pode ser ampla demais, porém não deve também ser demasiadamente específica a ponto de não ser possível encontrar material sobre o tema, o que tornaria a pesquisa inviável. Nesse caso, o papel do orientador é muito importante para ajudá-lo nessa tarefa.

O tema deve passar por um método específico de análise para sua delimitação. Esse procedimento só é finalizado quando se faz a delimitação espacial e temporal do mesmo, isto é, é necessário situar o assunto escolhido no espaço (onde) e no tempo (quando), com o objetivo de realização da pesquisa.

Exemplo de delimitação – tempo e espaço:

O vendedor procura conhecer o mercado consumidor de seu produto no município de Seropédica no mês corrente.

Espaço: município de Seropédica.

Tempo: no mês corrente.

A principal sugestão, nessa direção, é um trabalho permanente na procura da demarcação de seu assunto. Temos uma forte tendência de escolher, num primeiro momento, um assunto vasto e genérico, entretanto é necessário achar, dentro desse assunto genérico, um ponto mais específico.

No boxe explicativo a seguir, você verá um exemplo de tema mal delimitado.

Exemplo de falta de delimitação do assunto

Em um momento no curso da orientação a trabalhos de conclusão de curso de graduação, durante a fase de delimitação inicial dos assuntos, um aluno propôs, como assunto para o seu trabalho, “A administração internacional”. Esse não é um assunto para um trabalho de graduação, é que não seria possível elaborar um texto sobre um assunto tão vasto e não definido. Portanto, ele foi orientado a arriscar a delimitá-lo. Na aula subsequente, ele voltou com nova sugestão: “A administração na empresa brasileira considerando o contexto mundial.” Nota-se aqui um pequeno empenho de delimitação, mas em seguida notamos a volta à indeterminação, com a expressão “contexto mundial”. Esse exemplo, mostra com nitidez o nosso procedimento de resistência psicológica à prática da delimitação.

DEFINIÇÃO DOS TERMOS

Agora você precisa definir os termos em relação ao seu tema. Mas, é claro, em primeiro lugar você tem de saber o que estamos chamando de termo em uma pesquisa.

Nesse caso, termo é uma palavra ou expressão rigorosamente definida, que expressa um conceito específico de uma área ou campo do saber. É preciso extremo cuidado nessa definição, pois a imprecisão pode gerar grandes equívocos no seu trabalho. Quer um exemplo?

O que significa exatamente o termo cultura? O que significa modernidade? Um termo pode ter vários sentidos dependendo do contexto. Isso mostra que a linguagem humana é convencional e, por isso, é necessário que seja definida a realidade a que nos referimos ao empregar determinada palavra.

A definição dos termos pode ser avaliada sob dois aspectos: extensão e compreensão.

Definição por extensão

Definir um termo por extensão equivale a enumerar os objetos a que ele perfeitamente se aplica. A extensão dos termos pode ser recomendada expondo os objetos compreendidos no mesmo nível do sistema conceitual, quando isso é possível. Exemplo: O Conselho Regional de Administração é composto por bacharéis em Administração.

Esse tipo de definição permite enumerar os membros de uma classe específica.

Definição por compreensão

Definir um termo por compreensão equivale a indicar as características que um objeto precisa ter com a finalidade de ser incluído na extensão do termo. Em outros termos, descreve resumidamente as características que permitem essencialmente reconhecer a pertinência de um objeto a uma classe conceitual e as características que permitem distinguir esta classe de todas as outras classes do mesmo sistema conceitual. Exemplo de definição por compreensão: Produto nobre: produto que existe em muito pouca quantidade no mercado, que apresenta atributos especiais em relação a outros produtos.

A importância da delimitação

Psicologicamente, a opção de um assunto genérico parece nos dar maior segurança; pois, quanto mais particular o assunto escolhido, mais temos a sensação de que nada resta a falar.

Essa preocupação de delimitação do assunto não deve ocorrer apenas no início do trabalho. O trabalho de investigação e mesmo de redação se presta como uma maneira de ir formatando o próprio assunto, delimitando-o e mesmo alterando-o. Antes do início das leituras e das investigações, existe a possibilidade, mesmo com o apoio do orientador, de se chegar apenas até certo ponto de delimitação. Mas, com o avançar do trabalho, o assunto vai sendo melhor compreendido, e as questões que antes não se definiam vão ficando mais claras, possibilitando uma melhor reavaliação.

O assunto deve responder aos seus interesses como pesquisador, pois geralmente o procedimento de investigação e redação é longo, e existe a chance de haver desinteresse antes do término do trabalho, o que poderá ser evitado ou retardado caso o assunto seja motivador para o investigador desde o princípio. Por outro lado, como já dissemos, as fontes de informação sobre o assunto devem estar acessíveis, para facilitar o processo.

Atividade 2

Para delimitar um tema



A um profissional (administrador) em início de carreira foi dado como tarefa pesquisar sobre o mercado de cervejas. Como ele deve proceder para delimitar o assunto? O que deve considerar?

Resposta Comentada

A preocupação de delimitar o assunto é procurar o seu foco. Torna-se necessário realizar as operações de fixar a extensão do assunto e definir os termos. Essa preocupação é mantida durante toda a pesquisa. O pesquisador deve definir o tema em relação à sua área de estudo e delimitá-lo no tempo e no espaço. No caso do mercado de cervejas, basicamente o profissional deve situar o assunto em relação a um ponto de vista, teórico ou prático, e deve considerar a região, a população e o período de tempo em que se situa o objeto de estudo.

A internet pode lhe auxiliar nessa primeira etapa de definição do assunto. A simples atividade de navegar com liberdade pela web pode lhe ajudar e indicar os caminhos de delimitação. A internet oferece, com bastante agilidade, diversas possibilidades de se chegar a um assunto e a temas relacionados, o que pode ajudar muito nesse estágio.



Fonte: www.sxc.hu/photo/558265

Revisão de literatura

A revisão de literatura é a localização e a seleção de documentos considerando a disponibilidade de material que auxiliará a pesquisa do assunto.

Essa revisão é realizada junto às bibliotecas ou aos serviços de informação existentes.

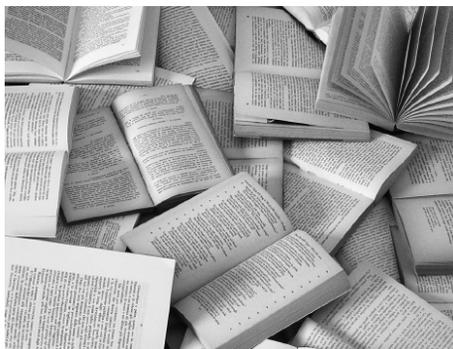


Figura 8.2: A seleção e organização das fontes de consulta é uma etapa extremamente importante no processo de pesquisa.

Fonte: www.sxc.hu/photo/107467

Sugestões para a revisão de literatura:

Locais de coletas: fontes de consulta para pesquisa acadêmica podem ser encontradas em bibliotecas, agências governamentais ou particulares, instituições, museus, jornais, laboratórios, acervos particulares.

Registro de documentos: esteja disponível antecipadamente para copiar os documentos, através de xerox, fotografias ou outro meio qualquer.

Organização: reserve os documentos coletados para sua pesquisa com bastante atenção aos critérios de seleção.

A revisão da literatura pode ser verificada em dois níveis:

a. Grau geral.

As principais obras ou documentos sobre o assunto, com caráter mais geral, mais abrangente: enciclopédias, glossários, dicionários etc.

b. Grau específico.

Trabalhos ou documentos que contenham dados referentes à especificidade do assunto a ser tratado, como livros restritos da área, artigos científicos etc.

CONCLUSÃO

Para produzir uma monografia, é necessário um plano ou relatório de planejamento de pesquisa, considerando as exigências da instituição interessada. Com determinação e disciplina, o trabalho se torna mais prazeroso de se levar adiante e concluir. O projeto de pesquisa científica é uma maneira de comunicar aos interessados como você utilizará as ferramentas necessárias para realizar uma pesquisa e produzir uma monografia como resultado final.

Atividade Final

Pondo em prática



Até agora você recebeu algumas orientações sobre a escolha e a delimitação do tema, assim como a seleção e organização das fontes de consulta. É hora de ver isso na prática.

Você deve, para esta atividade, escolher um tema relacionado à sua área de estudo e delimitá-lo. Para isso, preste atenção às dicas a seguir:

- Escolha um tema já relacionado a algo que você tenha interesse em desenvolver como pesquisa.
- Escreva esse tema em um enunciado, em uma frase, de forma clara, objetiva e precisa.
- Elabore um texto delimitando esse tema. Situe o tema no tempo e no espaço e defina seus termos teóricos.

Leve seu texto ao tutor de sua disciplina, para que ele possa comentá-lo e discutir sugestões.

Resposta Comentada

Este exercício é extremamente importante, já que esse tipo de aprendizagem ou conhecimento se constrói essencialmente na prática. Por isso, não deixe de escrever o texto e levar ao seu tutor, que é alguém capaz de ler e criticar seu trabalho com critério e seriedade. Fique atento aos comentários dele e, se puder, reescreva o texto a partir deles. Só assim você estará amadurecendo como pesquisador, além de aperfeiçoar sua produção escrita.

RESUMO

O projeto de pesquisa é uma atividade acadêmica que requer disciplina e perseverança, com a função de resolver ou buscar respostas para um problema. Esta solução começa com a escolha do assunto ou tema que deseja desenvolver, com as dificuldades práticas que serão superadas, entre elas a delimitação, a seleção e a organização das fontes de consulta.

Projeto de pesquisa científica: concepção, abordagem, fatores determinantes

AULA

9

Metas da aula

Mostrar a importância do método de estudo como fator indispensável na elaboração do projeto de pesquisa; orientar como propor o problema e a sua hipótese, definir os termos, a abordagem e os seus fatores determinantes.

objetivos

Esperamos que, após o estudo desta aula, você seja capaz de:

-  formular problemas como exercício de método para organização e elaboração das informações para o tema de pesquisa;
-  construir hipóteses claras e precisas para problemas apresentados.

INTRODUÇÃO

Como construir um projeto de pesquisa?

Um projeto de pesquisa não tem um modelo único. A opção entre várias propostas possíveis depende da natureza da questão, do método a ser utilizado, do caráter de investigação, da experiência do investigador e da área de estudo.

O objetivo básico da pesquisa é solucionar o problema proposto. O processo de solução da questão proposta inicia com a resposta aos pontos importantes de um projeto de pesquisa. As principais questões são:

Quem vai fazer a pesquisa?

O que investigar?

Qual é o problema e a sua hipótese?

QUEM VAI FAZER?

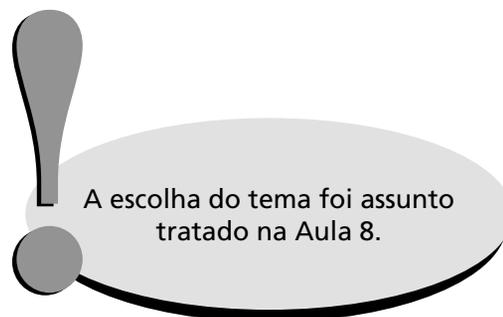
Todo e qualquer projeto de investigação começa com um responsável e/ou instituições responsáveis ou co-participantes pelo trabalho a ser desenvolvido, organizado por um coordenador ou pessoal responsável pela pesquisa que, de forma metódica, a estrutura.

Os participantes de nível técnico são profissionais especialistas que ajudam especificamente na investigação. Por exemplo: o matemático auxilia nos cálculos; o estatístico, na interpretação e aplicação de cálculos estatísticos; o biólogo, nos estudos biológicos; o antropólogo, nos estudos antropológicos etc.

Os participantes que auxiliam também ajudam a digitar os documentos, a auxiliar na coleta de dados, no transporte etc.

O QUE FAZER?

Antes de se formular o problema, é necessário que já tenhamos elaborado o tema com as seguintes características:



Tema da pesquisa

Tema – Assunto que se deseja provar ou resolver.

O tema deve ter algumas características. Deve ser:

Concreto; determinado; preciso; de forma bem caracterizada; com limites bem definidos.

Para transformar um assunto geral em um tema, devemos observar a realidade, de maneira cuidadosa e persistente, no âmbito do assunto que pretendemos pesquisar, entre os quais:

Livros; obras especializadas; periódicos; pessoas entendidas ou interessadas no assunto.

O PROBLEMA DA PESQUISA

Toda pesquisa científica começa pela formulação de um problema e tem por objetivo buscar a solução do mesmo. Geralmente o problema é apresentado na forma de proposição interrogativa.

Exemplo 1: Formulação do problema.

Qual a relação entre a produtividade da empresa (qualquer empresa) de produtos de limpeza e o perfil psicológico dos gestores?

Definição do problema:

O que é um problema no contexto acadêmico?

Para enunciar problemas merecedores de investigação, precisamos definir, antes, o que é um problema e identificar seus principais elementos.

Problema é uma questão inerente a uma complexidade teórica ou prática para a qual deve ser encontrada uma resolução. Surge de um imperativo anseio do saber, porque o espírito está em estado intermediário entre a ausência de conhecimento e a sabedoria. Não existem problemas para o ignorante, nem os há para o sábio. Um problema pressupõe a consideração da vivência de dificuldades para as quais não existem resoluções, ou a consideração de escassez das soluções possíveis, ou ainda a indecisão de escolher resoluções alternativas. Em alguma hipótese, só há problema para quem tem interesse em solucioná-lo (SALVADOR, 1986, p. 56).

Os problemas podem ser qualificados em duas ordens: descritivos ou explicativos. Os descritivos são os que questionam sobre as características e o caráter que diferenciam uma matéria a se examinar de outras matérias paralelas a serem examinadas.

Os problemas descritivos questionam o que pode ser descrito e explicado cientificamente sobre o assunto em seus aspectos externos e quantitativos, porém, de forma superficial. Profundo na perspectiva interna e qualitativa (Idem).

Exemplos de questionamentos descritivos em tema de formação de administradores profissionais:

1) Qual a denominação adequada do tema e como pode ser apresentado? (É o problema de seleção do tema).

2) Qual é o objeto e o sujeito do tema? (É o problema de delimitação do tema).

3) Como conceituar e operacionalizar os termos do problema? (É o problema de definição do tema).

4) De qual ótica o problema deverá ser focado? (É o problema de tratamento do tema).

5) Como se comparar com outras questões? (É o problema de situar o tema).

6) Quem tem interesse na resposta do questionamento? (É o problema de aplicação do tema).

Como você pode observar, todas as questões alusivas à condução de uma investigação são fontes de problemas descritivos. Compreende, pois, tudo o que precede à monografia propriamente dita (Idem).

Os problemas explicativos vão direto à essência do assunto. Abarcam todas as questões concernentes ao desenvolvimento ou à monografia. Podem ser classificados em dois tipos: questões que se referem ao desenvolvimento do conteúdo de estudo e questões que dizem respeito ao método de desenvolvê-lo.

As que dizem respeito ao desenvolvimento do conteúdo dos estudos buscam o caráter material e formal do tema, suas causas e conseqüências e suas finalidades. E as que dizem respeito ao método de desenvolver referem-se ao encadeamento de seu estudo, isto é, à apresentação, à apreciação e à expressão (Idem).

Fundamentos do projeto de pesquisa

A condição inicial que todo documento científico deve satisfazer é a coerência; por isso, uma das funções fundamentais da lógica é o seu aproveitamento nos diversos campos do conhecimento. Você (pesquisador) não deve esquecer que durante o desenrolar de uma pesquisa, em qualquer etapa e nível, é imprescindível avaliar logicamente o próprio pensamento.

Segundo Lakatos e Marconi (1995, p. 126), o problema é uma dificuldade, teórica ou prática, na consideração de alguma coisa importante, para o qual se procura uma solução. O obstáculo inicial é o pensamento reflexivo, o cerne, a mola mestra de toda a obra de pesquisa. Depois de deliberar o assunto, identifica-se uma questão para ser respondida por meio de uma hipótese, que é uma resposta provisória, a ser confirmada ou refutada durante o processo de pesquisa.

O problema formulado por você (pesquisador) tem de ser relacionado ao assunto escolhido. No caso, criará um questionamento (uma pergunta) para identificar o alcance de sua pesquisa. Não há regras definidas para se formular um problema, mas alguns autores aconselham que ele seja descrito como uma afirmação. Particularmente, que seja expresso em forma de pergunta afirmativa.

Exemplo de uma pergunta afirmativa:

O administrador é competente para gerir um supermercado?

(Como você observou, não tem nenhuma palavra negativa.)

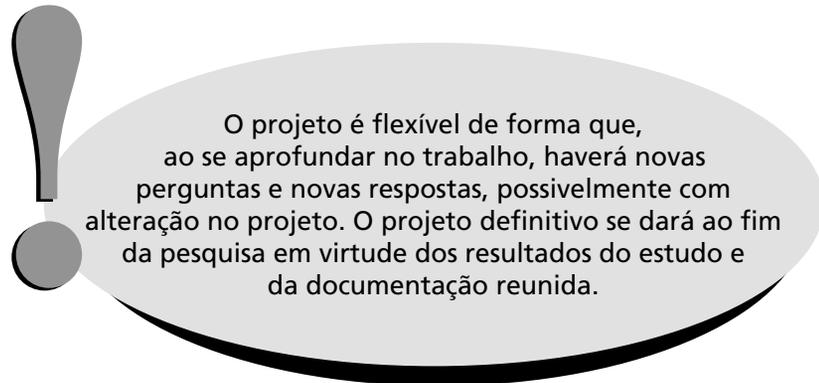
Esta é a maneira mais fácil e direta de formular um problema. Além disso, facilita sua identificação por parte de quem consulta o projeto. Se alguém disser que vai pesquisar o problema do mercado, pouco estará dizendo. Mas se a proposta for que fatores interferem no mercado? Ou quais são as características do consumidor de legumes? Estará efetivamente propondo problemas de pesquisa.

Planejamento versus plano – Planejar é, segundo Comte, prever para prover. Prever e prover os recursos para atingir os objetivos (apud SALVADOR, 1986, p. 61).

O objetivo de uma pesquisa é dar solução ou resolver um problema. O recurso é chegar e consultar as fontes de informação.

Existem dois tipos de plano: o plano de assunto e o plano de atividades.

O plano de assunto se refere à divisão equivalente dos elementos que compõem o tema, propondo uma estrutura vinculada entre si, em função da unidade do conjunto, de forma equilibrada, entre o que é fundamental e o que é secundário (SALVADOR, 1986, p. 62-63).



O plano de atividades ou plano operacional organiza as atividades por meio do método e da técnica de pesquisa requisitada pelo exame do tema (Idem).

Atividade 1

Há um problema?

Imagine que você é o gestor de uma empresa produtora de ratoeiras domésticas. Ao examinar os jornais do dia, leu as matérias relacionadas a fatos sobre inflação, aumento dos preços dos combustíveis, aumento das taxas de importação de álcool por parte dos Estados Unidos, previsão de acordos entre os governos brasileiro e americano. Responda: você tem definido um problema relacionado ao contexto da sua empresa? Por quê?

Resposta Comentada

Não, o trabalho de pesquisa começa, na prática, com a construção do problema. Como você percebeu, ainda não se tem um problema formulado, pois a relação dos fatos relatados pelos jornais não define claramente como isso poderá afetar ou prejudicar a sua empresa.

Selecionado o assunto, delimitada sua área de ação e definidos os seus termos, a etapa seguinte é a mudança do assunto em problemas. A enunciação de um problema é por vezes mais importante que sua resolução.

A enunciação precisa de um problema e oferece uma série de benefícios que a justifica plenamente.

a) Possibilita chegar com exatidão à raiz da questão. Um tema, por mais delimitado, sempre permite espaço para indefinição. De forma oposta, logo que enunciamos uma indagação, sabemos com precisão o tipo de resposta que se deve buscar.

Exemplo de enunciação de problema:

A formação humana de administradores para o ensino de graduação, em instituições particulares, no Rio de Janeiro, a partir do ano de 2000.

O exemplo anterior permite que seja analisado da seguinte forma:

À primeira vista, não há nada mais delimitado. No entanto, não está dito o que saber a respeito da formação humana do administrador. Tornam-se necessárias algumas perguntas elucidativas, que declarem com exatidão o tipo de resposta que se deseja.

Exemplo de enunciação de problema:

Qual tipo de formação humana? Podemos responder com relação à educação e/ou em relação ao sistema de valores simbólicos, dito de outra forma:

A formação intelectual e política de administradores para o ensino de graduação em instituições particulares, no Rio de Janeiro, a partir do ano de 2000.

b) Obriga você (pesquisador) a uma consideração detalhada sobre o tema selecionado.

c) Estabelece caminhos como ponto de partida no procedimento de pesquisa e de exame bibliográfico, evitando a falta de concentração.

d) Ajuda a selecionar o ponto em que se inicia a tomada de apontamentos.

e) Produz com exatidão os apontamentos a serem tomados, isto é, aqueles que irão responder à pergunta enunciada.

MOSAICO

Conjunto de elementos justapostos ou conglomerados (HOUAISS, 2002).

A teoria leva em conta o fenômeno psicológico existente no pesquisador, isto é, sua atitude emocional. Podemos declarar que o pensamento reflexivo tem origem na situação-problema. Os problemas promovem uma situação de falta de equilíbrio e de falta de tranquilidade, que provoca um processo de ação para os recuperar, manifestando interesse e curiosidade. Naturalmente, você tende sempre à sua melhor forma. O problema desfaz o equilíbrio da unidade já que as impressões simultâneas não são independentes umas das outras como se fosse um **MOSAICO**. Você necessita reequilibrar-se para readquirir sua melhor forma. Para tanto, utiliza todos os expedientes de sua imaginação e criatividade.

Normalmente é comum pular etapas, passando do tema à coleta de dados. Se você ceder a esta tentação de pular etapas, significa que vai protelar a etapa da enunciação de problemas, com claro prejuízo para a relação entre o rendimento da pesquisa e o esforço do trabalho de investigação, uma vez que irá coletar os dados sem saber quais deles estarão respondendo ao problema apresentado. A tarefa de busca e coleta de dados é por demais cansativa para que se obtenha material inútil.

Veja isso mais detalhadamente a seguir.

a) Problemas de desenvolvimento do tema. É conveniente recordar que é complexo instituir uma ordem sistemática de questões adequadas para todos os assuntos porque os problemas se transformam de acordo com a sua intenção (pesquisador). Você pode escolher questões que julga importantes em detrimento de outras, de acordo com as características do tema. O tema que indicamos para servir de exemplo pode ser desenvolvido segundo esta ordem de problemas.

Exemplo de assunto:

A formação científica do administrador.

Ordem de questões apresentadas em uma pesquisa.

1) O que se compreende por formação científica? (pergunta que se faz ao tema – O que fazer?).

2) Por que o administrador necessita de formação científica? (pergunta que se faz ao tema – Por que fazer?).

3) Quem é responsável pela formação científica? (pergunta que se faz ao tema – Por quem fazer?).

4) Em que instituição deve ser dada a formação científica? (pergunta que se faz ao tema – Onde fazer?).

5) Quais são os métodos mais apropriados para a formação científica? (Com que meios fazer?).

6) Em que série ou ano deve ser iniciada a formação científica? (Quando fazer?).

Outro elenco de referência para o enunciado classificado de problemas, segundo Benjamin Bloom e Norris Sanders, apud Salvador (1986, p. 103), é a classificação das atividades específicas intelectuais. Tais autores ordenaram os potenciais intelectuais em escala crescente de importância, em que o conhecimento ou a apreensão é a mais elementar, e a avaliação é a mais elevada. Atualmente, afóra os níveis por eles constituídos, se dá mais importância à criatividade. Dessa forma, somamos o sétimo nível, o da criatividade.

b) Problemas que se referem ao método de desenvolver o tema. Cada uma das questões antes indicadas pode receber três formas de tratamento que dão origem a três problemas metodológicos:

1) Como apresentar a questão? Dedutiva ou indutivamente?

2) Como examinar a questão? Globalmente? Por partes?

3) Como explicar a solução escolhida? Formal ou informalmente?

Com que motivo justifica-se a solução? Quais são as garantias das razões? Quais são os suportes das garantias?

Dos problemas relacionados podem ser enunciados outros subproblemas deles originados ou que entram na composição deles.

Existem ainda outras referências que podem auxiliar na enunciação de problemas compreensíveis. Othanel Smith, apud Salvador (1986, p. 58), examinando as operações lógicas na linguagem escolar, assegura que, no debate de qualquer tema, o objeto de estudo sofre influência de fatores circunstanciais como tempo, espaço, interesses, sujeito etc.

No diálogo, os fatos ocorrem com muita agilidade. Cada fato começa através de um movimento falado, normalmente uma pergunta, denominado início. Cada início necessita de uma resposta de natureza lógica. Se o início é uma pergunta sobre o significado de uma palavra, as respostas deverão ser tentativas de definição ou de afirmações sobre o uso dessa palavra. Se o início solicita um esclarecimento, a resposta lógica será a de esclarecer.

Othanel Smith, apud Salvador (1986, p. 59), identificou doze categorias diferentes de inícios que requerem o mesmo número de

operações intelectuais visando à determinação do que é verdadeiro ou não, podendo assumir várias formas lingüísticas. A pergunta deve ser formulada de tal maneira que dê a possibilidade ao interlocutor de reconhecer com facilidade a operação intelectual que busca identificar o que é verdade ou não.



De outra forma, para ser coerente, deve-se dar uma resposta adequada à pergunta. As perguntas podem indicar operações intelectuais que visam à determinação do que é verdadeiro ou não; determinar; narrar; indicar pelo nome; formular princípios, conclusões ou teoremas; cientificar acerca da substância de um livro ou de um texto; trocar (um símbolo por números etc.); avaliar o valor, a oportunidade e outras condições parecidas de objetos, fatos, ações ou situações; opinar, isto é, anunciar um conceito ou convicção sobre o que pode ocorrer no futuro ou o que poderia ter acontecido no passado, mas não ocorreu; qualificar alguma coisa numa categoria mais geral; confrontar e contrapor, apontando semelhanças e diferenças; inferir condicionalmente, dando o conseqüente ou efeito de um antecedente ou condição; e, por fim, explicar, isto é, expor as condições antecedentes de determinados acontecimentos: regras, definições ou acontecimentos para justificar decisões, juízos ou ações.

Essa forma de ordenação atende aos propósitos profissionais de ordem intelectual, bem como traça um plano de exame de textos para enunciar problemas no aspecto de um trabalho de pesquisa. Mais à frente também atende à literatura especializada sobre o assunto.



Reveja o item Leitura reflexiva – Aula 1.

Problemas vagos, duvidosos ou dúbios na sua elaboração não têm respostas apropriadas e relacionadas. Um problema, para ser bem elaborado, tem as seguintes propriedades:

a) Termos ou palavras interrogativas. É o movimento verbal conhecido como o ponto em que começamos a identificar as operações lógicas (início). São elas: *determinar; narrar; indicar, formular; cientificar, trocar, avaliar, qualificar, confrontar e contrapor, inferir condicionalmente, explicar*. Esses termos interrogativos têm a possibilidade de serem compostos pelas operações lógicas relacionadas por Othanel Smith, apud Salvador (1986, p. 59), precedidas por qual, que, onde, quando, etc.

Exemplo de formulação de um problema identificando uma operação lógica:

Quando indicar um administrador para a função de gestor?

b) Objeto do ato de conhecer, realizado por meio da razão e/ou da experiência ou objeto da ação de sensação. É o objeto a propósito do qual se necessita desempenhar as operações intelectuais. Para se definir, é necessário expressar o que definir. E, para avaliar, é preciso expor os objetos, acontecimentos ou situações que devem ser avaliados.

Exemplo de formulação de problema expressando a definição e expondo o seu objeto:

Quando avaliar que a função de um administrador é vitoriosa?

c) Observando a operação intelectual. Designar o ponto de vista e quantificar e classificar o ponto de observação, localizando uma categoria. Se o problema é cotejar, focalizam-se as semelhanças ou as diferenças.

Exemplo de problema fazendo uma comparação entre o bom e o mau gestor:

Como explicar a classificação de um bom ou mau gestor?

d) Função de percepção instigada pela pergunta. Geralmente a resposta começa com as operações intelectuais contidas nas expressões do ponto em que começamos a identificar o problema. A resposta será lógica no alcance em que for relacionada à pergunta.

Exemplo de formulação de problema com uma resposta lógica:

Como explicar a classificação de um bom ou mau gestor? Através do resultado do seu trabalho: se é bom ou ruim.

e) Finalmente o resultado ou a resposta. Um problema será mais preciso quando gerar uma resposta precisa. A pergunta deve prever ou mesmo conter o tipo de resposta.

Exemplo de formulação de um problema com a previsão de uma resposta precisa:

Como confrontar um bom ou um mau gestor? Através do balanço da empresa.

Atividade 2

Características para formulação de um problema



Leve em consideração que uma empresa, que trabalha com ratoeiras, teve dificuldades muito sérias e quebrou. Imagine o seguinte problema: Por que a empresa fabricante de ratoeiras quebrou? Para resolver, você precisa de informações cabíveis e deve definir o problema que leva a identificar as principais características para a sua formulação. Quais são elas?

Resposta Comentada

Rigor e precisão. Ao definir um problema, é preciso considerar a forma como o problema foi enunciado. No problema "Por que a empresa fabricante de ratoeiras quebrou?", há o rigor e a precisão necessários. Uma das possíveis respostas: a empresa fabricante de ratoeiras quebrou por má administração de seus custos de produção.

É útil seguir alguns preceitos convenientes para enunciar problemas:

a) É preciso um conhecimento antecipado, mesmo que básico, sobre o tema para possibilitar a constatação de lacunas ou de dificuldades a respeito das quais se erguem os questionamentos.

b) É adequado fazer antecipadamente uma leitura, rápida e superficial, principalmente de obras de referências, como enciclopédias, índices específicos etc.

É conveniente iniciar um assunto fazendo todos os questionamentos significativos a respeito do tema, sem refletir na sua ordem lógica.

Registrem-se todos os questionamentos conforme vão surgindo. Esses questionamentos podem ser anotados em folhas soltas para facilitar a sua manipulação.

Após as anotações, é possível fazer um ensaio de composição, acertando os questionamentos importantes com outros dependentes. Essa composição se configura um anteprojeto de plano de estudo, embora transitório, mas é útil para começar o trabalho. O prosseguimento do estudo fará aparecer novas perguntas e novas idéias de composição, até ser enunciado um plano de estudo definitivo.

Os problemas devem ter uma formulação sucinta, clara, prática, contendo provocação à curiosidade e ao interesse.

HIPÓTESES

A formulação de hipóteses e suas características:

Hipótese é sinônimo de suposição de respostas provisórias, é uma **PROPOSIÇÃO** com o objetivo de verificar a validade de respostas existentes. Nesta definição, hipótese é uma afirmação determinante (uma suposição), que tenta responder ao problema definido em relação ao assunto indicado para pesquisa. É uma pré-solução para o problema. O trabalho de pesquisa, então, irá confirmar ou refutar as hipóteses (ou suposições) levantadas.

Critérios de hipóteses:

a) A hipótese deve ser admissível, isto é, deve indicar uma situação possível de ser acolhida, de ser aceita (RUDIO, 2004, p. 110).

Exemplo 1 de hipótese mal formulada:

Os funcionários do escritório A da empresa X apresentam respostas adequadas e corretas, e os funcionários do escritório B, da mesma empresa, apresentam respostas inadequadas e incorretas para uma mesma determinada questão.

A hipótese é mal formulada porque não é admissível que, tendo decorrido o mesmo tempo de trabalho, relativo ao mesmo conteúdo, houvesse tal diferença entre os dois grupos da mesma empresa.

b) a coerência recomenda que a formulação da hipótese não esteja em contradição nem com a teoria nem com o conhecimento científico mais amplo, bem como não exista contradição dentro do próprio enunciado (RUDIO, 2004, p. 101-103).

PROPOSIÇÃO

Ato ou efeito de propor; coisa que se propõe; proposta, sugestão.

Exemplo 2 de hipótese mal formulada:

A empresa X em programa de treinamento e consultoria apresenta a seguinte situação: as respostas dos funcionários do escritório A da empresa X e dos funcionários do escritório B, da mesma empresa, são todas incorretas e inadequadas.

A hipótese é mal construída. Não é possível saber quando há respostas corretas em treinamento e consultoria. A inconsistência aparece sob dois aspectos:

1º) na própria formulação da hipótese, em relação ao próprio enunciado: se não é possível estabelecer que as respostas sejam adequadas e corretas, como é possível estabelecer que as mesmas respostas sejam inadequadas e incorretas?

2º) considerando a própria teoria que, mesmo limitando a aprendizagem que se possa ter, busca treinar e ensinar os funcionários para oferecerem soluções corretas e inadequadas;

3º) considerando o conhecimento científico mais amplo, ao ensinar que se pode fazer aprendizagem tanto de treinamento como, particularmente, de consultoria.

c) a formulação da hipótese deve ser explicitada dando as especificações para identificar o que deve ser observado (Idem).

Exemplo 3 de hipótese mal formulada:

Em qualquer caso ou em qualquer situação, as respostas dadas pelos funcionários do escritório A da empresa X são sempre superiores às dadas pelos funcionários do escritório B da mesma empresa.

A hipótese é mal enunciada. Não é possível observar qualquer caso, qualquer situação, e são sempre superiores. Estes termos devem ser “traduzidos” em termos de referência empírica para indicar o que deve ser observado na realidade.

d) a hipótese deve ser testável pelos procedimentos científicos, atualmente utilizados (Idem).

Exemplo 4 de hipótese mal formulada:

Não existe diferença importante entre os funcionários do escritório A da empresa X e do escritório B da mesma empresa nas respostas dadas, sob a perspectiva da reação imediata que tiveram na profundidade do inconsciente.

A hipótese é mal formulada porque não se pode saber, por processos científicos atuais, qual a reação imediata que alguém possui na profundidade do inconsciente.

e) a hipótese deve ser nítida ao se escrever o enunciado, isto é, que seja formada por palavras que ajudem a entender o que se deseja assegurar e indiquem, de modo significativo, os fenômenos a que se vinculam (Idem).

Exemplo 5 de hipótese mal formulada:

O ideal dos funcionários do escritório A da empresa X e os funcionários do escritório B da mesma empresa, transcendendo as incompatibilidades das respostas que aparentemente possam existir, garantem o mesmo nível de significação, equiparando-as na essencialidade.

A hipótese é mal construída, porque sua formulação está ambígua, não se entendendo exatamente o que se pretende afiançar. Além disso, possui uma série de palavras que não convêm à hipótese, por não terem referência empírica.

f) a formulação deve ter todos os termos indispensáveis ao entendimento. Dessa forma, não convém o seguinte enunciado: “com referência ao problema dado, podemos elaborar a seguinte hipótese: não existe diferença entre as belíssimas respostas dadas pelos esforçados funcionários do escritório A da empresa X e as dos inteligentes funcionários do escritório B da mesma empresa”. De fato, a formulação deve ter uma linguagem substantiva. Dessa forma, não é conveniente utilizar palavras com o propósito de embelezar ou “compor” a frase, como, por exemplo, belíssimas, esforçados, inteligentes.

g) a simplicidade é fator importante no enunciado da hipótese. Consiste em utilizar todos os termos necessários à compreensão, na menor quantidade possível de termos. Dessa maneira, na seguinte formulação, as palavras que estão não-realçadas não têm valor: *O conjunto das respostas, emitidas pelos funcionários do escritório A da empresa X, na resolução de cada caso, não apresenta diferença significativa com a resolução de cada caso, apresentada pelo conjunto de respostas dadas pelos funcionários do escritório B da mesma empresa.*

Com simplicidade e utilizando os termos necessários, o enunciado pode ser: As respostas emitidas pelos funcionários do escritório A da empresa X não apresentam diferença significativa das respostas dadas pelos funcionários do escritório B da mesma empresa;

h) um dos objetivos básicos da hipótese é mostrar que o problema foi enunciado. Se isso não ocorrer, ela não tem valor. Dessa forma, não

é conveniente o enunciado: “Os casos de aconselhamento são melhor resolvidos pelos funcionários do escritório A e os casos de problemas psíquicos, pelos funcionários do escritório B da mesma empresa.”

No problema se questiona se há diferença significativa entre as respostas dadas e não quem é melhor em aconselhamento ou qualquer das várias técnicas de tratamento de doenças e problemas psíquicos. A hipótese não tem utilidade por não possuir explicação para o problema enunciado (Idem).

Determinar os termos do problema e das hipóteses

A hipótese é fundamental para que uma investigação seja levada a cabo, ela irá guiar a pesquisa válida. Sem ela, a investigação não tem foco, é uma **DIGRESSÃO** empírica ao acaso. As conclusões não podem nem ser apresentadas como fatos com um significado claro. A hipótese é uma vinculação necessária entre teoria e pesquisa, que conduz à descoberta de novos conhecimentos.

DIGRESSÃO

Afastamento, desvio momentâneo do assunto sobre o qual se fala ou escreve (HOUAISS, 2002).

Relação existente entre a teoria, o enunciado do problema e a construção das hipóteses

Uma hipótese busca a solução do problema, expõe o que procuramos. Quando os fatos são reunidos, classificados e listados, formam uma teoria. Esta não é conjectura maldosa, mas é erguida sobre acontecimentos. É possível que os diversos acontecimentos em uma teoria possam ser rigorosamente examinados, que outras relações possam ser deduzidas além daquelas constituídas na teoria. Nesse ponto não se sabe se essas deduções são acertadas. O enunciado da dedução forma uma hipótese; se estudada, torna-se parte de uma estrutura teórica futura. Dessa forma, a relação entre hipótese e teoria é muito semelhante.

Sobre isso, um cientista afirmou: “Na prática, uma teoria é uma hipótese elaborada que se refere a mais tipos de fatos do que os da simples hipótese” (Wilian H. Georg, apud GOODE; HATT, 1973, p. 74). A distinção não é claramente definida” (GOODE; HATT, 1973, p. 75).

Uma teoria e uma hipótese nunca podem ser satisfatoriamente separadas. É válido imaginá-las como esses dois aspectos da maneira pela qual a ciência colabora para o conhecimento. Assim, uma teoria exhibe

uma relação entre fatos. Se esta vinculação existe, outras proposições podem ser deduzidas desta teoria. Essas proposições deduzidas são hipóteses (Idem).

Resultado para a ocorrência real ou para a teoria se as hipóteses forem aceitas ou se forem refutadas

A hipótese é uma proposta a ser testada para determinar sua validade. Pode ser contra ou a favor do senso comum. Pode ser correta ou não. De qualquer forma, conduz a uma verificação empírica. Independente da conclusão, a hipótese é uma proposição feita de tal maneira que um resultado, de alguma forma, pode estar próxima a aflorar. É um exemplo da descrença organizada da ciência a recusa a aceitar qualquer afirmativa sem teste empírico (Idem).

Cada teoria útil permite a enunciação de hipóteses adicionais. Estas, quando testadas, são aceitas ou negadas, formam outros testes da teoria original. De qualquer forma podem ser utilizadas pela teoria e permitem a formulação de novas hipóteses. Este processo simples, infelizmente, não indica que o enunciado de hipóteses úteis seja uma das partes mais difíceis do método científico (Idem).

As principais dificuldades na enunciação de hipóteses úteis:

- ausência de um **QUADRO DE REFERÊNCIA TEÓRICO CLARO**;
- falta de habilidade para utilizar logicamente esse processo teórico;
- desconhecimento das técnicas de pesquisa existentes para ser capaz de expressar adequadamente a hipótese (LAKATOS; MARCONI, 1999, p. 31).

QUADRO DE REFERÊNCIA TEÓRICO CLARO

“O quadro de referência teórico consiste no corpo teórico no qual a pesquisa encontrará seus fundamentos. Ora, todo pensamento existe em uma corrente de pensamento. Eles têm genealogia, situando-se, portanto, em um contexto teórico maior. Por isso, quando um corpo teórico é escolhido pelo pesquisador, este precisa ter em mente o contexto mais amplo em que esse corpo se insere...”
(SANTAELLA, 2001, p. 184, apud Antoniella Devanier. Disponível em: www.unef.edu.br. Acesso em 13 jul. 2007)

Atividade 3

Para formular um problema...



Você é um administrador, o novo gestor de distribuição de produtos da sua empresa. Foi nomeado, porque existe um problema na distribuição provocando atrasos na entrega dos produtos aos consumidores. Após examinar a situação, percebe que o mercado financeiro está em crise, que estamos vivendo um hiato inflacionário, que as taxas de embarque estão mais caras. O dono da empresa está com crise de asma. Estes fatos estão organizados de modo que façam sentido para se formular um problema? Por quê?

Resposta Comentada

Se você respondeu que não, você acertou, pois os dados apresentados não estão organizados de maneira a se formular um problema. Para que estivessem ordenados adequadamente, deveriam ser considerados somente os fatos que caracterizam os atrasos na entrega dos produtos, o que não acontece.

Atividade 4

Ainda sobre o problema



Vejamos de outra forma:
Você é um administrador, o novo gestor de distribuição de produtos da sua empresa. Foi nomeado, porque existe um problema na distribuição provocando atrasos na entrega dos produtos aos consumidores. Após examinar a situação, percebe que a rede de varejistas não está treinada para distribuir os seus produtos. Este fato pode ser considerado na formulação do problema?

Resposta Comentada

Se você respondeu que sim, acertou, porque percebeu de alguma forma que o texto tem um significado que caracteriza os atrasos na entrega dos produtos aos consumidores.

Toda hipótese é a expressão geral de relações entre, pelo menos, duas variáveis. Por sua vez, variável é um conceito que contém ou apresenta valores, tais como: quantidades, qualidades, características, magnitudes, traços etc., colaborando para a construção do conceito de noções de objeto, processo, agente, fenômeno, problema etc. Maiores informações sobre problema, hipóteses, variáveis e conceitos podem ser encontradas na escolha do tema e na construção de conceitos. (LAKATOS; MARCONI, 1995, p. 160).

VARIÁVEIS

A hipótese é um enunciado da presunção das relações entre duas ou mais variáveis (KERLINGER, 1980, p. 38 apud GIL, 1991, p. 55).

As variáveis, além de dar sustentação à hipótese, têm relação com tudo aquilo que pode assumir distintos valores ou diferentes aspectos, segundo as circunstâncias.

As variáveis podem ser:

Independentes: é precondição necessária para dado efeito, dá uma idéia de qualidade. A variável independente determina ou afeta uma outra variável, é fator manipulado pelo pesquisador para que se possa tentar assegurar a relação do fato observado a fim de ver qual a influência que exerce sobre um possível resultado. Exemplo: Países administrativamente desenvolvidos apresentam baixos índices de desperdícios (nesta hipótese, o desenvolvimento administrativo e o índice de desperdício são variáveis relacionadas entre si, pois, à medida que varia o nível tecnológico dos países, varia também o nível de desperdícios).

Dependentes: surgem da variável independente, são aqueles valores (dão uma idéia de quantidade) que devem ser explicados ou descobertos, já que são influenciados pela variável independente. Exemplo: variável independente: “grau de desenvolvimento administrativo”; variável dependente: de acordo com o grau de desenvolvimento administrativo, irá variar o “nível de desperdício”.

Veja o exemplo a seguir:

Problema: Em que medida o governo brasileiro trata com a devida importância a administração pública evitando o desperdício?

Hipótese: A sociedade civil, representada pela sociedade política e o governo, não tem o devido desenvolvimento e trata sem a necessária importância a administração pública no que se refere ao nível de desperdício.

Variável independente: administração pública.

Variável dependente: nível de desperdício.

Quanto maior é o desenvolvimento administrativo, menor é o nível de desperdício.

CONCLUSÃO

É muito importante sabermos definir os termos da enunciação de um problema, a sua formulação. Apesar da grande dificuldade que isso representa, devemos determinar com precisão, para em seguida examinar, avaliar, criticar e buscar a solução.

O ponto de partida é a compreensão profunda do tema e a determinação de um problema, isto é, do objetivo do questionamento. Como você já percebeu, o objeto de uma pesquisa pode aflorar de circunstâncias pessoais ou profissionais, da experiência científica própria, da sugestão de seu professor, do seu estudo, da própria cultura, da leitura de obras importantes. É uma questão subjetiva que move nossos interesses e sugere a busca de sua solução.

Atividade Final

Formulação de hipóteses



Leia com atenção o texto a seguir.

Tema: Redes de Cooperação entre Pequenas Empresas

Introdução

Atualmente, a competição estrutural se estabelece em níveis globais, o que tem sido importante na intensa elevação dos padrões de qualidade, inovação, produtividade e valor para o cliente. Como resultado, houve um exagero na concorrência por mercados consumidores e aumentou a necessidade de reforçar a vantagem competitiva das organizações.

Para as pequenas empresas, esse cenário se mostra como um grande desafio, em função das limitações que afetam consideravelmente a sua competitividade. Uma pesquisa realizada no ano de 2004 pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) alerta para uma realidade que preocupa: 40% das empresas que iniciaram suas operações conseguiram sobreviver ao quarto ano;

75% destas ofereciam de dois a nove empregos. As principais dificuldades assinaladas pelos proprietários das pequenas empresas na condução da atividade: a carga tributária, a falta de capital de giro, a concorrência, a falta de mão-de-obra qualificada, a dificuldade financeira, a falta de clientes, a inadimplência, a falta de crédito, as crises econômicas do país e a burocracia. Estes são dados que chamam a atenção para o alto custo socioeconômico, em perdas de empregos e desperdícios econômicos enfrentados. Realidade própria de um país que tem carência em programas e/ou projetos para orientação dos empreendedores, falta de infra-estrutura, de articulação política e institucional e inadequação na disponibilização dos recursos.

Diante deste contexto, essas empresas têm buscado estratégias de cooperação alternativas para se tornarem mais competitivas. As alianças, sob o formato de redes de cooperação, têm se apresentado como uma alternativa potencial para esse fim, devido a suas características de envolver duas ou mais empresas que buscam reposicionamento por meio do compartilhamento de problemas intrínsecos à atividade e ao mercado onde atuam, sem criar dependência financeira ou comprometer a independência dos envolvidos. Isso representa, assim, uma nova forma de arranjo organizacional que privilegia o estreitamento de relações entre empresas e evidencia a necessidade de adaptação às mudanças do ambiente, configurando um espaço democrático e participativo, marcado por relações horizontalizadas.

Problema:

Há eficácia nos projetos de redes de cooperação entre os pequenos supermercados da região do Baixo Xingu de Goiás?

Com base no que foi exposto anteriormente, formule as hipóteses sobre o problema anterior.

Resposta

- a. *Existe eficácia em relação ao fortalecimento dos envolvidos.*
- b. *Não existe eficácia em relação ao fortalecimento dos envolvidos.*

RESUMO

A escolha do assunto de uma pesquisa necessita levar em conta a sua viabilidade, seu campo e sua definição de termos, além de formulação do problema, observando suas características e a construção de hipóteses de acordo com as suas habilidades. Deve ainda estabelecer suas variáveis de forma afirmativa, precisando ser no mínimo duas, uma positiva e outra negativa.

Projeto de pesquisa científica: concepção, abordagem, fatores determinantes – parte 2

AULA

10

Meta da aula

Mostrar a importância do método do estudo como fator indispensável na elaboração do projeto de pesquisa, definição dos termos, abordagem e seus fatores determinantes.

objetivos

Esperamos que, após o estudo desta aula, você seja capaz de reconhecer e construir tecnicamente um documento acadêmico e, também, de responder aos seguintes questionamentos:

Por quê? (toda pesquisa deve ser justificada); Para quê? (a pesquisa deve ter um objetivo geral); Para quem? (os objetivos específicos da pesquisa).

Onde fazer? Como fazer? (descrição dos campos de observação com suas unidades de observação e variáveis que interessam à pesquisa, isto é, a população a ser pesquisada e o controle de suas variáveis); Com o quê? (descrição dos instrumentos que serão utilizados na pesquisa); Quanto? (utilização de provas estatísticas, isto é, quais as hipóteses estatísticas enunciadas, como os dados obtidos serão codificados, que tabelas serão utilizadas e como serão feitas); Quando fazer a pesquisa? (cronograma da pesquisa, isto é, qual será o tempo necessário para executar o projeto, dividindo suas etapas).

Qual o custo da pesquisa e como pagar? (os planos de custos da pesquisa; como construir uma planilha de custos e receitas).

INTRODUÇÃO

Você já deve ter escolhido o tema para seu trabalho acadêmico ao estudar a Aula 9. Desta Aula 10 em diante, você terá condições de coletar o material adequado, em forma de citação, resumo ou sumário, para ser reavaliado considerando o tema abordado.

Em seguida, iremos buscar soluções para os questionamentos teóricos apresentados para elaborar o projeto de pesquisa, tais como os objetivos, a justificativa, o plano do experimento, o campo de observação, os instrumentos da pesquisa etc.

ANOTAÇÕES

A busca das soluções tem seu início na tomada de anotações.

Anotar é mais aconselhável do que confiar somente na memória. Temos a tendência de ler pouco em relação ao que escrevemos, e tendemos a reter pouco o que lemos.

É necessário eleger o que se pode ou se precisa ler. Certamente você, assim como eu, não tem a capacidade de guardar na memória tudo o que lê. Para prover as nossas necessidades, lançamos mão de anotações, que são uma extensão de nossa memória.

É difícilimo, atualmente, para a maioria das pessoas, obter uma biblioteca pessoal adequada, com um bom número de títulos. Em geral, não temos aporte financeiro para tanto. Porém, todos nós podemos formar um substitutivo de uma biblioteca de valor quase igual com ajuda dos fichários de anotações e a busca na internet, que irão se constituir em minibibliotecas para uso pessoal.

Tomar anotações é transferir as informações, os dados significativos de fonte oral ou escrita para um caderno, pasta, ficha de uso pessoal ou para um meio eletrônico.

Temos a possibilidade de anotar informações com base em aulas ou livros. Neste trabalho, temos, como opção, as anotações reunidas a partir de livros, com o objetivo de usarmos o conteúdo em pesquisas de consulta bibliográfica.

Para atuarmos com proveito, é adequado sermos organizados na tomada de anotações. Para tanto, listamos algumas considerações:

a) A enunciação de um problema é o marco inicial para avaliar uma anotação, se ela é pertinente ou não, se, de alguma forma, responde ao problema.

b) É importante fazermos anotações após ler criteriosamente todo um documento. Só então estaremos em condições de escolher as informações que serão realmente úteis. Se a ansiedade nos dominar, é possível que anotemos desde o início do livro e pode ser que mais à frente achemos as mesmas informações melhor enunciadas ou mais importantes para os objetivos desejados.

É aconselhável sublinhar os dados mais importantes, no mesmo momento da leitura. Se o livro não nos pertence, é recomendado fazer apontamentos em uma folha de papel separada, a qual pode ser maior que o livro (é mais confortável). No alto da folha, anota-se o número das páginas escritas. Se for necessária a devolução do livro à biblioteca, anote também a ficha bibliográfica para futura utilização.

c) A seguir, escreva os apontamentos em fichas (uma catarse para os iniciados em pesquisa e insuportável para os principiantes).

Se, ao anotar os dados encontrados no livro, surgirem outras idéias úteis, anote-as em folha à parte para não esquecer.

d) É fundamental classificar e relacionar os apontamentos. A organização da tarefa nos livra de vários contratempos. Se você não fizer assim, não vai se lembrar em que fonte foi encontrada a informação ou o conteúdo.

A tomada de apontamentos independe de nossa vontade pessoal. As anotações devem satisfazer às necessidades da pesquisa.

Existem trabalhos que necessitam da busca e de anotações do máximo de dados possíveis. Assim a coleta pode se tornar exaustiva; em outros casos, usa-se o critério de seleção. Existem obras em que é possível reduzir todo o conteúdo aos tópicos principais, ao que é essencial. Nos tratados gerais de divulgação, sobre temas conhecidos, vastamente demonstrados, assim como em estudos como ensaios, usa-se o discernimento para selecionar apenas o essencial. De forma oposta, o critério exaustivo deve ser usado na pesquisa original.

Normalmente, você deverá anotar com moderação e ponderação. Tomar apontamentos em excesso, com a finalidade de se ter uma grande quantidade de material, pode trazer o esmorecimento e o perigo de anular totalmente a tarefa.

Devemos saber escolher o fundamental do secundário. Para tanto, devemos praticar. Somente dessa forma saberemos como selecionar. Geralmente anotam-se as idéias, os dados ou fatos, abandonando as

formas que conectam as idéias, a não ser quando as formas de ligação são importantes para localizar as idéias centrais de uma estrutura geral. As idéias gerais poderão ser mais importantes porque firmam relações, semelhanças e diferenças.

De antemão devemos realizar a leitura reflexiva para que capturemos a principal idéia do autor na obra em exame.

É necessário observar que devemos usar a idéia do autor, escrevendo com termos próprios e não copiando totalmente o que o autor escreveu, tendo a certeza de reproduzir fielmente o significado da referência.

Devemos ser objetivos ao anotarmos os apontamentos, considerando o que desejamos, a especialização escolhida, a profissão que desempenhamos, a pesquisa a ser produzida. A propriedade e a opção das anotações dependem dos objetivos que você deseja alcançar.

Atividade 1

Você está pesquisando sobre negociação e cai em suas mãos o texto a seguir. Quais são as principais idéias no texto relacionadas à sua pesquisa?

O poder positivo do não

Para chegar ao 'sim' é preciso dizer vários 'nãos'. Com tal assertiva, William Ury abriu sua palestra no Fórum Mundial de Negociação 2006, evento organizado pela HSM. Para ele, a liderança verdadeira não é só dizer sim sempre, mas saber usar estrategicamente a palavra não.

Segundo o palestrante, a maior dificuldade das grandes empresas é saber quando e como dizer não, e a falta de habilidade no uso do 'não' vem desde casa, quando, em família, ainda existe a repressão quanto ao uso do termo que, *a priori*, tem efeito negativo. “Diga não ao seu filho, à sogra, aos cachorros, a tudo o que você achar interessante. Comece em casa o exercício do 'não' construtivo e, de lá, passe para o trabalho”, afirmou.

Consultor de renome internacional, Ury possui larga experiência em administrar conflitos e negociações entre empresas. Utilizando-se de um caso concreto ocorrido em uma das empresas em que atuou, ele explicou como restabelecer a confiança dentro de um ambiente de trabalho e, mais objetivamente, entre funcionários e clientes.

“Quando estava na Johnson & Johnson, eu presenciei a repercussão do caso Tylenol, o medicamento mais vendido por eles. Na época, tratava-se de uma situação de crise na qual sete pessoas morreram (seis adultos e uma criança) devido a tabletes envenenados com o produto. Em alguns minutos, os líderes da equipe Tylenol tiveram uma idéia: *recall* do produto em todo país. Ou seja, ninguém diria 'não' a um *recall* nacional. Isso significa que eles usaram o 'não' para conseguir um 'sim' subjacente, solucionando o problema e trazendo a confiança para a empresa”, relatou.

'Sim' para você – O uso do 'não' significa um sim interno, para si próprio. Ury explicou que aquele que sabe falar um não na hora certa adquire, além de autoconfiança, o respeito da outra parte que recebe a suposta negativa. "É importante expressar o seu 'não' e, depois, o seu 'sim'. O 'não' não tem bordas. É um limite natural, uma linha clara, limpa. Você tem que criar um limite com seu cliente, o do 'sim' e o do 'não'", insistiu. Amizade – Até nas relações entre amigos o 'não' deve ser colocado e, principalmente, respeitado. Segundo Ury, quando um amigo pede dinheiro emprestado, por exemplo, e você não quer que a relação financeira exista o ideal é não ter medo de negar. Ou seja, não emprestar o dinheiro ao amigo não significa estar dizendo 'não' a ele, mas a esta condição (uma relação financeira).

Para um 'sim' inteligente – Em sua apresentação, o palestrante explicou que encontrar o equilíbrio é saber terminar um assunto com um 'sim' tendo, no entanto, transitado pelo 'não' no meio do caminho. Para ele, o bom negociador deve ter habilidade em dizer 'não' e ainda chegar ao 'sim' com tranquilidade, mas firmeza. Significa ter, portanto, respeito "do outro lado" quando expressa o seu 'não' de forma coerente.

"O mais difícil é manter-se fiel ao 'sim'. Quando sabemos utilizar o 'não' na hora certa, vemos, naquele momento, nossa vida passar diante dos nossos olhos. Um 'não' indeciso pode representar a perda de um emprego, de um cliente. É fato. Mas o 'não' consciente é a conquista da firmeza, da confiança, da credibilidade", ressaltou.

Ury encerrou sua palestra explicando que a adequação eficaz do 'não' provém de algo íntimo, pessoal. "O 'não' é algo que você faz a si próprio. Talvez seja a palavra mais poderosa e ajuda você a ser fiel com a imagem que reflete diante do seu espelho. A chave de um não positivo é sinônimo de respeito ao outro também", ilustrou (URY, 2006).

Resposta Comentada

Para chegar ao sim, é preciso dizer vários não. Liderança verdadeira não é dizer sempre sim, mas saber usar estrategicamente a palavra não. A maior dificuldade das grandes empresas é saber quando e como dizer não, e a falta de habilidade no uso do não vem desde casa; diga não ao seu filho, à sogra, aos cachorros, a tudo o que você achar interessante. É de se notar, também, a repercussão do caso Tylenol, recall do produto em todo o país; usaram o não para conseguir o sim. O uso do não significa um sim interno; o não é algo que você faz a si próprio.

INDAGAÇÕES IMPORTANTES A SEREM FEITAS QUANDO DA REALIZAÇÃO DE UMA PESQUISA

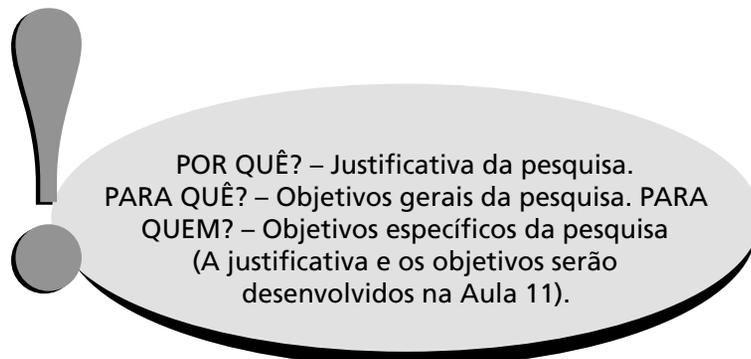
Algumas indagações devem ser consideradas como pontos de fundamental importância em uma pesquisa e devem ser respondidas.

POR QUÊ? PARA QUÊ? PARA QUEM?

Segundo Rudio (1986, p. 57), o porquê da pesquisa está contido no plano da justificativa, demonstrando os motivos que justificam a investigação, que podem ser de ordem teórica e de ordem prática. Exemplo de justificativa: a capacidade do gestor extrovertido, racional e experimentador em qualquer empresa é motivo de incentivo para os demais funcionários da empresa.

O "para quê?" define o objetivo geral da pesquisa, isto é, determina o que se deseja alcançar com a execução da pesquisa dentro de uma visão global e abrangente. Exemplo de objetivo geral: desenvolver uma prática de gestão na empresa que otimize a produtividade, identificando os fatores motivacionais que possam impulsionar os funcionários da empresa no desempenho de suas tarefas.

O "para quem?" determina os objetivos específicos da pesquisa, fazendo aplicação dos objetivos gerais a situações particulares. Exemplos: analisar as situações de comunicação vertical e horizontal entre os funcionários da empresa; investigar as técnicas empregadas na produção; analisar o fluxo de produção.



Continuando nos pontos importantes de uma pesquisa, veja outras indagações que necessitam de respostas.

ONDE FAZER? COMO? COM QUÊ? QUANTO? QUANDO?

De acordo com Rudio (1986, p. 58), o plano do experimento inclui: população e amostra, controle das variáveis, instrumentos de pesquisa, técnicas estatísticas e cronograma.

ONDE FAZER? COMO FAZER? – Definem o campo de observação, suas unidades e variáveis que são pertinentes à pesquisa:

a) população, com suas características. Imagine que o pesquisador está elaborando um projeto no qual ele irá pesquisar um determinado mercado de consumo de um certo produto. Ele deverá definir a população incluindo suas características. Exemplo: um produto destinado à população da terceira idade.

b) caso o pesquisador utilize amostra, ele deverá justificar, fornecendo os motivos e a forma como a amostra será definida e suas peculiaridades. Exemplo: população da terceira idade de ambos os sexos com renda superior a R\$ 2.500,00.

c) local. É preciso definir o lugar em que deverá ser feita a pesquisa. Exemplo: cidade de Seropédica.

COM QUÊ? – Instrumentos de pesquisa (questionário, entrevista etc).

O pesquisador deverá descrever o instrumento de pesquisa que vai ser utilizado e qual a informação que almeja buscar com ele.

De que forma o instrumento será utilizado para conseguir as informações necessárias? Exemplo: a pesquisa de campo será realizada em uma empresa por meio de entrevistas e dois questionários, abordando o perfil psicológico de gerentes e funcionários da empresa.

Segundo o mesmo autor, quando a pesquisa utilizar hipótese estatística, deverá responder ao seguinte questionamento:

QUANTO?

- Como será a utilização de técnicas (provas) estatísticas?
- Quais são as hipóteses estatísticas enunciadas?
- Como os dados obtidos serão codificados?
- Que tabelas serão feitas e como serão feitas?
- Que técnicas estatísticas serão utilizadas para verificar as hipóteses?
- Qual o nível de significância?
- Qual é a previsão sobre interpretação dos dados?

Exemplo de hipótese estatística: H_0 – Não existe relação significativa entre o gestor de perfil extrovertido, racional e experimentador com o desempenho otimizado da empresa; H_1 – Existe relação significativa entre o gestor de perfil extrovertido, racional e experimentador com o desempenho otimizado da empresa.

QUANDO? – Cronograma hipotético.

O pesquisador deverá definir o tempo que será necessário para executar o projeto, isto é, para realizar a pesquisa, dividindo o processo em suas etapas e indicando que tempo é necessário para a realização de cada uma delas.

Exemplo de cronograma hipotético: a pesquisa será desenvolvida em cinco fases fundamentais, distribuídas em cinco meses de trabalho:

1ª fase: pesquisa bibliográfica e documental, que irá permitir a coleta de dados para a elaboração dos questionários e entrevistas;

2ª fase: construção das perguntas da entrevista e elaboração do questionário;

3ª fase: realização das entrevistas e aplicação dos questionários;

4ª fase: processamento dos dados, sistematização e análise das informações;

5ª fase: redação final do relatório.

Fases	1º mês	2º mês	3º mês	4º mês	5º mês
1ª	X	X			
2ª		X	X	X	
3ª			X	X	
4ª			X	X	
5ª				X	X

CUSTO E COMO PAGAR?

Diz respeito aos planos de custos da pesquisa – É preciso prever os gastos que serão feitos com a realização da pesquisa, especificando cada um deles por meio de uma planilha.

1. Gastos com pessoal – Do coordenador aos pesquisadores de campo, todos os elementos devem ter seus ganhos computados, sejam globais, mensais, semanais ou por hora/atividade, incluindo os programadores de computador.

2. Gastos com o material – O material necessário para a realização da pesquisa pode ser subdividido em:

– aqueles consumidos no processo de realização da pesquisa, como papel, canetas, lápis, cartões ou plaquetas de identificação dos pesquisadores de campo, hora/computador, cópias de documentos, encadernação etc.

– os permanentes, cuja posse pode retornar à entidade financiadora, ou alugados, como computadores, impressoras, calculadoras etc.

Exemplo: planilha hipotética de custos.

Plano de custos da pesquisa

Pessoal

Coordenador (1) R\$ 400,00

Pesquisadores de campo (2) R\$ 600,00

Material de consumo

Papel (resma) R\$ 12,00

Canetas R\$ 10,00

Tinta impressora R\$ 80,00

Cópias R\$ 5,00

Encadernação R\$ 10,00

Material permanente

Computador R\$ 2.000,00

Impressora R\$ 400,00

Programas de informática R\$ 3.000,00

Transportes R\$ 200,00

Alimentação R\$ 500,00

Total R\$ 7.217,00

Planilha hipotética de receita

Planilha de receita

Agência financiadora 1 R\$ 3.000,00

Agência de apoio à pesquisa R\$ 4.000,00

Receita própria R\$ 217,00

FINEP, CAPES e FAPERJ são algumas agências que financiam pesquisas. Saiba um pouco mais sobre isso fazendo uma visita aos sites: www.finep.gov.br; www.capes.gov.br; www.faperj.br.

CONCLUSÃO

É muito importante saber como anotar os dados ao se formular um problema. Só então poderemos concluir um projeto de pesquisa, considerando a dificuldade de responder a questionamentos técnicos exigidos. Devemos determinar com segurança o questionamento, para em seguida examinar, avaliar, criticar e buscar a solução.

Você já sabe que o ponto de partida é a compreensão profunda do tema e a formulação de um problema, dos objetivos dos questionamentos. Como você já percebeu, o projeto de pesquisa em sua formulação responde às seguintes questões: Onde fazer? O que fazer? E para que fazer? Examinamos os outros questionamentos: Para quem fazer? Como fazer? Com que fazer? Quando fazer? Com quanto fazer? E qual o custo para fazer?

Atividade Final

Identifique a justificativa e os objetivos geral e específicos no projeto de pesquisa a seguir:

Protecionismo dos países desenvolvidos: uma estratégia de poder

Plano da natureza do problema.

Formulação do problema da pesquisa.

Ao nos aproximarmos do início do século XXI, observamos um cenário político-econômico mundial extremamente complexo, desafiante, conflituoso, contraditório, com aspectos da realidade cambiante a cada instante, desafiando a capacidade de interpretação dos pesquisadores. Cada vez mais o individualismo das nações se faz sentir e seus interesses fundamentais continuam sendo aqueles resultantes de seus próprios projetos políticos. Mesmo alinhando-se em grupos de nações, sob acordos diversos, fica patente a tentativa das sobrevivências nacionais, quer sob o aspecto estratégico, quer sob o econômico. Pressente-se, contudo, um clima de distensão entre as grandes potências.

As mudanças das posições relativas dos países na escala de hierarquias econômicas estenderam-se a todas as regiões e latitudes do globo. Algumas foram mais privilegiadas (Continente Europeu, América do Norte, Sudeste Asiático), outras foram desigualmente afetadas (América Latina), outras se marginalizaram ainda mais (África), ao mesmo tempo que ainda outras regiões se mantiveram afastadas desses movimentos (Leste Europeu – a antiga União Soviética). No interior de cada uma dessas regiões, alguns países se destacaram de outros, distribuindo-se pelas posições intermediárias de um sistema cujo vértice passou a ser ocupado pela tríade (EUA, Japão e Alemanha). Ou seja, o sistema econômico internacional tornou-se mais complexo, e também mais desigual.

Do ponto de vista do sistema econômico, o que deve ser mais destacado como fenômeno importante para o entendimento da nova ordem internacional emergente é que os deslocamentos ao longo da escala econômica de hierarquias não parecem ter produzido deslocamentos correspondentes na escala do poder político e militar. Em outras palavras, não parece mais haver correspondência entre o poder econômico e o poder político dos países que se constituíram (ou se mantiveram) como grandes potências, sendo exemplares (assimetricamente contrários) os casos do Japão e dos Estados Unidos.

A política de integração brasileiro-argentina na segunda metade dos anos 80 e no início da atual década avançou de forma concreta e dinâmica, que criou as condições necessárias para a decisão dos governos do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai de estabelecerem as bases para a constituição do Mercado Comum do Sul – Mercosul. A Ata para a integração, de julho de 1986, e a ratificação do Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento, em agosto de 1989, representam saltos qualificativos da maior importância histórica para o desenho da cooperação brasileiro-argentina. A política industrial e a tecnologia, por sua vez, têm por objetivo induzir de forma planejada a reestruturação do parque produtivo nacional, que passará, assim, a contar com medida de apoio interno, em lugar da proteção excessiva com base em medidas de fronteira, como ocorria no passado. O resultado deverá ser uma indústria mais dinâmica e tecnologicamente atualizada.

A modernização do relacionamento comercial brasileiro amplia as possibilidades de cooperação com parceiros externos de diferentes áreas. Uma das principais conseqüências dessa ampliação consiste no novo impulso que a diplomacia brasileira pode dar ao processo de integração com os países da América Latina e, em particular, com o Cone Sul.

A tendência do comércio internacional nos deixa entrever o constante crescimento do intercâmbio comercial entre os diversos países do mundo moderno, fato esse corroborado pelo aumento populacional, pela variação de gostos e pela especialização. Entretanto, em relação aos países em desenvolvimento e subdesenvolvidos, o estímulo provocado pela dinâmica de seu crescimento obriga esses países a modificar repetidamente sua política de comércio exterior, para atender, principalmente, às exigências de seu balanço de pagamentos internacionais.

Por outro lado, a prática do comércio internacional depende de muita habilidade e talento, além da observância das técnicas que orientam o seu pleno exercício. A vantagem competitiva que traz como conseqüência o aumento da produção dos bens exportáveis está intimamente ligada a estudos que envolvem aspectos diversificados, que vão desde a especialização até a conquista de mercados.

Os fatores que indicam o protecionismo das nações têm motivos nem sempre lógicos e claros para o público. Por não serem claros e lógicos, sempre se pode especular que barganhas políticas podem ser a sua razão principal. O clima no comércio internacional tornou-se mais áspero. As grandes nações comerciais levantam medidas protecionistas mais severas. Já se fala em uma competição de medidas retaliadoras. Formam-se novos blocos econômicos. E, com isso, existe o perigo de que os blocos se fechem para fora, numa tendência de comportamento estratégico, fomentando as suas próprias indústrias.

Assim, o ambiente das trocas internacionais mostra-se cada vez mais palco das operações dos grandes grupos transnacionais, cuja atuação, que já se mostrava determinante havia mais de três décadas, se amplia e sofisticada, concentrando-se em um comércio inter e intrafirmas, responsável no início da década de 80 por algo em torno de 70% do comércio internacional.

Paralelamente, assistimos, no âmbito institucional, a um movimento que, a par do crescimento desta economia globalizada, organiza os Estados nacionais em blocos regionais que, apesar de possuírem características distintas de organização, reintroduzem o protecionismo como forma de prática de restrição e organização do comércio internacional. Embora nem o protecionismo nem a existência de blocos econômicos sejam em si fato novo, remontando a existência da Comunidade Européia à década de 50, assistimos agora à disseminação destas práticas a todos os quadrantes do globo, numa escala com grande potencial de geração de conflitos, pela exclusão ou externalidades geradas pela destruição de comércio em função das relações intrablocos. De qualquer forma, o potencial de conflitos de ordem econômica fica evidenciado.

Problema:

O alargamento do Mercosul e a constituição da Alca serão vantajosos para o Brasil?

Objetivos:

- Avaliar o Brasil, frente aos obstáculos para o seu desenvolvimento.
- Analisar a inserção competitiva do Brasil na economia internacional, em razão das medidas chamadas subsídios internos à agricultura ou às indústrias; “direitos” compensatórios ou taxações alfandegárias a qualquer título são hoje fatos comuns.

Resposta Comentada

Analisando o projeto de pesquisa, podemos mostrar que sua justificativa está definida da seguinte forma:

Esta pesquisa se justifica em face da incerteza do sucesso dos atuais entendimentos do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, e a busca de sua ampliação para incluir o Cone Sul e, numa segunda fase, a América do Sul.

A possibilidade de o Brasil se desenvolver no comércio exterior, assim como suas relações, com justiça social a um nível aceitável dentro dos melhores padrões internacionais.

Seus objetivos geral e específico estão definidos como:

Objetivo geral:

Avaliar o Brasil, frente aos obstáculos para o seu desenvolvimento.

Objetivo específico:

Analisar a inserção competitiva do Brasil na economia internacional, em razão das medidas chamadas subsídios internos à agricultura ou às indústrias; “direitos” compensatórios ou taxações alfandegárias a qualquer título são hoje fatos comuns.

RESUMO

O projeto de pesquisa exige planejamento para garantir a sua realização, devendo considerar as fases para a construção de um projeto de pesquisa. Um projeto de pesquisa tem por objetivo básico responder às seguintes questões: Quem vai fazer? O que fazer? Por quê, para quê e para quem fazer? (Toda pesquisa necessita de justificativa para a sua realização, assim como de objetivos geral e específicos.) Onde fazer? Como? (Definem o campo de observação, sua população e características e suas unidades de observação.) Com quê? (Instrumentos que serão utilizados na pesquisa.) Quanto? (Uso de amostras estatísticas.) Quando? (Cronograma de quando começa e termina a pesquisa.) Com quanto fazer e qual o seu custo? (Uso de planilhas para calcular o custo da pesquisa, seu desembolso e receita do pesquisador para desenvolver a investigação.)

Justificativa, objetivos e outras questões a serem investigadas na pesquisa

AULA

11

Meta da aula

Definir a justificativa, o objetivo geral e os objetivos específicos de uma pesquisa.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

-  estabelecer coerência entre a justificativa e o tema da pesquisa;
-  reconhecer e formular os objetivos e a justificativa de uma pesquisa.

INTRODUÇÃO

Onde fazer a pesquisa? Com que fazer a pesquisa? Com quanto fazer a pesquisa? E quando fazer a pesquisa? Esses itens já foram estudados em aula anterior.

Desta aula em diante, você terá condições de estudar com profundidade as indagações de por que fazer a pesquisa, ou a justificativa da pesquisa, para que fazer o estudo, ou o objetivo geral e os objetivos específicos.

JUSTIFICATIVA

Você já escolheu e delimitou o tema de sua pesquisa na Aula 8. O assunto escolhido e a hipótese devem ter relevância para a sociedade ou para um grupo de indivíduos e devem ser testados.

Agora é importante que você explique o motivo dessa escolha, que você justifique a importância científica e social do seu objeto de estudo, isto é, que você explique por que seu trabalho de pesquisa é fundamental de ser efetivado.

Você deve tomar o cuidado, na enunciação da justificativa, de não tentar justificar a hipótese levantada, ou seja, de tentar responder ou concluir o que vai ser investigado no trabalho de pesquisa. A justificativa evidencia a importância do tema a ser estudado ou justifica a necessidade de se levar a efeito tal empreendimento.

Você deve ressaltar:

- o nível em que se encontra a teoria a respeito do tema.
- a contribuição à ciência que a investigação pode proporcionar.

Exemplo: a pesquisa sobre a tecnologia da informação irá desenvolver novas formas de produtividade na empresa.

Em casos específicos, uma pesquisa pode alcançar:

- Simplificação da **TEORIA**.

Exemplo de simplificação da teoria:

A teoria Z consiste em que a chave para o aumento da produtividade é o envolvimento dos trabalhadores naquilo que estão produzindo, isto é, o segredo não está na produção em sentido estrito, mas na administração da produção (SANDRONI, 2001, p. 515-516).

- Solução de pontos confusos.

Em algumas situações, a justificativa esclarece assuntos pouco claros, como por exemplo o comportamento do consumidor em relação a determinado produto. “A dona-de-casa que não adota um tipo de

TEORIA

Do grego *theoría* = visão de conjunto. É uma visão especulativa global, na qual diversos fenômenos coerentemente estruturados recebem uma explicação cabal. Ela se elabora a partir da observação exata da realidade e atinge níveis sempre mais altos de generalização que lhe permitem surpreender a significação íntima dos fenômenos.
Fonte: AVILA (1982, p. 578).

armadilha para ratos”. Embora a armadilha tenha obtido prêmios em feiras de amostra, é pouco eficaz nos seus resultados.

- Valor do assunto do ponto de vista geral.

Em relação ao ponto anterior, a pesquisa é importante para solucionar a pouca eficácia da armadilha para a dona-de-casa.

Exemplo de justificativa:

Tema:

O corpo da mulher usado na propaganda.

Sobre retrato de mulher nas propagandas:

No Brasil, desde os anos 1990, muitos jornais e revistas têm publicado artigos sobre a imagem da mulher na propaganda. Além disso, neste país, muitas organizações de proteção da mulher têm denunciado a crescente vulgarização da imagem feminina na mídia de massa desde a década passada. (...) Mas como as mulheres brasileiras interpretam os retratos da mulher na propaganda? São essas imagens percebidas por elas como estereotipadas? As mulheres brasileiras comparam-se com as modelos apresentadas nas propagandas? Esses retratos têm sido considerados por elas como negativos para o seu bem-estar? Apesar do fato de a sociedade estar preocupada com a imagem da mulher na mídia de massa, pouco se sabe sobre como a mulher brasileira interpreta a apresentação de sua imagem na publicidade. Na verdade, uma investigação nas principais revistas e em anais de congressos acadêmicos em Administração demonstrou que nenhum artigo relacionado à imagem da mulher em propaganda foi encontrado (ACEVEDO, 2004, p. 1, apud ACEVEDO, 2006, p. 25).



Ao elaborar a justificativa do projeto, você pode citar diversos autores que usará como base em sua pesquisa, devendo ter o cuidado para não serem feitas referências incoerentes em relação ao problema e ao objetivo da pesquisa. É recomendável que somente seja citado o que é indispensável. É importante não confundir justificativa com revisão da bibliografia (ou fundamentação teórica).

Atividade 1

Analise a justificativa apresentada e responda se ela está coerente com o tema. 

Justifique a sua resposta.

Tema:

Controles internos e ERP (*Enterprise Resource Planing*): Um estudo de caso sobre o grau de conformidade de um ERP nacional às melhores práticas de controle interno (ESTEVES, 2006, p. 1).

Problema:

É notório que os preceitos de governança corporativa são fatores que vêm compor o rol de preocupações que a Administração das grandes empresas precisa levar em consideração ao definir sua estratégia para atingir padrões elevados de governança em controle interno.

Nesse sentido surgem questões relevantes: (i) Pode-se considerar o ERP escolhido como uma boa ferramenta de controle? (ii) Essa ferramenta está em conformidade com as exigências de controle interno que o mercado espera? (iii) E quais são suas principais limitações?

Justificativa:

A problemática que envolve o desenvolvimento e a implantação de controles internos sobre processos operacionais, dentro de um ambiente de ERP, reside, principalmente, na existência de poucos estudos acadêmicos sobre o tema.

Tratando-se de forma isolada as principais variáveis, pode-se dizer que, atualmente, há uma quantidade elevada de trabalhos, inclusive acadêmicos, sobre o tema ERP. Estes, freqüentemente, tratam da problemática das metodologias de implantação, ou sobre o mercado de ERP, ou sobre estratégias e metodologias para implantação desses sistemas, como o trabalho de dissertação denominado *Enterprise Resource Planning: um estudo sobre estratégias de implantação* (CERRI, 2004, apud ESTEVES, 2006).

Também tratando de forma isolada temos em relação à segunda importante variável que este estudo se propõe a avaliar, no caso controles internos, que as principais pesquisas referem-se a estatísticas de conformidades e não-conformidades divulgadas por grandes empresas de consultoria e, principalmente, por órgãos reguladores de mercado, como o *Public Company Accounting Oversight Board (PCAOB)*, principal entidade que regulamenta as práticas de governança e controle interno nos Estados Unidos. Em levantamento feito entre as principais bibliotecas virtuais do Brasil, por exemplo, poucos trabalhos acadêmicos acerca do tema foram encontrados. Como principais, destacam-se os trabalhos: *Cognição da Estrutura de Controle Interno: uma Pesquisa Exploratória* (IMONIANA; NOHARA, 2004 apud ESTEVES, 2006) e *Um estudo de percepção do controle interno pelos gestores de instituições financeiras da grande São Paulo* (MARCONDES; IMONIANA, 2004 apud ESTEVES, 2006). Ambos os trabalhos sob forma de artigos científicos.

Entretanto, de forma conjunta, como se propõe a tratar o presente estudo, não foram encontrados trabalhos acadêmicos que encerrassem os dois componentes básicos tratados neste projeto: controle interno e ERP.

Torna-se plausível e justificável então que sejam avaliados a qualidade dos ERPs quando confrontados com a crescente expectativa da administração das empresas sobre as questões de governança corporativa e controles internos.

Resposta Comentada

Você deve ter respondido que a justificativa é coerente com o tema, pois ela oferece a resposta ao questionamento – por quê?

Explica a falta de maior número de obras a respeito do tema, a importância do tema para as questões de governança corporativa, não se confunde com a fundamentação teórica, embora inclua citações de outros autores, que no caso é facultativa.

SOFISMA

Devemos ter o máximo de cuidado para se evitar raciocínio falso (**sofisma**), que simula a veracidade. Uma maneira de resguardar a coerência da fala é evitar todo equívoco que facilite a incorreção lógica, isto é, o sofisma, que é uma argumentação falsa que pode ser psicologicamente persuasiva, e encerrar um paralogismo (raciocínio falso).

Devemos considerar, em nossa análise, os sofismas informais baseados em contextos fora da comunidade acadêmica e científica que podem nos surpreender. São eles:

1) O critério da autoridade, que consiste em fundamentar uma assertiva no depoimento declarado de uma autoridade no assunto, sem levar em consideração a lisura da alegação e da legitimidade do depoimento invocado.

Exemplo:

O professor Marcelo Álvaro da Silva Macedo, ao examinar o livro de um dos mais renomados autores em Administração Financeira, demonstra, nas páginas 82 a 89 do livro *Finanças corporativas* (2006), um equívoco no resultado da demonstração de uma técnica apresentada nas páginas 399 a 403 do livro de GITMAN, Lawrence J. *Princípios de administração financeira*. São Paulo: Bookman, 2001.

SOFISTA

Argumento ou raciocínio concebido com o objetivo de produzir a ilusão da verdade, que, embora simule um acordo com as regras da lógica, apresenta, na realidade, uma estrutura interna inconsistente, incorreta e deliberadamente enganosa (HOUAISS, 2002).

2) A consideração da opinião de figuras populares, sem levar em conta sua cultura e educação.

3) A argumentação por ignorância: quando se afirma verdadeira uma proposta falsa, por falta de conhecimento ou por não pesquisar mais a fundo o conteúdo.

4) O apelo à misericórdia para se aceitar como correta a conclusão (usado no campo jurídico).

Exemplo:

O acusado furtou dinheiro para comprar remédios para o filho doente. O investigador de uma ocorrência de furto em repartição pública minimizou o ocorrido devido à situação de penúria do acusado, evidenciando que o fato só ocorreu porque a funcionária deixou sobre a mesa a carteira com dinheiro, facilitando o furto.

5) O sofisma do uso incorreto da estatística. Podemos citar a falácia da estatística insuficiente ou de extrapolação ilegítima, com a finalidade de induzir que o argumento está correto.

Sofismas sobre a reforma da Previdência

Desaparecido nas últimas semanas, o debate sobre como controlar os gastos da Previdência vai voltar, pois sem isso no médio prazo esta ficará inviável. A própria criação de um conselho para discutir o assunto manterá o tema na agenda ainda por vários meses, senão anos. Este artigo chama a atenção para quatro sofismas recorrentes nesta discussão, que se tornará mais profícua se esses forem reconhecidos pelo que são.

Sofisma 1: O déficit da Previdência Social só existe porque o país cresce pouco e a fiscalização das contribuições é falha. Esse argumento desconsidera que o crescimento é baixo, em grande medida, porque a carga tributária é muito elevada, exatamente para viabilizar os altos gastos previdenciários. Entre 1991 e 2006, a receita líquida da União aumentou em 9,7% do PIB; desse total, 15% foram usados para elevar o superávit primário, 46% bancaram o aumento dos benefícios do INSS e 13% cobriram o incremento nos gastos com inativos da União. Nesse ínterim, o investimento da União caiu de 1,2% para 0,7% do PIB. Ou seja, não foi o maior superávit fiscal, mas sim o aumento de 5,8% do PIB das despesas com aposentadorias que gerou o aumento da carga tributária e a queda dos investimentos. Eliminar a sonegação da Previdência, ainda que justo, elevará ainda mais a carga tributária e o desemprego. Sozinha, não é uma solução. É preciso reduzir os gastos com previdência para poder diminuir a carga tributária e a informalidade, e ter mais investimento e crescimento, e não o contrário.

(PINHEIRO, Armando Castelar. *Valor Econômico*, 02 mar. 2007).

Para ler mais, acesse:

<http://www.paranaprevidencia.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=912>.

OBJETIVOS NA PESQUISA CIENTÍFICA

Podemos definir o que é objetivo considerando a sua importância na pesquisa científica, segundo Houaiss (2002).

Aquilo que se pretende alcançar quando se realiza uma ação; alvo, fim, propósito, objeto. (...); livre de interesses, de gostos, de preconceitos; imparcial, isento; (...).

O objetivo da pesquisa em qualquer ciência é buscar respostas claras, precisas, racionais e objetivas para os problemas que são propostos. As pesquisas podem decorrer de razões de ordem intelectual ou de ordem prática. O primeiro grupo de razões baseia-se no desejo de conhecer pela simples satisfação pessoal de conhecer, e o segundo no desejo de conhecer para aplicar.

O que se pretende alcançar quando se realiza um estudo também faz parte dos projetos de investigação. Os objetivos podem ser divididos em gerais e específicos, e, em alguns casos, os objetivos podem também exigir a sua justificativa. Uma resposta bastante honesta seria que a finalidade da investigação é a de atender às exigências para se obter o grau de bacharel, mestre ou doutor. O que se espera, de qualquer maneira, é que o projeto disserte sobre o assunto definido, apontando o que o trabalho procura pesquisar, e até onde pretende chegar.

Objetivos gerais

Procura-se determinar, com clareza e objetividade, o propósito do pesquisador com a realização da pesquisa. Deve-se estar atento ao fato de que, em pesquisa bibliográfica em nível de graduação, os propósitos são essencialmente acadêmicos, como mapear, identificar, levantar, diagnosticar, traçar o perfil ou historiar determinado assunto específico dentro de um tema. No âmbito de uma pesquisa bibliográfica, por exemplo, você não deve se propor a resolver o problema em si, mas apenas levantar as informações necessárias para melhor compreendê-lo.

Exemplo:

Utilizando o enunciado na Atividade 1.

Problema:

É notório que os preceitos de governança corporativa são fatores que vêm compor o rol de preocupações que a Administração das grandes empresas precisa levar em consideração ao definir sua estratégia para atingir padrões elevados de governança em controle interno.

Nesse sentido, surgem questões relevantes: (i) Pode-se considerar o ERP escolhido como uma boa ferramenta de controle? (ii) Essa ferramenta está em conformidade com as exigências de controle interno que o mercado espera? (iii) E quais são suas principais limitações?

Objetivo geral:

O objetivo geral deste trabalho é estudar as relações entre ambiente de tecnologia da informação, representada, nesse estudo, pelos sistemas ERPs, e um ambiente de controle interno no nível dos processos operacionais de uma empresa (ESTEVES, 2006).

Objetivos específicos:

Definir os objetivos específicos significa aprofundar as intenções expressas nos objetivos gerais. Com que propósito o pesquisador se propõe a mapear, identificar, levantar, diagnosticar, traçar o perfil ou historiar determinado assunto específico dentro de um tema? Ele pode querer mostrar novas relações para o mesmo problema, identificar novos aspectos ou mesmo utilizar os conhecimentos adquiridos com a pesquisa para instrumentalizar sua prática profissional ou intervir em determinada realidade em que ocorre o problema.

Os objetivos específicos pretendidos nessa pesquisa são:

- 1) Verificar se o ERP pode ser considerado uma ferramenta de controle interno.
- 2) Verificar se o ERP pode ser aprimorado no sentido de ampliar suas atribuições de controle.
- 3) Traçar um perfil das expectativas de melhores práticas sobre as formas de atuação dos controles em cada processo de negócio.
- 4) Traçar o perfil dos controles delegados ao ERP, por módulo, identificando suas principais formas de atuação (preventiva ou detectiva) (Idem).

Os objetivos gerais e específicos definem, muitas vezes, a natureza do trabalho, o tipo de problema a ser selecionado, o material a coletar etc.

Na definição dos objetivos, deve-se utilizar uma linguagem clara e direta como: o objetivo desta pesquisa é definir quem deve administrar.

Devemos prestar atenção nisso, pois os objetivos específicos podem tornar-se futuros capítulos da monografia, dissertação ou tese.

Alguns verbos que podem ser utilizados na elaboração dos objetivos:

Conhecer: apontar, citar, definir, relatar.
Compreender: concluir, deduzir, iluminar, diferenciar, discutir, interpretar.

Aplicar: desenvolver, empregar, organizar, praticar, traçar.

Analisar: comparar, criticar, diferenciar, examinar.

Realizar síntese: compor, construir, especificar, formular, reunir.

Avaliar: avaliar, contrastar, escolher, medir.

Atividade 2

Objetivos em uma pesquisa



a. Qual a função do objetivo na pesquisa?

b. Assinale com um X, nos parênteses, para indicar se a afirmação é verdadeira ou falsa. Comente a sua opção.

O objetivo geral é o desdobramento do objetivo específico.

() Verdadeiro

() Falso

c. Identifique o objetivo adequado e o inadequado para o tema a seguir:

Planejamento financeiro: Um estudo de caso no varejo.

Formulação do problema:

A literatura sobre o tema planejamento financeiro é muito ampla, com destaque para alguns autores como: Atkinson, Horngren, Padoveze, Ross Welsh, dentre outros. Neste trabalho, é necessário revisar alguns autores que apresentam modelos de planejamento financeiro para que se possa constatar se estes modelos são aplicados na empresa de varejo. Pretende-se demonstrar, através de um exemplo de empresa, várias etapas dos modelos teóricos percorridos durante as operações de serviços.

Existem alguns problemas enfrentados pelas empresas para o desenvolvimento do processo. Existem dificuldades na formulação de estratégias em uma situação de instabilidade econômica e política no cenário nacional e internacional?

Objetivo geral:

1. O objetivo geral nesta pesquisa consiste em revisar a metodologia de planejamento financeiro e mostrar sua aplicação num estudo de caso em uma empresa brasileira no setor de varejo.
2. O objetivo geral nesta pesquisa é mostrar que o planejamento financeiro permite as empresas melhor adaptação às mudanças de cenário na economia e um melhor direcionamento para um futuro a curto e médio prazos.

Resposta

- a. A função do objetivo na pesquisa é traçar o que se quer atingir com a pesquisa.*
- b A afirmativa é falsa. Na verdade, é o contrário. Os objetivos específicos são desdobramentos do objetivo geral.*
- O objetivo geral é a visão global e abrangente do assunto tratado, em outras palavras, o objetivo geral é o fio condutor da pesquisa.*
- c. A opção 1 é a mais adequada, pois nos mostra o fio condutor da pesquisa a ser alcançado; a opção 2 não é adequada já que ela mostra uma suposição de resultado que poderá ser testada.*

QUESTÕES A SEREM INVESTIGADAS

Alguns questionamentos deverão ser resolvidos na investigação. Os questionamentos atuam como um fio condutor de investigação. E, algumas vezes, possibilitam substituir a elaboração de objetivos específicos (VERGARA, 2003, p. 26).

Exemplo de problema em que objetivos específicos podem ser transformados em outras questões a serem pesquisadas:

Tema:

Microempresas que atuam no mercado global.

Problema:

Quais as possibilidades e as limitações de microempresas que deverão ser respondidas na investigação?

Objetivos específicos:

Definir uma microempresa.

Identificar os motivos que levam uma microempresa a ter como atuação no mercado um período de 5 anos.

Identificar as contribuições esperadas de uma microempresa.

Outro exemplo de problema em que os objetivos específicos podem ser transformados em outras questões a serem pesquisadas:

Tema:

Aperfeiçoamento da gestão em uma organização comercial.

Problema:

Avanços na pesquisa do cérebro ajudam a mudar a organização?

Objetivos específicos transformados em questionamentos a serem resolvidos:

A mudança é dolorida?

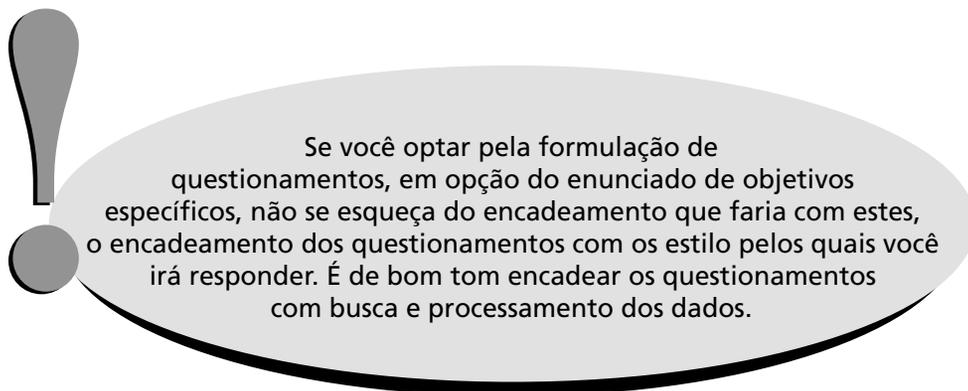
O behaviorismo funciona?

O humanismo está superestimado?

O foco é poder?

A expectativa molda a realidade?

A densidade da atenção molda a identidade?



CONCLUSÃO

Nesta aula, você percebeu que deve ser cuidadoso ao justificar o trabalho a ser feito, para evitar o sofisma e saber que a justificativa não é a fundamentação teórica. Porém, podemos justificar o mérito do

assunto identificando o fundamento das incoerências ou controvérsias na literatura, explicando o problema ou definindo melhor o assunto da pesquisa. Devemos também ter um pensamento claro de que o objetivo da pesquisa é procurar respostas claras, precisas, racionais e objetivas para os problemas sugeridos.

Atividade Final

Justificativa



Analise as duas justificativas apresentadas e responda qual delas é a correta. Justifique a sua resposta.

Tema:

Data ware house & business intelligence em conectividade com a estratégia competitiva (COSTA, 2006).

Justificativa 1:

Duas foram as justificativas para este estudo. A primeira porque está na área de tecnologia da informação (TI), em que atuo há mais de 30 anos e tenho participado ativamente como analista de sistemas de vários projetos e implantações de sistemas dentro da CTBC Telecom e outras grandes empresas do setor público e privado.

Observa-se o quanto o papel da tecnologia de informação mudou na última década. Deixou de ser suporte administrativo para assumir um papel mais estratégico. No entanto, há uma grande lacuna, pois a TI ainda em muitas organizações não é explorada ou gerenciada de forma estratégica ou não é aproveitada em todo o seu potencial.

Percebe-se que o importante não é que tecnologias de ponta sejam usadas, mas que a tecnologia seja usada para dar um diferencial na produtividade e competitividade da empresa. A vantagem vem de saber explorar a TI de forma continuada. O que se verifica é que as empresas precisam mudar a forma de pensarem em TI, precisam identificar claramente o papel da TI na organização e quais seus componentes estratégicos.

Em segundo lugar, a escolha da empresa CTBC Telecom se deve ao fato de ser uma empresa atuante na indústria brasileira de telecomunicações, ser uma pioneira que se destaca no mercado de telecomunicações. Verifica-se que essas organizações estão preocupadas em ampliar o mercado, sua área de atuação, sua base de clientes e a pulverização, a manutenção e o aumento da base de clientes. É o fator de maior influência para a diminuição do risco, maior lucratividade e sustentabilidade a longo prazo.

Essa preocupação fica ainda maior devido à concorrência acirrada no mercado de telecomunicações brasileiro pela entrada de concorrentes internacionais, que estão se voltando para as economias emergentes e com potencial de mercado visualizado a longo prazo.

Justificativa 2:

As redes de computadores são o desenvolvimento mais importante no gerenciamento de organizações desde a invenção da empresa moderna. Elas permitem que a informação, antes tradicionalmente divulgada através da hierarquia, passe agora a fluir livremente entre os indivíduos. Isso altera a natureza da autoridade gerencial e do trabalho.

Ressalta-se em tal conclusão a aliança ao fator humano, pois, à medida que a computação, a automação e a robotização abrangem, cada vez mais, áreas diversas do dia-a-dia, percebe-se a necessidade do toque humano, que cria e dá origem a todas as atividades. O ato de criar, de revolucionar, de crescer e aprimorar quaisquer aspectos está nas mãos das pessoas.

A tecnologia da informação, por si só, não é capaz de trazer ganhos para o negócio. Para que ela proporcione resultados efetivos, é preciso que esteja integrada a uma estratégia de negócio – ou seja, os investimentos em TI devem estar diretamente associados a um objetivo organizacional, contribuindo para o seu alcance.

Se não houver a preocupação de relacionar-se investimento de TI com objetivos de negócio, incorre-se no grande risco de se implementar tecnologia cara e inútil, capaz de executar o que os técnicos esperam, mas não o que a empresa precisa.

A extensa adoção de software baseado em padrões *web* desde a década passada tem levado a tecnologia a um novo patamar de amadurecimento, o que permite às empresas adotar um novo rumo na forma pela qual integram seus ativos de informação para agregação de valor, tal como acontecia no passado, mas com maior velocidade.

Apesar disso, enquanto entramos em uma era de informação que promete aplicações mais ricas e robustas, muitas empresas se vêem freqüentemente impedidas de realizar algumas das transações mais elementares de negócios de maneira integrada, o que deixaria essas transações mais ágeis e prontas para os novos rumos da economia digital.

Por outro lado, continuam incessantemente as prioridades dos negócios, como reduzir o custo por transação e otimizar a velocidade de resposta das aplicações para melhor aproveitar as novas oportunidades de negócios.

Essas prioridades, se tomadas em conjunto, resultam em requisitos de integração que devem permitir às empresas aprimorar processos de ponta a ponta – como esses que acontecem em tempo real e que oferecem informações *online* (sempre levando-se em consideração a questão da segurança) – mas que, além disso, sejam versáteis o suficiente para ajustar-se rapidamente ao modelo de negócios, em constante mutação.

Resposta Comentada

A justificativa 1 está correta, pois mostra o nível atual da tecnologia da informação, além de estabelecer a importância do estudo do tema para a ciência. A justificativa 2 está incorreta, pois ela não oferece resposta ao questionamento. Por quê? Não mostra a importância do tema para a ciência. Oferece uma sugestão de resposta ao tema.

RESUMO

Justificar uma pesquisa demonstra como ela é significativa para a sociedade, pois ela pode proporcionar aperfeiçoamento no desenvolvimento da ciência como um todo, devendo ser completa e concisa, e ressaltar o nível em que se encontra a teoria de um assunto. Deve dar apoio à ciência que a pesquisa proporciona, solucionar pontos obscuros e também indicar alterações no âmbito da realidade abarcada pelo tema proposto. Devemos ter o máximo cuidado no que escrevemos para que não se perca a coerência com todo o texto produzido; devemos ser cuidadosos com o raciocínio falso (sofisma). Além da justificativa do assunto, devemos elaborar os objetivos geral e específicos.

Coleta e processamento de dados

AULA

12

Meta da aula

Apresentar as técnicas de coleta e processamento de dados para uma pesquisa científica.

objetivo

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:



coletar dados de maneira eficiente,
processar esses dados coletados e construir
um instrumento de pesquisa.

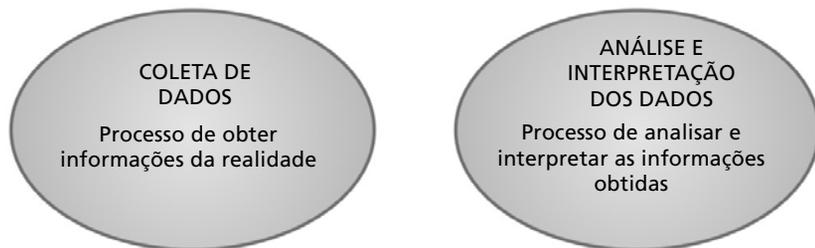
INTRODUÇÃO

O desejo e a necessidade de conhecimento são inerentes à natureza humana. Informar-se é fundamental, sobretudo quando se trata de obter um conhecimento antecipado que proporcione uma visão do que está acontecendo ou por acontecer, permitindo identificar comportamentos, diante de fatos ou situações presentes ou futuras, nos níveis individual e grupal.

A ciência, como um todo sempre mutável, implica a coleta, posse e constante busca de novas e complementares informações, para que os pesquisadores possam produzir novos conhecimentos.

Assim, é importante ter o conhecimento necessário antes do início de qualquer ação. Não há, portanto, exagero em dizer-se que, em todos os campos de atividade humana, é sempre constante a busca de dados. A ciência da Administração, por exemplo, enfatiza a necessidade que o administrador tem de informação que lhe permita tomar decisões na organização.

COLETA, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS



INSTRUMENTO DE PESQUISA

Os instrumentos usados com maior proveito para a pesquisa são aqueles que, além de apontar a presença ou a ausência de um fenômeno, são capazes de quantificá-los, dando-nos uma medida sobre o mesmo (RUDIO, 2004, p. 111).

Exemplo: Um termômetro mede a temperatura de uma pessoa, mas, além disso, pode mostrar que uma pessoa está com febre com temperatura maior de 37°.



Figura 12.1: Termômetro.
Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/387115>

Nas ciências comportamentais, o instrumento que mede o fenômeno tem prioridade, a exemplo podemos falar que o instrumento que mede a inteligência do homem é mais útil porque, além de dizer que o homem é inteligente, pode medir também o seu nível de inteligência (RUDIO, 2004, p. 111).

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA COLETA DE DADOS

Bruyne, Herman e Schoutheete (1986, p. 209) apresentam os tipos de coleta de dados mais utilizados, descritos sinteticamente com seus principais usos e as características mais importantes: pesquisas por entrevista e questionários, as observações diretas e participantes.

Observações diretas acontecem quando o pesquisador observa o fenômeno sem participar do fenômeno; observações participantes se dão quando o observador participa do fenômeno diretamente. Por exemplo: o antropólogo, ao pesquisar uma tribo ou uma comunidade afastada, se insere na comunidade ou tribo para melhor pesquisar sua cultura.

Pesquisa por entrevista e questionário

Em Ciências Sociais, existe a possibilidade da obtenção de informações através da observação direta dos sujeitos da pesquisa. As investigações que utilizam desses procedimentos tendem a ter um significativo nível de exatidão. E muitas investigações desenvolvidas através da observação dão a possibilidade do controle das variáveis independentes e chegam a ser consideradas experimentais (GIL, 1991, p. 94).

No campo da Ciência de Administração são poucas as situações que permitem a observação direta dos fatos. Assim, a maioria das informações alcançadas diretamente das pessoas acontece por meio de processamento de questionamentos, especialmente de entrevistas e questionários.

Esses comportamentos permitem a captação de inúmeros dados, sobretudo no que se refere ao procedimento passado e presente das pessoas: atitudes, crenças, motivações, expectativas, planos etc. E na investigação de fenômenos da administração normalmente são requisitados dados desse tipo (Idem).

Devemos observar que a entrevista se baseia nas narrações verbais dos sujeitos. O sujeito pode relatar uma informação falsa em função de sua autodefesa ou autopromoção, o que mostra a limitação dessa técnica, que permite somente captar informações que o sujeito sabe ou tem interesse em comunicar.

Embora haja desvantagens próprias aos processos de entrevista, esta permite coletar dados que, se captados de formas diversas, serão malogradas. Os instrumentos como a entrevista e o questionário devem ser considerados por todos os cientistas sociais, inclusive pelos administradores, devendo o administrador cercar-se do maior rigor acadêmico possível em sua aplicação, para evitar falhas que comprometam a investigação.

A entrevista também tem limitações. Como exige pessoal qualificado, tem custo elevado. A entrevista, assim como o questionário, além das deformações provocadas pelo entrevistador, pode significar riscos, como: o nome do entrevistado ou questionado pode ser revelado.

As entrevistas podem ser: estruturada (protocolo fixo); livre, sobre um tema geral, ou centralizada num tema particular (lista-controle); informal e contínua; painel, entrevistas repetidas; e em profundidade.

Obstáculos da entrevista (a minimizar)

Seguem alguns tópicos que podem representar obstáculos para o uso do instrumento de pesquisa:

Barreira para comunicação; relação artificial; mecanismos de defesa (fuga, recusa, racionalização, conformismo etc.); estado de informação aleatório dos respondentes; subjetividade; disparidade entre declaração e comportamentos; inadequação dos conceitos com a realidade, dificuldades de linguagem, incompreensões.

Vantagens relativas da entrevista

Incitações a responder (acolhimento, desejo de comunicar etc.); maior quantidade e qualidade das informações, problemas mais complexos ou mais carregados efetivamente; flexibilidade.

A construção de questionários consiste em exprimir os objetivos adequados e específicos da investigação em itens bem escritos e possíveis de serem operacionalizados (GIL, 1991, p. 98).

Obstáculos do questionário (a minimizar)

Desvios devido à rigidez; exame e ordenação dos dados mais difíceis; interpretação delicada, risco de erro; custo mais elevado.

Vantagens relativas do questionário

Economia; uniformidade; anonimato; facilidade de exame; filtragem das perguntas; respostas mais complexas.

Observações

Observar é usar os sentidos sensoriais com a finalidade de obter conhecimentos.

Classificamos a observação de acordo com os de meios utilizados e grau de participação do observador, provocando a classificação a seguir: observação simples, observação participante e observação sistemática.

Observação simples

A observação simples é a observação assistemática, ocasional ou não-estruturada. É elaborada sem determinar quais aspectos são importantes a observar e que ferramentas se devem usar para observá-los. É uma observação exploratória (RUDIO, 1986, p. 41).

Essa observação permite a obtenção de dados para enunciação do problema da investigação, elaboração de hipóteses, definição de variáveis e planejamento de outros instrumentos de coletas de dados (Idem).

Observação participante

É o método em que o pesquisador compartilha da vida diária dos indivíduos em análise – tanto francamente no papel de investigador, como assumindo papéis disfarçados –, estudando fatos que acontecem, escutando o que é dito e interrogando os indivíduos em um período de tempo determinado.

Observação direta sistemática (observador externo)

É a observação planejada, estruturada ou controlada. É elaborada após a definição dos procedimentos a serem observados, sendo desenvolvida de forma controlada, com a utilização de ferramentas e documentos particulares e ações específicas, pode ser desempenhada na pesquisa de campo ou de laboratório (Idem, p. 44).

O planejamento de uma observação sistemática inclui a indicação do campo, do tempo e da duração da observação, bem como os instrumentos que serão utilizados e como serão registradas as informações obtidas (RUDIO, 1986, p. 45).

Para planejarmos a observação, devemos responder a questões como estas:

- a) Onde posso obter as informações que preciso?
- b) O que ou a quem devo observar?
- c) Quando e onde devo observar?
- d) Por quanto tempo devo observar?
- e) Que instrumentos devo usar e como devo usá-los?
- f) Que materiais de apoio (planilhas, fichas etc.) devo preparar?

Obstáculos a minimizar

Manifestações sensíveis (sinais a serem interpretados); diversidade de objetivos e de níveis da observação; quadro de referência determinante; sujeito observado comportando-se de modo diferente do manifestado pelo pensamento; condutas ambíguas; impressão, acúmulo inútil dos dados; observação intencional; interpretação *expost* das notas.

Validade – um instrumento é válido quando mede o que se pretende medir.

Vantagens relativas

Intervenção mínima do pesquisador.

ELABORAÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA

Um dos instrumentos de pesquisa é o formulário – um conjunto de questões, enunciadas como perguntas, de forma organizada e sistemática, tendo como objetivo alcançar determinadas informações.

Como vantagens, temos ajuda direta ao pesquisador, com a possibilidade de formular perguntas mais complexas, com a garantia da uniformidade na interpretação dos dados e dos critérios pelos quais são fornecidos (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 45).

Tipo de perguntas

Abertas – geralmente usadas no questionário: são perguntas cujas respostas têm um caráter pessoal. Permitem a livre resposta do informante (RUDIO, 2004, p. 112).

Exemplo de formulário com questões abertas:

É a primeira vez que vem ao Rio de Janeiro?

Há quanto tempo se encontra nesta cidade?

Sem entrar em detalhes, diga qual foi a primeira impressão que teve ao chegar ao Rio de Janeiro?

Justifique sua resposta de modo bem resumido:

Dê, na ordem de importância – e a começar da mais importante para você – três sugestões, que na sua opinião, se forem executadas, transformarão o Rio de Janeiro num dos pólos de maior atração turística do Brasil:

Questionário

Pode ser constituído por perguntas abertas e fechadas ou, ainda, com perguntas do tipo:

Assinale, em ordem decrescente de importância, três sugestões que poderiam...

- () Melhorar os meios de transporte.
 - () Melhorar a segurança da cidade.
 - () Aprimorar o treinamento de pessoas como guias turísticos.
 - () Proporcionar maior divulgação da cidade em outros estados.
 - () Outra sugestão. Especificar.
-

Perguntas fechadas – mais empregadas nas entrevistas: são perguntas cujas possíveis respostas são definidas por antecipação.

Em geral, indica-se somente uma resposta (em alguns casos podem ser duas, três respostas).

Deve-se assinalar o modo como o informante deve indicar as respostas.

Exemplo de formulário com questões fechadas em pesquisa junto a turistas no Rio de Janeiro:

Em cada pergunta abaixo, assinale com um “X”, nos parênteses, apenas uma alternativa:

É a primeira vez que vem ao Rio de Janeiro?

- () Sim
- () Não
- () Não me lembro ou não sei responder

Há quanto tempo você se encontra nesta cidade?

- () Há uma semana ou menos de uma semana
- () De mais de uma semana a menos de 15 dias
- () De 15 dias a menos de um mês
- () Um mês ou mais

Em que meio de transporte você chegou ao Rio de Janeiro?

- () Automóvel
- () Ônibus
- () Trem
- () Avião
- () Barco/navio
- () Outros meio de transporte

Qual foi a impressão que, ao chegar, a cidade lhe causou?

- () Muito agradável
- () Agradável
- () Indiferente
- () Desagradável
- () Muito desagradável

Qual a sua opinião sobre a seguinte frase: “Rio de Janeiro é uma das cidades mais belas do Brasil.”

- () Concordo plenamente
- () Concordo muito
- () Concordo
- () Não tenho opinião formada

- () Discordo
- () Discordo muito
- () Discordo plenamente

Entrevista

O questionário (formulário) para entrevista pode ser apresentado na forma de tópicos.

Exemplo (usaremos o mesmo exemplo apresentado anteriormente).

Perguntar se é a primeira vez que o entrevistado vem ao Rio de Janeiro.

Saber o tempo que se encontra na cidade.

Solicitar sugestões para transformar o Rio de Janeiro em pólo turístico brasileiro (anotar as sugestões em ordem de importância, decrescente).

Montagem do formulário (questionário)

Instituir um plano para que as perguntas sejam dispostas de maneira ordenada e em seqüência lógica, com o objetivo de dar unidade e eficácia às informações que se pretende obter.

- Quanto à ordem das perguntas, aconselha-se:

Primeiro, as questões mais fáceis;

No fim, as mais difíceis e aquelas com respostas de cunho mais íntimo (já explicado anteriormente nos obstáculos da entrevista).

As perguntas mais difíceis devem vir por último em virtude do tempo de resposta. As de cunho pessoal também devem vir no final, porque pode haver perguntas que irão constranger o entrevistado. Se vierem em primeiro lugar, ele pode se negar a fazer a entrevista ou responder ao questionário.

- Quanto à apresentação, o questionário (formulário) deve ser:

- claro;
- objetivo (nas perguntas e nas instruções);
- atraente na apresentação;
- com espaço suficiente para as respostas.

Antes de aplicar o questionário, devemos ter certeza de que o informante está em condições de respondê-lo (se sabe ler e escrever, se conhece o assunto em questão etc.), se está motivado e disposto a responder à pesquisa.

Normalmente, dividimos o formulário em blocos de assuntos:

Veja este exemplo:

Bloco I: Identificação do informante

Nome (se for o caso)

Endereço (se for o caso)

Sexo

Estado civil

Idade

Procedência

Outras perguntas necessárias para a pesquisa.

Bloco II: Situação socioeconômica

Profissão

Renda mensal

Local de trabalho

Outras perguntas importantes para a pesquisa.

Bloco III: Avaliação de Rio de Janeiro pelo informante

Quanto aos aspectos físicos

Quanto à infra-estrutura

Quanto aos equipamentos de lazer

Outras perguntas importantes para a pesquisa.

Bloco IV: Sugestões do informante

Caso seja necessário solicitar sugestões ao informante.

Cuidados que devem ser adotados na construção do formulário

Deve haver somente uma pergunta por item (mais de uma pergunta por item pode causar dúvidas por parte do informante ou por parte do aplicador do questionário).

É preciso colocar alternativas adequadas nas perguntas fechadas.

O enunciado da pergunta não deve ser equivocado, isto é, perguntas tendenciosas não devem ser usadas.

- Quanto à entrevista:

Deve-se insistir em um contato inicial para motivar e preparar o informante.

Durante a entrevista, caso a pergunta não seja compreendida, deve ser repetida e, se necessário, de forma diferente.

Deve-se dar tempo suficiente para que o informante reflita e responda às perguntas com tranqüilidade.

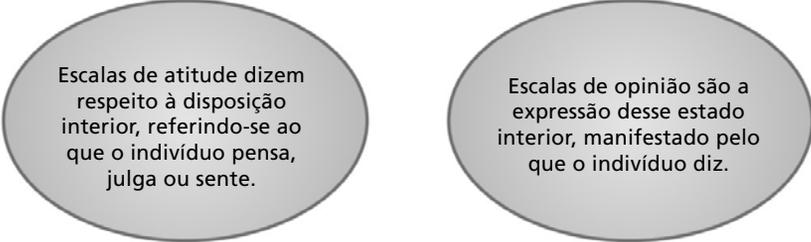
Quando você estiver registrando as respostas, cuide para que isto não iniba o informante e nem corte seu pensamento.

No caso de as anotações serem feitas após a entrevista, é necessário que o entrevistador tenha uma boa memória e cuidados para não distorcer as respostas. Mas é melhor não arriscar. Se for mais complicado anotar, grave a entrevista.

Pesquisas de opinião

A pesquisa de opinião pública é uma ferramenta eficaz para detectar com precisão posições e tendências dos diversos segmentos sociais. Baseada em dados científicos, a pesquisa de opinião é um excelente instrumento para identificar problemas e buscar soluções.

Nesse tipo de pesquisa, o formulário costuma utilizar escalas de opinião ou escalas de atitude (RUDIO, 2004, p. 121).



Escalas de atitude dizem respeito à disposição interior, referindo-se ao que o indivíduo pensa, julga ou sente.

Escalas de opinião são a expressão desse estado interior, manifestado pelo que o indivíduo diz.

A pesquisa de opinião é uma situação em que se confere o que o indivíduo pensa, julga ou sente, criando-se, para isto, uma condição em que ele deve se manifestar, “falando” alguma coisa (RUDIO, 2004, p. 121).

Exemplo:

As respostas numa pesquisa de opinião devem conservar a simetria.

As frases e os parágrafos devem estar encadeados de modo lógico e harmônico. É recomendável que as palavras guardem alguma simetria na sua estrutura e dimensão.

Simetria, segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss*, é a semelhança entre duas ou mais situações ou fenômenos, concordância, correspondência de proporções equilibradas.

O que o senhor acha do transporte coletivo no Rio de Janeiro?

- () Ótimo
- () Bom
- () Indiferente
- () Ruim
- () Péssimo

Exemplos de pesquisas de opinião:

- eleitorais
- de mercado.

Observação:

Antes de iniciar a coleta de dados propriamente dita, você deve testar o instrumento de pesquisa e realizar a seleção e o treinamento de pesquisadores, se for o caso.

Atividade 1

Questionário como instrumento de pesquisa

Analise e responda se concorda ou discorda com o questionário elaborado para o problema a seguir. Justifique a resposta:

Em uma suposta pesquisa em que uma determinada empresa tem como objetivo específico a necessidade de identificar quais são os problemas existentes junto à rede de distribuidores e o principal diferencial percebidos pelos respondentes entre o produto "A" da empresa e dos concorrentes, foi elaborado o seguinte questionário:

- a. A empresa comercializa o produto "A"? De que tipo? Quais as marcas?
- b. Existe concorrência entre o produto "A" e os demais produtos "B" e "C"?
- c. Qual a participação do produto "A" no faturamento total da empresa?
- d. Qual a participação dos vários fornecedores do produto "A"?
- e. Qual a imagem de cada fabricante do produto "A"?
- f. Existem diferenças nos produtos dos diversos fabricantes do produto "A"?
- g. Quais os serviços prestados pelos fabricantes do produto "A"?
- h. Para quais mercados o produto "A" é vendido? Em que proporção?
- i. Qual a política comercial de cada um dos fabricantes do produto "A" (preço/prazo de pagamento/prazo de entrega/descontos)?

j. Como é o atendimento dado pelos diversos fabricantes (venda pessoal/ telemarketing)?

k. Em sua opinião, como o cliente final vê o produto "A" de diferentes fabricantes, é o mesmo?

l. Como você escolhe o fornecedor dos produtos "A"? Na sua opinião, qual o melhor fornecedor do produto "A"? Por quê?

Comentário

Se você analisou com cuidado, percebeu que o questionário está adequado ao problema proposto, porque o conteúdo das perguntas atende ao objetivo específico da empresa, isto é, busca a identificação dos principais problemas existentes junto ao mercado distribuidor.

TESTE DO INSTRUMENTO DE PESQUISA

O instrumento de pesquisa deve ser testado numa pequena amostra piloto.

Finalidades

Embora possa parecer perda de tempo, esse teste é importante, tanto para a correção de defeitos nas perguntas fechadas (coisa muito mais comum do que se pode pensar inicialmente), quanto para testar a adequação da linguagem utilizada (conceitos, objetividade das questões etc.).

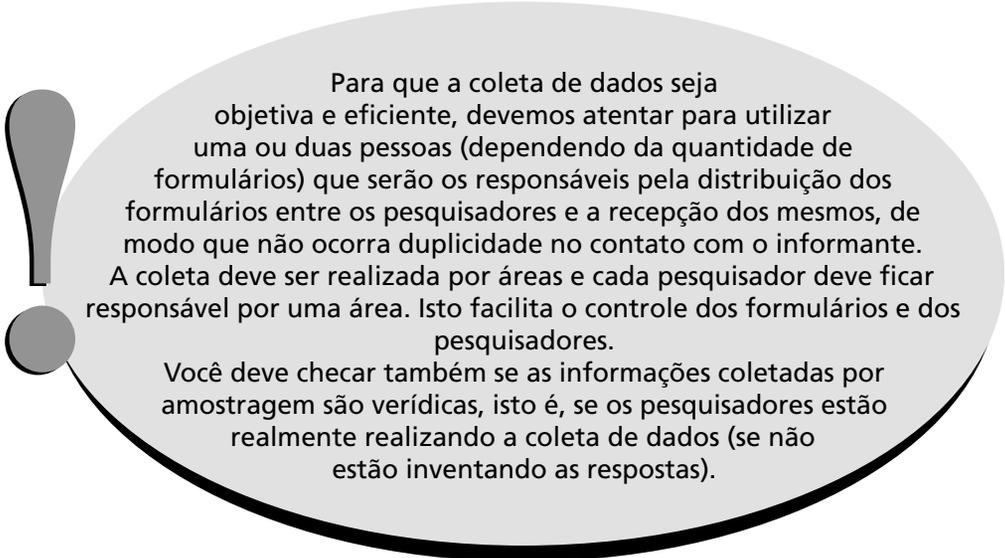
É fundamental prever o tempo usado na aplicação do formulário, apontando a definição do número de pesquisadores necessários à coleta das informações.

Pode revelar questões que estejam faltando com relação à realidade pesquisada.

Pode revelar duplicidade de questões ou questões desnecessárias.

Uma pesquisa piloto bem realizada e bem aproveitada pode representar considerável redução do trabalho subsequente, tanto na realização do trabalho de campo como principalmente na análise e

interpretação posterior dos dados coletados. Afinal, já pensou se você só perceber que algo saiu errado com a pergunta mais importante de seu questionário após todo o trabalho de campo ter sido realizado?



Para que a coleta de dados seja objetiva e eficiente, devemos atentar para utilizar uma ou duas pessoas (dependendo da quantidade de formulários) que serão os responsáveis pela distribuição dos formulários entre os pesquisadores e a recepção dos mesmos, de modo que não ocorra duplicidade no contato com o informante. A coleta deve ser realizada por áreas e cada pesquisador deve ficar responsável por uma área. Isto facilita o controle dos formulários e dos pesquisadores.

Você deve checar também se as informações coletadas por amostragem são verídicas, isto é, se os pesquisadores estão realmente realizando a coleta de dados (se não estão inventando as respostas).

CRÍTICA ÀS INFORMAÇÕES OBTIDAS

A análise aos dados pode ser feita em várias etapas do levantamento. No próprio instrumento de pesquisa – colocar questões que sirvam de controle a questões-chave.

Por exemplo: Rendimento mensal x tipo e quantidade de eletrodomésticos.

Na coleta de dados, o pesquisador deve ser treinado para ter uma visão crítica das respostas (verificar se não há contradição nas respostas).

No retorno dos formulários, devem existir pessoas responsáveis pela análise crítica dos formulários. Se for apontada alguma dúvida, o pesquisador deve ser contactado.

Crítica eletrônica dos dados – há um programa de apuração dos dados que pode ter, no seu contexto, alguns critérios de verificação das respostas. Quando esses critérios não forem satisfeitos, o formulário deve ser verificado junto ao pesquisador e/ou informante.

Todos os cuidados levantados anteriormente, na fase de coleta de dados, visam a um único objetivo: minimizar os erros não controláveis estatisticamente.

Veracidade nas respostas

Com origem em pessoas, instituições ou documentos, o informe tem sua credibilidade intimamente relacionada com a fidedignidade da fonte.

Análise e interpretação dos dados

Obtidos os dados, estes deverão ser avaliados, tratados, isto é, reunidos, processados de forma a apresentarem pouco a pouco um resultado final.

Devemos observar que o processamento dos dados deverá ser feito por profissional embasado com especialização funcional e criatividade do pesquisador. Entende-se por pensamento criador a faculdade de criar construtivamente em oposição à fantasia e à tendenciosidade.

Amontoado de respostas

O conhecimento prévio das necessidades do pesquisador e da finalidade da informação a ser produzida é de grande valia para a pesquisa que está sendo produzida, que deve responder a todos os aspectos essenciais do assunto em estudo.

Ordenar e organizar as respostas

A fase seguinte refere-se à produção da informação e compreende as etapas de planejamento, reunião de dados, processamento dos dados e utilização no projeto de pesquisa.

A etapa de planejamento diz respeito ao que buscar, aos respectivos prazos, aos aspectos essenciais a serem contemplados na busca e aos dados já conhecidos e a reunir.

Analisar e interpretar os resultados

Para tanto, o que é necessário?

– A reunião de dados: é a etapa em que são levantados todos os dados (processados ou não) pertinentes ao assunto pesquisado. A reunião consiste na coleta de informações, que não exige esforço maior, bastando acionar os meios de busca (biblioteca, internet, jornais, revistas).

– A etapa do processamento dos dados tem início quando o pesquisador, de posse de todos os dados disponíveis, procede ao exame, à análise, à integração e à interpretação dos dados.

– O exame consiste na verificação inicial do grau de credibilidade dos conhecimentos obtidos e na pertinência dos mesmos em relação ao assunto da pesquisa a ser produzida.

– A análise é a decomposição dos conhecimentos já reunidos em fatos significativos que tenham relação com os aspectos essenciais levantados na etapa do planejamento. Comparando-se esses fatos significativos entre si, à luz dos conhecimentos do pesquisador, são relacionados aqueles que obtêm confirmação, desprezando falsas confirmações, os quais serão considerados como conhecimentos prontos para a integração.

– A integração consiste em formar conjuntos coerentes, relacionados com os aspectos essenciais, a partir dos fatos significativos selecionados e confirmados.

– A interpretação se dá quando o pesquisador determina o significado final dos conhecimentos integrados. As conclusões devem ser objetivas e restritas aos fatos analisados e integradas, abandonando-se as apreciações de caráter subjetivo ou fantasioso, que poderiam levar o pesquisador a erros graves na conclusão da pesquisa.

A última etapa da produção.

– A utilização do conhecimento obtido: deve-se obedecer estritamente à oportunidade para a utilização do conhecimento, isto é, ao prazo estabelecido na etapa de planejamento.

CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS

Para entendermos melhor a realidade, utilizamos como estratégia básica dividir um todo (universo) em partes, organizando as partes e alocando cada uma no seu lugar. Para que haja uma divisão por classes, é preciso que o universo seja repartido em suas partes, de acordo com um determinado critério.

Por exemplo, os funcionários, dentro de uma divisão de uma empresa, podem ser considerados um todo ou universo. É possível ter o “sexo” como fundamento e eles serão divididos em duas partes: masculina e feminina.

Cada parte é chamada “classe” ou “categoria”. Exemplo, os funcionários, quanto ao sexo, foram divididos em duas categorias: masculina e feminina. Um todo pode ser formado de pessoas, de coisas, de acontecimentos, de características ou de ideais (RUDIO, 2004, p. 123).

A distribuição por classes, para ser apropriada, não pode ser feita eventualmente, mas é imperioso que siga as seguintes normas:

a. na mesma classificação não pode haver mais de um critério. Não se pode, portanto, dividir os funcionários de uma divisão em: masculinos, femininos e subalternos;

b. as categorias em que o todo é dividido deve compreender cada um dos sujeitos, relativos ao universo, sem exceção. Não é aconselhável, dar apenas as categorias solteiro e casado para dividir os funcionários de uma empresa, pois ficariam fora os viúvos, desquitados e outros;

c. a classificação deve ser compreendida por categorias que se excluam mutuamente, para que não haja a possibilidade de colocar cada sujeito em mais de uma categoria. Não é permitida a seguinte categoria para dividir os funcionários de uma divisão – por faixa etária: 28-30 anos, 30-32 anos, 32-34 anos e 34-36 anos, porque os alunos de 28, 30 e 32 anos poderiam ser colocados em mais de uma categoria;

d. a distribuição por classes não deve ser minuciosa, pois, se houver excesso de categorias, com várias divisões e subdivisões, pode ser prejudicial para a transparência da pesquisa (Idem).

Normas de classificação:

Definir em classes ou categorias

Exemplo:

Critérios: sexo, idade, tempo de permanência em Rio de Janeiro.

Classes ou categorias:

Sexo: feminino e masculino.

Tempo de permanência: há uma semana ou menos de uma semana; de mais de uma semana a menos de 15 dias; de 15 dias a menos de um mês; de um mês a mais de um mês.

Exemplo: Turistas do sexo masculino ou feminino, há uma semana ou menos de uma semana no Rio de Janeiro.

As categorias em que a população ou universo é dividido devem abranger cada um dos elementos pertencentes ao universo, sem deixar nenhum de fora.

Exemplo: Estado civil não pode ser subdividido apenas em casado e solteiro.

A classificação deve ser constituída por categorias que se excluam mutuamente.

Exemplo: Tempo de permanência:

Há uma semana ou menos de uma semana.

De mais de uma semana a menos de 15 dias.

De 15 dias a menos de um mês.

Um mês ou mais.

A classificação não deve ser demasiadamente minuciosa.

CODIFICAÇÃO DOS DADOS

É o procedimento de atribuir um símbolo a cada classe de cada categoria. Este símbolo pode ser apresentado na forma de palavras ou, preferivelmente, na forma de linguagem numérica (RUDIO, 2004, p. 124).

Exemplo de perguntas pré-codificadas:

É a primeira vez que vem ao Rio de Janeiro?

(1) Sim 0 - sem resposta

(2) Não 9 - resposta anulada

(3) Não me lembro ou não sei responder

Há quanto tempo você se encontra nesta cidade?

(1) Há uma semana ou menos de uma semana

(2) De mais de uma semana a menos de 15 dias

(3) De 15 dias a menos de um mês

(4) Um mês ou mais

0 - sem resposta

9 - resposta anulada

Para questões com mais de 9 alternativas, recomenda-se o código “00” para sem resposta e “99” para respostas anuladas.

No caso de questões mistas:

Após a coleta de dados, devemos verificar as alternativas que apareceram mais e codificá-las a seguir.

Exemplo:

Quais os principais problemas da cidade de Rio de Janeiro?

(1) Segurança

(2) Transporte coletivo

(3) Coleta de lixo

- (4) Falta de teatro
- (5) Falta de cinema
- (6) Moradia
- (7) Desemprego
- (8) Abastecimento alimentar
- (9) Alto custo de vida
- (10) Poluição das praias
- (11) Oferta de escolas públicas
- (12) Ensino de baixa qualidade
- (13) Outros. Especificar: _____

Na categoria “outros”, o código dependerá das respostas encontradas. Se ocorrerem principalmente as seguintes respostas: “falta de lugar de lazer”; “saneamento básico”; e “longas distâncias”.

- (14) Falta de lugar de lazer
- (15) Saneamento básico
- (16) Longas distâncias
- 00 - Sem respostas
- 99 - Resposta anulada

TABULAÇÃO

A tabulação pode ser: manual ou mecânica.

Atualmente trabalha-se praticamente com o apoio do computador para elaborar a tabulação mecânica, utilizando gerenciador de banco de dados ou um programa estatístico.

Tabular consiste, manual ou mecanicamente, em elaborar uma tabela de modo que nas colunas sejam explicitadas as variáveis, e nas linhas são registrados os resultados referentes a cada caso observado, para as diversas variáveis.

Supondo que cada indivíduo seja um caso e estamos observando n variáveis para t indivíduos, temos:

	Variável 1	Variável 2	Variável 3	...	Variável n
Indivíduo 1					
Indivíduo 2					
Indivíduo 3					
.....					
Indivíduo t					

ANÁLISE DOS DADOS

Trata-se da análise estatística dos dados, que visa verificar o que os dados significam para a pesquisa. A análise dos dados permite, resumidamente:

Caracterizar o que é típico no grupo.

Estatisticamente, obter alguma indicação sobre a tendência central (média, moda, mediana).

Média é o valor calculado a partir de uma distribuição, segundo regra previamente definida, e que representa essa distribuição (estatística).

Moda é o valor que ocorre mais vezes em uma distribuição de frequência (estatística).

Mediana é o valor que divide um conjunto de valores ordenados em partes iguais (estatística).

Indicar até que ponto variam os indivíduos no grupo.

Estatisticamente, determinar as medidas de variabilidade ou de dispersão (amplitude total, desvio quartil, desvio padrão, variância, coeficiente de variação etc.).

Mostrar outros aspectos da maneira pela qual os indivíduos se distribuem em relação à variável que está sendo medida.

Estatisticamente, identificar a distribuição de probabilidade variável (Normal, binomial etc.).

Mostrar a relação entre si das diferentes variáveis.

Estatisticamente, existem vários métodos estatísticos para verificar a relação entre as variáveis, porém nenhum deles permite verificar uma relação causal.

Descrever as diferenças entre dois ou mais grupos de indivíduos.

Estatisticamente, trata-se de um caso especial em que se mostra a relação entre duas variáveis. Entretanto, podem-se incluir comparações de medidas de variação dentro dos grupos ou de relação entre variáveis nos dois grupos.

INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Consiste em expressar o verdadeiro significado do material, que se apresenta em termos dos propósitos do estudo a que se dedicou.

O pesquisador fará as ilações que a lógica lhe permitir e procederá às comparações pertinentes e, na base dos resultados alcançados, enunciará novos princípios e fará as generalizações apropriadas.

CONCLUSÃO

O fio condutor de nosso trabalho é fazer você reconhecer, empregar e desenvolver um projeto de pesquisa científica, de forma sistemática e organizada, considerando suas fases de construção, respeitando suas características para atingir o objetivo, evitando o pesquisador da ameaça de se perder, antes de o ter alcançado. Planejar é traçar um curso de ação que podemos seguir, levando em consideração seus estudos introdutórios, além da postura crítica.

Atividade Final

Coleta de dados

Preencha o quadro a seguir descrevendo as técnicas de coleta de dados:

Modos de coleta			
I – PESQUISA POR ENTREVISTA	Tipos de informes ou dados	Obstáculos (a minimizar)	Vantagens relativas
Entrevista (oral)			
Entrevista estruturada (protocolo fixo); - Livre, sobre um tema geral; - Centralizada num tema particular (lista-controle); - Informal e contínua; - Painel, entrevistas; - Em profundidade.			
Questionário (escrito)			
II – OBSERVAÇÕES			
Direta, sistemática (observador externo)			
Participante (observador conhecido ou oculto)			
III – ANÁLISES DOCUMENTAIS			
Fontes: privadas ou oficiais (arquivos, relatórios, estatísticas, direta ou indiretamente pertinentes, referindo-se à instituição ou à situação estudadas).			

Resposta

Modos de coleta			
I – PESQUISA POR ENTREVISTA	Tipos de informes ou dados	Obstáculos (a minimizar)	Vantagens relativas
Entrevista (oral)	<i>Narrações verbais dos sujeitos</i>	<i>Barreira para comunicação; relação artificial; mecanismos de defesa (fuga, recusa, racionalização, conformismo etc.); estado de informação aleatório dos respondentes; subjetividade; disparidade entre declaração e comportamentos; inadequação dos conceitos com a realidade, dificuldades de linguagem, incompreensões.</i>	<i>Incitações a responder (acolhimento, desejo de comunicar etc.); maior quantidade e qualidade das informações, problemas mais complexos ou mais carregados efetivamente; flexibilidade.</i>
<ul style="list-style-type: none"> - Entrevista estruturada (protocolo fixo); - Livre, sobre um tema geral; - Centralizada num tema particular (lista-controle); - Informal e contínua; - Painel, entrevistas; - Em profundidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Fatos observados e/ou opiniões expressas sobre:</i> - <i>Os acontecimentos;</i> - <i>Os outros;</i> - <i>A própria pessoa;</i> - <i>Mudanças de atitude, influências;</i> - <i>Evoluções dos fenômenos;</i> - <i>Significação das respostas;</i> - <i>Conteúdo latente.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Barreira para comunicação; relação artificial; mecanismos de defesa (fuga, recusa, racionalização, conformismo etc.); estado de informação aleatório dos respondentes; subjetividade; disparidade entre declaração e comportamentos; inadequação dos conceitos com a realidade, dificuldades de linguagem, incompreensões.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Economia;</i> - <i>Uniformidade;</i> - <i>Anonimato;</i> - <i>Facilidade de exame;</i> - <i>Filtragem das perguntas;</i> - <i>Respostas mais complexas.</i>
Questionário (escrito)		<ul style="list-style-type: none"> <i>Idem</i> - <i>Desvios devido à rigidez;</i> - <i>Exame e ordenação mais difíceis;</i> - <i>Interpretação delicada, risco de erro;</i> - <i>Custo mais elevado.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Economia;</i> - <i>Uniformidade;</i> - <i>Anonimato;</i> - <i>Facilidade de exame;</i> - <i>Filtragem das perguntas;</i> - <i>Respostas mais complexas.</i>

II – OBSERVAÇÕES			
Direta, sistemática (observador externo)	<ul style="list-style-type: none"> - Caracteres ou propriedades de um número de acontecimentos ou de unidades (distribuições, frequências); - Vários caracteres ou propriedades da mesma situação ou do mesmo objeto; - Ações constatadas, explicações recebidas, significações referidas; incidentes ou histórias, fatos recorrentes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Manifestações sensíveis (sinais a serem interpretados); - Diversidade de objetivos e de níveis da observação; - Quadro de referência “sobre-determinante”; - Sujeito observado comportando-se de modo diferente do pensamento; condutas ambíguas; - Impressão, acúmulo inútil dos dados; observação intencional; interpretação exposta das notas. 	- Intervenção mínima do pesquisador.
Participante (observador conhecido ou oculto)			
	<ul style="list-style-type: none"> - Fatos tais como são para os sujeitos observados; - Fenômenos latentes (que escapam aos sujeitos, mas não ao observador). 	<ul style="list-style-type: none"> - Recusa possível do observador, ou integração e socialização excessiva; - Acontecimento que interessa frequentemente é fortuito; - Problemas de ética. 	<ul style="list-style-type: none"> - Participação máxima do pesquisador; - Relação menos artificial.
III – ANÁLISES DOCUMENTAIS			
Fontes: privadas ou oficiais (arquivos, relatórios, estatísticas direta ou indiretamente pertinentes, referindo-se à instituição ou à situação estudadas).	<ul style="list-style-type: none"> - Fatos, atributos, opiniões, comportamentos, evoluções, tendências (exploração, pré-pesquisa; verificação de hipóteses). 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade de acesso (segredo); - Dificuldade de interpretação (sentido das palavras, contexto); - Reemprego numa perspectiva de pesquisa; - O importante nem sempre está escrito. 	<ul style="list-style-type: none"> - Instrumentos não-reativos; - Economia de tempo e de dinheiro.

RESUMO

Nesta aula, analisamos a coleta, a análise e a interpretação de dados para obter as informações da realidade, através de instrumento de pesquisa com suas principais características: entrevistas e questionários, que apontam a presença ou a ausência de um fenômeno. Você viu também como construir um instrumento de pesquisa, suas vantagens e desvantagens, como utilizá-lo e como testá-lo. Além disso, analisamos como deve ser feita a coleta de dados; sua classificação, codificação e tabulação, para que seja objetiva e eficiente, e ainda como devemos analisar e interpretar os dados obtidos e transformá-los em conhecimento.

Construção de trabalhos acadêmicos – monografias e trabalho de conclusão de curso (TCC)

AULA

13

Meta da aula

Apresentar os princípios da organização bibliográfica e as orientações técnicas da ABNT para elaboração de trabalho acadêmico.

Após o estudo do conteúdo desta aula, de acordo com a informação e a documentação citadas pelas orientações da ABNT, você deverá ser capaz de:



1. construir tecnicamente todas as seções de um documento acadêmico escrito.

objetivo

INTRODUÇÃO

Com esta nova aula, você organiza o seu trabalho acadêmico, caso seja a monografia (uma dissertação sobre um ponto particular de uma ciência, de uma arte, de uma localidade, sobre um mesmo assunto ou sobre assuntos relacionados, normalmente escrito apenas por uma pessoa) ou o trabalho de conclusão de curso (TCC, em certas ocasiões chamado trabalho de graduação interdisciplinar ou trabalho final de graduação e raramente projeto experimental).

Esses trabalhos são documentos que representam o resultado de um estudo um pouco mais aprofundado acerca de um tema específico, de acordo com as orientações da **ABNT**. Devem ser consequência do estudo das aulas do curso e devem ser feitos sob a orientação de um professor.

ABNT

Fundada em 1940, a ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas –, é o órgão responsável pela normalização técnica no país, fornecendo a base necessária ao desenvolvimento tecnológico brasileiro.

É uma entidade privada, sem fins lucrativos, reconhecida como Fórum Nacional de Normalização – ÚNICO – através da Resolução n.º 07 do CONMETRO, de 24 de agosto de 1992.

É membro fundador da ISO (International Organization for Standardization), da COPANT (Comissão Panamericana de Normas Técnicas) e da AMN (Associação Mercosul de Normalização).

Fonte: http://www.parceirosdolivro.com.br/materias.php?cd_secao=100&codant=http://www.abnt.org.br/home_new.asp

Acesso em:
10 out. 2006.

DEFINIÇÕES DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Os trabalhos acadêmicos devem ser classificados como: tese, dissertação, monografia, trabalho de conclusão de curso (TCC), trabalho de conclusão de especialização e/ou aperfeiçoamento.

Tese

Documento que representa o resultado de um trabalho experimental ou a exposição de um estudo científico de tema único e bem delimitado. Deve ser elaborado com base em investigação original, constituindo-se em real contribuição para a especialidade em questão. É feito sob a coordenação de um orientador (doutor) e visa à obtenção do título de doutor.

Dissertação

Documento que representa o resultado de um trabalho experimental ou a exposição de um estudo científico, de tema único e bem delimitado em sua extensão, com o objetivo de reunir, analisar e interpretar informações. Deve evidenciar o conhecimento da literatura existente sobre o assunto e a capacidade de sistematização do candidato. É feito sob a coordenação de um orientador (doutor) visando à obtenção do título de mestre.

Monografia

É uma dissertação breve de assunto único e restrito, trabalho escrito acerca de determinado ponto da história, da arte, da ciência, ou sobre uma pessoa ou região.

Muitos discursos como redação escolar, notícia, reportagem, pronunciamento de ocasião, relatório, palestra, entre outros, se enquadram, de certa maneira, nessa definição bastante comum. Porém, deve-se levar em conta que, nesse tipo de trabalho acadêmico, existe um rigor maior quanto à linguagem e ao tratamento dado às informações e aos conhecimentos.

REGRAS GERAIS DE APRESENTAÇÃO

Formato

Os textos devem ser apresentados em papel branco, formato A4 (21 cm x 29,7 cm), digitados na cor preta, excluindo as ilustrações, no anverso das folhas.

O projeto gráfico do trabalho é de responsabilidade do autor da pesquisa.

Recomenda-se, para digitação, a utilização de fontes de preferência Times New Roman ou Arial de tamanho 12 para o texto e de tamanho menor (11) para citações de mais de três linhas, notas de rodapé, paginação e legendas das ilustrações e tabelas. No caso de textos para citações de mais de três linhas, deve-se observar o recuo de 4 cm da margem esquerda.

Margem

As folhas devem apresentar margem esquerda e superior de 3 cm; margem direita e inferior de 2 cm.

Espacejamento

Todo o texto deve ser digitado com espaço 1,5. As citações de mais de três linhas, as notas, as referências, as legendas das ilustrações e tabelas, a ficha catalográfica, a natureza do trabalho, o objetivo, o nome da instituição a que é submetida e a **ÁREA DE CONCENTRAÇÃO** devem ser digitados em espaço simples.

As referências, ao final do trabalho, devem ser separadas entre si por espaço duplo. Os títulos das subseções devem ser destacados do texto que os precede ou que os sucede por dois espaços duplos.

Na folha de rosto e na folha de aprovação, a natureza do trabalho, o objetivo, o nome da instituição e a área de concentração devem ser alinhadas do meio da mancha para a margem direita.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO

É um recorte aprovado em um campo de conhecimento formalmente reconhecido, indicando um rumo preferencial do aporte institucional no campo. Como recorte de decisão e seletivo, orienta o planejamento de atividades de ensino e pesquisa, as relações interinstitucionais, as parcerias, enfim, as estratégias de futuro do curso e da IES.

Exemplo:
 Instituição: UFRRJ
 – DCAC; Curso de Mestrado:
 Gestão e estratégia de negócios; área de concentração:
 Gestão e estratégia de negócios;
 Linhas de pesquisa:
 Estratégia empresarial e Gestão de agronegócios.

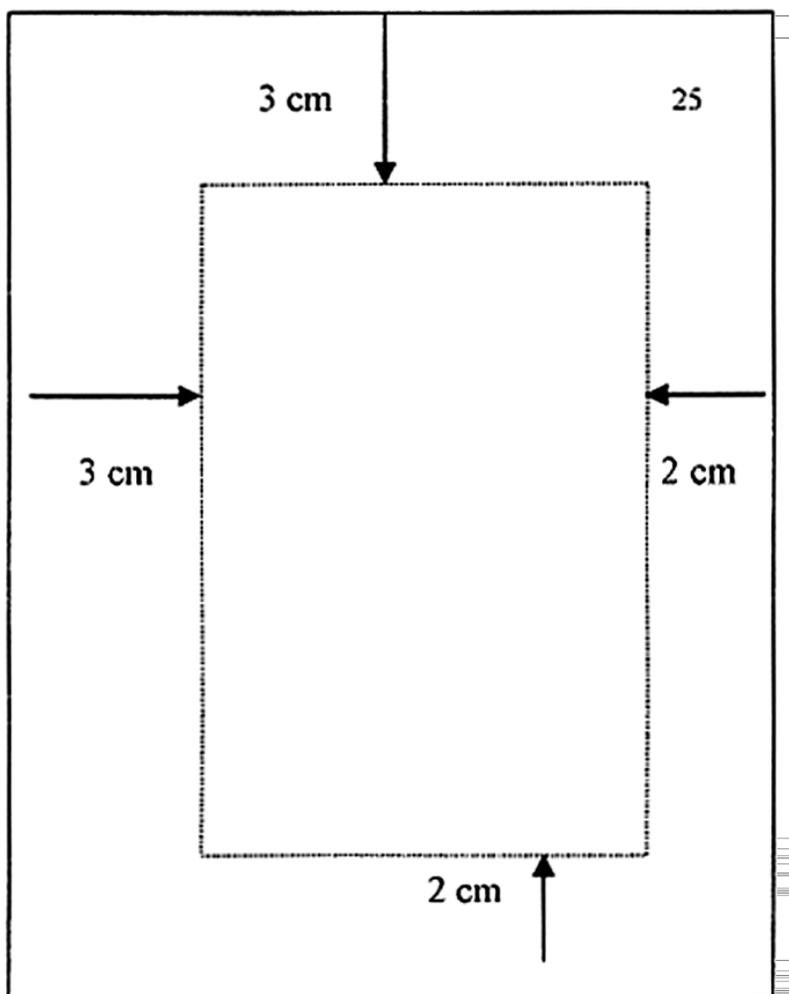


Figura 13.1: Exemplo de mancha.

ESTRUTURA DA MONOGRAFIA (TODA MONOGRAFIA É UMA DISSERTAÇÃO)

Todos nós iniciamos no passado a produção de textos monográficos com as redações que a professora (“tia”) no Ensino Fundamental nos orientava a escrever. Hoje, continuamos a escrever, porém com outras orientações. Para tanto, é necessário que examinemos a estrutura de

monografia e de outros documentos. De acordo com a NBR-14724, o texto deve compreender três tipos de elementos: pré-textuais, textuais e pós-textuais. Para escrever uma monografia, é preciso que você obedeça:

1) aos elementos pré-textuais:

- ⇒ Capa (obrigatório)
- ⇒ Lombada (opcional)
- ⇒ Folha de rosto (obrigatório)
- ⇒ Errata (opcional)
- ⇒ Folha de aprovação (obrigatório)
- ⇒ Dedicatória (opcional)
- ⇒ Agradecimentos (opcional)
- ⇒ Epígrafe (opcional)
- ⇒ Resumo na língua vernácula (obrigatório)
- ⇒ Resumo em língua estrangeira (obrigatório)
- ⇒ Lista de ilustrações (opcional)
- ⇒ Lista de abreviaturas e siglas (opcional)
- ⇒ Lista de símbolos (opcional)
- ⇒ Sumário (obrigatório)

2) aos elementos textuais:

- ⇒ Introdução
- ⇒ Desenvolvimento
- ⇒ Conclusão

3) aos elementos pós-textuais são:

- ⇒ Referências (obrigatório)
- ⇒ Glossário (opcional)
- ⇒ Apêndice (opcional)
- ⇒ Anexo (opcional)
- ⇒ Índice (opcional)

Você pode visualizar os componentes da estrutura do trabalho na ordem de entrada na monografia. Veja o esquema a seguir.

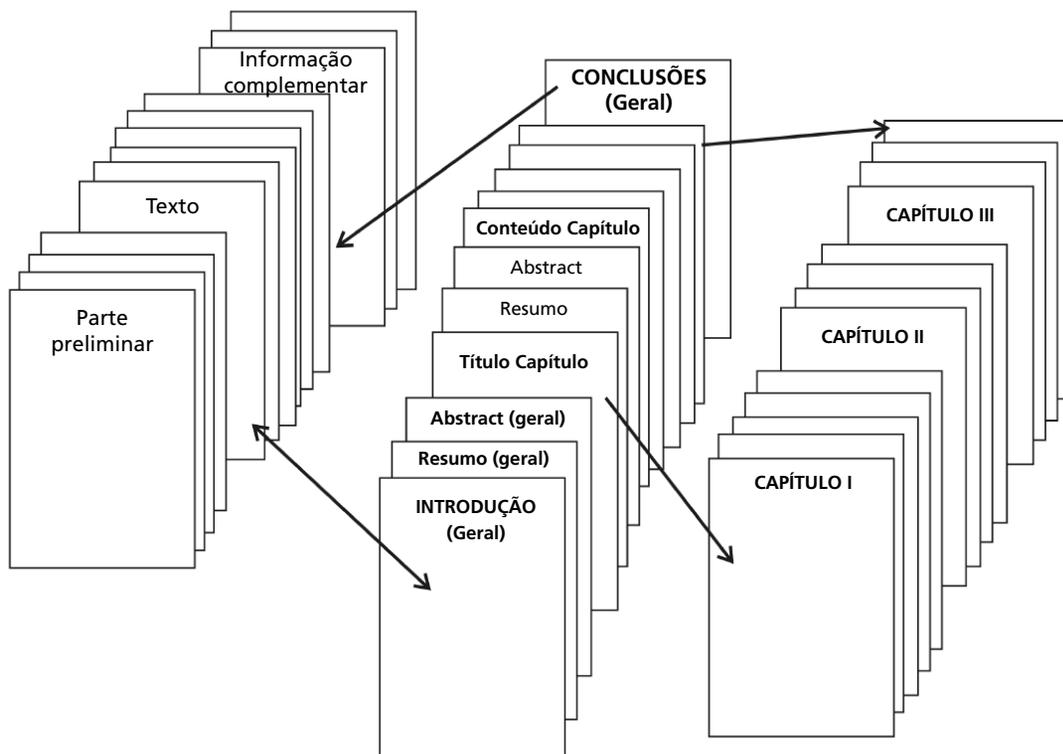
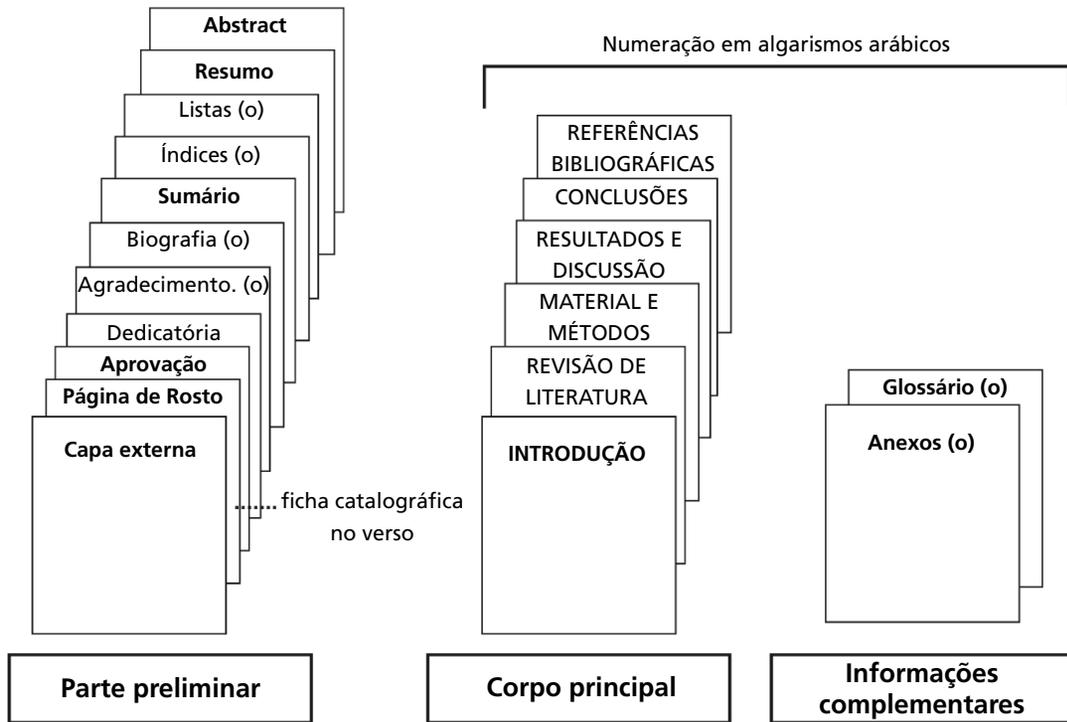


Figura 13.2: Estrutura da monografia.

Elementos pré-textuais

Os elementos pré-textuais são as partes preliminares de um trabalho acadêmico.

Capa

Sua função é a proteção externa do trabalho. Na capa são impressas as informações indispensáveis à sua identificação, que devem seguir nesta ordem: nome da instituição; nome do departamento se houver; tipo de trabalho; título do trabalho; subtítulo se houver; nome completo do aluno; ano de depósito (data da entrega); cidade da instituição onde o documento deve ser apresentado e ano de depósito (data da entrega).

Obs.: A capa não é numerada nem contada.

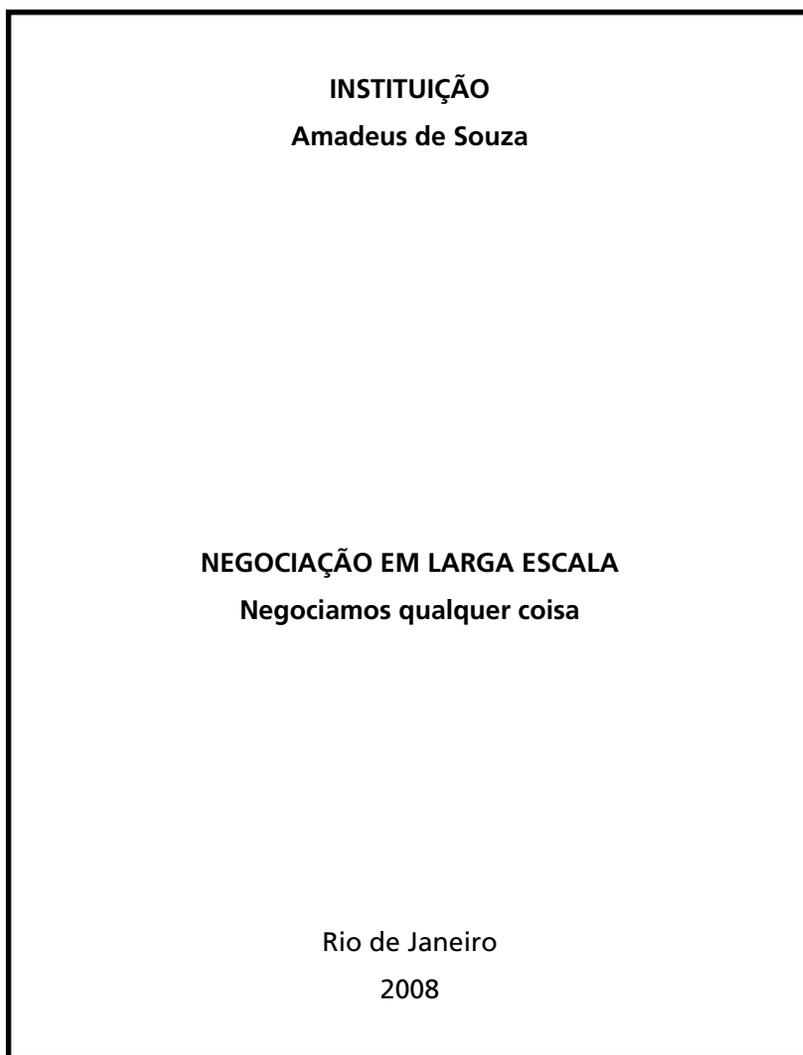


Figura 13.3: Modelo de capa.

Lombada (NBR 12225 – 1992 – Títulos de lombada – Procedimento)

É um elemento opcional, no qual as informações devem ser impressas. É parte da capa do trabalho que reúne as margens internas das folhas, sejam elas costuradas, grampeadas, coladas ou mantidas juntas de outra maneira.

Devem constar:

- a) nome do autor, impresso longitudinalmente e legível do alto para o pé da lombada. Esta forma possibilita a leitura quando o trabalho está no sentido horizontal, com a face voltada para cima;
- b) título do trabalho, impresso da mesma forma que o nome do autor;
- c) elemento alfanumérico de identificação.

Veja o exemplo a seguir.



Figura 13.4: Modelo de lombada.

Folha de rosto

Contém os elementos essenciais à identificação do trabalho, devendo ter no averso os seguintes elementos na ordem:

- a) nome do autor responsável intelectual pelo trabalho;
- b) título principal do trabalho, que deve ser claro e preciso, identificando seu conteúdo e possibilitando a indexação e recuperação da informação;
- c) subtítulo (se houver, deve ser evidenciada a sua subordinação ao título principal, precedido de dois pontos);
- d) número de volumes (se houver mais de um, deve constar em cada folha de rosto a especificação do respectivo volume);
- e) natureza (tese, dissertação, monografia, trabalho de conclusão de curso e outros) e objetivo (aprovação em disciplina, grau pretendido e outros); nome da instituição a que é submetido; área de concentração;
- f) nome do orientador e, se houver, do co-orientador;
- g) local (cidade) da instituição onde o trabalho deve ser apresentado;
- h) ano de depósito (da entrega).

Obs.: A folha de rosto não é numerada, porém é contada na paginação do trabalho.

O verso da folha de rosto deve conter a ficha catalográfica, conforme o Código de Catalogação Anglo-Americano vigente.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO	
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS	
E CONTÁBEIS	
	± 3 Linhas
Processo Decisório E Negociação Para Manutenção Do Emprego	
Em Área Agrícola – Paty Do Alferes – RJ	
	± 2 Linhas
ANA PAULA CONFORTO	
	± 2 Linhas
Sob a Orientação da Professora	
Ana Alice Vilas Boas	
e Co-orientação do Professor	
Marcelo Álvaro	
	± 2 Linhas
Monografia submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Administração	
Seropédica – RJ	
Março de 2006	

Figura 13.5: Exemplo de folha de rosto.

Errata

É um elemento opcional que deve ser usado em caso de extrema necessidade. Poderá ser apresentado em papel avulso, entregue no início da banca aos professores, ou inserido no trabalho logo após a folha de rosto. É constituído pela referência da obra e pelo texto da errata, dispostos da seguinte maneira:

Folha 32	Linha 3	Onde se lê Administração	Leia-se Administração
-------------	------------	-----------------------------	--------------------------

Figura 13.6: Exemplo de errata.

Folha de aprovação

É elemento obrigatório colocado logo após a folha de rosto constando o nome do autor do trabalho, título e subtítulo (se houver), natureza, objetivo, nome da instituição a que é submetido, área de concentração, data de aprovação, nome, titulação e assinatura dos componentes da banca examinadora e instituições a que pertencem. A data de aprovação e assinaturas dos membros componentes da banca examinadora são colocadas após a aprovação do trabalho.

Obs.: A folha de aprovação não é numerada, porém é contada na paginação.

<p style="text-align: center;">Amadeus de Oliveira</p> <p style="text-align: center;">NEGOCIAÇÃO EM LARGA ESCALA</p> <p style="text-align: center;">Negociamos qualquer coisa</p> <p style="text-align: center;">Monografia de conclusão de curso submetida ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais, UFRRJ, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração de Empresas e aprovada pela seguinte banca examinadora.</p> <hr/> <p style="text-align: center;">Prof^a. Dra. Bianca de Oliveira (Orientadora) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro</p> <hr/> <p style="text-align: center;">Prof^a. Dra. Solange Viera Universidade do Estado do Rio de Janeiro</p> <hr/> <p style="text-align: center;">Prof^a. Dra. Érika Neto Universidade Federal Fluminense</p> <p style="text-align: center;">Rio de Janeiro 15/5/2005</p>

Figura 13.7: Exemplo de folha de aprovação.

Dedicatória(s)

É elemento opcional, fica após a folha de aprovação como homenagem a uma determinada pessoa ou pessoas.

Obs.: A folha de dedicatória não é numerada, porém é contada na paginação.

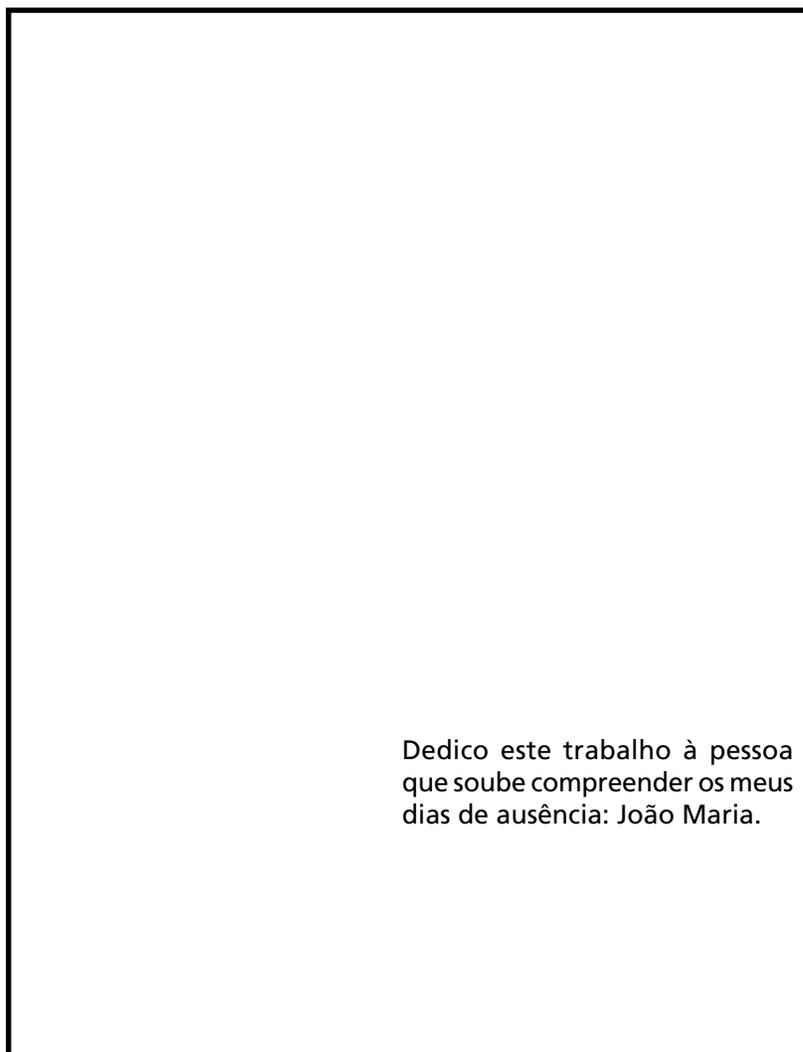


Figura 13.8: Exemplo de folha de dedicatória.

Agradecimento(s)

O agradecimento é elemento opcional, vem após a dedicatória. É dedicado a pessoas ou instituições que efetivamente colaboraram para a realização do trabalho.

Obs.: A folha de agradecimento não é numerada, porém é contada na paginação.

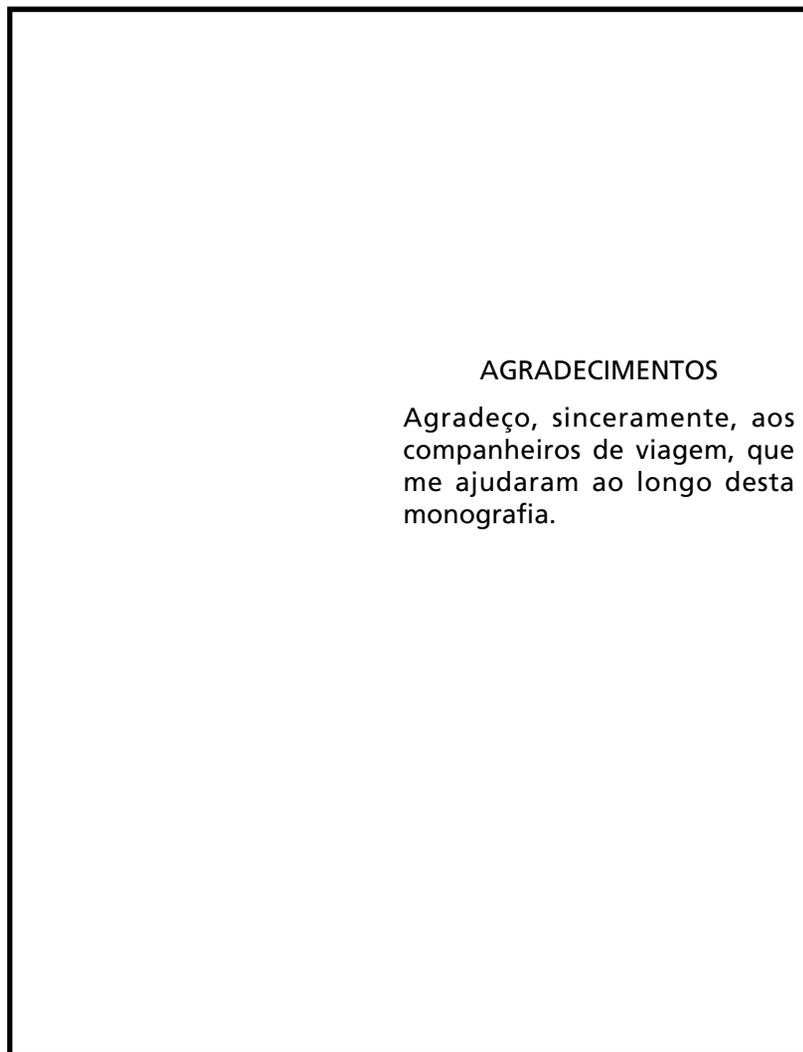


Figura 13.9: Exemplo de folha de agradecimento.

Epígrafe

É um elemento opcional constituído de pensamentos e/ou idéias que estejam relacionados ao assunto da obra: trechos de um livro, um poema, uma música etc. É colocada após os agradecimentos. Podem, também, constar epígrafes nas folhas de abertura das seções primárias. Normalmente são colocadas no quadrante superior da página.

Obs.: A página da epígrafe não é numerada, porém é contada.

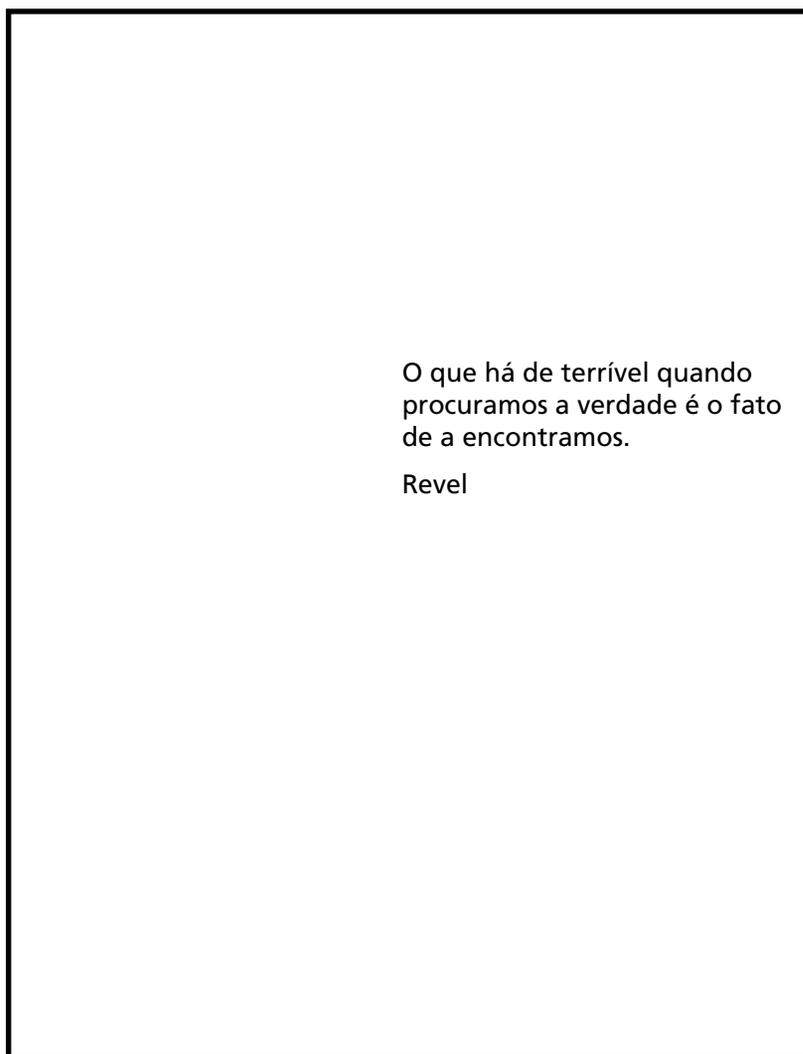
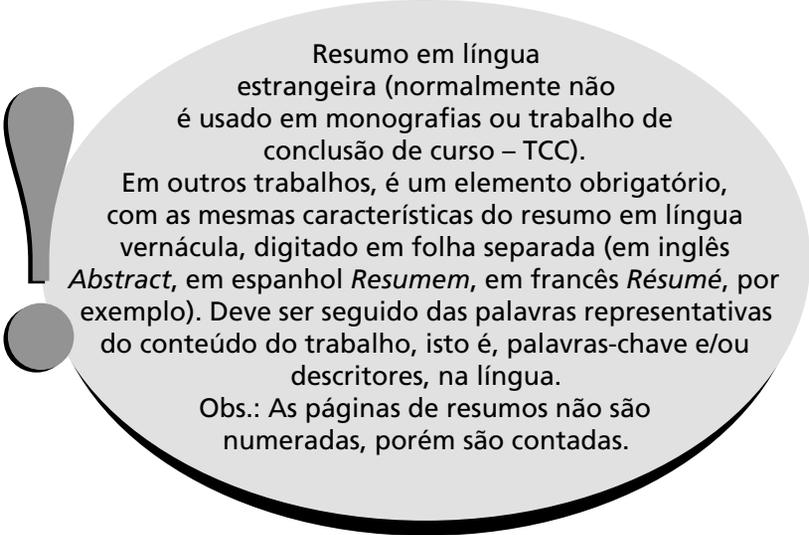


Figura 13.10: Exemplo de epígrafe.

Resumo (NBR 6028 (1990) – Resumos – Procedimento)

Resumo na língua vernácula:

É um elemento obrigatório. É constituído de uma seqüência de frases concisas e objetivas e não de uma simples enumeração de tópicos, não ultrapassando 500 palavras, seguido, logo abaixo, das palavras representativas do conteúdo do trabalho, isto é, palavras-chave e/ou descritores.



Resumo em língua estrangeira (normalmente não é usado em monografias ou trabalho de conclusão de curso – TCC).

Em outros trabalhos, é um elemento obrigatório, com as mesmas características do resumo em língua vernácula, digitado em folha separada (em inglês *Abstract*, em espanhol *Resumen*, em francês *Résumé*, por exemplo). Deve ser seguido das palavras representativas do conteúdo do trabalho, isto é, palavras-chave e/ou descritores, na língua.

Obs.: As páginas de resumos não são numeradas, porém são contadas.

Segundo Silva e Silveira (2006, p. 117), “resumir não é cópia, não é substituição de um termo ou outro, não é inversão da ordem da frase. Por fim, ele não deve apresentar crítica, pois, nesse caso, tornar-se-ia uma resenha ou recensão”.

Silva e Silveira prosseguem: “resumir comporta duas partes: 1. a compreensão do texto original; 2. a elaboração de um texto pessoal. Suas fases são: leitura total do texto, segunda leitura, atentando-se para o vocabulário e idéias-chave; aplicação de quatro passos: supressão, generalização, seleção e reconstrução”.

O resumo deverá ser escrito em um só parágrafo, espaço simples e em página própria. Deve estar escrito em frases completas, sucintas, afirmativas e não com uma série de títulos. Preferencialmente, usar a terceira pessoa do singular e o verbo na voz ativa. O tema que foi objeto de estudo deve estar expresso na primeira frase do resumo. Em seguida, deve-se apontar a informação sobre a classe do tratamento (memória, estudo de pesquisa, análise da situação etc.).

No resumo devem ser evitados:

Símbolos e contrações que não sejam de uso corrente; fórmulas, equações e diagramas que não sejam absolutamente necessários; uso de frases negativas.

Tamanho dos resumos

Trabalhos acadêmicos (tese, dissertações, relatórios técnico-científicos):

Deve conter entre 150 a 500 palavras.

Artigos de periódicos

Devem conter de 100 a 250 palavras.

Indicações breves

Devem conter resumos de 50 a 100 palavras.

Resumos críticos não têm limite de palavras.

Lista de ilustrações

É um elemento opcional. A lista de ilustrações deve ser elaborada em folhas distintas (as páginas não recebem número, mas são contadas), de acordo com a ordem apresentada no texto, com cada item designado por seu nome específico, acompanhado do respectivo número da página. Quando necessário, recomenda-se a elaboração de lista própria para cada tipo de ilustração (desenhos, esquemas, fluxogramas, fotografias, gráficos, mapas, organogramas, plantas, quadros, retratos e outros).

Sua identificação aparece na parte inferior, precedida da palavra designativa, seguida de seu número de ordem de ocorrência no texto, em algarismos arábicos, do respectivo título e/ou legenda explicativa

de forma breve e clara, dispensando consulta ao texto, e da fonte da informação. A ilustração deve ser inserida o mais próximo possível do trecho a que se refere, conforme o projeto gráfico.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	
Empresas fechadas na avenida Brasil.....	02
A Baixada Fluminense.....	10
Mangueira	25
O desemprego.....	59

Figura 13.11: Exemplo de lista de ilustrações.

Lista de tabelas

É um elemento opcional. A lista de tabelas é elaborada de acordo com a ordem apresentada no texto, com cada item designado por seu nome específico, acompanhado do respectivo número da página.

LISTA DE TABELAS	
Mercosul e Nafta: economias desiguais.....	37
Exportações brasileiras.....	49
O petróleo	59
O gás natural.....	69

Figura 13.12: Exemplo de lista de tabelas.

Lista de abreviaturas e siglas

É um elemento opcional que consiste na relação alfabética das abreviaturas e siglas utilizadas no texto, seguidas das palavras ou expressões correspondentes grafadas por extenso. Recomenda-se a elaboração de lista própria para cada tipo.

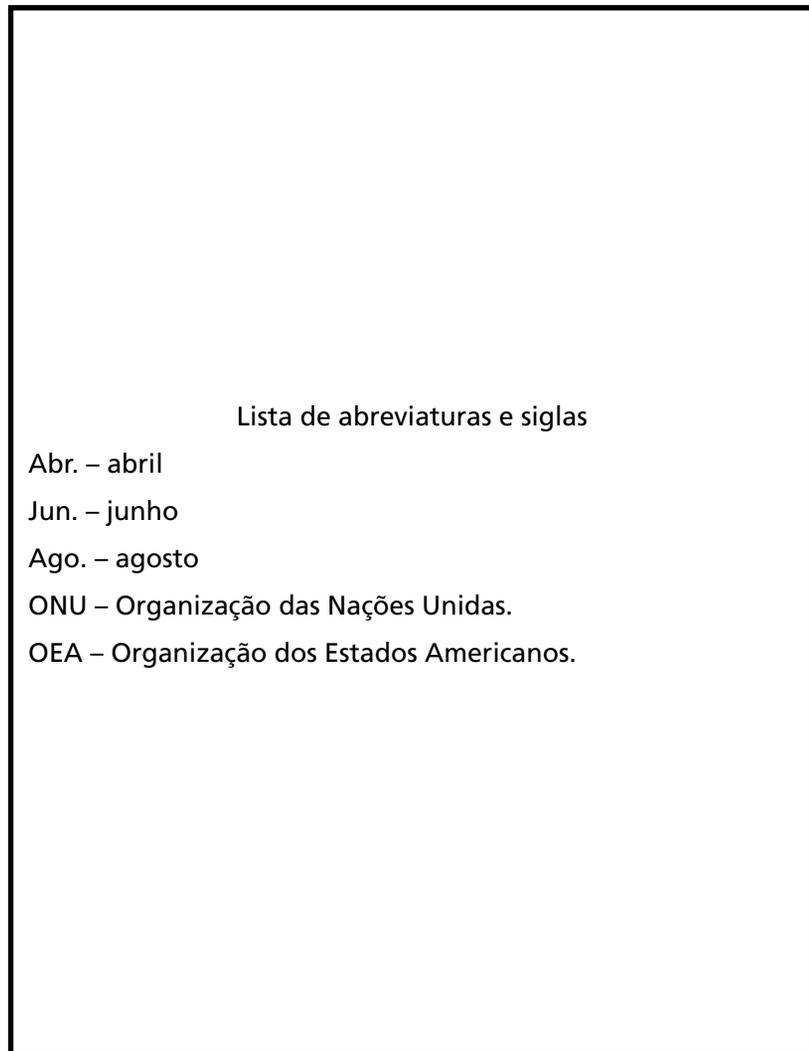


Figura 13.13: Exemplo de lista de abreviaturas e siglas.

Lista de símbolos

É um elemento opcional, que deve ser elaborado de acordo com a ordem apresentada no texto, com o devido significado.

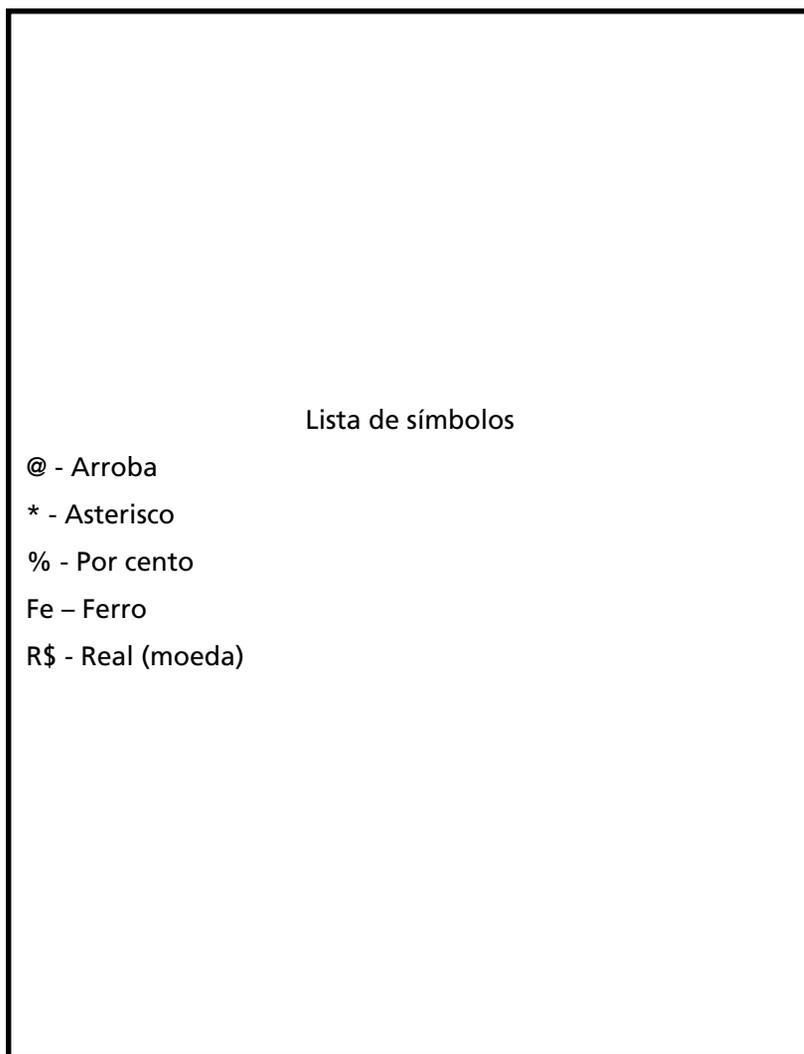


Figura 13.14: Exemplo de lista de símbolos.

Sumário (padronização de norma – NBR 6027 – Informação e Documentação).

É um elemento obrigatório do trabalho. Ele lista as partes pré-textuais, textuais e pós-textuais que compõem a obra. Os tópicos são acompanhados do(s) respectivo(s) número(s) da(s) página(s) que estão no texto. Havendo mais de um volume, em cada um deve constar o sumário completo do trabalho.

SUMÁRIO	
INTRODUÇÃO	
1. A EMPRESA.....	8
1.1 O mercado	12
1.2 O consumidor	15
1.2.1 O consumidor classe B.....	20
1.2.2 A renda do consumidor	25
2. O MARKETING	30
3. A LOGÍSTICA	35
4. CANAIS DE DISTRIBUIÇÃO	40
4.1 O pequeno revendedor	45
CONCLUSÃO	50
Referências	55
ANEXO (S).....	60

Figura 13.15: Exemplo de sumário.

Atividade 1

- Escreva com suas palavras o que você entendeu sobre elementos pré-textuais.
- Ainda sobre os elementos pré-textuais, o resumo é obrigatório? Por quê? Escreva e explique se é ou não é necessário?

Respostas Comentadas

a. Elementos pré-textuais são aqueles que antecedem ao texto principal incluindo capa, folha de rosto, folhas de dedicatória e de agradecimento. Essas páginas não são numeradas.

b. O resumo é obrigatório para monografias de conclusão de curso de graduação ou especialização, dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos. Deve ser composto de um texto breve de, no máximo, 500 palavras para trabalhos acadêmicos, 250 palavras para artigos de periódicos e 100 palavras para indicações breves.

Elementos textuais

São constituídos de três partes fundamentais: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Introdução

Essa fase da monografia tem por finalidade apresentar a forma como a pesquisa foi elaborada e situar o leitor no contexto da obra realizada.

Segundo a ABNT em sua norma NBR 14724 (2002), a introdução é feita na parte inicial do texto. Nela devem constar a limitação do tema tratado, os objetivos da pesquisa e outros componentes essenciais para situar o assunto trabalho. Nela, ainda, o pesquisador enfatiza a relevância social da pesquisa, bem como ressalta os motivos de preparação do estudo, comportamentos e metodologia usados. No final, deve haver

uma breve explanação de cada capítulo da monografia. De acordo com a ABNT, em sua norma NBR 10719 (1989), a introdução não deve repetir ou parafrasear o resumo, nem dar detalhes sobre a teoria experimental, o método ou os resultados, nem adiantar as conclusões e as recomendações.

Embora a introdução inicie o texto de uma monografia, sua redação final só pode ser elaborada após a conclusão do trabalho.

Desenvolvimento

É a segunda fase do texto, ou seja, o corpo do trabalho, a parte mais extensa da obra. É fundamentada na análise descritiva. O pesquisador não deve se esquecer de utilizar uma linguagem científica que possua clareza e precisão, de modo que o leitor possa acompanhar os passos do estudo e o raciocínio do autor do trabalho.

O desenvolvimento é baseado no progresso lógico do assunto da obra e descreve as conseqüências da pesquisa. Os capítulos devem ser divididos de forma a corresponder a um raciocínio lógico. Segundo Cervo e Bervian (2006, p. 138-140), os capítulos devem ser divididos numa classificação coerente das idéias, ou seja, em um ajuste seqüencial das idéias, de modo que todo o texto fique claro e compreensível. Por sua vez, os capítulos devem manter certo balanceamento em suas partes com o número de páginas dividido equilibradamente. Um capítulo não pode ter numeração muito maior que o outro. Essa medida é importante para uma classificação adequada e para o cumprimento dos procedimentos da metodologia.

Os capítulos devem compreender, exclusivamente, o material relativo ao assunto em exame e às citações bibliográficas relacionadas, pois estas valorizam o trabalho e dão apoio às idéias discutidas pelo pesquisador. Porém, sua utilização deve ser prudente e estar intimamente relacionada ao problema examinado. Assim, elas passam a fazer parte integrante do texto e permitem o desenvolvimento sólido da alegação do pesquisador.

Obedecendo à ABNT em sua norma NBR 14724 (2002), o desenvolvimento é parte fundamental do texto, que compreende a exposição classificada e detalhada do tema. Divide-se em seções e subseções, que variam em função da abordagem do tema e do método.

Conclusão

Segundo o dicionário eletrônico *Houaiss* (2005), um dos significados de conclusão é o ato ou efeito de encerrar com brilho; coroamento, remate. Já de acordo com a ABNT, em sua norma NBR 14724 (2002), significa a parte final do texto, na qual se apresentam conclusões correspondentes aos objetivos ou às hipóteses.

Ela encontra-se presente em todo o trabalho; na introdução, sob forma de hipótese provisória que se confirma aos poucos por meio do desenvolvimento, transformando-se, finalmente, em certeza, ou na mais provável das hipóteses. De acordo com Cervo e Bervian (2006, p. 146), “a conclusão não é uma idéia nova, um pormenor ou apêndice que se acrescenta ao trabalho; não é tampouco um simples resumo do mesmo”. Dessa forma, uma conclusão caracteriza-se por:

- a) retomar aspectos da introdução;
- b) proporcionar um resumo conciso, porém que abranja todo o desenvolvimento;
- c) demonstrar a avaliação do trabalho efetuado;
- d) expor com maior clareza as opiniões, as sugestões, as críticas e as contribuições feitas pelo pesquisador em relação ao tema estudado.

A conclusão deve delimitar o ponto de vista do pesquisador, sendo conseqüência de sua obra. Nada mais merecido do que trazer sua marca pessoal. Assim, precisa indicar um fato original, novo, descoberto por ele. Caso isso não aconteça, o título deverá chamar-se Considerações Finais, e não Conclusão. Segundo Cervo e Bervian (2006, p. 89), “o ponto de vista do autor aparece sempre que ele chegue a uma conclusão original, a um conhecimento novo ou simplesmente a uma nova reformulação de conhecimentos existentes”.

A conclusão ainda pode possibilitar o estudo de novas abordagens a partir da temática investigada.

Nota de referência ou bibliográfica

É a citação da fonte de um documento em nota de rodapé. A primeira referência de uma obra, citada em nota de rodapé, deve trazer a referência completa da fonte. Veja com atenção o exemplo a seguir:

¹SILVA, José Maria; SILVEIRA, Emerson Sena da Silva.
Apresentação de trabalhos acadêmicos. Juiz de Fora: Templo, 2006.
p. 35.

Figura 13.16: Exemplo de nota de referência.

Elementos pós-textuais

Referências

É um elemento obrigatório que contém informações que identificam as fontes consultadas e/ou citadas no texto. É elaborado conforme a NBR 6023.

Segundo Silva e Silveira (2006, p. 42), “trabalhos que não possuem referências não são considerados de cunho científico; sem o embasamento teórico, são tratados como obra de ficção”.

É fundamental listar apenas as fontes que de fato foram empregadas para a preparação do trabalho. É necessário classificar as referências por ordem alfabética.

Veja a seguir como registrar as referências de acordo com a NBR 6023:

• Livros

- 1) Sobrenome do autor da publicação (todo em caixa alta, seguido de vírgula) e depois o nome do autor (seguido de ponto).
- 2) Título da publicação (em negrito, seguido de ponto). Se houver subtítulo, não é em negrito (separado do título por dois-pontos, seguido de ponto).
- 3) Número da edição (a indicação do numeral ordinal é substituída por um ponto, colocado imediatamente após o número seguido da abreviação de edição – ed. Exemplo: 4. ed.
- 4) Local da publicação (seguido de dois-pontos).
- 5) Nome da editora (seguida de vírgula).
- 6) Ano da publicação (seguido de ponto).

Exemplo:

LOSIER, Michael J. **A lei da atração**: o segredo colocado na prática. Trad. Janaina Senna: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

• Referência de parte de um livro

Ao se fazer a referência de um capítulo do livro e não de toda a obra, deve-se seguir a seguinte norma:

- 1) O autor da parte referendada (caixa alta, seguido de vírgula), seguido do nome (caixa baixa) (seguido de ponto).
- 2) O título da parte referendada, sem negrito (seguido de ponto).

- 3) O autor da publicação (ou o organizador). Precedido de In, seguido de dois-pontos.
- 4) Título da publicação, em negrito (seguido de ponto).
- 5) Número da edição (seguido de ponto – Exemplo: 4. ed.).
- 6) Local da edição (seguido de dois-pontos).
- 7) Nome da editora (seguida de vírgula).
- 8) Ano da publicação (seguido de ponto).
- 9) Indicação do volume que contém a parte referendada, precedido de v. (se houver uma obra de mais de um volume).
- 10) Indicação da parte, seção, capítulo (cap.), em que conste a referência (separados por vírgula).
- 11) Indicação da página inicial e final da parte referenciada (separadas por hífen, precedidas de p., terminando com ponto).

Exemplo:

PINHO, Diva Benevides; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval. Manual de Economia. In: PINHO, Diva (Org.). **Aspectos da evolução da ciência econômica**: da economia da informação às raízes do pensamento econômico. São Paulo: Saraiva, 2003. Cap. 2, p. 25-59.

- Teses e monografias

Material de consulta, para teses ou trabalhos monográficos mimeografados ou mesmo digitados, devem-se seguir os seguintes passos:

Elementos obrigatórios

- 1) Sobrenome do autor (em caixa alta, seguido de vírgula), seguido do nome do autor (caixa baixa), seguido de ponto.
- 2) Título da monografia em negrito, seguido de ponto.
- 3) Ano da monografia seguido de ponto.
- 4) Número de folhas da monografia (exemplo: 203 f).
- 5) Segue-se a natureza do trabalho – Monografia (Mestrado em Educação) seguido de um traço.
- 6) Nome da instituição.
- 7) Local da instituição.

Exemplo:

ALYRIO, Bianca César. **Direito econômico internacional sob a ótica do Mercosul**. 2003. 68 f. Monografia (Graduação em Direito) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2003.

Referências

ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA, Jouliana Jordan. **Monografia no curso de Administração: guia completo de conteúdo e forma**. São Paulo: Atlas, 2006. 193p.

ANDRADE, Rui Otavio Bernardes de; ALYRIO, Rovigati Danilo; MACEDO, Marcelo Alvaro da Silva. **Princípios de negociação: ferramentas de gestão**. São Paulo: Atlas, 2004. 273p.

COMPARATO, Fábio Konder. **Ética: Direito, moral e religião no mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 716p.

MATTAR, João. **Metodologia científica na era da informática**. São Paulo: Saraiva, 2005. 286p.

Figura 13.18: Exemplo de referências.

Glossário

É um elemento opcional, relaciona palavras, siglas ou expressões técnicas usadas no texto elaborado em ordem alfabética.

Glossário

Apud – Citado por

OEA – Organização dos Estados Americanos

RH – Recursos Humanos

Figura 13.19: Exemplo de glossário.

Apêndice(s)

É um elemento opcional. O(s) apêndice(s) é (são) identificado(s) por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos. Excepcionalmente utilizam-se letras maiúsculas dobradas na identificação dos apêndices, quando esgotadas as 23 letras do alfabeto.

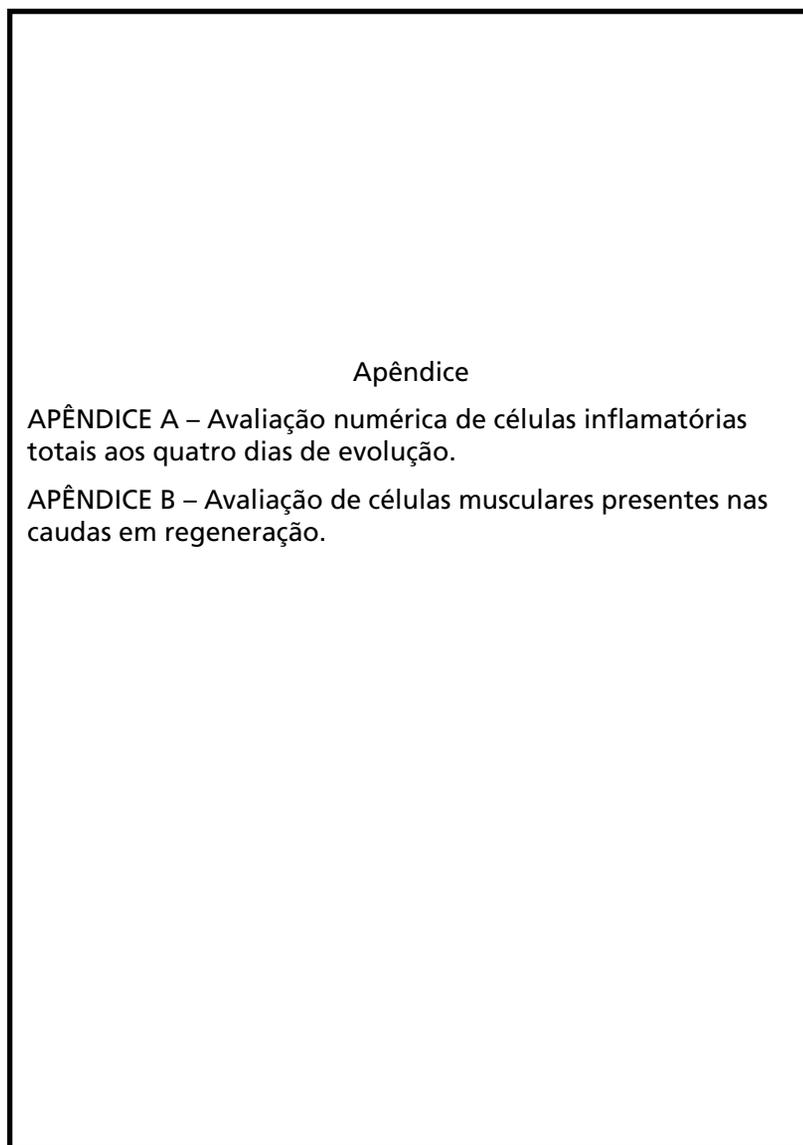


Figura 13.20: Exemplo de apêndice.

Anexo(s)

Este é um elemento opcional. O(s) anexo(s) é (são) identificado(s) por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos. Excepcionalmente utilizam-se letras maiúsculas dobradas, na identificação dos anexos, quando esgotadas as 23 letras do alfabeto.

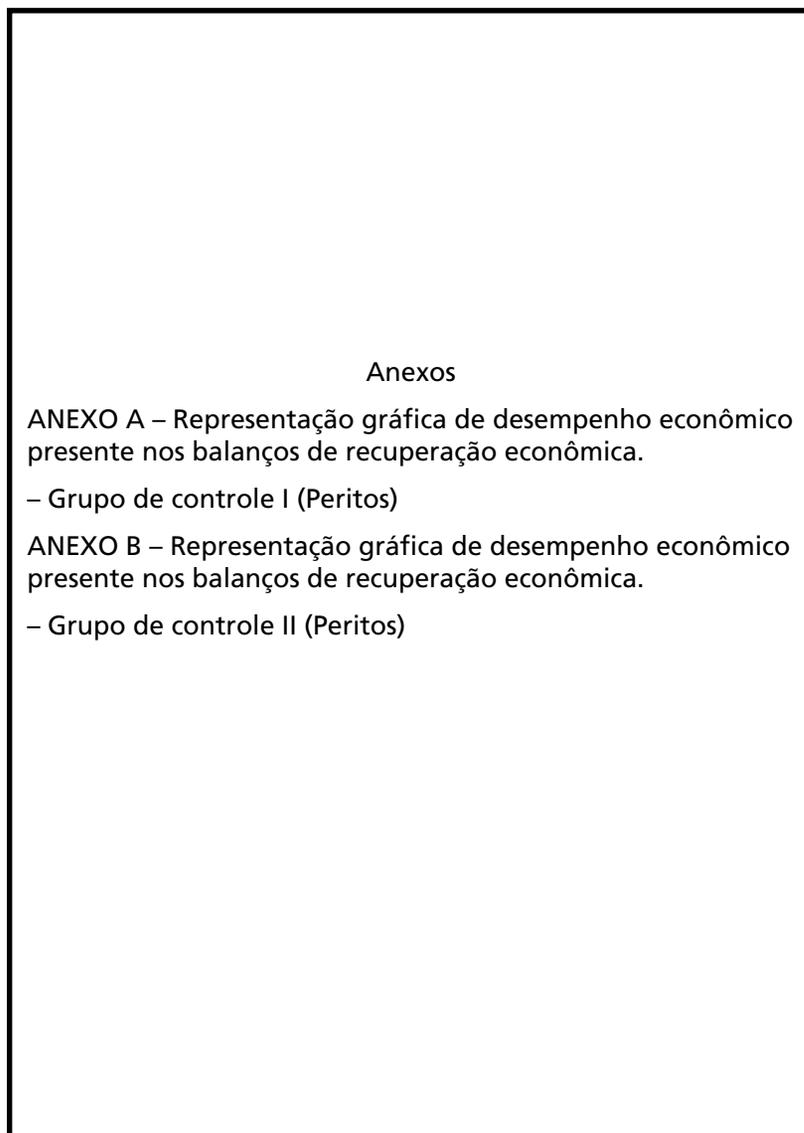


Figura 13.21: Exemplo de anexo(s).

Índice (NBR 6034:2004)

Também é um elemento opcional. É uma lista de palavras ou frases ordenadas segundo determinado critério, que localiza e remete para as informações contidas no texto.

O arranjo do índice pode ser classificado em:

- a) alfabético – quando as entradas são ordenadas alfabeticamente;
- b) sistemático – quando as entradas são ordenadas de acordo com um sistema de classificação de assunto;
- c) cronológico – quando as entradas são ordenadas cronologicamente.

ÍNDICE	
Mercado	35, 70, 85, 128
Consumidor	12, 24, 35, 54

Figura 13.22: Exemplo de índice.

Seções ou capítulos

Numeração progressiva das seções de um documento escrito (NBR 6024: 2004) – Informação e Documentação.

É um expediente obrigatório. A norma NBR 6024 estabelece as condições exigíveis para um sistema de numeração progressiva das seções do texto de um documento escrito, de modo a expor com clareza, em seqüência lógica, as partes do conteúdo do trabalho, o que permite a localização imediata de cada parte.

As seções primárias são as principais divisões do texto, denominadas “capítulos”. As seções primárias podem ser divididas em seções secundárias; as secundárias em terciárias, e assim por diante.

Indicação de uma seleção (NBR 6024)

São empregados algarismos arábicos na numeração. A indicação de uma seção antecede o título ou a primeira palavra do texto, se não houver título, separado por um espaço. A indicação da seção secundária é constituída pela indicação da seção primária que a antecede seguida do número que lhe foi conferido na seqüência do assunto e separada por ponto. Repete-se o mesmo processo em relação às demais seções; na leitura, não se lêem os pontos (exemplo: 2.1.1 lê-se “dois um um”).

NBR 6024 – As indicações devem ser citadas no texto de acordo com os seguintes exemplos:
 ... na seção 4... ou ... no capítulo 2..... ver 4.2
 ... em 1.1.2.2 parág. 3º ou ... 3º parágrafo de 1.1.2.2

Figura 13.23: Exemplo de indicação de uma seleção.

Os títulos das seções são destacados gradualmente, usando-se com racionalidade os recursos de negrito, itálico ou grifo, e redonda, caixa alta ou versal etc. Quando a seção tem título, este é colocado na mesma linha da respectiva indicação, e a matéria da seção pode iniciar na linha seguinte da própria seção ou em uma seção subsequente.

Citação em documentos (NBR 10520 – Informação e Documentação)

Especifica as características que devem ser seguidas para a apresentação de citações em documentos. Para tanto, traz a conceituação dos tipos possíveis de citação para a ABNT: citação propriamente dita; citação de citação (é uma citação direta ou indireta de um texto, a cuja obra original não se teve acesso); citação direta; citação indireta; notas

de referência (equivalem à citação da fonte de um documento em nota de rodapé); notas de rodapé (consistem em observações, explicações, informações bibliográficas; têm como função a elucidação ou a complementação de certos pontos da monografia); e notas explicativas (têm a função de esclarecer ou complementar o texto).

Exemplo de citação sistema-autor:

Segundo Andrade (2004), o mundo globalizado trouxe muitas mudanças.

Exemplo de citação de citação no sistema de autor-data de citação:

De acordo com Andrade (apud DAVID, 1996), na globalização os Estados Unidos utilizam cada vez mais ferramentas econômicas, como o comércio, a ajuda e os investimentos, para promoverem seus diversos objetivos.

Exemplo de citação indireta:

Convencidos da necessidade de promover o desenvolvimento científico e tecnológico dos Estados Partes e de modernizar suas economias para alargar a oferta e a qualidade dos bens e serviços disponíveis a fim de acrescentar as condições de vida de seus habitantes (ANDRADE apud TRAVIESO, 1999).

Exemplo de notas de referência ou bibliográfica em nota de rodapé:

Os negociadores podem ficar incapacitados de explorar soluções comprometedoras mais tarde, caso tenham se comprometido a manter posições duras desde o início das negociações.¹²

¹² – Junta Interamericana de Defesa. Colégio Interamericano de Defesa, Institute of World Affairs, 2005.

Exemplo de notas explicativa em nota de rodapé:

[...] é menos 50% de resultado obtido quando incorporamos a análise do balanço patrimonial.¹³

¹³A ordem segundo a qual o balanço apresenta comprometimento, podendo afetar o desempenho.

Equações e fórmulas

Aparecem destacadas no texto, de modo a facilitar sua leitura. Na seqüência normal do texto é permitido o uso de uma entrelinha maior que comporte seus elementos (expoentes, índices e outros). Quando destacadas do parágrafo são centralizadas e, se necessário, deve-se numerá-las. Quando fragmentadas em mais de uma linha, por falta de espaço, devem ser interrompidas antes de igualdade ou depois dos sinais de adição, subtração, multiplicação e divisão.

Exemplo:

$$x^2 + y^2 = z^2 \quad (1)$$

$$(x^2 + y^2)/5 = n \quad (2)$$

Tabelas

As tabelas apresentam informações tratadas estatisticamente.

Exemplo de tabela de preços:

Produto	Preço de compra	Preço de venda	Lucro
Automóvel	R\$ 35.000,00	R\$ 36.000,00	R\$ 1.000,00
Geladeira	R\$ 900,00	R\$ 1.200,00	R\$ 300,00
Televisão	R\$ 600,00	R\$ 900,00	R\$ 300,00
Máquina de lavar	R\$ 650,00	R\$ 950,00	R\$ 300,00

CONCLUSÃO

Para produzir um trabalho científico, como artigo, trabalho de conclusão de curso (TCC), monografia, dissertação e tese, considerando seus elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais, é necessário que ele seja padronizado e organizado. Para isso, usam-se as normas da ABNT. Os trabalhos científicos devem ser elaborados e fundamentados em suas finalidades acadêmicas, mas respeitando as normas estabelecidas previamente.

O que distingue trabalhos acadêmicos, TCC, monografia, dissertação e tese é o nível de profundidade e originalidade de cada um, bem como a exigência de defesa pública para alguns deles.

Para você tornar-se bacharel em Administração, é imperativo um trabalho final que deverá ser uma monografia ou um TCC.

Para qualquer trabalho ou estudo científico, não podemos dispensar uma boa apresentação gráfica, aparência visual.

Atividades Finais

1. Coloque um C para as referências corretamente registradas e E para as referências erradamente registradas, justificando sua resposta.

- () **A CRISE e seu Remédio**. Exame, São Paulo, n2 674, p. 19, novo 1998.
- () ACUFF, Frank L. **Como negociar qualquer coisa com qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo**. São Paulo: Senac, 1998.
- () ALYRIO, Rovigati D. **Mercosul uma estratégia de desenvolvimento**. 1999. Tese (Doutorado) - Universidad del Museo Argentino.
- () ANDRADE, Rui Otavio; ALYRIO, Rovigati Danilo; MACEDO, Marcelo Álvaro da Silva. **Princípios de negociação**. São Paulo: Atlas, 2004.
- () ARISTÓTELES. *Ética nicomáquea*. Madrid: Credos, 1998.
- () ARRUDA, Maria Cecília Coutinho de; WHITAKER, Maria do Carmo; RAMOS, José Maria Rodriguez. **Fundamentos de ética empresarial e econômica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- () ASHLEY, Patricia Almeida (Coord.). **Ética e responsabilidade social nos negócios**. São Paulo: Saraiva, 2003.
- () GILPIN, Robert. **The political economy of international relations**. New Jersey: Princeton University, 1987.
- () GUNTER, Teubner. *Substantive and reflexive elements in modern law*. **Law and Society Review**, 1983.
- () HAKIN, Daniel. *Planejamento e gestão estratégica*. Rio de Janeiro: **Suma Econômica**, 2003.
- () HINDLE, Tim. **Como conduzir negociações: seu guia de estratégia pessoal**. São Paulo: Publifolha, 1999.
- () KANMNE, Roberto; ORTIGOSO, Sandra Aparecida Formigari. **Manual de treinamento e desenvolvimento do potencial humano**. São Paulo: Atlas, 2001.
- () KUNG, Hans. *Una ética mundial para la economía y la política*. México: **Fondo de Cultura Económica**, 1997.

Respostas Comentadas

(E) **A CRISE e seu Remédio**. Exame, São Paulo, Ano 2, n. 674, p. 19, novo 1998.

O nome da revista no início, falta o nome da editora.

Deveria ser assim: EXAME, A crise e seu remédio, São Paulo: Abril, Ano 2, n 674, p. 19, novo 1998.

(C) ACUFF, Frank L. **Como negociar qualquer coisa com qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo**. São Paulo: Senac, 1998.

(C) ALYRIO, Rovigati D. **Mercosul uma estratégia de desenvolvimento**. 1999. Tese (Doutorado) - Universidad del Museo Argentino.

(C) ANDRADE, Rui Otavio; ALYRIO, Rovigati Danilo; MACEDO, Marcelo Álvaro da Silva.

Princípios de negociação. São Paulo: Atlas, 2004.

(E) **ARISTÓTELES.** *Ética nicomáquea.* Madrid: Credos, 1998.

A forma correta seria:

ARISTÓTELES. **Ética nicomáquea.** Madrid: Credos, 1998.

(C) ARRUDA, Maria Cecília Coutinho de; WHITAKER, Maria do Carmo; RAMOS, José Maria Rodriguez. **Fundamentos de ética empresarial e econômica.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

(E) ASHLEY, Patricia Almeida (Coord.). *Ética e responsabilidade social nos negócios.* São Paulo: Saraiva, 2003.

A forma correta seria:

ASHLEY, Patricia Almeida (Coord.). **Ética e responsabilidade social nos negócios.** São Paulo: Saraiva, 2003.

(C) GILPIN, Robert. **The political economy of international relations.** New Jersey: Princeton University, 1987.

(C) GUNTER, Teubner. *Substantive and reflexive elements in modern law.* **Law and Society Review**, 1983.

(E) HAKIN, Daniel. *Planejamento e gestão estratégica.* Rio de Janeiro: **Suma Econômica**, 2003.

A forma correta seria:

HAKIN, Daniel. **Planejamento e gestão estratégica.** Rio de Janeiro: Suma Econômica, 2003.

(C) HINDLE, Tim. **Como conduzir negociações: seu guia de estratégia pessoal.** São Paulo: Publifolha, 1999.

(C) KANMNE, Roberto; ORTIGOSO, Sandra Aparecida Formigari. **Manual de treinamento e desenvolvimento do potencial humano.** São Paulo: Atlas, 2001.

(E) KUNG, Hans. *Una ética mundial para la economía y la política.* México: **Fondo de Cultura Económica**, 1997.

A forma correta seria:

KUNG, Hans. **Una ética mundial para la economía y la política.** México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

2. Escreva com suas palavras qual a função de cada um dos itens abaixo:

Capa:....

Folha de rosto:....

Resumo:....

Introdução:....

Numeração progressiva:....

TCC:....

Dissertação:....

Tese:....

Introdução: Parte inicial do texto, na qual devem constar a delimitação dos assuntos tratados, os objetivos da pesquisa e outros elementos necessários para situar o tema do trabalho.

Numeração progressiva: Elemento obrigatório que estabelece as condições exigíveis das seções de um texto de forma a expor com clareza a seqüência lógica, o inter-relacionamento da matéria, e a permitir a localização imediata de cada parte.

TCC: O documento representa o resultado de um estudo, devendo expressar conhecimento do assunto escolhido, obrigatoriamente emanado da disciplina, módulo, estudo independente, curso, programa e outros ministrados.

Dissertação: Documento que representa o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico retrospectivo, de tema único e bem delimitado em sua extensão, com o objetivo de reunir, analisar e interpretar informações.

Tese: Assim como a dissertação, a tese representa o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um dado estudo científico retrospectivo, de tema único e bem delimitado em sua extensão, com o objetivo de reunir, analisar e interpretar informações.

RESUMO

Nesta aula foi observado que, para chegarmos ao objetivo de construir um trabalho científico com a profundidade necessária, com a sistematização imprescindível, você deverá ser capaz de conhecer a natureza, a função e as exigências de um trabalho acadêmico, as regras de apresentação, a estrutura com seus elementos pré-textuais obrigatoriamente: capa, folha de rosto, folha de aprovação, resumo, sumário; textuais: introdução, desenvolvimento, conclusão; e pós-textuais: referências.

Métodos e Técnicas de Pesquisa em Administração

Referências

- BERVIA, Pedro A. *Metodologia científica*. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica*. São Paulo: Prentice Hall, 2003.
- COPI, Irving M. Introdução à lógica. In: SANTOS, Izequias Estevam dos. *Manual de métodos e técnicas de pesquisa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2005.
- CRUZ, Luiz Carlos. *A logística como fator de competitividade para empresas de pequeno e médio porte: um estudo da logística empresarial como fator de agregação de valor ao seu funcionamento no mercado*. 2004. 128f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Estratégia em Negócios) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2004.
- EFEITOS especiais. *Revista Exame*, n. 871, 5 jun. 2006.
- EINSTEIN, Albert. Relatividade geral. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_Geral_da_Relatividade>. Acesso em: 30 jun. 2006.
- ENERGIA Radiante. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/mastr/energia1.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2006.
- FONTES, Selma Velozo. *Desempenho organizacional: uma avaliação através da técnica de análise envoltória de dados baseada em índices financeiros*. 2003. 56f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Estratégia em Negócios) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2003.
- GIL, Antonio Carlos. *Pesquisa em economia*. São Paulo: Atlas, 1990.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico*. São Paulo: Objetiva, 2004.
- HÜHNE, Leda Miranda. *Metodologia científica*. Rio de Janeiro: Agir, 1992.
- KOOGAN, Abrahão; HOUAISS, Antonio. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. São Paulo: Delta 1999.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1991.
- MONDOLFO, Rodolfo. O pensamento antigo. In: SANTOS, Izequias Estevam dos. *Manual de métodos e técnicas de pesquisa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2005.

O GLOBO ON LINE. São Paulo, jun. 2006. Disponível em <www.oglobo.com.br>. Acesso em: 29 jun. 2006

ONDE a Varig errou? *Época*, n. 422, 19 jun. 2006.

RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Rio Janeiro: Vozes, 1986.

SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. *Apresentação de trabalhos acadêmicos*. Minas Gerais: Templo, 2006.

TARGINO, Maria das Graças. *A interdisciplinaridade da ciência da informação como área de pesquisa*. Disponível em: <http://www.informacaoesociedade.ufpb.br>>. Acesso em: 29 jun. 2006.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2003.

Aula 2

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ALVES, Rubem. O que é científico? *Phychiatry on-line Brasil*, v. 4, jun. 1999. Disponível em: <<http://www.polbr.med.arquivo/cient6.htm>,1999>. Acesso em: 25 out. 2006.

ANTIGO Testamento – Gênesis. In: *BÍBLIA Sagrada*. Trad. Padre Antonio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Maltese, 1962.

ARANHA, Maria Lucia A.; MARTINS, Maria H. P. *Temas de filosofia*. São Paulo: Moderna, 1992.

BUNGE, Mário. *La ciência, su método in um outro olhar sobre o mundo*. Porto Portugal: Asa, 2003.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. *Metodologia científica*. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

FERREIRA, Paulo Gitirima Gomes et al. *Estudo sobre as competências essenciais dos administradores no Mundo Atual: perspectiva dos alunos de graduação em administração de empresas*. São Paulo: Angrad, 2006.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

LAKATUS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1995.

O EVANGELHO Segundo Matheus – O nascimento de Jesus Cristo. In: BÍBLIA Sagrada. Trad. Padre Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Maltese, 1962

OLIVEIRA, Cristina. *Filosofia virtual: conhecimento*. Disponível em: <<http://www.filosofiavirtual.pro.br/senso.htm>>. Acesso em: 21 mar. 2007.

PESSANHA, Jose Américo Motta. *Platão – Apologia de Sócrates – Xenofonte: ditos e feitos memoráveis de Sócrates*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

REVISTA ANGRAD. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 27, abr./maio/jun. 2006.

VERGARA, Sylvia Constant. *Métodos de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2006.

Aula 3

ANDERSON, Paulo. Em discussão: *Ética e controle social*. UESB. Disponível em: <www.uesb.br/ascom/ver_noticia_.asp?id=1656>. Acesso em: 10 fev. 2007.

ANDRADE, Rui Otavio Bernardes de; ALYRIO, Rovigati Danilo; MACEDO, Marcelo Álvaro da Silva. *Princípios de negociação*. São Paulo: Atlas, 2004.

_____; _____. VILAS BOAS, Ana Alice. *Cultura e ética da negociação internacional*. São Paulo: Atlas, 2006.

ARISTÓTELES. *Ética Nicomáquea*. Madrid: Gredos, 1998.

ASHLEY, Patricia Almeida (Coord.). *Ética e responsabilidade social nos negócios*. São Paulo: Saraiva, 2003.

ÁVILA, Fernando Bastos de, Padre. *Pequena enciclopédia de moral e civismo*. Rio de Janeiro: Fename, 1982.

COMPARATO, Fábio Konder. *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ENCICLOPEDIA INTERNACIONAL DE LAS CIENCIAS SOCIALES. Madrid: Editorial Aguilar, 1974.

FERREIRA, João. Brasília. Briga Ética: políticos responsáveis, políticos fanáticos e políticos cínicos. Usina de Letras. Brasília, 4 dez. 2005. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=39097&cat=Artigos&vinda=s>>. Acesso em: 16 fev. 2007.

FERRELL, O. C.; FRAEDRICH, John; FERREL, Linda. *Ética empresarial: dilemas, tomadas de decisões e casos*. Tradução da 4. ed. original Cecília Arruda. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso, 2001.

FOULQUIÉ, P. *Dictionnaire de la langue philosophique*. Paris: PUF, 1962.

FUERTH, Leonardo R.; VILAS BOAS, Ana Alice . Uma análise da importância da ética na formação dos administradores de empresas. In: CONGRESSO ALENE, 7., 2005, Valparaíso, Chile. Anais do Congresso... Valparaíso, Chile: Associação Latino-Americana de Ética, Negócios e Economia, 2005. p. 267-264.

HOUAISS, A. et al. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2002.

KLISBERG, B. *Más ética, más desarrollo*. 2. ed. Buenos Aires: Temas, 2004.

KUNG, Hans. *Una ética mundial para la economía y la política*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

MACHIAVELL, Niccoló. *El Príncipe*. Tradução de Francisco Javier Alcántara. Barcelona: Planeta, 1983.

MARTINELLI, Dante P.; ALMEIDA, Ana Paula de. *Negociação: como transformar confronto em cooperação*. São Paulo: Atlas, 1997.

MATTAR NETTO, João Augusto. *Filosofia e ética na administração*. São Paulo: Saraiva, 2004.

MELO NETO, Francisco Paulo de; FROES, César. *Responsabilidade social e cidadania empresarial: a administração do terceiro setor*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

MOREIRA, Joaquim Manhães. *A ética empresarial no Brasil*. São Paulo: 2001.

NYE JUNIOR, Joseph. *The ethics of foreign policy*. Power in the global information age. London: Routledge, 2004.

PASSOS, Elizete. *Ética nas organizações*. São Paulo: Atlas, 2004.

PLATÃO. A República. In: *OBRAS Completas*. Madrid: Aguilar, 1988.

PRATS, Jaime. Instituciones y desarrollo en América Latina. ¿ *Un rol para la Ética?* p. 1- 27. Disponível em: <www.iadb.org/etica>. Acesso em: 07 jun 2002

RAMOS, J. M. R. Dimensões da globalização: comunicações, economia, política e ética. *Revista de Economia & Relações Internacionais*, v. 1, n. 1, p. 97-112, jul. 2002.

RODRIGUEZ, Martius Vicente Rodriguez Y. *Ética e responsabilidade social nas empresas*. Rio de Janeiro: CAMPUS, 2004.

SÁ, Antonio Lopes de. *Ética profissional*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

SÁNCHEZ VASQUEZ, Adolfo. *Ética*. Tradução de João Dell'Anna. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. *Ética*. São Paulo: Civilização Brasileira. 2003.

SEMERENE, Bárbara. *De olho nas pesquisas científicas: não acredite em tudo que lê, ainda que seja comprovado cientificamente*. Rio de Janeiro: Associação dos Docentes da UFRuralRJ. Disponível em: <http://www.adur-rj.org.br/5com/pop-up/olho_nas_pesquisas.htm>. Acesso em: 10 mar. 2007.

SROUR, Robert H. Por uma ética aplicada. In: _____. *Ética empresarial: posturas responsáveis nos negócios, na política e nas relações pessoais*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

VILAS BOAS, Ana Alice. *Ética*. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2006

ZARAGÜETA, Bengoechea. J. *Vocabulário filosófico*. Madrid: Espasa-Calpe, 1955.

Aula 4

ABBAGANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

BONOMA, Thomas V. Case Research in Marketing: Opportunities, Problems, and Process. *Journal of Marketing Research*, v. 22, may 1985.

CAMPOMAR, Marcos C. Do uso do estudo de caso em Pesquisas para Dissertação e Teses em Administração. *Revista de Administração*, São Paulo: v. 26, n. 3, p. 95-97, jul./set. 1991.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. *Métodos em Pesquisa Social*. 3. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.

COLWELL, John. Qualitative market research: a conceptual analysis and review of practitioner criteria. *Journal of the Market Research Society*, v. 32, n. 1, Jan. 1990.

DEMO. Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1981.

DURKHEIM, E. *Educação e sociologia*. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. *Métodos em pesquisa social*. 3. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969. p. 428.

HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

HEGENBERG, L. *Etapas da investigação científica*. São Paulo: E.P.U/ EDUSP, 1976.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2002.

MARTINS, Gilberto Andrade. Metodologias Convencionais e não-convencionais e a pesquisa em administração. *Cadernos de pesquisa em administração*, |São Paulo, v.00, n. 0, 2o. semestre de 1994. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C00-art01.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2007.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U, 1986.

SIMON, J. L. *Basic research methocLs in social science*. New York: Random House, 1969.

TULL, D. S.; HAWKINS, D. I. *Marketing research, meaning, measurement and method*. London: Macmillan Publishing, 1976.

TRIVINOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1992.

VERGARA, Sylvia Constant. *Métodos de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2006.

YIN, Robert K. *Case study research: design and methods*. United States: Sage Publications, 1989.

WRIGHT, James; GIOVINAZZO, Renata. Delphi: uma ferramenta de apoio ao planejamento prospectivo. *Caderno de Pesquisas em Administração*, São Paulo, v. 1, n. 12, p. 54-65, 2000.

Aula 5

BAGNALL, David; YORK, Martin A. (Ed). *MLA directory of periodicals: a guide to journal and series in languagens and literatures (periodcals publishe in the America)*. 9th ed. New York: MLA, 1999.

CERVO, Amado L.; BEVIAN, Pedro A. *Metodologia científica*, São Paulo:Prentice Hall, 2002.

GARCIA,, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 17. ed. Reimp. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2002.

HÜHNE, Leda Miranda. *Cadernos e textos e técnicas*. Rio de Janeiro: Agir, 1992.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1992.

_____. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1999.

MATTAR, João. *Metodologia científica na era da informática*. São Paulo: Saraiva, 2005.

RUIZ, João Álvaro, *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 1977.

SANTOS, Izequias Estevam dos. *Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Impetus, 2005

SILVA, José Maria da; Silveira, Emerson Sena da. *Apresentação de trabalhos acadêmicos*. Minas Gerais: Templo, 2006.

TRUJILLO FERRARI, Afonso. *Metodologia da ciência*. 3. ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

Aula 6

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

Cervo, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. *Metodologia científica*. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COGO, Rodrigo Silveira. *Pesquisa de mercado*. Disponível em: <<http://www.mundorpc.com.br/rp.pesquisa.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2006.

DESCARTES, René. Discurso do método. In: WIKIPÉDIA. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Discurso_sobre_o_m%C3%A9todo . Acesso em: 20 jun. 2007.

FILOSOFIA : filósofos, escolas de filosóficas e história da filosofia. In: SUA PESQUISA. Disponível em : <www.suapesquisa.com/filosofia>. Acesso em: 28 set. 2007.

GIL, Antonio Carlos. *Técnicas de pesquisa em economia*. São Paulo: Atlas, 1990.

GOODE, Wilian J; HAITT, Paul K. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Editora Nacional, 1973. 477p.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2002.

KOOGAN, Abrahão/HOUAISS, Antonio. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. Rio de Janeiro: Delta, 1999.

LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1995. 249 p.

_____. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1999. 260 p.

_____. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1992. 214 p.

LÓGICA. In: WIKIPÉDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lógica>>. Acesso em: 28 set. 2007.

MARX, Karl. Biografia. In: WIKIPÉDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx>. Acesso em : 28 set. 2007.

SANTOS, Izequiza Estevam dos. *Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Impetus, 2005.

Aula 7

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

ADAMS, Richard N. Human Organization Research. Field Preiss., Jack J, eds, 1960.

ALBERTIN, Alberto Rosa; ALBERTIN, Rosa Maria de Moura. *A evolução que revolucionará*. HSM Management, São Paulo, ano 10, v. 5, n. 58, set./out. 2006.

ALVES, Caetano; BANDEIRA, Sílvia. *Dicionário de Marketing*. Porto: Ipam, 1998.

BECKER, Howard S. et al. *Boys in White*. Chicago: University of Chicago Press, 1961.

BENNETT, Roger. *Management research: guide for institutions and professionals*. Geneve: International Labour Office, 1983.

- CAMPOS, Roberto C. *Benchmarking: o caminho da qualidade total*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1993.
- CASSELL, Catherine; Symon, Gillian. Qualitative Research in Work Contexts. In: CASSELL, Catherine; SYMON, Gillian. *Qualitative Methods in Organizational Research*. London: Sage Publications, 1994.
- CHIAVENATO, Idalberto. *Administração: teoria, processo e prática*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- CLOVER, Vernon; Balsley, Howard . *Business research methods*. Columbus, Grid Incorporation. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art11/daniel.htm>. Acesso em: 16 jan. 2006.
- DENZIN, Norman K. *The research act*. New York: McGraw Hill Book Company, 1977.
- EMORY, C. Willian. *Business research methods*. Homewood, Richard. D. Irwin, 1980.
- FESTINGER, Leon. Laboratory experiments. In: William M. Evan, ed. *Organizational experiments: laboratory and field research*. New York: Harper and Row Publishers, 1971.
- FUKUYAMA, Francis. The end of history? *The National Interest* ,16, (Summer 1989), p. 3 -18.
- _____. Reply to My Critics. *The national interest* ,18, (Fall/Winter 1989 - 1990), p. 21-28.
- _____. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- GENEVA, International labour office. *Management Development Series*, n. 20.
- HAMEL, Gary; PRAHALAD, C. K. *Do you really have a global strategy?* Harvard Business Review, v. 63, n. 4, 1985, p. 139 - 148.
- _____. Strategic Intent. *Harvard Business Review*, v. 67, n. 3, 1989, p. 63 - 76.
- _____. The core competence of the corporation. *Harvard Business Review*, v. 68, n. 3, 1990, p. 79 - 91.
- _____. *Competindo pelo futuro*. Rio de Janeiro: Campus, 1995.
- HAMMER, Michael. Reengineering Work: Don't Automate, Obliterate. *Harvard Business Review*, Jul./Aug., 1990, p. 104 - 112.

- HAYES, Robert H.; Wheelwright, Steven C. Link Manufacturing process and product life cycles. *Harvard Business Review*, Jan./Feb., 1979, p. 133 - 140.
- KERLINGER, F.N. *Foundations of behavioral research*. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1973.
- LAWLER, Edward E. Challenging Traditional Research Assumptions. In: _____. (Ed.) *Doing Research that is useful for theory and practice*. San Francisco: Jossey Bass Inc., Publishers, 1985.
- LEVITT, Theodore. Marketing Myopia. *Harvard Business Review*, Jul./Aug., 1960, p. 45 - 56.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *The argonauts of the Western Pacific*. London: Routledge and Kegan Paul, 1922.
- MCGREGOR, Douglas. *The human side of enterprise*. New York: McGraw Hill, 1985.
- MOREIRA, Daniel Augusto. Natureza e Fontes do Conhecimento em Administração (FEA- USP e FECAP). Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art11/daniel.htm>. Acesso em: 16 jan. 2006.
- PINTO, Ivan. O método do caso no Brasil. *HSM Management*, São Paulo, ano 10, v. 1, n. 60, jan./fev. 2007.
- POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.
- RIGBY, Paul H. *Conceptual foundations of business research*. New York: John Wiley and Sons, Inc., 1965.
- RORIGUES, Carlos M. Taboada; JUNKES, Luciano N. *T-kanban: solução para a operação de transportes*. Disponível em: <http://www.gelog.ufsc.br/Publicacoes/T_kanban_corrigida.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2007.
- SHINGO, Shigeo. *A Study of the Toyota Production System from an Industrial Engineering Viewpoint*. Oregon: Productivity Press, Inc., 1989.
- SILVA, Benedito (Coord). *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: FGV, 1986.
- STRAUSS, Anselm L. *Qualitative Analysis for Social Scientists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

TESCH, Renata. *Qualitative Research: analysis types and software tools*. Basingstoke: The Falmer Press, 1990.

WHYTE, William Foote. *Street Corner Society*. 2.ed. Chicago. University of Chicago Press. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Focus_group&action=edit§ion=1>, Acesso em: 25 jun. 2007.

Aula 8

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica*. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas. 1995.

_____. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas. 1999.

_____. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas. 1992.

PROJETO de pesquisa. Disponível em: <http://www.filosofiavirtual.pro.br/projeto_pesquisa.htm>. Acesso em: 20 set. 2006.

SALVADOR, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. Porto Alegre: Sulina, 1986.

SANTOS, Izequiza Estevam dos. *Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Impetus, 2005.

Aula 9

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982. 980 p.

CERVO, Amado Luiz, BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica*. São Paulo: Prentice Hall, 2002. 242 p.

GIL, Antonio Carlos. *Técnicas de pesquisa em economia*. São Paulo: Atlas, 1991.

GOODE, William J.; HATT, Paul K. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1973.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva. 2002.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas. 1995, 249 p.

_____. *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Atlas. 1999, 260 p.

_____. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas. 1992, 214 p.

PROJETO de pesquisa. Disponível em: <<http://www.filosofiavirtual.pro.br/projetopesquisa.htm>>. Acesso em: 20 set. 2006.

RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis: Vozes, 2004.

SALVADOR, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. Porto Alegre: Sulina, 1986.

SANTOS, Izequias Estevam dos. *Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Impetus, 2005.

VERA, Asti. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre: Globo, 1979.

Ury, William. O poder positivo do não. *HSM*, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.hsm.com.br/canais/coberturadeeventos/fmn2006/opoderpositivodona_220806.php?>>. Acesso em: 26 jul. 2007

Aula 10

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica*. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva. 2002.

JUNG, C. G. *Tipos psicológicos*. São Paulo: Zahar, 1967.

LAKATOS, Eva Maria; MACONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas. 1995.

_____. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas. 1999.

_____. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1992.

PROJETO de pesquisa. Disponível em: http://www.filosofiavirtual.pro.br/projeto_pesquisa.htm. Acesso em: 20 set. 2006.

SALVADOR, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. Porto Alegre: Sulina, 1986.

SANTOS, Izequias Estevam dos. *Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Impetus, 2005.

RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

URY, William. O poder do “não” para chegar ao “sim”. Disponível em: http://www.hsm.com.br/canais/coberturadeeventos/fmn2006/opoderpositivodonao_220806.php?> Acesso em: 07 fev. 2007.

VERA, Asti. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre: Globo, 1979.

Disponível em: <http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/filosofia/Dial%E9tica.htm>. Acesso em: 20 set. 2006.

Aula 11

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*, São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA, Jouliana Jordan. *Monografia no curso de administração*. São Paulo: Atlas, 2006.

AVILA, Fernando Bastos de. *Pequena enciclopédia de moral e civismo*. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. *Metodologia científica*. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COSTA, Jose Eduardo. *Data ware house & business intelligence em conectividade com a estratégia competitiva*. 2006. Dissertação (Mestrado em gestão e estratégia em negócios) – ICHS, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2006.

ESTEVES, Rodrigo Clébicar Pereira Mota. *Controles internos: um estudo de caso sobre o grau de conformidade e um ERP nacional às melhores práticas de controle interno*. Dissertação (Mestrado em gestão e estratégia em negócios) – ICHS, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1992.

MARQUES, José Augusto da Costa (Org.). *Finanças corporativas*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2006.

MATTAR, João. *Metodologia científica na era da informática*. São Paulo: Saraiva, 2005.

SANDRONI, Paulo. *Dicionário de administração e finanças*. São Paulo: Nova Cultural, 2001.

SILVA, José Maria; SILVEIRA, Emerson Sena da. *Apresentação de trabalhos acadêmicos*. Juiz de Fora: Templo, 2006.

VERA, Asti. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto alegre: Globo, 1979.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2003.

Aula 12

BRUYNE, Paul; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, M. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Francisco Alves, 1986.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia Científica*. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

GIL, Antonio Carlos. *Técnicas de pesquisa em economia*. São Paulo: Atlas, 1991.

LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1995.

_____. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1992.

SANTOS, Izequias Estevam dos. *Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Impetus, 2005.

RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA, Jouliana Jordan. *Monografia no Curso de Administração: guia completo de conteúdo e forma*. São Paulo: Atlas, 2006. 193p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Disponível em: <http://www.parceirosdolivro.com.br/materias.php?cd_secao=100&codant=>>. Acesso em: 10 set. 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA NORMAS TÉCNICAS. NBR 6034. Informação e documentação: índice: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

_____. NBR 6028: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. NBR 6024: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. NBR 6027: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. NBR 6023: informação e documentação: referências elaboração: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 10719: apresentação de relatórios técnico-científicos. Rio de Janeiro, 1989.

_____. NBR 12225: informação e documentação: lombada: apresentação. Rio de Janeiro, 2004.

_____. NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

CERVO, Amado L. e BERVIAN, Pedro A. *Metodologia científica*. São Paulo: Prentice Hall, 2006. 242p.

COMPARATO, Fábio Konder. *Ética: Direito, Moral e Religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 716p.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2002.

MATTAR, João. *Metodologia científica na era da Informática*. São Paulo: Saraiva. 286p.

REVEL, Jean François. *Como terminam as democracias*. Trad. João Guilherme Vargas Neto. São Paulo: Difel, 1984. 373p.

SANTOS, Izequias Estevam dos. *Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica: TCC, monografia, dissertação e tese*. Rio de Janeiro: Impetus, 2005. 357p.

SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. *Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas*. Minas Gerais: Templo, 2006. 195p.

ISBN 978-85-7648-465-3



9 788576 484653



UENF
Universidade Estadual
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense

uff



UNIRIO



SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Ministério
da Educação

